

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL COSTA SANTOS

MEMÓRIAS DE ADRIANO COMO HIPERTEXTO

CURITIBA

2014

Catálogo na publicação

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Santos, Rafael Costa

Memórias de Adriano como hipertexto / Rafael Costa Santos – Curitiba, 2014.

257 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilene Weinhardt

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Análise de discurso. 2. Adriano, Imperador de Roma, 76-138 - Ficção. 3. Yourcenar, Marguerite, 1903-1987. 4. Genette, Gérard, 1930-. I.Título.

CDD 808.0427



Ata sexcentésima trigésima primeira referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu o mestrando RAFAEL COSTA SANTOS. No dia dezessete de fevereiro de dois mil e quatorze, às quatorze horas, na sala 1020, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: **MARILENE WEINHARDT**, Presidente, **PEDRO IPIRANGA JÚNIOR** e **BENEDITO COSTA NETO FILHO** designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: “MEMÓRIAS DE ADRIANO COMO HIPERTEXTO”, apresentada por RAFAEL COSTA SANTOS. A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido. Logo após a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora **MARILENE WEINHARDT** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADO** o candidato, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Literários**. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia dezessete de fevereiro de dois mil e quatorze. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Dr.ª Marilene Weinhardt

Dr. Pedro Ipiranga Júnior

Dr. Benedito Costa Neto Filho

Rafael Costa Santos




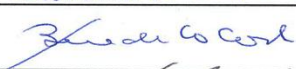

PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de RAFAEL COSTA SANTOS para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados MARILENE WEINHARDT, PEDRO IPIRANGA JÚNIOR e BENEDITO COSTA NETO FILHO arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“MEMÓRIAS DE ADRIANO COMO HIPERTEXTO”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
MARILENE WEINHARDT		<i>aprovado</i>
BENEDITO COSTA NETO FILHO		<i>Aprovado</i>
PEDRO IPIRANGA JÚNIOR		<i>APROVADO</i>

Curitiba, 17 de fevereiro de 2014 .


Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves
Vice-Coordenador



RAFAEL COSTA SANTOS

MEMÓRIAS DE ADRIANO COMO HIPERTEXTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora. Prof^a. Dr^a. Marilene Weinhardt

CURITIBA

2014

RESUMO

Neste estudo, abordamos o romance *Memórias de Adriano*, da escritora belga naturalizada francesa Marguerite Yourcenar, aplicando na análise de passagens do texto algumas das operações hipertextuais definidas e descritas pelo teórico literário francês Gérard Genette em seu livro *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, de 1982. O processo criativo de Marguerite Yourcenar ao elaborar seu romance envolveu a apropriação e a transformação de segmentos textuais de um grande número e variedade de textos, em particular da antiguidade greco-romana, e as operações descritas por Genette dizem respeito justamente aos diversos modos segundo os quais textos podem ser apropriados e transformados por outros textos. Mas o livro de Gérard Genette dá uma grande quantidade de exemplos de relações textuais que envolvem no máximo dois textos-fonte. Assim, em vista da complexidade *hipertextual* do romance de Yourcenar, a aplicação das categorias de Genette à sua análise precisou ser questionada e flexibilizada, no caso de várias das passagens que se relacionam com um ou mais textos-fonte, e que selecionamos para abordar. Neste estudo, refletimos igualmente então sobre a pertinência da aplicação – sobre a própria aplicabilidade – das ferramentas de análise apresentadas em *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, a este ou aquele aspecto ou passagem de *Memórias de Adriano*.

Palavras-chave: *Memórias de Adriano*, Marguerite Yourcenar, *hipertextualidade*, Gérard Genette.

ABSTRACT

In this study, we approach Belgian naturalized French writer Marguerite Yourcenar's novel *Mémoires d'Hadrien* applying, in the analysis of some of its passages, some of the *hypertextual* operations defined and described by French literary theoretician Gérard Genette in his 1982 book *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Marguerite Yourcenar's creative process to elaborate this novel involved the appropriation and transformation of textual segments from a great number and variety of texts, mostly from Greco-roman antiquity, and Genette's operations concern precisely the different ways in which texts can be appropriated and transformed by other texts. But Gérard Genette's book gives a large amount of examples of textual relation which involve at most two source-texts, whereas *Mémoires d'Hadrien* appropriates elements from a very large amount of source-texts. Thus, due to the *hypertextual* complexity of Marguerite Yourcenar's novel, the application of Gérard Genette's categories to its analysis must be questioned and made flexible in the case of several of the passages which relate to one or more source-texts, and which we selected to approach. In this study, we then also reflect about the pertinence of the application – about the applicability itself – of the analytical tools presented in *Palimpsestes: la littérature au second degré*, to this or that aspect or passage of *Mémoires d'Hadrien*.

Key-words: *Mémoires d'Hadrien*, Marguerite Yourcenar, *hypertextuality*, Gérard Genette.

SUMÁRIO

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
INTRODUÇÃO	7
PARTE I	24
1.1. FONTES E PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE MARGUERITE YOURCENAR	24
1.2. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	38
1.3. A <i>TRANSTEXTUALIDADE</i> DE GENETTE	51
1.4. A AUTONOMIA <i>HIPERTEXTUAL</i> DE <i>MEMÓRIAS DE ADRIANO</i>	54
1.5. A <i>CITAÇÃO EM MEMÓRIAS DE ADRIANO</i> COMO UMA PRÁTICA <i>HIPERTEXTUAL</i>	63
1.6. A <i>TRANSFORMAÇÃO</i> E A <i>IMITAÇÃO</i>	69
1.7. A <i>TRADUÇÃO</i>	78
1.8. ALGUMAS PRÁTICAS <i>TRANSPOSICIONAIS</i> PASSÍVEIS DE SEREM APLICADAS NA ABORDAGEM A <i>MEMÓRIAS DE ADRIANO</i>	90
PARTE II	113
2.1. <i>ANIMULA VAGULA BLANDULA</i>	113
2.2. <i>VARIUS MULTIPLEX MULTIFORMIS</i>	140
2.3. <i>TELLUS STABILITA</i>	165
2.4. <i>SAECULUM AUREUM</i>	170
2.5. <i>DISCIPLINA AUGUSTA</i>	225
2.6. <i>PATIENTIA</i>	230
CONCLUSÃO	238
REFERÊNCIAS.....	253

INTRODUÇÃO

A ideia para a realização do estudo que aqui expomos surgiu da leitura do romance *Memórias de Adriano*,¹ da escritora belga Marguerite Yourcenar,² à luz da teorização sobre a ficção histórica. Em “*Trajeto de uma forma literária*”, Perry Anderson, importante teorizador contemporâneo nesse campo, diz:

[e]m 1951 foi algo como um choque quando Marguerite Yourcenar venceu o Goncourt com *Memórias de Adriano*, tão completamente fora de moda parecia qualquer tipo de ficção histórica — mesmo uma anomalia estranha como esta — na verdadeira república das letras. Existia ainda quem escrevesse esse tipo de coisa?³

¹ Primeira publicação francesa em 1951, pela editora Gallimard. Adiante, na Parte I de nossa exposição, falamos um pouco sobre o processo de “gestação” do romance.

² Yourcenar é um anagrama imperfeito do sobrenome paterno de Marguerite de Crayancour. Nascida em Bruxelas em 1903, filha de mãe belga e pai francês, Yourcenar não frequentou a escola ou uma faculdade, tendo sido educada pelo próprio pai, e aprendido a ler o latim e o grego. Escreveu sua primeira obra, poética, aos dezessete anos, *Le jardin des chimères*. Em 1929, obteve seu primeiro sucesso, com o romance *Alexis, ou o tratado do vão combate*, ao qual se seguiram, em 1931, *La nouvelle Eurydice* e *La mort conduit l'attelage*, em 1934, *O denário do sonho*, em 1938, *Contos orientais*, e em 1939, *Golpe de misericórdia*. Com *Memórias de Adriano*, de 1951, e *A obra em negro*, de 1968, seus romances mais famosos, obteve, respectivamente, os prêmios Hélène-Varesco e Fémina. Além dos mencionados, escreveu também muitos ensaios, duas peças de teatro, traduziu Virginia Woolf, Henry James, Constantino Caváfis, e *blues* e *negro spirituals* norte-americanos. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa de Letras (fundada em 1635), em 1980. Naturalizada norte-americana, Marguerite Yourcenar faleceu em 1987, na ilha de Mount Desert, onde morava com sua secretária e tradutora para o inglês, Grace Frick, no estado do Maine. Para a biografia da escritora, cf. DESVAUX, Alicia Piquer. **Marguerite Yourcenar**. Disponível em <<http://publicacions.iec.cat/Front/repository/pdf/00000016/00000076.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013; cf. também as entrevistas publicadas em YOURCENAR, M. **De olhos abertos: entrevistas com Matthieu Galey**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983 (doravante apenas *De olhos abertos*), e ROSBO, P. **Entrevistas com Marguerite Yourcenar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987; e a biografia ao fim da edição que utilizamos para referências e citações neste estudo: YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974, pp. 295-296. Salvo exceção, quando citamos desta última obra, colocamos a paginação entre parênteses após a citação. Isto vale tanto para citações do romance quanto do *Caderno de notas* e da *Nota*, paratextos que vêm, nessa edição, ao fim do volume, em seguida ao texto do romance, respectivamente às pp. 255-276 e pp. 277-293. Para outras obras utilizadas neste estudo, as referências e a paginação vêm em notas de rodapé.

³ ANDERSON, Perry. “*Trajeto de uma forma literária*”. Revista *Novos Estudos* n°77, 2007, p. 215

Anderson nada mais diz ali sobre esse romance, mas um dos aspectos que parecem tê-lo conduzido a cunhar ironicamente a obra, no contexto, como “uma anomalia estranha”, diz respeito, não somente ao fato de que, no período do pós-guerra, segundo o teórico, os diversos gêneros da ficção histórica haviam caído em descrédito, em razão da expansão dos mercados da literatura de massas, e do aumento da produção desse tipo de ficção nos “níveis inferiores”,⁴ mas também ao fato de *Memórias de Adriano* constituir um espécime atípico, inovador e inusitado, no quadro mesmo do gênero do romance histórico. A novidade do romance de Yourcenar consistiu no fato de que se trata como que de uma forja de documento histórico, isto é, se não se tratasse de uma obra ficcional, seria um documento histórico, e mui precioso: um imperador romano histórico narra na primeira pessoa suas próprias memórias.

Ao fazermos nossa primeira leitura do romance, demo-nos por conta plenamente dessa sua característica quando, ao depararmo-nos com citações latinas seguidas de sua tradução para o francês (no original), nos apercebemos de que um verdadeiro livro de memórias que fosse escrito por um tal homem só poderia ter sido escrito em outra língua que não o francês de Marguerite Yourcenar. Seria essa língua o latim presente na citação? Mas se a língua de tal livro de memórias fosse o latim, isso faria da tradução que segue a citação latina um recurso que, ao mesmo passo que sem dúvida facilita o acesso ao significado para o leitor contemporâneo, falsearia, por outro lado, em alguma medida – uma medida ainda maior do que aquela em que já o faz o fato mesmo de *Memórias de Adriano* ter sido escrito em francês - a estrita verossimilhança: no plano intradieético, um imaginário leitor romano das memórias do imperador veria uma frase latina repetida, sem motivo aparente.

Em que outra língua então poderia esse imperador escrever? Uma passagem do segundo capítulo do romance mostra o interesse e o domínio, por parte do personagem, de uma outra língua:

⁴

Idem, Ibidem

Serei, até o final, reconhecido a Escauro por me haver iniciado desde jovem no estudo do grego. Era menino ainda quando ensaiei pela primeira vez traçar com o uso do estilete os caracteres de um alfabeto desconhecido: começavam então minha grande emigração, e minhas longas viagens, e o sentimento de *uma escolha tão deliberada e tão involuntária como a do amor*. Amei essa língua por sua flexibilidade, sua elasticidade, sua riqueza de vocabulário, no qual se atesta, em cada palavra, o contato direto e variado com a realidade. Amei-a também porque *quase tudo o que os homens disseram de melhor o foi em grego*. (...) O grego (...) tem atrás de si tesouros de experiência, que abrangem a sabedoria do homem e a sabedoria do Estado. (...) Foi em latim que administrei o império (...) mas *em grego terei vivido e pensado*. (pp. 35-36. Grifos nossos)

Nenhuma colocação do memorialista yourcenariano permite que se resolva em definitivo a questão da língua de suas memórias, entretanto, acreditamos que seja interessante observar que, em conjunção com a colocação que fizemos acima, sobre a tradução que segue a citação latina, e com o conteúdo da passagem citada acima, outras circunstâncias ainda parecem acenar com a possibilidade de que a língua das memórias do personagem seja - virtualmente, intradiegeticamente - o grego antigo. Conforme veremos em mais detalhe adiante, o discurso do imperador em seu relato memorialístico tem em vista um determinado destinatário intradieético, isto é, um narratário: Marco Aurélio, futuro sucessor adotado, a pedido de Adriano, pelo seu sucessor imediato, Antonino Pio. Foi em grego que o Marco Aurélio histórico escreveu seu livro de *Meditações*, e um dos propósitos declarados do discurso do memorialista yourcenariano consiste - veremos mais também sobre isto adiante - em transmitir a Marco a sua sabedoria de homem privado e também a de homem público, homem de Estado, a qual a passagem acima associa à língua grega. Afora o fato, a nosso ver significativo, de que algumas das citações latinas presentes em *Memórias de Adriano*, além de citadas nessa língua, se encontrem também em tradução nesse texto,⁵ por outro lado também, a simples presença dessas citações em si, imersas em um meio textual circundante constituído de palavras de uma outra língua, pode ser vista como um indício de alternância, de alteridade linguística, também no plano intradieético – neste, se não

⁵ Algumas, como veremos adiante, não são seguidas imediatamente de sua tradução, mas encontram tradução em outras passagens de *Memórias de Adriano*, como é o caso dos títulos dos capítulos, que - veremos bastante sobre isso adiante igualmente - consistem todos em citações latinas.

se trata do latim, tampouco poderia tratar-se do francês. Em vista do que vimos colocando, a presença de alguma citação em grego – tanto mais especialmente se objeto de tradução, em alguma passagem de *Memórias de Adriano* - poderia reconduzir fortemente à dúvida quanto à língua das memórias. E de fato há uma citação em grego no romance: a certa altura da narrativa, o memorialista recorda haver um dia gravado, com sua adaga, sobre a perna do Colosso de Mênnon, “algumas letras gregas, uma forma abreviada e familiar” do nome Adriano: “ΑΔΡΙΑΝΟ”. Neste caso, não há o que traduzir: o leitor é informado daquilo a que a forma grega corresponde – e esta em alguma medida é inclusive legível, ao que nos parece, mesmo para o leitor que desconheça inteiramente as letras gregas. No francês do original, um determinado contraste resulta aí mais acentuado do que em português: o contraste entre essa forma grega e o nome pelo qual o imperador Adriano é designado em francês, que se encontra no próprio título do romance: “Hadrien”.⁶

A intenção das observações que vimos fazendo até aqui nesta Introdução é retratar os passos iniciais do despertar de nosso interesse no estudo que expomos a seguir. Adiante, na seção 1.7 da Parte I de nossa exposição, dedicada à questão da tradução conforme se configura em *Memórias de Adriano*, retomaremos o tema da língua em que o memorialista yourcenariano teria escrito, mostrando outras vicissitudes da questão. Veremos então que Marguerite Yourcenar, em diversos paratextos, fala sobre essa questão.

Vejamos agora quanto ao que constitui o objeto de nosso estudo.

A percepção da riqueza de *Memórias de Adriano* enquanto romance histórico, despertada em nós pelas constatações que vimos expondo, de que se trata como que de uma “forja” de documento histórico – algo de bastante ousado e novo no gênero à época da publicação – foi a seguir intensificada pela leitura dos dois paratextos que a edição brasileira que utilizamos aqui para citações e

⁶ Para o leitor lusófono, por seu turno, a forma “ΑΔΡΙΑΝΟ” talvez contraste apenas um pouco mais intensamente com a forma portuguesa “Adriano” do que aquela presente na epígrafe do romance - um poema original do imperador, assinado com a forma latina do nome deste: “Publius Aelius Hadrianus”. Não olvidemos, porém, a força que os estudos clássicos têm e tinham na Europa francófona, onde *Memórias de Adriano* foi publicado inicialmente.

referências traz ao final do volume que contém o romance: o *Caderno de notas*, e a *Nota*.⁷ Na *Nota* (pp. 277-293), Yourcenar arrola e comenta uma grande quantidade de fontes de informação mobilizadas para a elaboração de *Memórias de Adriano*: escritos da antiguidade clássica greco-latina e estudos posteriores sobre esse período histórico; obras sobre o imperador Adriano e seu reinado, e também sobre sua carreira antes de aceder ao império; obras sobre seus antecessores e sucessores próximos; sobre o período da chamada Paz Romana que estes últimos promoveram; obras de personalidades da época, ou sobre elas; obras sobre as instituições jurídicas, o sistema político, a nomenclatura oficial, a numismática, os costumes e o pensamento do século II d.C., etc.. Em uma passagem em especial do *Caderno de notas*, a autora esclarece sobre o mais fundamental dos seus procedimentos para a criação do discurso e da caracterização do narrador-protagonista de *Memórias de Adriano*: “[u]ma das melhores maneiras de recriar o pensamento de um homem: reconstituir sua biblioteca. Durante anos, antecipadamente e sem o saber, trabalhei assim para prover de novo [de livros] as estantes de Tíbure”⁸ (p. 261). A informação sobre a erudição historicamente atribuída ao imperador Adriano⁹ é ficcionalizada no romance, onde o memorialista declara: “[I] quase tudo o que nossos historiadores, poetas e narradores escreveram” (p. 23). Em entrevista a Matthieu Galey, Marguerite Yourcenar inclusive evoca, ao comentar suas próprias leituras, o filelenismo desse cidadão romano nascido na província hispânica:

(...) durante anos, li a literatura grega, freqüentemente de maneira muito intensa, durante longos períodos ou, ao contrário, vez ou outra, viajando com esse ou aquele filósofo ou poeta grego em meu bolso. No fim, reconstruí para mim a cultura de Adriano: eu sabia mais ou menos o que Adriano lia, aquilo a que ele se referia, a maneira como encarou certas coisas através dos filósofos que lera.¹⁰

⁷ Cf. nossa nota 2, acima.

⁸ Tíbure é o local onde o imperador fez construir para si uma residência, a Vila Adriana, figurada no romance de Yourcenar.

⁹ Cf., por exemplo, o quinto capítulo do livro: POIGNAULT, R; CHEVALIER, R. **L'Empereur Hadrien**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, pp. 77-97.

¹⁰ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 141.

Como se pode ver, o processo de criação de *Memórias de Adriano* envolveu a consulta a uma grande quantidade de textos, mormente da antiguidade greco-romana. Além daqueles listados pela autora na *Nota*, em nossa pesquisa identificamos muitos outros. Mas não se trata somente de “consulta” – como no caso das citações latinas, muitos elementos de textos antigos, e mesmo de textos contemporâneos, foram apropriados pela criadora, e por ela modificados, transformados, para passarem a constituir o texto do romance: no caso das citações em latim figuradas também em tradução em *Memórias de Adriano*, a própria tradução é modificação. No caso de uma citação latina que não tenha sido objeto de tradução, mas apenas figure no romance na forma idêntica àquela que apresenta na fonte, a transferência de um contexto para outro pode ser considerada uma modificação.

Identificamos, enfim, uma grande quantidade de obras que constituíram fontes de elementos textuais apropriados por Yourcenar para a constituição de seu próprio texto, e nosso estudo consiste em tecer considerações acerca do modo como foram transformados para serem inseridos no romance. Para analisar os diversos modos de apropriação e modificação textual presentes em *Memórias de Adriano*, recorreremos às ferramentas de análise oferecidas pelo livro *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*,¹¹ de Gérard Genette.

No item 1.1 da Parte I de nossa exposição, *Fontes e processos de criação de Marguerite Yourcenar*, abordamos em maior detalhe alguns dos procedimentos

¹¹ Primeira publicação francesa pela editora Du Seuil, em 1982. Sempre que possível, citamos e fornecemos referências a essa obra com base na eficiente tradução de excertos dessa obra feita por uma equipe da Universidade Federal de Minas Gerais, cuja referência é: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Miriam Vieira. Belo Horizonte: Ed. Viva Voz, 2010. Nesse caso, citaremos, doravante: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, seguido do número da página. Quando desejamos citar ou referir-nos a passagens não contempladas pela tradução da UFMG, oferecemos nossa própria tradução, e remetemos à edição: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: la littérature au second degré**. Paris: Éd. Du Seuil, 1982, que citaremos, doravante: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: la littérature au second degré**, *op. cit.*, seguido do número da página. No corpo de nosso texto de exposição, sempre que é desnecessário o fornecimento de referências mais precisas, chamaremos o livro de Genette simplesmente de *Palimpsestos*.

de Yourcenar na apropriação e transformação de elementos textuais, mostrando, com recurso a palavras da própria escritora, publicadas em diversos paratextos, o pejo que ela demonstra ter tido em considerar os aportes de grande quantidade de historiadores e cronistas, e o caráter criterioso de suas atitudes diante de diferentes versões dos eventos históricos. Veremos também que, além de obras de historiadores, textos de outras tantas naturezas foram mobilizados pelo trabalho de ficcionalização empreendido pela romancista. Nesse primeiro item da Parte I se poderá perceber, a partir sobretudo de passagens que citamos do *Caderno de notas*, que Marguerite Yourcenar, no curso do longo processo da “gestação” de *Memórias de Adriano*, refletiu sobre diversas maneiras de transferir, para a voz de seu memorialista, elementos hauridos a textos da antiguidade, as quais em muito convergem com algumas daquelas que Gérard Genette, em *Palimpsestos*, denomina operações *transposicionais*.

A seguir, no item 1.2, *Breve revisão bibliográfica*, revisamos estudos que se debruçaram sobre o romance de Yourcenar, e sua obra. Como não encontramos, em nossa pesquisa, um estudo que haja abordado *Memórias de Adriano* com recurso às ferramentas de análise oferecidas por *Palimpsestos*, nossa revisão expõe os aportes de dois estudos que nos parecem de particular interesse, o primeiro para situar nosso leitor quanto à posição ocupada por esse romance no seio da produção romanesca da autora, e suas características narratológicas; o segundo, em vista o interesse despertado em nós pelo inusitado de certa observação a respeito do discurso do Adriano memorialista yourcenariano.

No item 1.3, *A transtextualidade de Genette*, expomos a teorização desse autor, que versa sobre os diversos tipos de relações que pode haver entre textos apropriados e textos apropriadores, quando um texto retoma porções textuais de outro(s) – relações que o teórico abarca em conjunto sob a legenda da *transtextualidade*. Nesse mesmo item, ilustramos alguns dos conceitos fundamentais e ferramentas de análise, oferecidos em *Palimpsestos* e que em boa parte se aplicam a *Memórias de Adriano*, recorrendo, em alguns dos casos, a exemplos hauridos ao próprio romance. O encontro entre a teorização genettiana e essa obra, como se verá em mais detalhe adiante, suscita interrogações e a necessidade de

reformulações no âmbito teórico. Em vista disso, damos início, neste item, a algumas elucubrações sobre o interesse e as limitações do aporte teórico genettiano, que a seguir reaparecerão intermitentemente ao longo de todo o restante de nossa exposição, chegando a constituir mesmo boa parte de nosso item final de Conclusão.

No item 1.4, *A autonomia hipertextual de Memórias de Adriano*, argumentamos no sentido de demonstrar a pertinência e os limites da aplicação das concepções e do repertório da *transtextualidade* em geral, e em particular das operações *transposicionais*, ao romance de Yourcenar. Intensificam-se neste item nossos questionamentos sobre as inter-relações possíveis entre diversas categorias da *transtextualidade*, em particular em vista da complexidade apresentada por *Memórias de Adriano*, quando visto à luz da teorização genettiana. Propomos, neste item, uma ligeira reformulação, ou antes, o acréscimo como que de uma cláusula, para habilitar o uso por nós a seguir, de um determinado conceito de uma das categorias da *transtextualidade*: o conceito de *alusão*, classificado por Genette sob a categoria da *intertextualidade*, no qual vemos certo valor, para fins de análise, e que a definição nos estritos termos da teorização em *Palimpsestos* poderia parecer desautorizar de todo. Para mais plenamente facultar nosso recurso à menção de um determinado aspecto da *alusão* então, quando, na Parte II de nossa exposição, apresentarmos os resultados da análise de passagens de *Memórias de Adriano* à luz da concepção genettiana, propomos, nesse item 1.4, um termo alternativo - “caráter alusivo” - para dar conta de tal aspecto.

No item 1.5, *A citação em Memórias de Adriano como uma prática hipertextual*, argumentamos no sentido de que se considere as citações latinas relativamente frequentes em *Memórias de Adriano* enquanto partícipes no jogo dito *hipertextual* de que Genette fala em sua teorização, isto é, no aspecto lúdico que costuma, no ver do teórico, caracterizar o prazer da leitura de um texto confeccionado mediante a apropriação de quantidade de elementos de obras que o antecedem, como é o caso do romance de Yourcenar. Como, em nossa seleção de passagens de *Memórias de Adriano* a analisar, fizemos a opção pelos títulos dos capítulos do romance, que são todos eles citações latinas, e como, além deles,

outras ainda das passagens que escolhemos abordar são também citações latinas, a argumentação neste item 1.5 tem muita importância, inclusive no que incorre em mais questionamento dos intercâmbios e interpenetrações possíveis entre alguns conceitos genettianos.

No item 1.6, *A transformação e a imitação*, expomos uma distinção fundamental da teorização presente em *Palimpsestos*, e situamos nosso estudo em relação àquilo que Genette define como os dois tipos fundamentais do que chama de *relação hipertextual*. Esta, apenas para resumir *grosso modo* por ora, é a relação entre textos em que um deles apropria elementos textuais a um ou mais outros textos, que obviamente precisa(m) preexistir ao primeiro, e em que o texto apropriador, pelo menos, é um texto literário, como é o caso de *Memórias de Adriano*, um romance que apropria elementos a obras históricas, filosóficas, literárias, entre outras, sobretudo da antiguidade greco-romana. Os dois tipos fundamentais de *relação hipertextual* são a *transformação* e a *imitação*, que podem ocorrer conjuntamente, nas apropriações de elementos que participam na criação de obras literárias, e que com frequência o fazem, como é o caso em *Memórias de Adriano*. Nesse item 1.6, mostramos com quanta argúcia e minúcia Marguerite Yourcenar incorreu na prática de ambos esses tipos de relação, no processo de criação de seu romance. Mostramo-lo, e explicamos que nosso estudo enfocou somente a *transformação*, mas que nos permitimos, quando pareceu conveniente, tecer considerações no âmbito também da *imitação*. Neste item 1.6, reproduzimos ainda o quadro geral das práticas *hipertextuais*, conforme elaborado por Genette, e situamos *Memórias de Adriano* em relação a esse quadro: o romance se enquadra no caso do que Genette chama de *transposição*. Em *Palimpsestos*, tudo o que vem em seguida a esse quadro esquadrinha tipos de práticas *hipertextuais* do tipo *transposicional*, que são aquelas que, justamente, podem, em boa parte, ser aplicadas na análise do romance de Yourcenar. No item 1.7 que segue, abordamos a primeira das práticas *transposicionais* explicadas por Genette: a *tradução*.

Em nosso item 1.7, então, explicamos algumas observações que Genette faz no âmbito da prática *transposicional* da *tradução*, exemplificando com recurso ao modo como essa prática figura em *Memórias de Adriano*. Aqui as considerações que

tecemos se reconectam com aquelas pelas quais iniciamos nossa exposição nesta Introdução, isto é, com as observações que fizemos em nossa primeira leitura do romance de Yourcenar, e que despertaram particularmente nosso interesse pelo seu processo de criação. No âmbito da *tradução*, pode-se pensar, em conexão com *Memórias de Adriano*, em pelo menos três diferentes aspectos de como ela pode figurar ali. Primeiramente, pode-se ter em vista as *traduções* que a romancista precisou fazer de passagens e elementos de obras da antiguidade greco-romana, de modo a apropriá-las e transformá-las para criar seu romance. Em segundo lugar, pode-se pensar sobre a *tradução* do romance francófono para outra língua contemporânea, como o português. Por último, pode-se ter em consideração aquilo que, nesse item 1.7, propomos chamar de tradução “virtual”, isto é, aquela, do grego antigo ou do latim de Adriano para o francês contemporâneo de Yourcenar, de que falamos acima, pouco após o início desta Introdução. Dedicamos alguma atenção a cada um desses aspectos em nosso item dedicado à prática *transposicional* em foco.

Explicamos também, ainda neste item 1.7, que o objeto principal de nosso estudo não foi a análise de como figura em *Memórias de Adriano* qualquer desses aspectos segundo os quais pode ser vista a questão da *tradução*, em conexão com ele, embora nos tenhamos permitido comentários no âmbito de uma e outra, quando nos pareceu convir. As observações que fizemos, no entanto, no curso de nossa pesquisa e reflexão sobre os processos envolvidos na criação do romance de Yourcenar, fazem da questão da *tradução*, em particular aquela de denominamos “virtual”, um objeto de estudo que nos parece dos mais interessantes que se possa empreender sobre a obra, e devemos dizer aqui que desejamos tomá-lo em mãos em um trabalho futuro.

No item final da Parte I de nossa exposição, item 1.8, *Algumas práticas transposicionais passíveis de serem aplicadas na abordagem a Memórias de Adriano*, explicamos algumas das operações ditas *transposicionais* descritas por Gérard Genette na segunda parte de *Palimpsestos* - nos casos mais simples de explicar, recorrendo às vezes a nossas próprias palavras, às vezes às do teórico, e em alguns outros casos, que nos pareceram exigir ilustração para serem melhor

compreendidos, recorrendo a exemplos hauridos ao próprio romance, partes do qual, na Parte II que segue constituirão objetos de análise segundo algumas dessas mesmas operações. Entretanto, explicamos aí várias operações que a seguir, na Parte II, não retomamos. Explicamo-las, e em alguns casos ilustramo-las aí, com o fito de dar a entrever a riqueza *transposicional* de *Memórias de Adriano*, isto é, a riqueza de *transposições* ali presentes, operantes sobre quantidade de elementos, hauridos a variedade de textos-fonte. Ao final desse item 1.8, justificamos a seleção de passagens do romance que, na Parte II que segue, passamos a analisar mediante as categorias de práticas *transposicionais* que se lhes aplicam. Genette, conforme veremos adiante, chama de *hipotextos* as obras às quais outras, ulteriores, apropriam elementos textuais - e nós, nesse item 1.8, falamos de nossa seleção como uma seleção de *hipotextos*. Mas, no caso de *Memórias de Adriano*, que é um texto que apropria elementos a um número muito grande de *hipotextos*, os critérios dessa seleção exigiram e suscitaram reflexões e observações que, modulando-se segundo os contextos, recorreram intermitentemente, ao longo de todo o restante de nosso texto de exposição, entre a parte de justificação por que se encerra o item 1.8 e nosso item final de Conclusão - e ambos estes itens concentram particularmente tais reflexões e observações.

A Parte II de nossa exposição, como vimos colocando, é aquela em que abordamos interpretivamente os *hipotextos* por nós selecionados - ou antes sua figuração em *Memórias de Adriano* - mostrando as operações *transposicionais* de que foram objeto na apropriação para o romance.

Nesta parte, a organização geral de nosso texto segue a ordem do romance: cada item nela, de 2.1 a 2.6, recebe o nome do título do capítulo de que trata principalmente,¹² e o primeiro *hipotexto* de que tratamos em cada um deles é a *citação* latina que constitui seu título. A seguir, em cada um desses capítulos, abordamos um ou mais *hipotextos*, daqueles cujas características nos levaram a selecioná-los para abordagem. Para cada capítulo, afora seu título em latim, há um *hipotexto* principal. Com frequência outros textos, de que elementos figuram em

¹² Permitimo-nos, quando convém, remeter a elementos relativos a outros capítulos, que não aquele em foco em cada item.

Memórias de Adriano, são mencionados, fornecendo informações que vêm em apoio e reforço daquilo que está sendo colocado, em cada caso, mas que nem sempre podemos considerar, pelo modo como são utilizados por nós, como *hipotextos*. Em alguns casos, sim, os tratamos como *hipotextos*, mas podemos dizer que figurem em nossa exposição como *hipotextos*, por assim dizer, secundários. Ora vejamos quais são os *hipotextos* principais no caso de cada capítulo.

No item 2.1, tratamos do primeiro capítulo, *Animula vagula blandula*, e falamos do seu título em latim e do *hipotexto* de que provém: um poema de Adriano, veiculado na *Vita Hadriani*, e que consta na íntegra, também em latim, na epígrafe de *Memórias de Adriano*. Tecemos também considerações, tendo em vista categorias da *transtextualidade*, sobre o próprio fato do uso, para epígrafe, desse poema, e sobre ecos que as imagens do poema encontram em diversas passagens do romance, inclusive seu último parágrafo, onde as palavras do poema se encontram traduzidas com alguma licença, como que conectando o fim ao princípio.

No item 2.2, tratamos do segundo capítulo, *Varius multiplex multiformis*, falando inicialmente do seu título em latim, em conexão com o *hipotexto* de que provém, a *Epítome de Caesaribus*, obra de que se desconhece o autor, e onde a sequência de adjetivos latinos que dá nome ao capítulo de *Memórias de Adriano* tinha um significado bastante negativo – veremos que no romance de Yourcenar, por sua vez, essa negatividade se encontra relativizada, e mesmo invertida em positividade, não sem nuances. A seguir, no mesmo item, vemos sobre algumas passagens da *Vita Hadriani* utilizadas nesse capítulo, e tecemos considerações sobre os procedimentos da autora do romance ao apropriar elementos às fontes para fazer seu memorialista caracterizar a si próprio no passado, personagem de si mesmo, em uma época para a qual os documentos são particularmente escassos: o período em que Adriano ainda não era imperador, e não fazia então ainda objeto de inscrições, anedotas de historiadores e cronistas, inveja ou admiração de contemporâneos expressa em cartas, etc.. Por fim, nesse item 2.2, tratamos da evocação – falaremos então sobre “caráter alusivo” – de uma fábula, a da rã e do boi, que tem versões atribuídas a Esopo, a Fedro e a Bábrio, e participa de um parágrafo em que o memorialista fala do aprendizado sobre a natureza humana que

lhe adveio da experiência da lida de outrora com diversas gentes, quando fora “juiz no tribunal encarregado dos litígios entre herdeiros” (p. 38) – aprendizado que se lhe provaria útil mais tarde, quando já imperador.

No item 2.3, abordamos o terceiro capítulo, *Tellus stabilita*, tratando inicialmente das relações do título - citação latina de uma expressão que um dia foi uma legenda monetária do reinado de Adriano - com os conteúdos da porção de texto a que dá nome: trata-se do capítulo em que o imperador recém-chegado ao poder pacifica o mundo romano, após uma dura guerra, e o título encontra, no interior do capítulo, nova citação direta, e também uma tradução, que explicita para o leitor sua significação: “Terra Pacificada”. A seguir, nesse item 2.3, abordamos um *hipotexto* que é também - como os títulos dos capítulos e o poema de Adriano na epígrafe - uma citação latina: uma frase extraída do verso 65 da segunda bucólica de Virgílio, seguida de uma tradução consideravelmente livre, e mediante a qual o memorialista yourcenariano articula o encaminhamento, desde um amor à beleza física de um efebo, passando pelo amor à busca da representação das formas deste nas artes iconográficas, e finalmente ao amor da beleza do Estado e das instituições – percurso que faz lembrar aquele evocado nos ensinamentos da personagem Diotima, reportados no discurso do personagem de Sócrates, no diálogo *O Banquete*, de Platão (passagem 201d-212c).

No item 2.4, abordamos o quarto capítulo, *Saeculum aureum*, e tratamos das relações de seu título – novamente uma legenda monetária do reinado de Adriano, como os de todos os demais capítulos do romance a partir de *Tellus stabilita* – com os conteúdos da porção de texto que nomeia. Neste caso, a legenda é uma expressão que dá nome a uma das eras da cosmogonia em um antigo mito, com mais de uma versões, gregas e romanas, – o mito da Idade de Ouro, - mobilizado pela propaganda política já sob imperadores anteriores, mas que na ficção romanesca ganhou uma vinculação especial: maximamente associada com o período específico recortado pelo capítulo, um pouco menos intensamente ligada ao reinado de Adriano em geral, e mais extensivamente relacionada com a era dos cinco imperadores ditos Antoninos, que tem ao centro o reinado de Adriano, e se

termina com a morte de Marco Aurélio.¹³ Isso no que se refere à política: à atuação do homem público. Mas a citação latina haurida à numismática do reinado, e em particular sua tradução no corpo do capítulo, “Idade de Ouro”, expressa também, no romance, o ápice de felicidade e realização pessoal do homem privado, que no momento evocado no início do capítulo faz o encontro de seu grande amor, o efebo Antínoo.

Após tecermos considerações acerca das conexões da citação latina no título com os planos público e privado da vida do protagonista, abordamos um dos *hipotextos* que se revelaram mais complexos, em vista da concomitância de operações *transposicionais* implicada. Trata-se da carta de Adriano a Serviano, documento veiculado na *História Augusta* e cuja autenticidade é objeto de controvérsia, mas que é mencionado por Yourcenar na *Nota* (p. 280) como uma fonte utilizada. A carta a Serviano é um dos *hipotextos* mais nitidamente discerníveis na superfície textual de *Memórias de Adriano*: por sua amplitude e contorno – a maior parte dos elementos textuais apropriados a ele se encontram em um único parágrafo, para a informação do qual esse mesmo *hipotexto* constitui, por seu turno, a mais profícua fonte. Nesse sentido, trata-se de um dos *hipotextos* do romance em nome dos quais é mais fácil argumentar-se em prol da aplicação do instrumental oferecido por *Palimpsestos*. Por outro lado, trata-se de um *hipotexto* que, ao ser submetido a uma abordagem mediada por esse instrumental, revela a complexidade *hipertextual* do romance. Diríamos-lo um *hipotexto* emblemático.

No item 2.5, tratamos do quinto capítulo, *Disciplina Augusta*, onde a expressão citada de uma legenda monetária, originalmente de cunho propagandístico e vinculada ao militarismo, uma vez mais remete a dois planos – o da atuação pública e o da vida privada, do protagonista. No último plano, refere-se ao esforço do imperador para manter-se firme nas suas rotinas, para cumprir com suas obrigações, em uma fase difícil, em que ele luta para vencer o luto pela morte de seu bem-amado, que curiosamente é narrada no capítulo anterior, contrastando com a positividade do título daquele. Alguns títulos renderam comentários mais

¹³ Lembramos que se trata do destinatário intradieético do relato memorialístico de Adriano, com quem a menção ao mito adquire também uma inflexão a mais.

extensos e, sobretudo, mais propriamente *hipertextuais*, no âmbito deste estudo, como o do primeiro, o do quarto, e o do último. Nossos comentários aos títulos *Tellus stabilita* e *Disciplina Augusta*, por seu turno, são mais sucintos, em razão de que não deparamos, em nossa pesquisa, com outras fontes que não os livros sobre a numismática do reinado de Adriano arrolados por Yourcenar na *Nota* (p. 286) e citados pelo estudioso de *Memórias de Adriano* a que mais recorremos e que mais citamos, ao longo de nossa exposição – Rémy Poignault. Foi através das duas publicações de Poignault¹⁴ sobre *Memórias de Adriano* – utilizamos também um estudo seu sobre o imperador histórico – que tivemos acesso às legendas monetárias que constituem as fontes dos títulos dos quatro últimos capítulos do romance: procuramos, mediante o instrumental conceitual genettiano, tecer considerações sobre os títulos que incrementam e complementam algumas das observações feitas por Poignault em seus estudos.

O *hipotexto* que abordamos mais *hipertextualmente* no capítulo *Disciplina Augusta*, então, é uma passagem da *Eneida* de Virgílio, de que segmentos foram citados, em latim, nesse capítulo. Mas neste caso há uma fonte intermediária que não pode ser desconsiderada: alguns versos dessa passagem da *Eneida* foram citados também na *Vita Aelii*, a biografia de Lúcio Ceião Cômmodo, o primeiro homem adotado por Adriano para ser seu sucessor, e segundo essa fonte, teriam sido recitados pelo próprio imperador em determinada ocasião. Marca-se aí, então, uma duplicidade, ou antes, uma concorrência de fontes, que pauta mais uma instância do jogo complexo de *hipertextualidade* que caracteriza o fazer criativo de Yourcenar em *Memórias de Adriano*. Seu protagonista cita segmentos dos versos citados na *Vita Aelii*, e ainda um outro verso não citado nessa biografia, mas sim, por Yourcenar, mediante seu memorialista, diretamente da *Eneida*. Com os versos de Virgílio o imperador histórico comentou, conforme a fonte histórica que o reporta, a morte iminente de seu sucessor adotivo. Em *Memórias de Adriano*, a função é,

¹⁴ Um sobre a figuração da mitologia, o outro que traça o arco vital do protagonista yourcenariano, da vertente ascendente, que o conduz à tomada de posse, sobre si e sobre o mundo, à vertente descendente, quando, após a morte do amado, o apaixonado enlutado por pouco não perde em definitivo o poder sobre ambas as coisas, para ao fim recuperar-se em ambas as frentes. Voltamos a falar nesses dois estudos ao fim de nossa breve revisão bibliográfica, no item 1.2 da Parte I de nossa exposição.

nesse ponto, análoga, mas o contexto diverso para que é transportada a circunstância da recitação introduz algumas alterações semânticas - no romance o memorialista rememora haver recitado aquelas palavras um dia, e a ocasião e lugar em que o fez são diversos daqueles reportados pela *Vita Aelii*.

No item 2.6, abordamos o último capítulo, *Patientia*, - mais uma legenda monetária, mas desta vez correspondente a um termo latino sobre o qual já falamos ao abordarmos o primeiro capítulo do romance, em vista das conexões do termo com outros termos e concepções latinas, de certo modo relacionadas com preocupações filosóficas da escola do estoicismo, de que era adepto Marco Aurélio, e em torno às quais se articulam diferenças de visão de mundo que o memorialista manifesta em relação ao destinatário de seu discurso. No contexto do título, por sua vez, a palavra - que um dia constituiu uma legenda monetária do reinado de Adriano, com conotação política – adquire uma significação pessoal, relativa uma vez mais à vida privada do protagonista yourcenariano: depois da *Disciplina Augusta* autoimposta para buscar superar o luto, seguido pelo infortúnio da guerra da Judéia - derrota no plano público da política pacifista – o adoecimento, e a *patientia* do paciente enfermo, sua capacidade de tolerância à dor intensa da hidropisia do coração que o acomete.

O último *hipotexto* que abordamos é o *Périplo do Ponto Euxino*, carta endereçada ao imperador histórico da parte do Arriano histórico: militar, político e escritor polivalente na língua grega. Uma *condensação* – operação *transposicional* de *redução* do tamanho – do texto original abre o capítulo *Patientia*, citada pelo memorialista como consistindo justamente em uma comunicação escrita que acaba de receber de Arriano, e mediante a citação da qual se retorna ao presente da narração, ao momento da enunciação em que escreve o imperador moribundo - que abra o romance dirigindo-se presentemente a Marco Aurélio para contar-lhe sobre o avanço da doença. Assim que encerra a citação do *hipotexto* transformado, o narrador comenta que essa carta vem trazer-lhe a tranquilização espiritual de que precisa para morrer em paz – um efeito da transposição de elementos da carta de Arriano para a voz do narrador yourcenariano: sua inserção em um contexto de recepção não encontra fundamentação em dados históricos, no sentido de que não

se sabe como o imperador recebeu esse texto que tinha muito de um relatório de mapeamento geográfico. A *transformação* semântica operada na apropriação de um *hipotexto* às vezes deriva em grande medida do fato mesmo da sua realocação em novo ambiente textual.

Por fim, nosso item de *Conclusão* versa sobre aquilo que o instrumental genettiano nos permitiu observar sobre o fazer *hipertextual* yourcenariano em relação aos *hipotextos* selecionados, e traz igualmente os questionamentos que nos vieram, no curso de nossa abordagem, acerca das vicissitudes do encontro entre a teorização presente em *Palimpsestos* e uma obra com o grau de complexidade *hipertextual* que apresenta *Memórias de Adriano* – grau de complexidade que não se vê em nenhuma das numerosas obras com que o teórico ilustra suas categorias.

PARTE I

1.1. FONTES E PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE MARGUERITE YOURCENAR

O processo de pesquisa e escrita de *Memórias de Adriano* se realizou intermitentemente entre 1924 e o ano de sua primeira publicação, 1951, conforme a autora, Marguerite Yourcenar, revela no *Caderno de notas de Memórias de Adriano*, que integra o volume de grande parte das edições, desde a segunda publicação francesa de 1952. A escolha, para protagonista da narrativa, do imperador Adriano, homem polivalente que viajou e atuou de diversas maneiras por todo o império romano quando, no século II d.C., encontrava-se em seu apogeu territorial, deu a Yourcenar a ocasião de utilizar, na elaboração de seu romance, informações oriundas de diversos campos do conhecimento de que dispomos sobre a antiguidade greco-romana: política, economia e atividades produtivas, geografia, filosofia, religião, literatura e crítica literária, arquitetura, artes plásticas, medicina, caça, navegação, material bélico, arte da guerra etc.. A opção pela narração memorialística entregue à voz desse personagem, a que a tradição histórica costuma atribuir grande erudição, dá ocasião a que a narrativa se reporte (e potencialmente remeta o leitor) a uma grande quantidade e variedade de escritos latinos e gregos, de diversos períodos. A preocupação da romancista com a fidelidade histórica está expressa em muitas das notas do *Caderno*, bem como na extensiva exposição, na *Nota*, da bibliografia consultada, e ainda em muitos ensaios e entrevistas publicados ao longo de sua vida. Mas a concepção que Yourcenar tem do grau e do modo como essa fidelidade é possível é uma concepção bastante sutil e sofisticada. No romance, ela faz seu Adriano dizer:

Os historiadores apresentam-nos as imagens do passado através de sistemas excessivamente completos, com uma série de causas e

efeitos demasiado exatos e demasiado claros para serem inteiramente verídicos. Recompõem a dócil matéria morta (...) (p. 24).

Em uma passagem do *Caderno de notas*, a autora confabula sobre os limites de qualquer reconstituição, seja ela histórica, seja biográfica:

[t]udo nos escapa, e todos, e nós mesmos. A vida de meu pai me é mais desconhecida que a de Adriano. Minha própria existência, se eu quisesse escrevê-la, seria reconstituída por mim pelo exterior, penosamente, como a de outra pessoa; teria de recorrer a cartas, a lembranças de outrem, para fixar essas memórias flutuantes. (...) O que não significa, como se diz exageradamente, que a verdade histórica seja sempre e em tudo inacessível. Acontece com essa verdade o mesmo que com todas as outras: enganamo-nos *mais ou menos*. (p. 264)

Na nota subsequente, Yourcenar faz referência a procedimentos relativos à apropriação de dados históricos, de que lançaria mão no processo de criação de *Memórias de Adriano*, deixando entrever o que pretendia buscar através deles - a revivificação da matéria morta sistematizada dos historiadores:

[p]erseguir, através de milhares de registros, a atualidade dos fatos; tentar restituir a mobilidade, a leveza do ser vivo a essas faces de pedra. (...) Trabalhar lendo um texto do século II com olhos, alma e sentidos do século II; deixar-se mergulhar nessa água-mãe que são os fatos contemporâneos; afastar, se possível, todas as idéias, todos os sentimentos acumulados por camadas sucessivas entre essas pessoas e nós. Aproveitar somente o que há de mais duradouro, de mais essencial em nós, nas emoções dos sentidos ou nas operações do espírito, como ponto de contato com aqueles homens que, como nós, comeram azeitonas, beberam vinho, besuntaram os dedos com mel, lutaram contra o vento agreste e a chuva que cega, ou procuraram no verão a sombra de um plátano, e gozaram, e pensaram, e envelheceram, e morreram. (pp. 264-265)

Mas não é pelo fato de mostrar-se consciente das limitações do trabalho historiográfico que Yourcenar se isenta de adotar, para a composição do seu trabalho literário, certa medida da responsabilidade que atribui aos historiadores: se por um lado vê excesso na completude e exatidão da sistematização causal pretendida por esses, por outro lado enxerga exagero também na ideia de que a verdade que buscam seja absolutamente inatingível. Utilizando-se de uma metáfora arquitetônica para evocar o empenho de reconstituição histórica, ela assevera:

“Façamos o que fizermos, reconstruímos sempre o monumento à nossa maneira. Mas já é muito utilizar unicamente pedras autênticas” (p. 272. Grifo nosso). Já no ensaio *Os aspectos da História na História Augusta*,¹⁵ Yourcenar observa que “[a] autenticidade é uma coisa, a veracidade é outra”. Nesse ensaio, a romancista tece considerações sobre o valor documental de um dos principais relatos históricos antigos que utilizou para a informação de sua narrativa em *Memórias de Adriano*: a *História Augusta* (cuja autoria mesma é tema de controvérsias). Ali ela admite:

(...) os historiadores modernos da Antigüidade não podem ignorar a *História Augusta*; até aqueles que lhe negam qualquer mérito são, mesmo a contragosto, forçados a utilizá-la. Como os documentos que nos restam dos séculos II e III são todos incompletos e precários, é nesse texto incerto – do qual eminentes eruditos chegaram a suspeitar com razão que fosse uma impostura total – que buscamos, por falta de algo melhor, um resíduo de verdade.¹⁶

Na *Nota*, Yourcenar diz que o autor da parte da *Historia Augusta* que diz respeito especificamente à vida de Adriano, chamada, em latim, *Vita Hadriani* (Vida de Adriano),¹⁷ teria utilizado, para compor seu relato, “documentos desaparecidos mais tarde, entre outros as *Memórias* publicadas por Adriano sob o nome do seu escravo Flégon” (p. 282). Tais “*Memórias*”, que não chegaram até nós, correspondem a livros que a própria *Vita Hadriani*, XVI, 1, menciona:

¹⁵ Publicado em YOURCENAR, Marguerite. **Notas à margem do Tempo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, pp. 7-25

¹⁶ *Idem.*, p. 8

¹⁷ Doravante passamos a designá-la por esse nome latino, sem necessariamente mencionar a *História Augusta* que a contém. As autorias das diferentes biografias da *História Augusta* são uma questão controvertida. Na *Nota* (p. 280) Yourcenar usa o nome Espartiano para referir-se ao autor da *Vita Hadriani*. No referido ensaio “*Os aspectos da História na História Augusta*”, entretanto, a romancista evoca a controvérsia em torno da questão da autoria, sem demonstrar que seja uma preocupação sua a resolução dos impasses relativos ao assunto: YOURCENAR, Marguerite. **Notas à margem do Tempo**. *op. cit.*, *passim*. A autora parece utilizar o nome Espartiano para efeito de praticidade, do mesmo modo como tradicionalmente se tem utilizado o nome Homero para evocar o(s) autor(es) da *Ilíada* e da *Odisseia*. De nossa parte, optamos neste estudo por lançar mão de expressões do tipo ‘o autor da *Vita Hadriani*’, ou ‘os autores da *História Augusta*’, e mais comumente fazemos ‘a *Vita Hadriani* diz que (...)’. Por vezes entretanto, algum autor que citamos, e mesmo a própria Marguerite Yourcenar, usam o nome de algum historiador para o(s) caso(s). Quando isso acontece, observamo-lo.

[o] célebre Adriano era tão ávido de fama que entregou a escravos seus libertos, que eram letrados, livros sobre sua vida, escritos por ele mesmo, ordenando que estes os publicassem sob seus próprios nomes; de fato, dizem que são de Adriano também os livros de Flégon.¹⁸

Em *Memórias de Adriano*, essas “*Memórias*” são evocadas pelo narrador memorialista, que, com a autoridade (ficcional) de quem se saberia o verdadeiro autor do documento, desautoriza-o quanto à veracidade que ele conteria, conquanto ateste sua autenticidade - veracidade contestada, e autenticidade confirmada, entenda-se, somente no que concerne ao plano ficcional, intradieético. Publicadas com propósito propagandístico e tendo como público alvo imediato os súditos em geral, as tais “*Memórias*” oficiais não seriam, segundo seu verdadeiro autor (ao menos na ficção romanesca), integralmente fidedignas:

[é] certo que no ano passado fiz um relatório oficial dos meus atos, assinado por Flégon, meu secretário. Menti o mínimo possível. O interesse público e a decência forçaram-me, contudo, a retocar certos fatos. (p. 23)

Discurso composto *ad hoc* para constar na História oficial, seu viés estaria comprometido com o escamoteamento dos bastidores da política pragmática. Em dada passagem, o imperador “confessa”, fazendo menção ao historiador que em seu próprio tempo escreveu quadros biográficos um tanto anedóticos sobre os

¹⁸ “So desirous of a wide-spread reputation was Hadrian that he even wrote his own biography: this he gave to his educated freedmen, with instructions to publish it under their own name. For indeed, Phlegon's writings, it is said, are Hadrian's in reality”. Tradução nossa. Neste estudo, citamos passagens da *História Augusta* sempre com base no texto oferecido pela edição em três volumes cuja referência é **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**. Cambridge: Harvard University Press, 1991, Vol. 1, p. 48. É referindo-se a volumes da coleção de textos da antiguidade greco-romana a que pertence essa edição da *História Augusta* que Marguerite Yourcenar, no *Caderno de notas*, diz: “os volumes de capa vermelha ou verde da edição Loeb-Heinemann tornaram-se uma pátria para mim” (p. 261). No presente estudo, quando citamos da *História Augusta*, fornecemos nossa própria tradução para o português, feita com base na tradução inglesa de David Magie dessa edição, que conferimos com consulta ao original latino. Em geral, reproduzimos em nota de rodapé o texto inglês de Magie, exceto ali onde nos tenha parecido importante comentar algum aspecto do latim, caso em que reproduzimos o original, conforme consta na mesma edição. Quando não citamos, mas apenas referimo-nos a conteúdos da *História Augusta*, fornecemos somente a informação sobre sua localização nesse texto: por exemplo, *Vita Hadriani*, passagem tal ou tal, seguindo as normas de numeração editorial normalmente utilizada para textos clássicos da antiguidade greco-romana.

governantes que antecederam Adriano desde Júlio César (no livro *Os doze Césares*):

[o]s Suetônios do futuro terão muito poucas anedotas a recolher relativas à minha pessoa. Tudo aquilo que o público sabe sobre minha vida foi revelado por mim mesmo. Meus amigos guardaram todos os meus segredos. Os políticos e os outros também. É justo dizer que fiz muitas vezes outro tanto por todos eles. (p. 112)

Para todos os efeitos, o personagem subscreve a opinião que atribui a um amigo: “Arriano sabe que o que conta não figurará nas biografias oficiais, e não será inscrito nos túmulos” (p. 236). Aquilo “que conta”, e que o memorialista ora se prontifica a relatar, por outro lado, à diferença daquela (auto-)biografia oficial heterônima, se anuncia como um depoimento veraz: “[a] verdade que pretendo narrar aqui não é particularmente escandalosa, ou melhor, não o é senão na medida em que toda verdade escandaliza” (p. 23). Assumido pelo imperador e dirigido a apenas um único destinatário - o adolescente Marco Aurélio, escolhido para ocupar o trono após Antonino Pio, o sucessor imediato de Adriano, - o relato que o memorialista se propõe a empreender tem propósitos diversos dos daquelas “*Memórias*” retocadas. No primeiro capítulo de *Memórias de Adriano*, o memorialista, que escreve quando se encontra gravemente doente, aos sessenta anos, explica a Marco Aurélio,¹⁹ destinatário do seu discurso, o que o motiva a escrever-lhe:

[p]ouco a pouco, esta carta, começada para te informar sobre os progressos do meu mal, transformou-se no entretenimento de um homem que já não tem a energia necessária para se dedicar longamente aos negócios do Estado, a meditação escrita de um doente que dá ouvidos a suas recordações. Já agora pretendo ir mais longe: proponho-me contar-te minha vida. (...) Empenho-me (...) em instruir-te e também em chocar-te. (...) Ofereço-te aqui (...) uma narrativa desprovida de idéias preconcebidas e de princípios abstratos, tirada da experiência de um só homem, isto é, de mim mesmo. Ignoro a que conclusões esta narrativa me conduzirá. Conto com este exame dos fatos para definir-me, para julgar-me talvez ou, quando muito, para melhor conhecer a mim mesmo antes de morrer. (p. 23)

¹⁹ Trata-se do futuro imperador, histórico, que, no momento em que o Adriano yourcenariano lhe escreve, conta dezessete anos, e está sendo preparado para suceder, futuramente, o sucessor imediato de Adriano.

Mediante esse escrito, Adriano havia pretendido, de início, tão somente manter o jovem futuro imperador informado sobre circunstâncias presentes. A seguir, o imperador passa a narrar sua própria história a este, com o fito de contribuir para a formação do homem de Estado. Ao mesmo passo, conta, através desse expediente, proceder a um auto-exame retrospectivo, em busca de auto-conhecimento. Para tal, decerto ele haverá de esquivar-se menos a externar as próprias verdades íntimas do que o haveria feito naquele documento oficial publicado no nome do secretário.

O que nos interessa em nosso estudo não é tanto a questão da distinção entre, por um lado, aquilo que em *Memórias de Adriano* seja historicamente fundamentado e, por outro, o que seja a parte de criação romanesca, mas sim a questão dos modos de ficcionalização dos aportes de alguns dos documentos que forneceram informações relevantes para a reconstituição histórica e biográfica da existência do homem que a autora tomou por protagonista e narrador. Observe-se, por exemplo, que, se na *Vita Hadriani*, uma das principais fontes utilizadas, de acordo com o *Caderno de notas* (p. 261) e a *Nota* (p. 282), a atitude de fazer publicar um relato biográfico sob nomes alheios é atribuída a um desejo de assegurar seu renome,²⁰ em *Memórias de Adriano*, em contraste, nenhuma explicação é fornecida sobre o subterfúgio da publicação por Flégon, e embora haja a declaração confessional de que certos fatos houvessem sido retocados, as motivações alegadas para essa impostura são um tanto menos negativas: o imperador mentiu, sim, mas foi o mínimo possível, e se o fez foi no interesse público e por decência.

Além da *Vita Hadriani*, muitos outros documentos,²¹ foram lidos por Yourcenar na busca por elementos a serem utilizados na composição das memórias (ficcionalis) do imperador, e forneceram elementos de informação nem sempre inteiramente conciliáveis entre si. Como precisaria fazer também um historiador, a romancista

²⁰ O sentido que o autor da *Vita Hadriani* parece atribuir ao fato de Adriano fazer publicar tais “Memórias” sob nomes alheios é o de permitir que quem falasse de façanhas e benefícios do imperador fosse alguém que não ele próprio.

²¹ Não somente do tipo que se apresenta como um documento histórico ou biográfico, como um relato de historiador, ou de biógrafo, mas também, por exemplo, textos literários, e outros.

precisou proceder a uma seleção entre versões alternativas de determinados eventos, e conferir-lhes interpretações e sentido conforme o seu entendimento. Na *Nota*, Yourcenar expõe a cautela com que procurou proceder ante a eventual dubiedade, a equivocidade, do dado histórico:

Sobre certos pontos controvertidos — como o afastamento de Suetônio, a origem livre ou servil de Antínoo, a participação ativa de Adriano na guerra da Palestina, a data da apoteose de Sabina e do enterro de Élio César no Castelo de Santo Ângelo —, foi preciso escolher entre as hipóteses dos historiadores; esforçamo-nos no sentido de que as decisões a serem tomadas só o fossem por boas razões. (p. 282)

Por outro lado, a abordagem “existencial” facultada pelo caráter ficcional-memorialístico da narrativa desse romance implica em determinadas restrições, por um lado, e dá margem a certas liberdades, por outro, em diferença com um tratamento propriamente histórico, não-ficcional, do tema. A continuação da passagem da *Nota* acima fornece exemplo de uma liberdade tomada pela romancista ao ficcionalizar os dados de que dispunha:

Em outros casos — como a adoção de Adriano por Trajano (...) —, procurou-se deixar pairar sobre a narrativa uma incerteza que, antes de ser a da história, foi, sem dúvida, a incerteza da própria vida. (p. 282)

No referido caso da adoção de Adriano pelo imperador Trajano – adoção para sucessor, prática em uso no período histórico em que viveram -, Yourcenar faz seu personagem arrolar diversas hipóteses alheias sobre o fato controvertido:

O último dos basbaques, em Roma, tem opinião formada sobre esse episódio da minha vida, mas sou, relativamente a eles, o menos informado dos homens. Meus inimigos acusaram Plotina de se ter aproveitado da agonia do imperador para obrigar o moribundo a traçar as breves palavras que me legavam o poder. Caluniadores grosseiros chegaram a descrever um leito sob os cortinados, iluminado pela claridade incerta de uma lâmpada, enquanto o médico Críton ditava as últimas vontades de Trajano num tom de voz que procurava imitar a do imperador. Deram grande destaque ao fato de que o ordenança Fédimo, que me odiava e cujo silêncio meus amigos não conseguiram comprar, sucumbiu oportunamente de uma febre maligna no dia seguinte ao da morte de seu senhor. (...) Prefiro,

sem dúvida, supor que o próprio Trajano, fazendo antes de morrer o sacrifício das suas preferências pessoais, deixou por sua livre vontade o império àquele que, apesar de tudo, considerou o mais digno. (pp. 83-84)

Em entrevista a Matthieu Galey, a escritora evocou uma curiosa liberdade²² que teria adotado na ficcionalização das informações dúbias, incertas, relativas ao caso da adoção. Falando sobre seu narrador memorialístico, Yourcenar conscientemente confessa, no nome dele, ilustrando, com um caso concreto, o que entendia por “incerteza da própria vida”:

(...) às vezes (...) deixei-o mentir. Ele rearticulava como todo mundo, conscientemente ou não. Acredito que mentiu um pouco a respeito de sua eleição, de sua ascensão ao poder, ele deve ter sabido um pouco mais do que me disse. Deixou vagar uma sábia incerteza.²³

O caráter existencial da voz narrativa entregue a um memorialista fazedor de História permite que a dubiedade e a indefinição históricas sejam ficcionalizadas de maneiras variadas. No *Caderno de notas*, Yourcenar evoca duas delas, uma apropriada para casos de duplicidade, outra para os de escassez informacional:

Quando dois textos, duas afirmativas, duas idéias se opõem, procurar conciliá-los, de preferência a anular um pelo outro; ver neles duas facetas diferentes, dois estados sucessivos do mesmo fato, uma realidade convincente porque complexa, humana porque múltipla. (p. 264)

Tentarei fazer com que as lacunas de nossos textos, no que se refere à vida de Adriano, coincidam com o que teriam sido os seus próprios esquecimentos. (p. 264)

Ao (re)constituir memórias para seu personagem migrado da história para a ficção, Marguerite Yourcenar empreendeu um complexo cruzamento de informações, encontradas em uma grande variedade de textos, e selecionadas segundo critérios não somente históricos, mas também literários, procurando

²² Liberdade paradoxal, no que tange ao grau da autonomia atribuída pela ficcionista a uma criatura inteiramente engendrada de seu punho.

²³ YOURCENAR, Marguerite. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 148

resoluções estéticas e semânticas para detalhes às vezes mínimos de sua narrativa. Na passagem do *Caderno de notas* que reproduzimos a seguir, Yourcenar comenta e ilustra um princípio fundamental de seu laborioso e sutil processo de criação: a comparação entre textos. Neste caso, é acerca da cronologia que a romancista tece considerações, dignas de uma investigação de historiador:

Nunca será excessivo o trabalho apaixonante de comparar os textos. O poema do troféu de caça de Téspias, consagrado por Adriano ao Amor e à Vênus Uraniana “sobre as colinas do Hélicon, à beira da frente [sic] de Narciso”, é do outono do ano 124; o imperador passou, na mesma época, pela Mantinéia, onde Pausânias nos informa que ele fez reconstruir o túmulo de Epaminondas e ali gravou um poema. A inscrição da Mantinéia permanece desaparecida, mas o gesto de Adriano só assume talvez todo o seu significado quando posto em relevo diante de uma passagem das *Moralia* de Plutarco, que nos diz que Epaminondas foi sepultado naquele lugar entre dois jovens amigos, mortos a seu lado. Se aceitamos para o encontro de Antínoo e do imperador a data da estadia na Ásia Menor de 123-124 — de todo modo a mais plausível e a mais confirmada pelas descobertas dos iconógrafos —, esses dois poemas fariam parte do que se poderia chamar o “ciclo de Antínoo”, inspirados ambos por aquela mesma Grécia amorosa e heróica que Arriano evocou mais tarde, depois da morte do favorito, quando comparou o jovem a Pátroclo. (pp. 266-267)

Parece-nos elucidativa a justaposição da passagem acima ao parágrafo do romance que reproduzimos abaixo, no qual vários dos elementos de informação mencionados encontram-se concentradamente ficcionalizados. Rememorando a ocasião em que levava seu favorito, o bitíneo Antínoo, à região da Arcádia, e à cidade de Mantinéia, de onde viriam os antepassados deste, o imperador comenta:

Os habitantes da Mantinéia reivindicavam para si laços de parentesco com aquela família de colonos bitínios até então desconhecidos. A cidade, na qual o menino [Antínoo] teve mais tarde seus templos, foi por mim enriquecida e ornamentada. (...) Na estrada, não muito longe da Mantinéia, mandei restaurar o túmulo onde Epaminondas, morto em plena batalha, repousa junto de um jovem companheiro abatido a seu lado. Uma coluna, na qual foi gravado um poema, foi edificada para comemorar essa lembrança de um tempo em que tudo, visto à distância, parece ter sido nobre e simples: a ternura, a glória, a morte. (...) As caçadas levaram-nos até o vale do Hélicon, dourado pelas últimas cores do outono. Detivemo-nos junto à Fonte de Narciso, perto do Santuário do Amor. Os despojos de uma urso nova, troféu suspenso por pregos de ouro na

parede do templo, foram oferecidos àquele deus, o mais sábio de todos. (pp. 138-139)

Como se pode ver, figuram na ficcionalização romanesca dados e relações descobertos mediante a comparação das diversas fontes mencionadas na passagem do *Caderno de notas* reproduzida logo acima. Do poema consagrado ao Amor e à Vênus Uraniana foram extraídas as menções ao monte Hélicon, à Fonte de Narciso, e ao troféu de caça oferecido por Adriano. Marguerite Yourcenar oferece uma tradução desse poema no livro *La couronne et la lyre*, coletânea de traduções do grego.²⁴ Pausânias, na parte de sua *Descrição da Grécia* consagrada à Arcádia, na passagem VIII, 11, 8, fornece a informação sobre uma inscrição que Adriano teria composto e mandado gravar em uma das duas estelas que havia sobre o túmulo de Epaminondas. No *Diálogo sobre o amor*, integrante das obras morais e de costumes de Plutarco, chamadas, em latim, *Moralia*, encontra-se, no parágrafo 761, a informação sobre o sepultamento, lado a lado, de Epaminondas e de Caphisodoros, jovem amado pelo grande herói tebano e tombado a seu lado em batalha. Na memória do Adriano yourcenariano associam-se, de um lado, o favorito Antínoo, que após sua morte precoce viria a ser cultuado como um deus nos templos referidos na passagem do romance acima, e, de outro lado, o companheiro de armas anônimo de Epaminondas, morto ainda jovem e sepultado ao lado deste. Em *La couronne et la lyre*, Yourcenar comenta, ligando em espírito os dois escritos atribuídos a Adriano:

É de se lamentar a perda da inscrição, certamente versificada, que Adriano compôs para a tumba de Epaminondas. Ela teria fornecido uma prova a mais de sua admiração apaixonada por esses antigos heróis gregos que faziam reviver, em sua época, as *Vidas Paralelas* de Plutarco. Foi encontrada, além do mais, no lugar, a dedicatória em versos de uma pele de urso oferecida pelo imperador ao templo de Eros, em Téspies, após uma caçada nas imediações. Essas algumas linhas referem-se a dois assuntos caros a Adriano, o amor e o combate com animais selvagens. É interessante vê-lo implorar pelos favores do “sábio Eros” e de Afrodite Urânia, representada em *O Banquete* de Platão como a deusa dos amores heroicos, nos quais a

²⁴

YOURCENAR, M. *La couronne et la lyre*. Gallimard: Paris, 1979, p. 378

união dos espíritos e dos corações autoriza e enobrece a dos corpos.²⁵

Do mesmo modo que os poemas de Adriano mencionados, certas imagens criadas pela romancista para fazerem as vezes de lembranças de seu nostálgico narrador parecem remeter igualmente à “Grécia amorosa e heróica que Arriano evocou mais tarde, depois da morte do favorito, quando comparou o jovem a Pátroclo” (p. 267). A evocação referida nesta frase do *Caderno de notas* comparece no último capítulo do romance, *Patientia*, que se inicia pela frase “Arriano escreve-me” (p. 235), seguida pela citação, entre aspas, do “volumoso relatório do governador da Pequena Armênia” (p. 236), recém recebido pelo imperador. Na *Nota*, em que arrola quantidade de fontes de informação e inspiração, textuais e pictóricas,

²⁵ *Idem*, pp. 376-377: “Il faut regretter la perte de l'inscription, assurément versifiée, qu'Hadrien composa pour la tombe d'Épaminondas. Elle eût fourni une preuve de plus de son admiration passionnée pour ces antiques héros grecs que faisaient revivre, de son temps, les *Vies Parallèles* de Plutarque. On a, par ailleurs, retrouvé sur place la dédicace en vers d'une fourrure d'ourse offerte par l'empereur au temple d'Éros, à Thespies, après une chasse dans ces parages. Ces quelques lignes se réfèrent à deux sujets chers à Hadrien, l'amour et le combat avec les bêtes fauves”. Il est intéressant de l'y voir implorer les faveurs de “l'Éros sage” et celles d'Aphrodite Ouranie, représentée dans *Le Banquet* de Platon comme la déesse des amours héroïques, dans lesquelles l'union des esprits et des cœurs autorise et ennoblit celle des corps”. Tradução nossa. Yourcenar fornece, na nota 1, p. 377, a referência precisa para o texto platônico que evoca: trata-se do discurso de Pausânias no diálogo *O Banquete* de Platão, que corresponde à passagem 180c-185c. Na passagem de *La couronne et la lyre* em nosso foco, vemos que é Yourcenar que considera que a inscrição que Pausânias diz que Adriano compôs para o túmulo de Epaminondas devesse ser em versos, e em *Memórias de Adriano* é um poema que o protagonista diz ter mandado gravar em uma coluna erigida sobre esse túmulo. Achamos interessante observar, ainda a partir desta passagem de *La couronne et la lyre*, que, no romance, o lugar que Adriano visita não é chamado de “templo de Eros”, mas sim de “Santuário do Amor”. Pode-se simplesmente considerar natural que o imperador romano use o nome latino do deus, ao invés do grego. Acreditamos, entretanto, que a transformação operada tenha uma significação importante: o nome grego do deus evoca facilmente a ideia de erotismo, de amor carnal, sem necessariamente evocar conjuntamente uma ideia do amor que, justamente em vista de colocações presentes em *O Banquete*, de Platão, recebeu o nome de amor platônico, que não se refere propriamente a um amor deserotizado, descarnalizado, mas que se coaduna bastante com o espírito da última frase da passagem de *La couronne et la lyre* em nosso foco. O Adriano yourcenariano, na passagem do romance em que visita com Antínoo o Santuário do Amor, estaria assim em um estado de espírito amoroso que uma referência a Eros talvez deixasse menos precisamente evocado do que a referência ao deus Amor. Desejamos ainda observar que a ausência, nessa parte do romance, de referência a Afrodite Urânia, que consta no poema do Adriano histórico, escamoteia as relações que essa passagem mantém com *O Banquete* de Platão, onde o personagem Pausânias, no seu discurso indicado por Yourcenar na nota referida acima, fala nessa deusa, e diz que o filho desta, o Eros Urânio (180e), é o Eros “que propicia erotismo belo” e que “merece louvor” (181a), e que ele “volta-se preferencialmente não à fêmea e sim ao macho” e “é o Eros que promove o contato com moços” (181c): são a deusa e o deus do amor heroico, mãe e filho. Para as últimas citações, remetemos à edição: PLATÃO. *O Banquete*. Porto Alegre. L&PM, 2010.

que consultou para conhecer, compreender, e criar seu narrador-protagonista, Yourcenar revela:

Algumas passagens da *Carta de Arriano ao imperador Adriano por ocasião do périplo do mar Negro*, que contêm alusões [à dor que o imperador havia sentido quando morrera Antínoo], foram incorporadas [a *Memórias de Adriano*], concordando a autora com a opinião dos eruditos que acreditam, de forma geral, na autenticidade daquele texto. (p. 283)

A carta, que, na interpretação da romancista, conteria alusões que, na ficcionalização romanesca, foram incorporadas ao referido “relatório do governador da Pequena Armênia”, consiste no texto também conhecido como *Périplo do Ponto Euxino*.²⁶ Em certa passagem desse documento antigo, seu autor menciona uma ilha, conhecida como ilha de Aquiles, na qual, em um templo consagrado a esse herói, os navegantes de passagem faziam oferendas a ele, bem como a seu amado companheiro Pátroclo: “de fato, aqueles que desejam agradar a Aquiles honram Pátroclo juntamente com Aquiles”.²⁷ No livro XVIII da *Ilíada* de Homero, o herói Aquiles é tomado de profunda dor após a morte de seu amado companheiro de armas. No *Périplo*, Arriano relata a Adriano certos ecos, longínquos no tempo e no espaço, desse mito arcaico:

Dizem que Aquiles aparece em sonho àqueles que aportam na ilha (...); há quem diga haver visto também Pátroclo em sonho (...). Estou convencido de que Aquiles é um herói (...), pelo fato de que Homero o celebra, e de ser ele um apaixonado, e companheiro ao ponto de desejar morrer ao morrer um jovem amigo.²⁸

²⁶ Doravante *Périplo*. Disponível em <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/arrien/periplegr>>. Acesso em 27 jan. 2013.

²⁷ Arriano, **Périplo do ponto Euxino**, XXXII: (...)καὶ γὰρ καὶ τὸν Πάτροκλον τιμῶσιν σὺν τῷ Ἀχιλλεΐ ὅσοι τῷ Ἀχιλλεΐ χαρίζεσθαι ἐθέλουσιν. Tradução nossa, feita a partir da seguinte edição bilíngue grego-francês: ARRIEN. **Périples de la mer noire**. Tradução de Henri Chotard. Paris: Editor Auguste Durand, 1860. Disponível em <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/arrien/periplegr>>. Acesso em 27 jan. 2013.

²⁸ Arriano, **Périplo do ponto Euxino**, XXXIV: Φαίνεσθαι δὲ ἐνύπνιον τὸν Ἀχιλλέα τοῖς μὲν προσχοῦσι τῇ νήσῳ (...); Οἱ δὲ καὶ τὸν Πάτροκλόν σφισιν ὀφθῆναι ἐνύπνιον λέγουσιν (...). Ἀχιλλέα γὰρ ἐγὼ πείθομαι εἶπερ τινὰ καὶ ἄλλον ἥρωα εἶναι (...) τῇ Ὀμήρου ἐπ' αὐτῷ ποιήσει καὶ τῷ ἐρωτικὸν γενέσθαι καὶ φιλέταιρον, ὥς καὶ ἐπαποθανεῖν ἐλέσθαι τοῖς παιδικοῖς. Tradução nossa.

Nessa carta-relatório ao imperador, não nos parece que a alusão a Antínoo seja tão patente e inequívoca quanto Yourcenar a considera na *Nota*, e a torna mediante a ficcionalização de dados da passagem. Em função do próprio acúmulo com outras tantas imagens evocativas daquela “Grécia amorosa e heróica”, a apropriação romanesca resulta em uma evidenciação das associações interpretativas da autora.

Arriano era um conterrâneo de Antínoo (da região da Bitínia), e a narrativa das memórias de Adriano associa o sotaque que manifestam na língua grega ao do poeta épico Homero, que celebrou, na referida *Ilíada*, o amor e a dor do herói Aquiles por seu amigo Pátroclo, morto jovem. O personagem do imperador diz sobre Arriano:

Esse leitor assíduo dos diálogos socráticos não ignorava coisa alguma das reservas de heroísmo, devotamento e, por vezes, de sabedoria com que a Grécia soube enobrecer a paixão pelo amigo. Sempre tratou meu jovem favorito com terna deferência. Os dois bitínios falavam o suave dialeto da Jônia, de desinências quase homéricas (...). (p. 141)

A associação entre o amor de Adriano ao efebo morto precocemente e o chamado amor grego, evocado em diálogos socráticos como, por exemplo, *O Banquete*, de Platão, encontra ainda outros ecos e paralelismos ao longo da obra. O “melhor amigo” (p. 140) do imperador, Arriano, é caracterizado enquanto cumprindo um papel de confidente, sobretudo após a morte de Antínoo:

[Arriano] conservava uma recordação fascinante e grave do bitíneo; eu o via com satisfação colocar esse amor, de que fora testemunha, na categoria das grandes dedicações recíprocas de outrora. (p. 191)

Abrindo o último capítulo do romance, o relatório do governador da Pequena Armênia sobre a inspeção recém-concluída pelo ponto Euxino (isto é, o mar Morto), texto calcado em larga medida sobre o escrito original de Arriano, o *Périplo*, adquire uma função importante no exame de consciência que Adriano empreende através do relato de suas memórias. Após a citação direta (no plano ficcional) do relato que

acaba de receber do amigo,²⁹ o memorialista avalia o efeito sobre si próprio que teve a leitura do que aquele lhe diz ali:

[Arriano] ofereceu-me um dom necessário para morrer em paz. Enviou-me uma imagem da minha vida tal como eu a desejaria. (...) Vista por ele, a aventura da minha existência adquire um sentido, organiza-se como num poema (...). Arriano abre-me o profundo empíreo dos heróis e dos amigos (...). Meu passado, sem dúvida, propõe-me aqui e ali refúgios, onde pelo menos escapo a uma parte das misérias do presente (...). Mas esses lugares tão caros estão associados, com demasiada frequência, às premissas de um erro, de uma decepção, de certo fracasso conhecido somente de mim mesmo (...). Arriano oferece-me coisa melhor. Em Tibure, em pleno maio ardente, ouço nas praias da ilha de Aquiles o longo queixume das vagas; aspiro seu ar puro e frio; vagueio sem esforço no átrio do templo banhado pela umidade marinha; avisto Pátroclo. . . Aquele lugar, que jamais verei, torna-se minha morada secreta, meu supremo refúgio. Estarei lá certamente no momento da minha morte. (pp. 236-237)

Procedemos à exposição que ora concluímos para dar a perceber a complexidade do trabalho de entretecimento de textos e dados empreendido pela autora de *Memórias de Adriano* na reconstituição do ideário do imperador para a criação do pensamento de seu personagem. Essa característica do romance é o que permite e justifica a abordagem que proporemos adiante, onde expomos o aporte teórico de nosso estudo.

Passamos agora a uma breve exposição de alguns estudos que foram publicados sobre a obra de Marguerite Yourcenar em geral, e sobre *Memórias de Adriano*, em específico.

²⁹ O verbo no presente do indicativo em “Arriano escreve-me” tem também a função de reconduzir a meditação memorialística ao momento de enunciação de onde havia partido, isto é, ao tempo presente em que o imperador moribundo escreve. *Memórias de Adriano* se inicia ao modo epistolar pela interpelação de um destinatário - “[m]eu caro Marco” (p. 9) -, e o último capítulo do romance, *Patientia*, se inicia por uma frase no tempo presente que introduz um discurso também epistolar, mas de que Adriano é o destinatário. Entre um e outro desses momentos, o discurso do narrador tendeu a afastar-se, em geral, do caráter epistolar – Marco Aurélio é interpelado apenas espaçadamente ao longo do romance – e aprofundar-se em um caráter de autoavaliação pessoal: e a carta do amigo Arriano traz o memorialista para o momento de encerrar seu mergulho introspectivo retrospectivo e acertar suas contas com o passado.

1.2. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A fortuna crítica a respeito de *Memórias de Adriano* é extensa, havendo estudos sobre a figuração da iconografia, do estatuário, da arquitetura, da homossexualidade, entre outros tantos temas, no romance de Marguerite Yourcenar. Em nossa pesquisa não encontramos, entretanto, qualquer estudo que aborde *Memórias de Adriano* à luz das categorias da *hipertextualidade*, conforme definidas por Gérard Genette em *Palimpsestos*, abordagem que constitui o interesse do presente estudo.³⁰ A maior parte da extensa fortuna crítica, então, por não tratar da relação do romance de Yourcenar com os textos que o precedem e informam, ofereceram pouco subsídio para nosso estudo. Nesta breve revisão bibliográfica, decidimos expor somente dois estudos que nos parecem de particular interesse: o primeiro, por focar *Memórias de Adriano* no quadro da obra romanesca de Yourcenar em geral, tecendo considerações sobre as opções narratológicas da autora ao longo de sua produção literária. O segundo, por apresentar uma perspectiva com a qual não concordamos integralmente, mas que tem, a nosso ver, a qualidade de introduzir um inusitado questionamento do teor de veracidade do discurso do narrador-protagonista do romance - questionamento a nosso ver muito pertinente e relevante – não encontramos qualquer outro estudo que sugira um tal questionamento. Vejamos então quanto ao primeiro estudo.

Em “*Marguerite Yourcenar: de la première à la troisième personne*”, Claude Benoit, da Universidade de Valencia, Espanha, analisa “as formas narrativas mais usuais” da produção romanesca da autora, buscando “detectar as constantes e as variações, para tentar compreender as razões que determinam a evolução de suas escolhas estéticas”.³¹ Benoit aborda então as seguintes narrativas: *Alexis ou o tratado do vão combate* (1929), *La nouvelle Eurydice* (1931), *Denário do sonho*

³⁰ Descreveremos adiante, entre os itens 1.3 e 1.8 desta Parte I de nossa exposição, o aporte teórico genettiano utilizado em nosso estudo.

³¹ BENOIT, C. “*Marguerite Yourcenar: de la première à la troisième personne*”, p. 35. Tradução nossa. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

(1934) e *Golpe de misericórdia* (1939), *Memórias de Adriano* (1951), *A obra em negro* (1968), *Ana, Soror...* (escrito em 1925, publicado em 1982, em *Como a água que corre*) e *Um homem obscuro* (redação terminada em 1981, publicado em 1982 em *Como a água que corre*).³² Para sua análise, Benoit parte da visão bakhtiniana da relação forma/conteúdo, e a equipara à visão yourcenariana dessa relação:

É evidente que não se pode dissociar a forma do conteúdo, sendo que é o conjunto desses elementos que confere ao objeto estético sua unidade constitutiva específica. Como assinala M. Bakhtin, “(...) Antes de mais nada, é importante (...) que se compreenda a forma e o conteúdo em sua inter-relação essencial e necessária, que se compreenda a forma como forma do conteúdo e o conteúdo como conteúdo da forma. A partir daí somente poder-se-á proceder convenientemente à análise estética concreta das obras particulares”. E é nesse sentido que se expressa a própria M. Yourcenar, quando declara a P. de Rosbo: “Na verdade, para mim, não há antítese entre fundo e forma. A forma de um ser é o aspecto visível, tangível de sua natureza (...) a forma não é senão o fundo tornado visível e a essência tornada palpável”.³³

Com essa visão em mente, Benoit investiga “a relação que existe entre cada romance e sua modalidade literária, entre o movimento semântico do texto e sua representação formal”.³⁴ Além disso, ela tece comentários sobre “[a] participação da autora enquanto personalidade criadora que imprime ao romance sua tensão interior e torna-se parte constituinte da forma ao individualizá-la”. No ver de Benoit, os personagens de Yourcenar são “antes de mais nada personagens pensantes” e em vista desse fato o seu estudo se volta em particular para “os modos de

³² YOURCENAR, m. *Como a água que corre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

³³ Il est évident qu'on ne peut dissocier la forme du contenu, l'ensemble de ces deux éléments étant ce qui confère à l'objet esthétique son unité constitutive spécifique. Comme le signale M. Bakhtine, “... Avant tout, il importe (...) de comprendre la forme et le contenu dans leur interrelation essentielle et nécessaire, de comprendre la forme comme forme du contenu et le contenu comme contenu de la forme (...). À partir de là seulement l'on pourra conduire comme il convient l'analyse esthétique concrète des oeuvres particulières”. Et c'est en ce sens que s'exprime M. Yourcenar elle-même, lorsqu'elle déclare à Patrick de Rosbo: “En réalité pour moi, il n'y a pas d'antithèse entre fond et forme. La forme d'un être est l'aspect visible, tangible de sa nature” (...). La forme n'est autre chose que le fond rendu visible et l'essence rendue palpable”. As citações de Bakhtin e Rosbo encontram-se em BENOIT, *op. cit.*, p. 35. Benoit oferece as referências: BAKHTINE, Mikhaïl. **Esthétique et théorie du roman**, **bibliothèque des idées**, Gallimard, 1978, pp. 81-82; e ROSBO, P. **Entretiens radiophoniques**. Mercure de France, 1972, pp. 15-16. Tradução nossa.

³⁴ *Idem, Ibidem*. Tradução nossa.

representação que revelam implícita ou explicitamente a *vida interior* dos personagens”.³⁵ Apoiando-se na afirmação de Yourcenar de que

[e]m certo sentido, toda vida, quando narrada, é exemplar; escrevemos para atacar ou para defender um sistema do mundo, para definir um método que nos é próprio. E não é menos verdade que pela idealização ou pela crítica mordaz a todo custo, pelo detalhe fortemente exagerado ou prudentemente omitido, desqualificam-se quase todos os biógrafos: o homem construído substitui o homem compreendido. (p. 271)

Benoit se interessa pela “função das diversas formas autobiográficas, da biografia na terceira pessoa, ou o papel que desempenham as sentenças e as generalizações, tão frequentes nos romances de M. Yourcenar”. Dos oito romances abordados por Benoit em seu estudo, quatro são narrados na primeira pessoa, “cada qual oferecendo uma variante da modalidade autobiográfica”.³⁶ *Alexis ou o tratado do vão combate* (doravante *Alexis*), o primeiro publicado, partilha com *Memórias de Adriano*, publicado vinte e dois anos mais tarde, a forma epistolar. A narrativa de *Alexis* consiste em uma carta do personagem-título a sua esposa, Monique, na qual confessa sua homossexualidade, e busca explicações para esta ao relatar sua vida. Benoit observa que o processo o auxilia a se aceitar. No tempo que transcorreu entre as publicações desses dois romances, a autora escreveu e lançou duas outras narrativas de primeira pessoa: *La nouvelle Eurydice*, narrativa retrospectiva de uma experiência amorosa, e *Golpe de misericórdia*, monólogo em que um homem relata um acontecimento trágico de sua juventude. Em todas essas narrativas, observa Benoit, “é geralmente um narrador lúcido e reflexivo que partilha suas experiências tais quais as vivenciou, mas plenamente consciente da distância que o separa de seu eu anterior”.³⁷ Benoit cita Dorrit Cohn, que observa que o narrador de primeira pessoa “sabe tudo o que lhe aconteceu depois, e (...) tem toda a liberdade de

³⁵ *Idem*, p. 36. Tradução nossa.

³⁶ *Idem*, p. 37. Tradução nossa.

³⁷ *Idem, ibidem*

percorrer nos dois sentidos o eixo temporal que liga essas duas subjetividades [as suas, passada e a presente]”.³⁸ Segundo Benoit,

É nessa distância temporal que reside *um dos aspectos mais significativos do romance de forma autobiográfica*: a organização da temporalidade está em relação direta com a lógica interna do personagem; é através dela que conhecemos suas *motivações* profundas, sua *evolução* psicológica, a *preponderância* de suas lembranças, e seu *modo pessoal* de expressar sua interioridade.³⁹

No caso dos quatro romances em foco, todos seguem, conforme Benoit, mais os menos o modelo clássico, apresentando uma progressão cronológica dos acontecimentos, com variantes. Os dois romances epistolares apresentam suas narrativas retrospectivas enquadradas por discursos no presente, o que se explica, no ver de Benoit, porque “[e]m ambos os casos, um fato capital leva o personagem a escrever sua vida passada”⁴⁰ – no caso de Alexis, a ruptura com a esposa; no de *Memórias de Adriano*, o agravamento da doença do imperador, e a proximidade da morte. *La nouvelle Eurydice* e *Golpe de misericórdia* têm muito em comum com os dois romances epistolares: embora abordem períodos de tempo mais curtos, ambos apresentam uma organização cronológica, com uma ordem progressiva coerente dos acontecimentos, e em ambos “uma experiência trágica leva o personagem a tornar-se narrador e escrever ou contar um período mais ou menos distante no seu passado”.⁴¹ Apesar dessas similaridades, *La nouvelle Eurydice* apresenta uma distinção em relação aos outros três que dá a Benoit a ocasião de demonstrar por que modos “a psicologia do narrador pode condicionar as modalidades de seu relato”.⁴² Esse romance, à diferença dos demais em nosso foco, não se dirige a um destinatário específico, e a narração retrospectiva prescinde de preâmbulos no

³⁸ COHN, D. **La transparence intérieure**. Seuil, 1981, pp. 169-170. *Apud* BENOIT, *op. cit.*, p. 37, nota 13. Tradução nossa.

³⁹ BENOIT, *op. cit.*, p. 37. Tradução e grifos nossos.

⁴⁰ *Idem*, p. 38. Tradução nossa.

⁴¹ *Idem, ibidem*. Tradução nossa.

⁴² *Idem*, p. 39. Tradução nossa.

presente. Entretanto, ao longo da narrativa, acontece de situações passadas serem expressas com verbos no presente histórico, e então, por vezes, quando pensamentos do personagem ou um monólogo em estilo direto vêm se justapor ao presente histórico, o leitor pode se perguntar se se trata de pensamentos antigos ou presentes do narrador. Benoit oferece a seguinte análise:

Stanislas [o narrador em questão] não adota jamais a distância de um Alexis, de um Adriano ou de um Eric face a seu passado. A confusão de suas ideias e de seus sentimentos, a vivacidade de suas lembranças, as inumeráveis questões que ele põe a si próprio no decorrer de sua narrativa mostram bem que não se trata de um narrador desapegado de seu eu anterior, mas de um ser que busca reviver os acontecimentos em toda sua intensidade. Isso explica a grande quantidade de diálogos (cerca de um quinto do texto) reportados em estilo direto, que atualizam a conversa e a situação evocadas.

Voltando a seguir a falar do conjunto dos romances yourcenarianos na primeira pessoa, Benoit observa que, neles, a interveniência do tempo presente de parte do narrador

(...) com frequência se alarga em um presente atemporal, o presente gnômico das generalizações. De fato, os personagens yourcenarianos mostram uma tendência para comentários de ordem geral, que derivam às vezes em longas digressões. O discurso toma então a dianteira em relação à história, e o narrador abandona momentaneamente a narrativa dos acontecimentos para entregar-se a uma espécie de monólogo. Alexis, por exemplo, põe-se a filosofar sobre a vida (...), o sofrimento (...); Adriano, no início de sua carta, entrega-se a meditações sobre a renúncia aos prazeres, sobre o amor, sobre o sono, depois expõe suas ideias sobre o poder, a justiça, as artes; sua narrativa se interrompe para meditar longamente sobre a morte de Antínoo e a sua própria; Eric [de *Golpe de misericórdia*] fala da felicidade, das mulheres, da homossexualidade, da guerra; quanto a Stanislas [de *La nouvelle Eurydice*], ele expressa suas opiniões sobre o desejo, as sensações, as lembranças, o tempo, a vida, a morte... Para eles, a retrospectiva é motivo de reflexão e de generalização. Ora são longos desenvolvimentos discursivos que seguem um raciocínio dedutivo, como em *La nouvelle Eurydice*, ora máximas ou sentenças lapidárias (...).⁴³

⁴³

Idem, p. 40. Tradução nossa.

Em *Golpe de misericórdia* O monólogo do personagem-narrador Eric diante de um auditório silencioso, exerce, no ver de Benoit, uma função libertadora, catártica: “a autoacusação ajuda o personagem a exorcizar suas obsessões e a apaziguar seus remorsos”.⁴⁴

Stanislas, de *La nouvelle Eurydice*, escreve para si próprio, “para tentar entender os fatos revivendo passo a passo as estranhas circunstâncias da morte de seus dois amigos”, e Benoit observa que nesse romance “[a] narrativa autobiográfica se torna busca cognitiva, elucidação dos enigmas que obscurecem os acontecimentos, análise dos sentimentos e dos estados psicológicos do próprio personagem, em busca de entendimento e de verdade”. Stanislas lança mão do “presente gnômico das generalizações” ao afirmar que “[u]samos uma parte de nossas vidas em busca das causas”,⁴⁵ comentário que muito se assemelha ao do narrador de *Memórias de Adriano*, quando diz que “[u]ma parte de cada vida, e mesmo das vidas pouco dignas de atenção, passa-se à procura das razões de ser, dos pontos de partida, das origens” (p. 27). Outras generalizações dos narradores pseudo-autobiográficos de Yourcenar remetem umas às outras. Em entrevista a Matthieu Galey, Yourcenar fala em “ecos” que há de um romance para outro, e cita, da sua própria obra:

“Toda felicidade é uma inocência”, diz Alexis. Adriano, por sua vez, diz: “Toda felicidade é uma obra prima”. Não é de modo algum a mesma coisa, mas são coisas da mesma ordem. Entre as duas formulações, há evidentemente a interposição da minha própria experiência.⁴⁶

Referindo-se aos comentários de ordem geral, às longas digressões reflexivas e generalizantes de que falamos acima, Benoit observa que “[é] justamente nessa atividade *discursiva* do narrador que se manifesta a ideologia de M. Yourcenar. Em seus romances de forma autobiográfica, ela utiliza a voz do personagem-narrador

⁴⁴ *Idem*, p. 41. Tradução nossa.

⁴⁵ YOURCENAR, M. **La nouvelle Eurydice**, Grasset, 1931, p. 219. *Apud* BENOIT, *op. cit.*, p. 41. “On use une partie de sa vie à la recherche des causes”. Tradução nossa.

⁴⁶ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 149

para transmitir sua ética". Por outro lado, ao fazerem a narrativa do seu passado, os personagens yourcenarianos desejam, segundo Benoit, "defender suas ideias, justificar ou condenar seus atos, buscar um sentido para sua vida", e a analista conclui que "cada uma das formas autobiográficas cumpre uma função específica".⁴⁷ A função da narrativa de *Memórias de Adriano*, para Benoit, é "mais complexa" e evolui do "tom de confiança ou de confissão" do início epistolar para "a exposição de uma moral" e de "um modelo de vida", com o "progressivo desaparecimento das marcas do destinatário".⁴⁸ Antes de passar à análise dos quatro romances na terceira pessoa, Benoit oferece um parecer sobre o conjunto dos escritos na primeira pessoa:

[o]s objetivos da autora parecem ter evoluído desde Alexis. Após a carta/confidência como meio de dar a conhecer ao outro o seu eu secreto e escondido, a carta de Adriano *não se limita* mais à revelação de uma interioridade. Ela se metamorfoseia em narrativa *exemplar*, destinada a si próprio e a todos. A pintura do homem por ele próprio, contemplando sua vida "de modo a abranger com um único olhar a curva inteira", torna-se um pretexto para expor e *defender uma linha de conduta e uma atitude vital*. Não é mais a forma autobiográfica em si, mas sim o relato de vida, a biografia, que realiza a transmissão da ideologia yourcenariana.⁴⁹

⁴⁷ BENOIT, *op. cit.*, p. 40. Tradução nossa.

⁴⁸ *Idem*, pp. 41-42. Tradução e grifos nossos.

⁴⁹ *Idem*, p. 42. Tradução nossa. Na última frase da citação, deve-se entender por "forma autobiográfica" essa forma de narrativa na primeira pessoa que caracteriza os quatro romances analisados, embora não sejam todos exatamente pseudoautobiográficos: *La nouvelle Eurydice* e *Golpe de misericórdia*, como foi observado, narram apenas alguns episódios da história dos personagens, e mesmo Alexis não tem, como tem Adriano, toda uma vida longa atrás de si para narrar. Quanto a outro ponto, embora vejamos grande interesse na análise de Benoit, permitimo-nos discordar pontualmente quanto a que a narrativa de Adriano se destine "a todos". Embora no ensaio *Tom e linguagem no romance histórico* (YOURCENAR, M. **O tempo, esse grande escultor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 32) a autora declare que Adriano se dirija ao "*homem em si*", isso não significa "todos", mas sim, nas palavras do próprio ensaio, "um interlocutor ideal", e o "*homem em si*" "simbolizava a bela quimera das civilizações até nossa época". Concordamos que em parte o discurso de Adriano tem função "exemplar", mas é sobretudo exemplar para o homem de Estado, ou para homens de Estado, o que não exclui que haja reflexões sobre a vida que possam funcionar exemplarmente, senão para "todos", pelo menos para muitos. Não é de maneira "exemplar" senão para o homem de Estado que Adriano comenta que fez publicar um relatório oficial dos seus atos no qual mentiu e retocou certos fatos: é o estadista que, no interesse público e no da decência é aconselhado aí a flexibilizar princípios. Obs: a frase citada na passagem de Benoit é uma citação do *Caderno de notas* (p. 258).

No período que segue a publicação de *Memórias de Adriano* em 1951, Marguerite Yourcenar abandona a forma autobiográfica, e se dedica às técnicas literárias do romance na terceira pessoa. Benoit analisa a estrutura dos romances *Denário do sonho*, *A obra em negro*, *Ana*, *Soror...* e *Um homem obscuro*. Não aprofundaremos aqui a descrição dessas obras, pois o que nos interessa no presente estudo são sobretudo as observações já apresentadas sobre as variações na obra romanesca “de forma autobiográfica” de Yourcenar. Limitamo-nos a mencionar que, em *Denário do sonho* e *Ana*, *Soror...*, romances polifônicos com focalização variável⁵⁰ e temporalidade não cronológica, Benoit considera que as inovações formais que esses romances apresentam “indicam uma mudança de ótica, uma visão de mundo que se ampliou”, e que Yourcenar abandona “os problemas estritamente pessoais dos romances anteriores para penetrar na realidade do mundo exterior”.⁵¹ *A obra em negro* e *Um homem obscuro*, por seu turno, são “biografias que retraçam a vida inteira do herói (...) segundo a modalidade clássica do romance na terceira pessoa”. *A obra em negro* é um romance polifônico, com diálogos, estilo direto, indireto e indireto livre,⁵² e não se organiza segundo as regras do gênero biográfico quanto ao tempo, à cronologia. No ver de Benoit,

Ao adotar essa nova técnica biográfica, M. Yourcenar quer mostrar a complexidade da própria vida, e a impossibilidade de fixar o indivíduo em uma progressão vital lógica se se quer dar conta fielmente dos avatares de sua evolução psicológica.⁵³

Um homem obscuro, por sua vez, é uma narrativa cronologicamente linear, onde “o discurso desaparece em proveito da história”,⁵⁴ quase não há diálogos, o narrador é onisciente e narra em estilo indireto e indireto livre misturados no que

⁵⁰ BENOIT, *op. cit.*, p. 44. Tradução nossa.

⁵¹ *Idem, ibidem*. Tradução nossa.

⁵² *Idem*, p. 45. Tradução nossa.

⁵³ *Idem*, p. 46. Tradução nossa.

⁵⁴ *Idem, ibidem*. Tradução nossa.

Benoit denomina monólogo autonarrativizado. Através dessas técnicas narrativas, diz Benoit,

(...) é a própria essência do personagem que transparece, e a progressão deste em direção ao despojamento e o silêncio total. (...) Por intermédio de seu personagem a autora parece pôr em dúvida o poder da linguagem e a utilidade da comunicação.⁵⁵

Em *Le Cours des devises in Marguerite Yourcenar's Memoires d'Hadrien*,⁵⁶ Jeanine S. Alesch parte da observação de que o personagem de Adriano “pretende usar seu texto como um *meio* de atingir algumas verdades *imprevistas* sobre si próprio e sua vida”, colocando a narrativa “a serviço de um processo *aberto* de autoanálise e autodefinição”, para identificar uma dualidade na narração:

Narrar lhe permite falar de fatos, potencialidade e ilusão concomitantemente, e misturar essas três facetas da experiência humana produz o *retrato mais verdadeiro ou mais preciso da vida de uma pessoa*. Por outro lado, narrar arrisca criar a *ilusão de ordem* onde de outro modo não há nenhuma (...).⁵⁷

É sobre essa “ilusão de ordem” que versa o artigo de Alesch. Segundo ela, a despeito da rejeição que Adriano manifesta em relação ao fato de que “[a] maioria dos homens prefere resumir sua vida numa fórmula” (p. 25), também ele próprio teria multiplicado “fórmulas” ao longo de sua narrativa, em inscrições, legendas monetárias, e nas afirmações em tom de máxima que constituem boa parte do seu discurso.

Alesch observa a parte negativa de opinião que Adriano manifesta em relação à palavra escrita: além de afirmar que os livros mentem (p. 24), também as inscrições que grava pelo império, segundo a leitura de Alesch, ele “associa com rigidez e perda de nuance”.⁵⁸ A despeito de sua desconfiança para com a palavra

⁵⁵ *Idem*, p. 47. Tradução nossa.

⁵⁶ ALESCH, J. *Le Cours des devises in Marguerite Yourcenar's Memoires d'Hadrien*. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/398361>>. Acesso em 27 jan. 2013.

⁵⁷ ALESCH, *op. cit.*, p. 877. Tradução e grifos nossos.

⁵⁸ *Idem, ibidem*. Tradução e grifos nossos.

escrita, entretanto, Adriano se dispõe a narrar sua vida, e uma qualidade do estudo de Alesch está em levantar a hipótese de que também a sua narrativa, que pretensamente busca o autoconhecimento, cai em algumas armadilhas, e em algum ponto falha em atingir a verdade.

De nossa parte, discordamos quanto a que o memorialista utilize “fórmulas” na aceção em que Alesch o entende, isto é, “fórmulas” do mesmo tipo dessas nas quais, conforme Adriano, a maioria dos homens resume sua vida. Os exemplos fornecidos por Alesch para o que seriam, no seu ver, as “fórmulas” de que Adriano lança mão em sua narrativa, - inscrições, máximas e legendas monetárias, - não são, na nossa opinião, exemplos do tipo de “fórmula” a que se refere o narrador. Este especifica que o tipo a que se refere constitui “não raro uma fórmula de louvor ou uma queixa, e quase sempre uma recriminação”, e sobretudo, prestam-se a resumir toda uma vida. Já as “fórmulas” referidas por Alesch são em parte percebidas por ela própria como propaganda imperial – pelo menos as inscrições e legendas. Por outro lado, também não vemos na narrativa de Adriano respaldo para a afirmação de Alesch de que Adriano “manipula com sucesso os rumores e aquilo que os biógrafos escrevem sobre ele”, por esse modo sobrepujando o caráter redutor da “fórmula”, e escapando ao controle desta.⁵⁹ Consideramos ainda um tanto quanto exagerada a ideia expressa por Alesch de que supostas “verdades monumentais” de Adriano sejam “ameaçadas sem cessar por formas encobertas de comunicação”, como correios secretos e boatos. Quanto a correios secretos, há os de seus inimigos, mas que não ameaçam “verdades” de sua narrativa,⁶⁰ embora hajam um dia constituído ameaça à sua vida, ou à sua ascensão ao poder. Quanto a boatos, também não ameaçam presentemente a sua narrativa memorialística, embora vão se encontrar, muito tempo depois, nos dois historiadores antigos de seu reinado.

⁵⁹ *Idem*, p. 878. Tradução e grifos nossos.

⁶⁰ Que, aliás, convém lembrar, é retrospectiva, e esses inimigos estão mortos quando Adriano escreve.

Interessa-nos, no entanto, a observação de Alesch quanto a que o jogo com a revelação ou não da verdade pelo homem público é tematizado na narrativa que Adriano dirige a Marco. O é, a nosso ver, por compreensíveis razões; razões, por assim dizer, didáticas; assim, o imperador memorialista instrui o futuro imperador com seu exemplo ao comentar que o relatório de atos públicos que havia publicado anteriormente, por ter um caráter oficioso, continha certos rearranjos da verdade dos fatos; ou que a notícia da morte de Trajano lhe chegara primeiramente por meio de uma carta sigilosa, para somente dois dias mais tarde constar em uma carta oficial; e ainda, que antes de sua adoção por Trajano, para manter-se informado, ele por um momento havia precisado depender dos comandados de um inimigo; e que sempre tomara precauções para garantir a inviolabilidade da sua correspondência com aliados; e que fora por haver interceptado determinadas comunicações que Atiano o havia possivelmente salvo de um complô... Apesar do acerto de Alesch em apontar a recorrência da tematização de certas vicissitudes das comunicações na narrativa de Adriano, consideramos exagerada a ênfase que a articulista dá, na interpretação da obra como um todo, ao que seria uma luta de Adriano contra essa comunicação fora do seu controle, espécie de entropia que viria de encontro ao seu próprio desejo de ser a fonte única de informação, de modo a impor suas visões.

Interessa-nos a observação de que o tom de máxima de muitas frases de Adriano pauta uma narrativa que se pretende declarativa da verdade das coisas, o que permite que um determinado aspecto da análise de Alesch ganhe um desenvolvimento que nos parece pertinente, a saber, a sua ideia de que o discurso de Adriano, que inicialmente transmite uma imagem de autoconfiança - também discursiva: uma voz, um tom, autoconfiante -, no decurso da narrativa vem a vacilar. Vacilariam suas verdades, sua visão de mundo. Segundo Alesch,

[o]s pronunciamentos no tom de máximas de Adriano, que aparecem com frequência em sua carta, tanto se beneficiam da neutralidade ostensiva de sua prosa quanto contribuem para ela. (...) Embora a máxima, por sua natureza mesma, possa parecer extremamente autoritária, mesmo nesse ponto Adriano apaga a si próprio como criador ou “autor”. Ele alega que elas são verdades eternas que ele simplesmente descobriu e pôs em prática, e cria a impressão de que

as verdades, tanto do Império romano quanto as suas próprias, pessoais, são eternas e intemporais.⁶¹

Neste ponto a análise de Alesch faz lembrar certas observações de Claude Benoit, que reservamos para esta comparação. Ao fim de sua análise dos romances na primeira pessoa da primeira fase da obra yourcenariana, Benoit diz, incluindo uma citação de Edmonde Magny, que é onde está aquilo que nos parece convergir com o entendimento de Alesch: “[e]m seus romances de forma autobiográfica, [Yourcenar] utiliza a voz do personagem-narrador para transmitir sua ética, a partir de uma experiência individual ‘cuja *ilusória universalidade* permite que melhor se a *imponha* ao leitor’”⁶². Como conclusão geral de seu artigo, Benoit oferece um resumo de como vê a evolução da obra romanesca de Yourcenar:

Após haver escolhido, provavelmente influenciada pelo modelo da narrativa gideana, a *técnica da escrita na primeira pessoa pela qual o personagem se afirma diante do mundo*, por meio do discurso autobiográfico, Marguerite Yourcenar voltou-se para a narrativa tradicional de seus primeiros esboços. Sem dúvida ela é desses que pensam que essa forma romanesca não tem os *limites de subjetividade e de parcialidade* que pesam sobre o romance de primeira pessoa. Depois de ter renunciado ao *discurso moralizante* e à *exposição narcísica do eu*, ela preferiu transmitir suas preocupações filosóficas, sociológicas e humanitárias através de narrativas de vida exemplares, através de seus personagens que vivem e interiorizam diretamente suas próprias experiências. A modalidade biográfica⁶³ adquire assim uma dimensão didática que responde à intenção profunda da romancista: propor um modelo de atitude vital para fazer o leitor refletir e ajudá-lo a assumir plenamente sua condição de homem.⁶⁴

Por último, registramos que concordamos com Alesch quanto a que, após a morte de Antínoo, convicções de Adriano são abaladas e seu discurso

⁶¹ ALESCH, *op. cit.*, p. 878

⁶² MAGNY, E. **Histoire du roman français depuis 1918**. Seuil, 1950, p. 75. Apud BENOIT. *op. cit.*, p. 40, nota 14. Tradução e grifos nossos

⁶³ No nosso entender, Benoit entende “biográfico” aqui por oposição a “autobiográfico” – relato de vida na terceira pessoa por oposição a relato de vida na primeira pessoa.

⁶⁴ BENOIT. *op. cit.*, p. 47 Tradução e grifos nossos.

desarticulado,⁶⁵ bem como minguar a fé que ele tem em sua própria ação. Vemos exagero, entretanto, na análise que lê motivações vingativas na atuação do imperador na guerra da Judéia: para Alesch, ele estaria fundamentalmente vingando-se da recusa do povo judeu em aceitar Antínoo como um deus, a nosso ver uma visão redutora quanto às motivações do personagem. Além disso, com o decorrer do tempo consideramos que o discurso de Adriano se recompõe, rematizadas as suas verdades, e ele recupera a fé que tem em sua própria ação.

Aproveitamos para mencionar aqui que há dois estudos, de um mesmo autor, Rémy Poignault, um sobre a perda e a recuperação do domínio de si, por parte do protagonista de *Memórias de Adriano*, o outro sobre a figuração da mitologia no romance, de que utilizamos aportes em nosso estudo, porquanto convergem bastante com ele no espírito, na medida em que investigam textos antigos que inspiraram Yourcenar na composição do relato memorialístico de Adriano. Trata-se, respectivamente, de “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”⁶⁶ e

⁶⁵ Em geral, a narrativa de Adriano avança com pouca repetição. Ao narrar os primeiros momentos vividos após a morte de Antínoo, entretanto, repete por quatro vezes “Antínoo estava morto”, como que ecoando a imagem de repetição evocada pela a frase que dissera pouco antes: “[n]os campos de prisioneiros, às margens do Danúbio, eu vira outrora alguns miseráveis, deitados junto a um muro no qual batiam a cabeça incansavelmente, num movimento selvagem, insensato e doce, repetindo sem cessar o mesmo nome” (pp. 174-175). A excepcional repetição aí nos parece um indício da desarticulação do discurso, ou pelo menos de uma alteração, ainda que transitória, no modo de articulação do discurso, um desconcerto. Não se deve perder de vista, entretanto, que o discurso é memorialístico, e se se desarticulou após a morte de Antínoo, vinha se recompondo desde então e até o momento em que o imperador moribundo se pôs a rememorar seus altos e baixos. Como vimos acima, após receber o relatório de Arriano no início do último capítulo do romance, o imperador comenta o efeito positivo que teve sobre ele a evocação, pelo amigo, do amor heroico de Aquiles e Pátroclo, e através deste, do de Adriano e Antínoo. Esse evento coroa o processo de recuperação do ânimo do personagem, que se sente a partir de então mais preparado para adentrar a morte “em paz” (p. 236). Assim como o personagem Alexis, do romance homônimo, segundo Claude Benoit, conforme também vimos acima, passaria a se aceitar ao fim de seu relato sobre sua vida, mediante o qual investiga as razões de sua homossexualidade, na carta em que a confessa a sua esposa Monique, também o memorialista moribundo ao fim de sua carta tornada retrospectiva autoavaliativa passa a aceitar melhor a perda de seu grande amor. O discurso se desarticulou um dia, vinha se rearticulando, e isso inscreve traços na nova e última camada de discurso que é o relato memorialístico, mas a desarticulação neste último é efeito do mergulho na rememoração dolorosa, é último traço do luto sendo feito, e é finalmente suplantada pela rearticulação.

⁶⁶ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

“*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”,⁶⁷ que não apresentamos mais extensamente aqui pois contribuíram com citações que entretecemos, quando a ocasião se apresentou, em nosso texto de análise.

O mesmo autor escreveu também, em parceria com Raymond Chevalier, o livro *L'Empereur Hadrien*,⁶⁸ que trata, não do imperador de Yourcenar, mas sim do Adriano histórico, e nos forneceu também indicações de textos antigos que contribuem com informações sobre a vida do imperador Adriano e seu reinado.

1.3. A TRANSTEXTUALIDADE DE GENETTE

Os vários modos de relação que o romance *Memórias de Adriano* mantém com os textos que o informam podem ser analisados mediante o conceito de *transtextualidade*, apresentado por Gérard Genette no livro *Palimpsestes: la littérature au second degré*, lançado em 1982. Genette define a *transtextualidade* como “transcendência textual do texto”, e explica que consiste em “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos”.⁶⁹ O teórico diferencia cinco tipos de relações *transtextuais*:⁷⁰ *intertextualidade*, *paratextualidade*, *metatextualidade*, *arquitextualidade* e *hipertextualidade*.

A *intertextualidade* é descrita como

(...) uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro.⁷¹

⁶⁷ POIGNAULT, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”. Disponível em <http://misraim3.free.fr/divers/les_memoires_d_hadrien.pdf>. Acesso em 27 jan. 2013.

⁶⁸ POIGNAULT, R; CHEVALIER, R. *L'Empereur Hadrien*, *op. cit.*, *passim*.

⁶⁹ GENETTE, G. **Palimpsestes: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 11

⁷⁰ *Idem*, p. 12

⁷¹ *Idem*, *ibidem*

Genette indica três formas de intertextualidade: a *citação* (“com aspas, com ou sem referência precisa”⁷²), o *plágio* (“um empréstimo não declarado, mas ainda literal”⁷³), e a *alusão* (“um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete”⁷⁴).

A *paratextualidade*, segundo Genette é uma

(...) relação (...) que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu *paratexto*: título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; *release*, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (...) o “pré-texto” dos rascunhos, esboços e projetos diversos, pode também funcionar como um paratexto (...).⁷⁵

A *metatextualidade*:

(...) é a relação, chamada mais correntemente de “comentário”, que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo. (...) É, por excelência, a relação crítica.⁷⁶

A *arquitectualidade* consiste em

(...) uma relação completamente silenciosa, que, no máximo, articula apenas uma menção paratextual (titular, como em *Poesias*, *Ensaio*, o *Roman de la Rose*, etc., ou mais frequentemente, infratitular: a

⁷² *Idem, ibidem*

⁷³ *Idem, ibidem*

⁷⁴ *Idem, ibidem*

⁷⁵ *Idem*, pp. 13-14

⁷⁶ *Idem*, pp. 14-15

indicação *Romance, Narrativa, Poemas*, etc., que acompanha o título, na capa), de caráter puramente taxonômico. Essa relação pode ser silenciosa (...) o próprio texto não é obrigado a conhecer, e por consequência declarar, sua qualidade genérica (...).⁷⁷

É para a análise das muitas formas que pode assumir o último tipo de *transtextualidade* que apresentaremos aqui, a *hipertextualidade*, que se encaminha predominantemente o estudo de Genette. Também em nossa análise de *Memórias de Adriano*, são sobretudo diversas práticas da *hipertextualidade* que interessam, sem que fiquem forçosamente excluídos comentários a respeito das demais relações *transtextuais* mantidas pelo romance.

A *hipertextualidade* é definida por Genette como “toda relação que une um texto B [*hipertexto*] a um texto A [*hipotexto*] do qual ele *brota* de uma forma que não é a do comentário”.⁷⁸ Observa-se aí uma distinção conceitual fundamental: no caso da *metatextualidade*, a relação que “une um texto a outro texto” é “chamada mais correntemente de ‘comentário’”.⁷⁹ O *metatexto* é, como o *hipertexto*, um “texto derivado de outro texto preexistente”,⁸⁰ mas ao passo que o *metatexto* “é não ficcional por essência”, o *hipertexto* “é quase sempre ficcional, ficção derivada de uma outra ficção, ou de um relato de acontecimento real”.⁸¹

Esta derivação pode ser de ordem descritiva e intelectual, em que um metatexto (por exemplo, uma página da *Poética* de Aristóteles) “fala” de um texto (*Édipo rei*). Ela pode ser de uma outra ordem, em que B não fale nada de A, no entanto não poderia existir daquela forma sem A, do qual ele resulta, ao fim de uma (...) *transformação*, e que, portanto, ele evoca mais ou menos manifestadamente, sem necessariamente falar dele ou citá-lo.⁸²

⁷⁷ *Idem*, p. 15

⁷⁸ *Idem*, p. 16

⁷⁹ *Idem*, p. 14

⁸⁰ *Idem*, p. 16

⁸¹ *Idem*, p. 141

⁸² *Idem*, p. 16

É igualmente importante deixar clara a diferença entre a *hipertextualidade* e a *intertextualidade*, em especial a forma menos explícita e literal desta, a *alusão*, definida por Genette, conforme vimos acima, como “um enunciado *cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação* entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete”.⁸³ Genette exemplifica tomando de empréstimo um exemplo que declara haver tirado do livro *Figures du discours*, de Fontanier, para o qual não fornece referência mais precisa. O exemplo diz:

(...) quando Boileau escreve a Luís XIV: ‘Au récit que pour toi je suis prêt d’entreprendre, Je crois voir les rochers accourir pour m’entendre’ - esses rochedos móveis e atentos vão parecer, certamente, absurdos para quem ignora as lendas de Orfeu e de Anfíon.⁸⁴

O caráter absurdo apontado por Genette não vale para a *hipertextualidade*:

(...) contrariamente à intertextualidade (...) o recurso ao hipotexto nunca é indispensável para a simples compreensão do hipertexto. Todo hipertexto, ainda que seja um pastiche, pode, sem “agramaticalidade” perceptível, ser lido por si mesmo, e comporta uma significação autônoma e, portanto, de uma certa maneira, suficiente.⁸⁵

1.4. A AUTONOMIA HIPERTEXTUAL DE MEMÓRIAS DE ADRIANO

Memórias de Adriano é um texto ficcional que *brotou* de textos ficcionais e não-ficcionais (o que inclui relatos de acontecimentos históricos), em relação aos

⁸³ *Idem*, p. 12. Grifo nosso.

⁸⁴ *Idem, ibidem*. Na nota 5, a tradução da UFMG oferece a seguinte tradução: “Na narrativa que por ti estou pronto a empreender,/Eu creio ver os rochedos acorrerem para me escutar”.

⁸⁵ *Idem*, pp. 141-142

quais mantêm uma significação autônoma e suficiente. “Mas suficiente não significa exaustiva”, diz Genette, e segue observando:

[h]á em todo hipertexto uma *ambigüidade* (...). Essa ambigüidade se deve precisamente ao fato de que um hipertexto pode ao mesmo tempo ser lido por si mesmo, e na sua relação com seu hipotexto. (...) esta ambigüidade tem seus graus: a leitura de *Ulisses* prescinde mais da referência à *Odisséia* do que um pastiche em referência ao seu modelo, e encontraremos entre esses dois polos todas as nuances que queiramos; a hipertextualidade é mais ou menos obrigatória, mais ou menos facultativa segundo os hipertextos. Mas seu desconhecimento retira sempre o hipertexto de uma dimensão real, e observamos freqüentemente com que cuidados os autores se previnem, ao menos pela via dos índices paratextuais, contra um tal desperdício de sentido, ou de valor estético.⁸⁶

E é justamente no *paratexto* que é a sua *Nota*, colocada na maioria das edições ao fim do volume que contém o romance propriamente dito, que Marguerite Yourcenar, antes de arrolar suas fontes de consulta (*hipotextos*), parece evocar a autonomia (*hipertextual*) de *Memórias de Adriano*, ao mesmo passo que previne, de certo modo, contra eventuais desperdícios de sentido e de valor:

[u]ma reconstituição deste gênero, isto é, feita na primeira pessoa e colocada na boca do homem que se pretendia apresentar, abrange dois aspectos simultâneos: o romance e a poesia; poderia, portanto, dispensar peças justificativas; contudo, seu valor humano é fortemente aumentado pela fidelidade aos fatos. O leitor encontrará adiante uma relação dos principais textos sobre os quais a autora se baseou para construir o livro. (p. 279)

No caso, o valor que a criadora parece buscar, não só salvaguardar de desperdícios, mas aumentar, extrapola o “estético”,⁸⁷ ou se lhe superpõe um valor “humano” que ela atribui à fidelidade na “reconstituição” de fatos históricos. Para respaldá-lo, Yourcenar relaciona então, na sequência da *Nota*, uma impressionante

⁸⁶ *Idem*, pp. 141-142

⁸⁷ Em entrevista a Patrick de Rosbo, Yourcenar expressa uma curiosa opinião, que achamos interessante reportar neste contexto: “[o] problema da forma desempenha um papel particular no pensamento crítico na França e, na minha opinião, damos-lhe muitas vezes um lugar importante demais. O respeito de nossos compatriotas pela literatura é tal que, quando se diz que um livro foi bem escrito, tudo foi dito. Na verdade, para mim, não há antítese entre fundo e forma”. ROSBO, P. **Entrevistas com Marguerite Yourcenar**, *op. cit.*, p. 15

quantidade de textos, que, segundo seu dizer, são os “principais”. Muitos mais podem ser identificados, que não constam na *Nota*.

O sentido e o valor estético que Genette atribui às obras *hipertextuais* – parece-nos que sobretudo àquelas cuja *hipertextualidade* é, no seu dizer, mais obrigatória - é um valor de sabor:⁸⁸ “a arte de ‘fazer o novo com o velho’ tem a vantagem de produzir objetos mais complexos e mais saborosos do que os produtos ‘fabricados’”,⁸⁹ diz. Aproveitamos a ocasião para observar, a título de curiosidade, que, em latim, o verbo *sapio* abarca os significados de “ter sabor de...” e de “saber”,⁹⁰ bem como em português, onde se pode falar em “saber a algo”, no sentido de ter o sabor desse algo.⁹¹ Há que saber saborear *hipertextualidade*: “[o] hipertexto nos convida a uma leitura relacional”, diz Genette. Além de derivar prazer do sabor da complexidade - que decerto pode encontrar-se igualmente em “produtos ‘fabricados’” de grande complexidade narratológica – “[o] prazer do hipertexto é também um *jogo*” a participar do qual o próprio *hipertexto* convida - jogo de relação, “inerente à prática da reutilização de estruturas existentes”, na medida em que “utilizar um (hipo)texto para fins exteriores a seu programa inicial é um modo de jogar com ele e de se jogar dentro dele”.

Parece-nos decorrer disto que vimos dizendo acima, que para Genette o prazer que se deriva da leitura de uma obra cuja *hipertextualidade* é mais “obrigatória” é um prazer que se deriva da “leitura” do(s) *hipotexto(s)* a ela subjacentes. A diferença da *alusão*, nesse sentido, é que, no caso desta, para o leitor que não conheça o objeto a que se *alude*, a compreensão não só não é plena, mas é insuficiente. No caso da *hipertextualidade*, mesmo que não se veja qualquer hipotexto por sob o *hipertexto*, a compreensão, ainda que não plena, será por definição sempre suficiente.

⁸⁸ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 143

⁸⁹ *Idem*, p. 142

⁹⁰ BUSSARELLO, p. 205

⁹¹ Cf. NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, p. 1531

Desejamos neste ponto propor algo. Antes de o fazermos, explanemos, exponhamos aquilo que nos inquieta no âmbito das disposições conceituais e/ou terminológicas de Genette. Senão vejamos. O termo *hipertextualidade*, por ser um tanto generalizadamente utilizado em *Palimpsestos* e no presente estudo, parece-nos perder em parte a força, por assim dizer, *alusiva* – força alusiva de remissão, de fazer pensar, automática e sistematicamente, no ato em si de apontar para algo subjacente ao texto. Lembramos que a definição inicial de Genette coloca que o *hipertexto* “brota” do *hipotexto*, mas nada diz, em caráter definidor, sobre qualquer característica intrinsecamente remissiva do *hipertexto* - nada diz, em caráter definidor, sobre qualquer característica do *hipertexto* que envolva o prazer da percepção do *hipotexto*.⁹² O movimento evocado na definição inicial da *hipertextualidade* dirige atenção sobretudo ao *hipertexto*. A dependência que a *alusão* tem em relação ao *hipotexto*, por seu turno, dirige a atenção, na definição dessa prática, para este último. Para encaminharmos o raciocínio para o ponto onde queremos chegar – e fazer nossa proposta - adiantemos algo sobre algumas das chamadas práticas *hipertextuais*, a respeito de algumas das quais veremos mais detalhes adiante, ainda no presente capítulo. Vejamos.

Ora, quando se fala em uma prática *hipertextual* como a *estilização*, que consiste em pôr *estilo* onde quase não havia *estilo* (artístico), ou se havia era neutro; ou na *desestilização*, que consiste na remoção de um *estilo* artístico; ou ainda em um tipo de *transestilização* (reescrita cuja única função é uma mudança de estilo) como o *rewriting* jornalístico, ou editorial, em que um *estilo* tido como bom substitui um *estilo* tido como menos bom, fazendo ‘correção estilística’;⁹³ quando se pensa em uma prática *hipertextual* como aquela que Genette denomina *pseudo-resumo*, um tipo de resumo fictício, simulado, de um texto imaginário, e que confere crédito à existência de um texto inexistente, que não é literalmente produzido, mas apenas

⁹² Quando dizemos que Genette “nada diz, em caráter definidor”, referimo-nos à definição inicial que o autor oferece para a *hipertextualidade*: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 16. Adiante, entre as páginas 142 e 145, o teórico diz bastante sobre o prazer do hipertexto, o sabor, o jogo, como temos visto.

⁹³ GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 257. Veremos em mais detalhe sobre tipos de *transestilização* adiante.

descrito, sem que haja sequer esforço de imitação estilística – caso em que se pode falar de *hipertextualidade* fictícia, ou mesmo de *metatextualidade* fictícia, visto que se trata de um resumo descritivo destinado a ser acompanhado de um comentário (*metatexto*);⁹⁴ quando se pensa em uma *transmodalização intramodal* relativa ao tempo, em que o que é alterado, do *hipotexto* para o *hipertexto*, é a ordem cronológica dos eventos, ou as *durações*, as *frequências* (iterações) destes;⁹⁵ quando se pensa em tipos de redução como *síntese*, *súmula*, *resumo*, *sinopse*;⁹⁶ se se pensa na tradução, na versificação, e na maioria das transposições que Genette cogita *em princípio* puramente “formais”, em que as modificações semânticas que a passagem do hipotexto ao hipertexto produz são geralmente involuntárias e “da ordem do efeito perverso mais que da visada intencional”⁹⁷ – tradutores, versificadores, autores de resumos, diz Genette, propõem-se a dizer o mesmo que os hipotextos que transformam, em outra língua, em versos, em resumo;⁹⁸ e ainda, por exemplo, no caso do *digest*, que conforme o define Genette, “apresenta-se como uma narrativa *perfeitamente* autônoma, *sem referência a seu hipotexto*, cuja ação ele toma *diretamente para si*” – o digest que “conta à sua maneira, necessariamente mais breve (sua única limitação), a mesma estória que a narrativa ou o drama que resume, mas que *não menciona* e, portanto, *do qual não se ocupa muito*”.⁹⁹

Todas estas práticas, e ainda outras, a despeito de serem classificadas como *hipertextuais* e se encaixarem nos delineamentos previstos por Genette para a *hipertextualidade*, não parecem particularmente implicadas na ideia de um sabor que

⁹⁴ *Idem*, p. 294. No caso do pseudo-resumo, que não figura em *Memórias de Adriano*, somente aqui o mencionamos.

⁹⁵ *Idem*, p. 332. Veremos em mais detalhe sobre *transmodalizações intramodais* adiante.

⁹⁶ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 87

⁹⁷ Convém observar que a derivação *hipertextual* sempre produz alterações no *hipotexto*, a começar por aquelas que decorrem do fato mesmo do seu deslocamento e “realocamento” no contexto diverso do *hipertexto*.

⁹⁸ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 341. Tradução nossa: “de l’ordre de l’effet pervers plutôt que de la visée intentionnelle”.

⁹⁹ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 91. Grifos nossos.

derive do saber, de um prazer que derive do jogo de leitura relacional. Não é em relação a todo *hipotexto* transformado por *estilização* ou *rewriting* que se pode pensar que, da leitura do *hipertexto* resultante, se derive qualquer prazer vinculado à percepção de um texto sem *estilo*, de *estilo* “menos bom”, ou “neutro”, que o *hipertexto* “não dissimula completamente, mas deixa ver por transparência”. Tampouco é no caso de todo e qualquer *hipotexto* transformado por *desestilização* que se pode imaginar que a leitura do *hipertexto* resultante haja de proporcionar um prazer de jogo com a ““duplicidade do objeto, na ordem das relações textuais”.¹⁰⁰

Pense-se a questão do prazer do hipertexto aplicando-se-a a cada caso de prática *hipertextual* mencionado no parágrafo acima. Em vista de que a todas elas Genette aplica o termo *hipertextualidade*, permitir-nos-emos, neste estudo – eis nossa proposta - utilizar o termo “caráter alusivo” – evitando o termo *alusão* - mas evocando, pela *alusão* que nosso termo faz à característica fundamental desse conceito, o espírito do apontar vivamente para o *hipotexto* – disso derivando certo prazer -, e espírito do denunciar o próprio caráter *hipertextual* do texto.

Há muitos casos, em *Memórias de Adriano*, em que o prazer “pleno” da leitura precisa, ou pelo menos pode, derivar da compreensão “plena”, da percepção do “caráter alusivo” do detalhe, do entalhe, *hipertextual*. Se decerto o avanço da compreensão suficiente por parte do leitor jamais parece ser obstaculizado, nem por isso a aceitação do convite ao jogo deixa de se insinuar como desejável por parte da criadora, e de dar indícios de ter tido participação na inspiração e na aspiração autoral. Veremos mais sobre o funcionamento do “caráter alusivo” no romance de Yourcenar adiante, no item 1.8 desta Parte I de nossa exposição, quando justificarmos nossa seleção de *hipotextos*, e depois novamente em nosso item de Conclusão.

Antes de explicarmos algumas práticas *hipertextuais* que figuram em *Memórias de Adriano*, resta fazermos um esclarecimento de cunho ainda bastante geral, que vamos já entretecendo com observações sobre como pode se aplicar ao romance de Yourcenar a teorização apresentada em *Palimpsestos*. Genette

¹⁰⁰

Idem, p. 142

concebe os cinco tipos de *transtextualidade*, não como “categorias de textos”,¹⁰¹ “classes estanques, sem comunicação ou interseções”,¹⁰² mas sim como “aspectos de toda textualidade”,¹⁰³ que mantêm entre si relações “numerosas e frequentemente decisivas”. Assim,

(...) a arquitextualidade genérica se constitui quase sempre, historicamente, pela via da imitação (Virgílio imita Homero, *Guzman* imita *Lazarillo*) e, portanto, da hipertextualidade (...).¹⁰⁴

A *imitação* é um dos dois tipos fundamentais de processos de derivação *hipertextual*, e foi também objeto de criteriosa atenção da parte de Yourcenar, que buscou para o discurso de seu narrador – imperador, memorialista, e homem romano do século II d.C. - uma forma genericamente verossímil. Além disso:

(...) o domínio arquitextual de uma obra é frequentemente declarado por meio de índices paratextuais; esses mesmos índices são amostras do metatexto (“este livro é um romance”), e o paratexto, prefacial ou outro, contém muitas outras formas de comentário (...).¹⁰⁵

As edições mais correntes de *Memórias de Adriano* não apresentam a menção *paratextual* titular ou infratitular que eventualmente declara o *status* genérico reivindicado pela obra (por exemplo, a palavra Romance, escrita na capa).

A relação *arquitextual*, no dizer de Genette, pode ser silenciosa para “escamotear qualquer taxonomia”.¹⁰⁶ A ausência de prefácios, advertências, prólogos, notas marginais ou de rodapé, ou de orelha, nas edições correntes de *Memórias de Adriano*, reforça a ilusão (o efeito do *pacto ficcional*): não um romance,

¹⁰¹ *Idem*, p. 21

¹⁰² *Idem*, p. 20

¹⁰³ *Idem*, p. 21

¹⁰⁴ *Idem*, p. 20

¹⁰⁵ *Idem*, *ibidem*

¹⁰⁶ *Idem*, p. 15

mas as memórias do imperador. Em *paratexto* do tipo posfácio, a romancista evoca o seu pejo, certo pudor, e uma estratégia:

Este livro não é dedicado a ninguém. Deveria tê-lo sido a G. F. [Grace Frick, tradutora e companheira de Yourcenar], e tê-lo-ia sido se não houvesse uma espécie de impudor em colocar uma dedicatória pessoal numa obra em que eu desejava justamente apagar-me. (p. 272)

No mesmo *paratexto*, a autora declara e comenta o gênero literário:

O romance devora hoje todas as formas; somos quase forçados a fazê-las passar por ele. Este estudo sobre o destino de um homem que se chamou Adriano teria sido uma tragédia no século XVII; e, na Renascença, um ensaio. (p. 270)

Comentários (*metatexto*) sobre seu romance constituem boa parte dos dois *paratextos* (posfácios, ou notas de fim de livro: o *Caderno de notas* e a *Nota*).

(...) também o hipertexto tem frequentemente valor de comentário: um travestimento [tipo de hipertexto] como o *Virgile travesti* [de Scarron] é a seu modo uma “crítica” à *Eneida* [de Virgílio], e Proust diz (e prova) bem que o pastiche [outro tipo de hipertexto] é “crítica em ação” (...).¹⁰⁷

O caso é um tanto diferente dos mencionados por Genette, mas, por momentos, o personagem do literato Adriano se arvora, em seu relato memorialístico, a fazer crítica literária de um que outro texto ou autor antigo,¹⁰⁸ e o próprio romance como um todo pode ser visto, em alguma medida, como uma

¹⁰⁷

Idem, p. 20

¹⁰⁸

Cf., por exemplo, as observações mais, ou menos, pontuais, sobre as artes de Petrônio, Lucano, Plutarco, os escritos dos filósofos e historiadores em geral, e dos autores de fábulas milésias - com que alude plausivelmente a Apuleio (p. 24); de Horácio e Ovídio (p. 35), Lícofron, erroneamente grafado “Lícrofon”, na edição consultada (p. 135), Pólemo (p. 140), Numênio de Apaméia (p. 157; pp. 179-180), Pancrates (p. 179; p. 208), Flégon (p. 186), Teógnis, Antímaco e Apolônio de Rodes (p. 187), Virgílio (p. 191), Juvenal (p. 197), Arriano e Xenofonte (p. 208). O Adriano yourcenariano faz também certa crítica de obras do próprio Adriano histórico (p. 35; pp. 187-188). Há ainda comentários críticos sobre artes plásticas, escultura (pp. 116-118), arquitetura (pp. 113-114), música (p. 140; p. 164), dentre os quais, alguns talvez não envolvam estrita *hipertextualidade*, pelo menos não se entendida enquanto relação com textos, mas em muitos casos, sim: sobre a música grega e a romana, por exemplo, o pouco que conhecemos se deve, sobretudo, a escritos.

alternativa crítica ao modo tradicional de narrar-se a história do imperador.¹⁰⁹ Outras relações ainda são possíveis, correntes:

(...) o metatexto crítico se concebe, mas não se pratica muito sem o apoio de uma parte – frequentemente considerável – do intertexto citacional; o hipertexto se protege mais disso, mas não completamente, a não ser por meio de alusões textuais (Scarron invoca às vezes Virgílio) ou paratextuais (o título *Ulisses*); (...) a hipertextualidade se declara mais frequentemente por meio de um índice paratextual que tem valor contratual: *Virgile travesti* é um contrato explícito de travestimento burlesco, *Ulisses* é um contrato implícito e alusivo que deve ao menos alertar o leitor sobre a existência provável de uma relação entre este romance e a *Odisséia*, etc.¹¹⁰

O título de um texto é um índice *paratextual*, mas Genette entende como prática *hipertextual* a *alusão* (uma forma por sua vez definida como *intertextual*) que o romance *Ulisses* de James Joyce faz, através do seu título, a seu principal *hipotexto*. Se nesse romance a ação da *Odisséia* é transportada para a Dublin do século XX,¹¹¹ segundo Genette, “tudo iria bem com *Ulisses* lido como fragmento da vida dublinense, não fosse pelo título, que resiste a uma tal integração”.¹¹²

Acontece que *Ulisses* é o nome (anglicizado depois de latinizado) do protagonista da *Odisséia* de Homero: através do reconhecimento do nome do herói, um leitor poderia vir a atentar para os “ecos” que o romance faz à epopeia, os quais, contudo, não chegam a condicionar à identificação do *hipotexto* a compreensão da significação do *hipertexto* como um todo. Vemos então que o *hipertexto* pode, na medida em que mantenha sua autossuficiência essencial, recorrer a expedientes *intertextuais* pontuais.

¹⁰⁹ Cf., nesse sentido, o já referido ensaio “Os aspectos da História na História Augusta” (In: YOURCENAR, Marguerite. **Notas à margem do Tempo**. op. cit., p., pp. 7-25), e a imagem, também já mencionada no início de nosso texto, que Yourcenar faz seu memorialista evocar, a respeito da ação dos historiadores sobre a “dócil matéria morta” (p. 24).

¹¹⁰ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, op. cit., pp. 20-21

¹¹¹ *Idem*, p. 17

¹¹² *Idem*, p. 141, nota 145

1.5. A CITAÇÃO EM MEMÓRIAS DE ADRIANO COMO UMA PRÁTICA HIPERTEXTUAL

Em *Memórias de Adriano*, há certa quantidade de citações em latim - sem as aspas pedidas por Genette em sua definição,¹¹³ e sem referência precisa, mas em itálico, o que, somado à alternância linguística (com o francês do original, ou a língua da tradução), lhes confere um destaque tipográfico que permite identificá-las como citações. Uma dessas citações (ou, se quisermos, duas) abre e fecha o romance: um poema de Adriano, que chegou até nós através da *Vita Hadriani* (XXV, 9), figura em epígrafe ao texto memorialístico propriamente dito, para ressurgir, *hipertextualmente transformado*, no último parágrafo deste. Vejamos primeiramente quanto ao poema que constitui a epígrafe:

*Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis,
Quae nunc abibis in loca
Pallidula, rigida, nudula,
Nec, ut soles, dabis iocos...*

P. Aelius Hadrianus, Imp. (p. 5)

Seria verossímil que os cinco versos, em latim como figuram, constituíssem um adendo, não da autora do romance, mas sim do próprio (pseudo-)memorialista: abaixo deles, o nome de seu autor, Públio Élio Adriano, em forma latina abreviada,¹¹⁴ seguido do título imperial também abreviado - *P. Aelius Hadrianus, Imp.*, estaria então como que a assinar o conjunto. É interessante notar que a passagem da *Vita Hadriani* onde o poema se encontra transcrito, embora o atribua ao imperador, não traz abaixo dos versos o nome de Adriano: trata-se de um

¹¹³ *Idem*, p. 12

¹¹⁴ E não galicizado, o que a nosso ver teria correspondido a helenizado, pois consideramos que há indícios de que o memorialista yourcenariano teria escrito em grego a sua carta a Marco Aurélio tornada meditação memorialística.

acréscimo de Marguerite Yourcenar. Podemos nos perguntar pelo estatuto que Genette haveria de conferir a esse texto no bojo das relações *transtextuais* entretidas em *Memórias de Adriano*.

Se a *paratextualidade* é definida em *Palimpsestos* como a relação que “no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com (...) sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso”;¹¹⁵ e se o rol dos tipos de *paratextos* inclui as epígrafes ao lado de elementos como os prefácios, posfácios, advertências, prólogos, notas, orelha, então as epígrafes que o teórico considera como *paratextuais* parecem ser aquelas, por assim dizer, editoriais, isto é, mais claramente acessórias, comentarísticas, distintas do plano ficcional.

No romance de Yourcenar, o poema de Adriano em epígrafe pode ser visto como um *paratexto*, no plano intradieético, do texto (pseudo-)memorialístico: como o seria no achado arqueológico de um manuscrito de um tal livro memórias – caso em que constituiria um *paratexto* literário para uma narrativa que não seria então ficcional, mas sim legitimamente autobiográfica. No plano empírico-autoral em que se encontra Marguerite Yourcenar em relação a sua obra, essa epígrafe como que pertenceria, neste caso, ao texto romanesco propriamente dito, no sentido de que ela se situaria no mesmo plano ficcional que o relato memorialístico que o segue.

As palavras desse poema reaparecem em abertura do último parágrafo de *Memórias de Adriano*, mas para esse ressurgimento na prosa do *hipertexto*, o *hipotexto* poético foi *transformado* por Yourcenar mediante dois processos de derivação *hipertextual*: a *tradução* e a *prosificação*. Em francês no romance original, sem mais o destaque gráfico da disposição verso a verso e em epígrafe,¹¹⁶ e seguido, sem interrupção, por mais duas frases, o ex poema participa agora no último suspiro da diegese (da narração):

Pequena alma, alma terna e inconstante, companheira do meu corpo, de que foste hóspede, vais descer àqueles lugares pálidos,

¹¹⁵ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 13. Grifos nossos.

¹¹⁶ Sem também o destaque gráfico que, para Genette, caracteriza normalmente as *citações*.

duros e nus, onde deverás renunciar aos jogos de outrora. Por um momento, contemplemos juntos ainda os lugares familiares, os objetos que certamente nunca mais veremos... Esforcemo-nos por entrar na morte com os olhos abertos... (p. 251)

Se a narrativa de Adriano é, no conjunto, endereçada ao futuro sucessor, estas últimas palavras que escreve nela são para a sua própria alma. As palavras que pertencem ao poema *prosificado* (“Pequena alma [...] jogos de outrora”) interpelam-na, e expressam a perspectiva do moribundo sobre o que aguarda a alma no *post-mortem*. As duas frases com verbos no imperativo que seguem (“Por um momento [...] com os olhos abertos”), constituem uma exortação, como que do corpo, hospedeiro, à alma, sua companheira, para que prossigam unidos e despertos até a hora extrema. Essa exortação como que complementa o sentido das palavras do poema, que na epígrafe terminava por reticências.

A tradução prosificante *ad hoc* de Yourcenar (e a de Martha Calderaro da edição que utilizamos) elimina algo de uma impressão de incompletude que se depreende do original latino, ao suprimir um pronome relativo (*quae*: que, a qual): os versos formam uma proposição sintaticamente inconclusa, consistindo o segmento textual em um sujeito verbal complexo (cujo núcleo é *Animula*: “Pequena alma”), composto com adjetivos e orações relativas, - estrutura deixada *em aberto* (as reticências o reforçam), *pedindo* complementação por uma oração principal.

Oferecemos aqui nossa própria tradução não-poética e livre, disposta no *continuum* horizontal da prosa, com o único fim de dar a perceber essa circunstância: “[a]lminha vagantezinha, amenazinha, hóspede e companheira do corpo, *que* ora partirás para lugares palidozinhos, duros, nuzinhos, e não mais, como é teu costume, te entregarás a jogos...”. Mais resumidamente: “[a]lminha [que partirás e não mais te entregarás...], (...)”. O conjunto do poema constitui um vocativo, uma invocação, uma interpelação da alma em vias de separar-se do corpo. Yourcenar completa o vocativo com a referida exortação. Parafraseamos livremente o conjunto formado: “[a]lminha, contemplemos juntos, enquanto pudermos, o mundo circunstante, e esforcemo-nos para estarmos unidos e ainda lúcidos quando chegar

a hora de nossa morte”. Na *Vita Hadriani*, XXV, 9, lemos, em introdução ao poema: “dizem que, estando para morrer, [Adriano] fez estes versos”.¹¹⁷

Em suas posições, inicial e final, no discurso memorialístico, essa ‘voz’ lírica, plausivelmente autêntica, que a antiguidade nos legou, cumpre, entre outros, o papel de chamar o leitor do romance à consciência do momento da enunciação (sucessão dos momentos presentes de escrita), momento extremo na vida, e fatídico, a partir do qual o narrador inicia e no qual termina sua retrospectiva introspectiva, meditando poeticamente sobre aquilo que advirá ao seu ser após o encerramento da narrativa, da narração de vida – após aquilo, aliás, cuja iminência motiva também o próprio empreendimento memorialístico: a morte.

Empreendemos acima um breve esboço de análise *hipertextual* com finalidade exemplificativa, que permite ainda observar certas vicissitudes do instrumental teórico que aplicamos em nosso estudo. Mas há ainda algumas mais que desejamos ressaltar. Como foi colocado, uma análise literária mediada pelo conceito de *hipertextualidade* não necessariamente exclui, mas ao contrário, pode bem convocar e implicar a apreciação de outras relações *transtextuais*. No caso que acabamos de apresentar, comparecem, em interação, *intertextualidade*, *paratextualidade* e *hipertextualidade*: o poema é apropriado pelo romance por *citação (intertextual)*, para figurar em epígrafe (um *paratexto* característica e paradoxalmente *citacional: paratexto intertextual*), e temas que aborda são desenvolvidos, em uma operação *hipertextual*, no capítulo que toma por título (outro *paratexto*) seu verso inicial (*citação: intertexto* mobilizado para *paratexto*), e também romance afora, ali onde Adriano expressa preocupações concernentes à vida após a morte. A versão ao fim do romance envolve, além do conceito de *citação*, também os de *tradução* e *prosificação*, dois tipos de transformação *hipertextual*.

No caso das *citações* em latim, os conteúdos dos textos não são prontamente acessíveis para a maior parte do público leitor brasileiro do século XXI, mas para muitos francófonos, em meados do século XX, quando *Memórias de Adriano* foi publicado por primeira vez em francês, elas deveriam funcionar, bem ou mal, pouco

¹¹⁷ “And he is said, as he lay dying, to have composed the following lines”. Tradução nossa. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 78

mais, pouco menos, alusivamente, como o título *Ulisses* mencionado acima, mas com menos força alusiva, pois a *Odisséia* e seu protagonista são dados culturais mais difundidos do que a maior parte das citações latinas no romance de Yourcenar.

No caso do verso/título *Animula vagula blandula*, as três palavras provavelmente poderiam ser consideradas razoavelmente reconhecíveis, decifráveis, para o leitor de latim, mesmo em nível escolar, o que corresponde a parte do público leitor francófono de 1951: o substantivo *anima*, os adjetivos *vagus*, *vaga*, *vagum* e *blandus*, *blanda*, *blandum*,¹¹⁸ e o sufixo diminutivo *-ulus*, *-ula*, *-ulum*. Com ainda o eco em tradução ao fim do romance, um reforço à compreensão retrospectiva do latim em epígrafe. Como no caso do título do romance de Joyce, entretanto - e é o que desejamos reter - o caráter mais, ou menos, alusivo de umas e outras citações latinas em *Memórias de Adriano* jamais compromete, por assim dizer, incontornavelmente, a compreensão do texto citante/aludente, e a autonomia desse texto em relação aos *hipotextos* dos quais elas provêm permite que se as interprete também na sua dimensão de práticas *hipertextuais*.

São citações latinas, por exemplo, os títulos de todos os capítulos de *Memórias de Adriano*: *Animula vagula blandula*; *Varius multiplex multiformis*, *Tellus stabilita*, *Saeculum aureum*, *Disciplina Augusta*, *Patientia*.¹¹⁹ As duas últimas expressões poderiam parecer, quase, português ou francês, talvez, mas, sobretudo no caso da última, como veremos, há conotações a que a simples associação com cognatos nestas línguas não dá acesso. As três primeiras são menos acessíveis, sobretudo para o leitor brasileiro do século XXI, mas a quarta é o nome de um mito greco-latino relativamente conhecido, mencionado no capítulo de que é título, e é provável que, para boa parte dos leitores franceses de 1951, as palavras nesses títulos, umas mais que outras, pudessem funcionar alusivamente, em alguma medida, isto é, que boa parte dos leitores fossem capazes de fazer inferências, a partir desses títulos, sobre os conteúdos dos capítulos, e/ou, a partir dos conteúdos

¹¹⁸ Fornecemos, como os dicionários de latim em geral o fazem, as formas masculina, feminina e neutra, respectivamente.

¹¹⁹ Cf., nesse sentido, POIGNAULT, Rémy. *“Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d’Hadrien”*, op. cit., passim

dos capítulos, sobre a significação dos títulos. Veremos quanto às relações entre esses títulos e seus respectivos *hipotextos*, na Parte II de nossa exposição, onde nos dedicamos propriamente à aplicação do aporte teórico genettiano a alguns *hipotextos* por nós selecionados. Por ora, vamos à última observação que nos interessa reter deste nosso esboço ilustrativo de estudo de caso – observação que se conecta com a exposição que fazemos, a seguir, de algumas práticas *hipertextuais* que nos parecem aplicar-se a *Memórias de Adriano*.

Ainda sobre a *citação* latina dos versos de Adriano em epígrafe e a citação de suas palavras *traduzidas* e *prosificadas*, ambas mobilizadas para enformar o romance, temos mais um fato a ressaltar: trata-se de dois segmentos componentes do *hipertexto*, diversamente derivados de um mesmo e só *hipotexto*. Há então modos e modos de derivar-se um *hipertexto* de um *hipotexto*, e é o que passamos a explanar. Como o foco principal de nosso estudo não está em *Palimpsestos*, e sim na interpretação de *Memórias de Adriano* mediante a aplicação do instrumental que esse livro oferece, e como nem todas as práticas *hipertextuais* ali descritas interessam para esse propósito,¹²⁰ nossa exposição destas se detém e aprofunda somente ali onde consideramos necessário ou interessante fazê-lo. Em muitos casos, ilustramos relações de *hipertextualidade* que identificamos no romance, e explicamos as categorias genettianas que a elas se aplicam, mas não retomamos, depois, na Parte II de nossa exposição, os *hipotextos* e categorias que, nesta Parte I, estão, sobretudo, a serviço da exemplificação: o propósito, nesses casos, é ilustrar as práticas *hipertextuais* em jogo e atuantes em cada caso, com isso oferecendo mais uma demonstração da riqueza *hipertextual* do romance de Yourcenar. Nos dois parágrafos iniciais de nossa exposição da tipologia genettiana, entretanto, onde abordamos uma distinção elementar postulada pelo teórico, pareceu-nos convir utilizar, não exemplos tirados de *Memórias de Adriano*, mas sim aqueles oferecidos em *Palimpsestos*.

¹²⁰ Há práticas *hipertextuais* dentre aquelas descritas por Genette que não figuram no romance, como, por exemplo, e por razões que nos parecem bastante óbvias, aquelas que se aplicam somente a *hipotextos* que consistam, não em romances, mas em peças de teatro.

1.6. A TRANSFORMAÇÃO E A IMITAÇÃO

Genette define, como os dois tipos fundamentais de *relação hipertextual*, a *transformação simples* ou *direta*, e a *transformação indireta* ou *imitação*.¹²¹ Para exemplificar a diferença entre as duas, lança mão do romance *Ulisses*, de James Joyce, e da epopeia *Eneida*, de Virgílio, “hipertextos de um mesmo hipotexto: a *Odisséia* [de Homero]”.¹²² *Ulisses* ilustra a *transformação* [simples]: pode-se dizer, muito grosseiramente, que o romance transporta a ação da *Odisséia* para a Dublin do século XX.¹²³ Para ilustrar a *imitação*, Genette recorre ao poema épico *Eneida*, que “se inspira no tipo (genérico, quer dizer, ao mesmo tempo formal e temático) estabelecido por Homero”.¹²⁴ A seguinte passagem de *Palimpsestos* explica a *imitação* em função de sua diferença para com a *transformação*:

[a] imitação é, certamente, também uma transformação, mas de um procedimento mais complexo, pois (...) exige a constituição prévia de um modelo de competência genérico (que chamaremos épico), extraído dessa performance única que é a *Odisséia* (e eventualmente de algumas outras), e capaz de gerar um número indefinido de performances miméticas. Esse modelo constitui, então, entre o texto imitado e o texto imitativo, uma etapa e uma mediação indispensável, que não encontramos na transformação simples ou direta. Para transformar um texto, pode ser suficiente um gesto simples e mecânico (em último caso, extrair dele simplesmente algumas páginas: é uma transformação redutora); para imitá-lo, é preciso necessariamente adquirir sobre ele um domínio pelo menos parcial: o domínio daqueles traços que se escolheu imitar; sabe-se, por exemplo, que Virgílio deixa fora de seu gesto mimético tudo que, em Homero, é inseparável da língua grega.¹²⁵

¹²¹ Doravante as chamaremos, respectivamente, apenas de *transformação* e *imitação*., como faz também o teórico, a partir do início de seu capítulo chamado “[a]lgumas precauções”: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, p. 20

¹²² *Idem*, p. 16

¹²³ *Idem*, p. 17

¹²⁴ *Idem, ibidem*

¹²⁵ *Idem, ibidem*

Em *paratextos* e *metatextos*, Marguerite Yourcenar demonstra o minucioso cuidado que teve em bem *imitar*, em buscar um tom e uma linguagem plausíveis para seu imperador-narrador: cuidado que manifesta a preocupação da romancista com o embasamento histórico, antropológico, etnográfico, de sua reconstituição. Em entrevista a Matthieu Galey, a escritora contou que, quando encontrou, em dezembro de 1948, “um dos antigos rascunhos das primeiras páginas de [*Memórias de] Adriano*”,¹²⁶ logo percebeu a inverossimilhança de uma determinada solução estética:

(...) meu rascunho tinha apenas um início de carta, muito mais próximo do tom do diário íntimo, coisa impossível para um romano, dei-me conta disso de imediato. Os romanos não mantinham diários íntimos; mantinham, talvez, livros ou cadernetas onde anotavam seus encontros de negócios ou de política, ou de amor, ou pensamentos soltos, como Marco Aurélio, mas não diário no sentido em que o compreendemos. Dei-me conta de que, se se tratava de um romano que falava, o discurso deveria ser organizado. Um monólogo escrito segundo as regras e dirigido a alguém, como os *Ensaíos* de Sêneca, por exemplo, ainda que por trás desse alguém houvesse um público a quem se pudesse dirigir. É uma das grandes coisas que diferenciam a civilização grega e romana, parece-me, de muitas das que as cercavam – como os celtas, por exemplo, como o mundo africano, que no entanto tinham sua sabedoria e suas sutilezas, mas que parecem ter-se interessado menos pela lógica do discurso.¹²⁷

Ainda nessa entrevista, Yourcenar, que no *Caderno de notas* disse haver por muito tempo imaginado a obra “sob a forma de uma série de diálogos” (p. 257), declara haver percebido, a certa altura, que o monólogo “era a única forma possível”, e que não introduziu conversas no texto “porque ignoramos como essas pessoas conversavam”. E acrescenta:

(...) Adriano, para lançar esse longo olhar sobre sua vida, devia servir-se desse instrumento de lucidez, que para o mundo greco-

¹²⁶ YOURCENAR, Marguerite. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 140

¹²⁷ *Idem*, p. 142

romano, de que ele é o representante perfeito, era a palavra organizada, quase impessoal.¹²⁸

A seguinte passagem do ensaio “*Tom e linguagem no romance histórico*”, de Marguerite Yourcenar, mostra a argúcia de observação da escritora e a minúcia de seu trabalho de pesquisa:

(...) eu estava decidida a fazer Adriano falar o gênero *togado* (*oratio togata*). Por mais variadas que sejam, e que as designemos por *Comentários*, *Pensamentos*, *Epístolas*, *Tratados* ou *Discursos*, as obras mais importantes dos pensadores gregos e latinos que precedem ou vêm imediatamente após Adriano enquadram-se todas mais ou menos nessa categoria do estilo elevado, seminarrativo, semimeditativo, mas sempre essencialmente escrito, do qual a impressão e a sensação imediatas estão quase que excluídas, e no qual toda troca de palavras fica *ipso facto* banida. Não se tratava evidentemente de imitar aqui César, ali Sêneca, e mais à frente Marco Aurélio, mas de obter deles um padrão, um ritmo, o equivalente da peça de fazenda com que vestimos em seguida ao nosso gosto o modelo nu. O estilo *togado* preservava a dignidade do imperador, sem a qual não podemos imaginar os antigos, indevidamente, é claro, mas nada obstante com uma sombra de razão, porquanto a dignidade foi sempre o ideal do homem da Antigüidade: César ao morrer compunha as dobras de sua toga. Esse estilo permitia-me eliminar todos os pormenores corriqueiros de que proverbialmente não se ocupa um pretor. O problema das trocas verbais deixava de existir: não era o caso de fazer com que Adriano narrasse sua conversa com Osroés como não veio à idéia de César colocar por escrito uma conversação com Vercingetórix. Além disso, a *oratio togata* autorizava-me, mais que a seus contemporâneos ou a seu neto adotivo, mostrar Adriano dirigindo-se a um interlocutor ideal, a esse *homem em si* que simbolizava a bela quimera das civilizações até nossa época, conseqüentemente até nós.¹²⁹

Para reformularmos, em termos genettianos, o que diz a romancista, tratava-se, sim, de imitar, justamente: imitar ritmos, padrões formais e/ou temáticos, elementos havidos em comum entre, por exemplo, os *Comentários à Guerra das Gálias* de Júlio César, cartas de Sêneca a Lucílio, os *Pensamentos*, isto é, as estóicas *Meditações* de Marco Aurélio (o referido “neto adotivo”), o *Tratado de tática* de Arriano, os *Discursos sobre a realeza* de Dión Crisóstomo - extrair um *modelo* do

¹²⁸

Idem, p. 143

¹²⁹

YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**. *op. cit.*, p. 32

conjunto, do substrato, dessas performances - hipotextos mais, ou menos, enquadrados quanto a aspectos *arquitextuais* sutis, perceptíveis para a autora. Aspectos *arquitextuais* sutis, pois, se “a arquitextualidade genérica se constitui quase sempre, historicamente, pela via da imitação”,¹³⁰ Genette ressalva que “o gênero não passa de um aspecto do arquitexto”.¹³¹ o verso e a prosa, por exemplo, são também elementos *arquitextuais*, entre outros. Assim também, parece-nos que o caráter monológico e regrado, lógico, a quase impessoalidade de um discurso dirigido, contudo, a alguém, aspectos mencionados mais acima, podem ser entendidos como *arquitextuais*.

Do *corpus* evocado na última passagem por nós citada acima, Yourcenar selecionou, para imitá-los, traços *tonais, modais, rítmicos, temáticos*, recorrentes, - de quê, por assim dizer, togar dignamente, na fazenda textual adequada, seu letrado imperador do mundo romano do século II d.C.

Como se pode ver, *Memórias de Adriano* se prestaria a uma análise *hipertextual* das vias da *imitação*, mas esse não será o nosso foco, embora nos reservemos o direito de fazer uma que outra observação nesse âmbito quando nos parecer que venha ao caso. O presente estudo fez uso, sobretudo, de algumas das práticas *hipertextuais* oriundas da *transformação*. Mas, antes de as apresentarmos, devemos comentar um último crivo que restringe e delimita a aplicabilidade das diferentes partes do repertório tipológico da *hipertextualidade* ao romance de Yourcenar.

Além da divisão, que chama de *estrutural*, entre a *transformação* e a *imitação*, Genette prevê uma outra, que chama de *funcional*, e que envolve três *registros*: o *satírico*, o *lúdico* (que se diferencia do *satírico* por visar o “puro entretenimento ou exercício prazeroso, sem intenção agressiva ou zombeteira”¹³²), e o *sério*. É este último que se aplica a *Memórias de Adriano*, cuja função, enquanto *hipertexto*, não é satirizar seus *hipotextos*, ou entreter ludicamente com as *transformações*, diretas ou

¹³⁰ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, p. 20

¹³¹ *Idem*, p. 15

¹³² *Idem*, p. 39

indiretas, que opera neles. Como nosso propósito neste estudo prescinde de uma exposição exaustiva da tipologia da *hipertextualidade*, não nos detemos na descrição dos gêneros que resultam da interseção de cada *relação* com cada *registro*, restringindo-nos, para fins didáticos, a reproduzir o quadro geral das práticas *hipertextuais*.¹³³

	Lúdico	Satírico	Sério
Transformação	Paródia	Travestimento	Transposição
Imitação	Pastiche	Charge	Forjação

Em nossa análise de *Memórias de Adriano*, são, sobretudo, alguns dos muitos tipos de *transformação* no *registro sério* descritos em *Palimpsestos* que mais foram utilizados.¹³⁴ A descrição dos tipos de *transformação séria* ocupa aproximadamente a metade do livro de Genette.¹³⁵ Como se pode ver no quadro acima, a *transformação séria* é também chamada de *transposição*, prática *hipertextual* que é “de longe a mais rica em operações técnicas e em investimentos literários”.¹³⁶ A transposição “pode se aplicar a obras de vastas dimensões, (...) cuja amplitude textual e ambição estética e/ou ideológica chegam a mascarar ou apagar seu caráter hipertextual”.¹³⁷ uma *paródia* ou um *pastiche* são frequentemente reconhecíveis como *transformação* ou *imitação lúdica* de um *hipotexto*. Constituem, ao lado do *travestimento* e da *charge*, “os quatro gêneros hipertextuais canônicos”.¹³⁸ Em *Memórias de Adriano*, por sua vez, os muitos *hipotextos* são, na

¹³³ *Idem*, p. 40

¹³⁴ Dizemos “sobretudo” em vista de que, por vezes, os *hipotextos* que abordamos implicam também noções como *citação*, *alusão* – tecnicamente definidas como pertinentes ao campo da *intertextualidade*, o que as excluiu, na sistematização apresentada em *Palimpsestos*, da esfera das práticas *transformacionais*.

¹³⁵ No original francês da edição por nós utilizada, da página 237 ao fim, à página 453.

¹³⁶ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, p. 42

¹³⁷ *Idem*, p. 61

¹³⁸ *Idem*, p. 37

maior parte dos casos, apropriados pelo discurso do narrador ao ponto de o leitor não familiarizado com o universo das letras clássicas greco-romanas não ser levado a se conscientizar da presença daquilo que subjaz à superfície (*hiper*)textual.

Genette observa que a distribuição literária da *hipertextualidade* “traduz maiores afinidades, ou compatibilidades, com certos gêneros”.¹³⁹

(...) ela é utilizada com menor frequência nos gêneros mais estreitamente ligados a uma referencialidade social ou pessoal: a História (ainda que os historiadores “transformem” muitos documentos), as Memórias, a autobiografia, o diário, o romance realista, a poesia lírica. Mas não devemos nos apoiar demais nessa evidência: todos esses gêneros são fortemente codificados, e consequentemente marcados por uma grande impressão de imitação genérica – às vezes, digamos, tanto quanto a pura ficção romanesca.¹⁴⁰

Mas se esses gêneros normalmente incorreriam, sobretudo, na prática da *imitação*, constitutiva da *arquitextualidade genérica*, ao passo que recorreriam pouco a práticas *transformacionais*, é porque, - exceção feita ao caso do romance realista, - é a gêneros por princípio não-ficcionais que Genette está se referindo. A História, em princípio, se quer *metatexto crítico* com recurso *intertextual* à *citação* de fontes documentais, e idealmente deveria evitar operar *transformações* nestas. Memórias e autobiografias que se entendam como não-ficcionais normalmente terão como referente a experiência de vida, ou de uma fase da vida, de seus autores, mais do que outros textos: referente pessoal mais do que livresco.¹⁴¹

Se a *hipertextualidade* tende a gerar uma “literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura”,¹⁴² uma literatura “‘livresca’, que se apoia em outros livros”,¹⁴³ e que, segundo Genette, há quem diga ser “o instrumento ou o lugar de

¹³⁹ *Idem*, p. 139

¹⁴⁰ *Idem, ibidem*

¹⁴¹ Acreditamos que *As Palavras*, de Jean-Paul Sartre, que tem algo de uma autobiografia de leituras, talvez constitua certa exceção quanto a este aspecto.

¹⁴² GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, op. cit., p. 5

¹⁴³ *Idem*, p. 144

uma perda de contato com a ‘verdadeira’ realidade, que não está nos livros”,¹⁴⁴ o romance realista, por sua vez, com frequência tratou de temas de atualidade da época do Realismo: sua “referencialidade social”¹⁴⁵ demandava do romancista a atitude de observação sincrônica da realidade circunstante, mais do que a remissão diacrônica a algum veio da tradição literária.

Genette observa que o critério de distribuição mais pertinente dos gêneros *hipertextuais* “é certamente menos genérico do que histórico”,¹⁴⁶ e, se identifica certo recesso, durante o período do Realismo, da *hipertextualidade*, considera que esta é “um dos traços pelos quais uma certa modernidade, ou pós-modernidade, reata uma tradição ‘pré-moderna’”,¹⁴⁷ e que a *transposição* responde “a uma atitude estética ao mesmo tempo clássica e moderna”.¹⁴⁸ A literatura greco-latina era *hipertextual avant-la-lettre* com seus conceitos de *imitatio* (imitação) e *contaminatio* (contaminação). Quando explica o conceito *hipertextual* de *imitação*, Genette diz que, ao se inspirar, para compor a *Eneida*, no tipo genérico da *Odisséia* e da *Ilíada*, Virgílio imita Homero “como se tem dito durante séculos”.¹⁴⁹ Em *Memórias de Adriano*, o memorialista evoca essa prática ao declarar que tem “versos de amor, na maior parte imitados de Catulo” (p. 35), e de certo modo o faz também ao dizer que a “obra bastante ambiciosa” que compunha, em uma determinada época, “teria sido uma espécie de *Satíricon* mais acerbo”, com quê ele teria imitado o romance latino de Petrônio.

A *contaminação*, diz Genette, consiste na “mistura em doses variadas de dois (ou mais) hipotextos”,¹⁵⁰ uma vez mais, uma prática que teve lugar na antiguidade greco-romana:

¹⁴⁴ *Idem, ibidem*

¹⁴⁵ *Idem*, p. 139

¹⁴⁶ *Idem, ibidem*

¹⁴⁷ *Idem*, p. 140

¹⁴⁸ *Idem, ibidem*

¹⁴⁹ *Idem*, p. 17

¹⁵⁰ *Idem*, p. 102

A palavra e a coisa têm origem aparentemente nos escritores latinos cômicos e mais precisamente em Terêncio, que, por vezes, acreditava que, para avolumar a matéria, devia combinar as intrigas de duas comédias gregas (...).¹⁵¹

Em certa passagem de *Memórias de Adriano*, na qual o personagem diz haver lido em Plutarco “uma lenda sobre navegantes que mencionava uma ilha situada nestas paragens vizinhas ao mar Tenebroso, onde, vitoriosos, os habitantes do Olimpo teriam há séculos repellido os Titãs vencidos” (pp. 120-121), Rémy Poignault¹⁵² vê a possibilidade de uma *contaminação* entre dois textos de Plutarco: *Do rosto que se vê no disco lunar* e *O demônio de Sócrates*. Uma passagem do primeiro narra o mito de Sylla, em que é mencionada em uma ilha próxima à Bretanha, onde Zeus aprisionou Cronos no fundo de um antro, e para mais facilmente mantê-lo ali infligiu-lhe um sono profundo. Mas se nesse texto de Plutarco somente Cronos habita a ilha, em *Memórias de Adriano* são todos os Titãs. Para Poignault, a imagem que Yourcenar faz da ilha poderia resultar de *contaminação* com a passagem 590F do texto *O demônio de Sócrates*, em que é narrado o mito de Timarco; este, havendo descido ao antro de Trofônio, tem a visão de um “enorme redemoinho redondo”: esse redemoinho seria identificado com o Tártaro, que, especialmente em Hesíodo, é a prisão dos Titãs.¹⁵³

Mencionamos aqui este caso apenas com o fim de ilustrar aquilo que se entende por *contaminação*, mas desejamos registrar que, a nosso ver, a passagem de *O demônio de Sócrates* referida só poderia ter contribuído em muito pouco para o *hipertexto* da ilha dos Titãs de *Memórias de Adriano*, e, se de fato se tratar, como quer Poignault, de um caso de *contaminação*, esta poderia bem ter ocorrido com a mediação de um outro processo em que podem incorrer, no caso de uma gestação

¹⁵¹ *Idem, ibidem*

¹⁵² POIGNAULT, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, pp. 66-67. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

¹⁵³ No que tange a esta última associação, Poignault remete a: VERNIÈRE, Y. **Symboles et mythes dans la pensée de Plutarque**. Paris: 1977, p. 74. *Apud* POIGNAULT, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 67

literária de longo prazo como a de *Memórias de Adriano*, certas práticas *hipertextuais*.

No ensaio “*Jogos de espelho e fogos-fátuos*”,¹⁵⁴ Yourcenar relata que, em 1964, quando trabalhava na terceira parte do romance *A obra em negro* (publicado em 1968), formulou, para um personagem do romance, o nome Lancelot de Berlaimont. Em 1971, em visita ao museu arqueológico da cidade de Namur, deparou com uma lápide funerária. Ao lê-la, surpreendeu-se ante o fato de que, não apenas o nome do morto, como também seu posto militar, e a data de sua morte, convinham, colavam,¹⁵⁵ com as do personagem. Dez anos mais tarde, em um livro da biblioteca de seu pai, encontrou esse nome em uma crônica do século XVI: “[é] plausível que eu tenha lido ou folheado esse livro entre os quinze e vinte anos, e dele me tenha simplesmente lembrado muitos anos mais tarde”.¹⁵⁶ Apercebendo-se de uma vicissitude que, a nosso ver, bem poderia haver também acometido algum *hipotexto* do complexo emaranhado de *contaminações* que é *Memórias de Adriano*, cuja elaboração mobilizou conteúdos de leituras iniciadas cerca de vinte e sete anos antes da publicação (cf. p. 257), a autora arrazoza:

[é] natural que, entre centenas e milhares de páginas lidas, nossa memória já não saiba muito bem se algumas linhas em particular foram rememoradas tais e quais, ou, ao contrário, se retocadas por nossa imaginação, ou, melhor ainda, inventadas como a imaginação inventa, ou seja, combinando entre si detalhes e nomes tomados algures.¹⁵⁷

Se algo assim houver ocorrido na criação de alguma parte de *Memórias de Adriano*, essa decerto há de haver sido uma exceção: em geral, as *transposições* operadas neste romance incidem sobre elementos textuais tais, detalhes tais, dos seus *hipotextos*, que parece improvável que estes hajam sido manuseados de

¹⁵⁴ In: YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**, *op. cit.*, pp. 100-106

¹⁵⁵ Termos utilizados na própria tradução consultada: YOURCENAR, M. **O tempo, esse grande escultor**, *op. cit.*, p. 95

¹⁵⁶ YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**, *op. cit.*, p. 95, nota 1

¹⁵⁷ *Idem, ibidem*

memória pela autora. De todo modo, uma considerável complexidade decorre do fato de que, de acordo com Genette:

com apenas algumas exceções, todas as transposições singulares (todas as *obras* transposicionais) procedem de várias (...) operações¹⁵⁸ ao mesmo tempo e só se deixam reconduzir a uma delas a título de característica dominante, e por concessão às necessidades de análise e conveniências de organização. (...) Não se trata (...) de uma classificação das práticas transposicionais, nas quais cada indivíduo, como nas taxonomias das ciências naturais, viria necessariamente se inscrever num grupo e em apenas um, mas sobretudo trata-se de um inventário de seus principais procedimentos elementares, que cada obra combina à sua maneira (...).¹⁵⁹

O poema de Adriano referido páginas atrás, por exemplo, - e para ficar por ora somente em um nível básico de análise, - ao ser inserido na prosa memorialística do protagonista, foi transformado por meio de duas práticas *transposicionais* já mencionadas: a *tradução* e a *prosifcação*.

Passemos em revista as principais práticas *transposicionais* que figuram em *Memórias de Adriano* e que pudemos identificar.

1.7. A TRADUÇÃO

No caso de *Memórias de Adriano*, toda operação com textos da Antigüidade implica necessariamente aquilo que Genette descreve como a “forma de transposição mais evidente”:¹⁶⁰ a *tradução*. Com a exceção das poucas *citações* que se encontram somente em latim no romance, - isto é, com a exceção das *citações*

¹⁵⁸ A *transposição*, segundo Genette, não é uma prática “verdadeiramente elementar”, e “fica por ser analisada em operações mais simples”: GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, p. 42, nota 37. É dessas operações mais simples, sobre algumas das quais veremos adiante, que se trata na passagem que citamos.

¹⁵⁹ *Idem*, p. 62: grifo do autor.

¹⁶⁰ *Idem*, p. 63

latinas que não são seguidas, imediatamente após sua aparição, da sua *tradução*,¹⁶¹ com a exceção também do aporte de algum texto em francês que tenha contribuído elementos aproveitados *hipertextualmente*¹⁶² - à exceção desses casos, todo *hipotexto*, grego ou latino, que figura no romance de Yourcenar, encontra-se ali traduzido para o francês. A *tradução* é assim praticamente onipresente em *Memórias de Adriano*.

Como vimos acima, quando fala na *imitação* Genette afirma que, ao compor a *Eneida*, “Virgílio deixa fora de seu gesto mimético tudo que, em Homero, é inseparável da língua grega”.¹⁶³ Marguerite Yourcenar, por seu turno, manifesta, quanto a seu cuidado imitativo, enorme pejo com questões extremamente sutis, que poderíamos chamar mesmo de virtuais, em vista de que *Memórias de Adriano* foi escrito diretamente em francês, e não houve real *tradução* de um livro de memórias do imperador. Parece-nos interessante mencionar, neste ponto, que, no prefácio de seu livro *La couronne et la lyre*, em que oferece traduções de textos gregos, Yourcenar diz:

[a]lgumas dessas traduções são contemporâneas dos diversos esboços de *Memórias de Adriano*, e, sobretudo, dos anos 1948-1951, durante os quais foi retomado e terminado esse livro. A frequentação de alguns poetas pouco anteriores ao imperador, alguns também da sua época, outros, muito mais antigos, mas cujas obras sabemos que ele apreciava, era, de minha parte, a aplicação de uma receita que dei alhures: reconstruir, na medida do possível, a biblioteca do personagem que nos ocupa, o que é ainda uma das melhores maneiras de nos informarmos sobre a sensibilidade de um homem do passado.¹⁶⁴

¹⁶¹ Figuram somente em latim, por exemplo, os títulos *Varius multiplex multiformis* e *Disciplina Augusta*, e os segmentos diretamente citados da passagem VI, 869-886, da epopeia *Eneida* de Virgílio: “[t]u, Marcellus eris” e “Manibus date lilia plenis... Purpureos spargam flores” (p. 228).

¹⁶² Na última frase da *Nota* (p. 293), Yourcenar revela que “uma frase da inscrição de Antinoé, atribuída [em *Memórias de Adriano*] ao próprio imperador, foi tirada da narrativa de sieur Lucas, viajante francês que visitou Antinoé no princípio do século XVIII”.

¹⁶³ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, op. cit., p. 17. Já citamos esta passagem antes, mas fazemo-lo aqui novamente em um contexto diverso, que nos parece demandá-lo.

¹⁶⁴ YOURCENAR, M. **La couronne et la lyre**, op. cit., p. 9. Tradução nossa: “[c]ertaines de ces traductions sont contemporaines des diverses ébauches de *Mémoires d’Hadrien*, et surtout des années 1948-1951, durant lesquelles fut repris et terminé ce livre. La fréquentation de quelques poètes de peu antérieurs à l’empereur, quelques-uns même de son temps, et d’autres, beaucoup plus

Embora não haja escrito *Memórias de Adriano* em grego, a autora empenhou-se bastante em imbuir-se do espírito do personagem, o que envolveu inclusive cultivar em alguma medida a língua grega que ele próprio cultivou. No ensaio “*Tom e linguagem no romance histórico*”, a romancista conta sobre uma experiência que demonstra a agudeza da atenção que voltou para essa questão:

Um professor pediu a seus alunos que traduzissem para o grego (gostaria muito de poder dizer *retraduzir*) a página em que o imperador descreve o estado de atonia em que mergulhou depois da morte de Antínoo. Obriguei-me a fazer o mesmo. Imediatamente, os adendos de um tom mais moderno tornaram-se tão visíveis quanto o gesso que recompusesse dois fragmentos de uma estátua. Cito a passagem, colocando em *itálico* aquilo que, decididamente, não passaria. ‘Continuamos a subida do rio, mas era como se navegasse no Estige. Nos campos de prisioneiros, às margens do Danúbio, eu vira outrora miseráveis inclinarem-se à parede batendo contra ela continuamente a fronte *com um movimento selvagem, insensato e doce*, a repetir sem cessar o mesmo nome. Nos subterrâneos do Coliseu, mostraram-me leões que definhavam depois de lhes terem retirado das jaulas o cão com que os haviam acostumado a viver. Coordenava meus pensamentos: Antínoo estava morto...’ Sete palavras recusavam-se, em grego, a serem escritas; ser-lhes-ia um pouco mais fácil em latim, língua que já sublinha as emoções, tal como o faz a nossa. Mas em que língua eu teria suposto que Adriano, bilíngüe, me ditasse suas Memórias? Tanto em latim, sem dúvida, quanto em grego, o que me oferecia um certo jogo. Há no entanto alguns momentos em que, por inadvertência, eu o fiz falar o francês do meu tempo, e estas sete palavras me parecem, na releitura, constituir um desses momentos.¹⁶⁵

Não pretendemos, no âmbito deste estudo, defender ou rebater a opinião, expressa por Yourcenar na passagem acima, sobre as diferenças entre as três

anciens, mais dont on sait qu’il appréciait les oeuvres, était de ma part l’application d’une recette que j’ai donnée ailleurs: reconstruire dans la mesure du possible la bibliothèque du personnage qui nous occupe, ce qui est encore l’une des meilleures manières de nous renseigner sur la sensibilité d’un homme du passé”. Quando diz que deu a receita alhures, Yourcenar bem pode estar se referindo à passagem do *Caderno de notas* que citamos páginas atrás, onde ela fala em “prover de novo as estantes de Tíbure” (p. 261)

¹⁶⁵ YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**, *op. cit.*, p. 35. Grifos da autora. Mantivemos a parte de *Memórias de Adriano* citada por Yourcenar nessa passagem conforme se encontra em tradução na edição brasileira do ensaio. Na edição do romance que usamos neste estudo para referência, a passagem citada se encontra em: YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**, *op. cit.*, p. 174.

línguas. O que nos interessa ao citarmos-la é mostrar que a busca de fidelidade histórica, antropológica, sociológica, etnográfica, da ficcionista, se estendeu ao nível de envolver a questão da tradução – da tradução “virtual” implicada na ficcionalização, em francês, de uma narrativa de primeira pessoa que teria sido escrita em grego ou latim. Neste âmbito, devem ter se posto para Yourcenar questões como as que vemos Genette se pôr na seguinte passagem:

(...) a tradução de textos antigos – anteriores, por exemplo, à própria existência de uma língua francesa – coloca um problema (...): não se pode evidentemente traduzir a *Ilíada* em um francês de época. No entanto é pena privar o leitor francês moderno da distância linguística (“rumor das distâncias trespassadas”, dizia Proust) que deve experimentar um leitor grego (...)¹⁶⁶

A questão da tradução “virtual” grego-francês implicada pela narração do Adriano yourcenariano não é exatamente análoga a essa que se colocou Genette: a “distância lingüística” que separa um leitor grego moderno do texto original, em grego antigo, da *Ilíada*, não é a que separa o texto de Adriano do seu destinatário intradieético – Marco Aurélio escreveu suas *Meditações* na mesma língua que Adriano teria usado para escrever-lhe uma carta. Por outro lado, a tarefa do tradutor francês das *Meditações* de Marco Aurélio implica o seguinte dilema:

(...) traduzir em francês moderno é suprimir a distância da historicidade linguística e renunciar a colocar o leitor francês numa situação comparável à do leitor do original (...); traduzir em francês de época é se condenar ao arcaísmo artificial (...)¹⁶⁷

Mas o leitor de Yourcenar não é Marco Aurélio, que não lia o francês, e o dilema evocado acima se põe, realmente, é em relação ao público alvo da autora, o grande público francófono contemporâneo, e mais extensamente os leitores das línguas para as quais foi traduzido o romance. A leitura de *Memórias de Adriano*, seja em francês, seja na tradução de Martha Calderaro que utilizamos neste estudo, não causa ao leitor, de um modo geral, a impressão de “distância lingüística”. A

¹⁶⁶

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, op. cit., p. 67.

¹⁶⁷

Idem, p. 66

seguinte passagem do ensaio “*Tom e linguagem no romance histórico*” nos parece reveladora e eloquente em relação ao ponto em nosso foco:

[s]e eu quisesse entrar em cada instante da vida de Adriano, teria que contornar prudentemente a palavra *triclinium*, a palavra *quadriga*, a palavra *cadeira curul*, um pouco para evitar qualquer pedantismo, mas principalmente para deixar ao antigo o seu aspecto de espaço desimpedido, impressão certamente falsa, mas verdadeira em parte, se imaginarmos que o Oriente Próximo ou mesmo a Itália sempre tenderam a uma simplicidade do modo de vida mesmo em seus períodos de fausto.¹⁶⁸

Não parece tratar-se aí - como, conforme Genette, no caso da tradução de Littré para o primeiro canto da *Ilíada* - de que a “legibilidade para o leitor moderno” tenha tido prioridade em relação ao “compromisso histórico”.¹⁶⁹ A passagem que citamos do ensaio de Yourcenar parece pouco concernida com o conforto do leitor, exceto na medida em que é este que a autora poupa de “qualquer pedantismo”, e em que é ele quem percebe o personagem no seu “aspecto de espaço desimpedido”. A ensaísta parece antes indicar, em seu comentário, que suas opções lexicais para o discurso de Adriano visaram, sobretudo, certa fidelidade etnográfica. A “impressão certamente falsa” que vitima o leitor é a de uma falsa superação da “distância da historicidade linguística”, que resulta da supressão das marcas lexicais dessa distância – Marco Aurélio decerto haveria de saber prontamente o que fosse um *triclinium*,¹⁷⁰ mas ao francófono e ao lusófono o termo causaria um

¹⁶⁸ YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**, *op. cit.*, p. 41

¹⁶⁹ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, p. 68. Para a tradução do primeiro canto da *Ilíada* mencionada, Genette fornece a referência: LITTRÉ. “*La Poésie homérique et l’ancienne poésie française*”, *Revue des deux mondes*, julho de 1847. Reeditado em *Histoire de la langue française*, Didier, 1863, vol. 1.

¹⁷⁰ Rémy Poignault reporta que H. Stierlin considera que o “quarto secreto no centro do pequeno lago da Vila [Adriana]”, onde o memorialista yourcenariano se refugia ao fim da vida, na realidade seria um *triclinium*, que define: “lugar de teofania imperial, onde Adriano era adorado” (“lieu de théophanie impériale, où Hadrien était adoré”). Citando o próprio Stierlin, acrescenta: “um lugar cósmico onde o imperador-deus procedia a uma espécie de comunhão sagrada, de refeição com libações” (“un lieu cosmique où l’empereur-dieu procédait à une sorte de communion sacrée, de repas avec libations”) Poignault, R. “*La mythologie dans Mémoires d’Hadrien. Le Titan et l’Olympien*”, *op. cit.*, p. 74, nota 37; H. STIERLIN, *op. cit.*, p. 149. Apud Poignault, R. “*La mythologie dans Mémoires d’Hadrien. Le Titan et l’Olympien*”, *op. cit.*, p. 74, nota 37.

estranhamento que a romancista parece julgar tão indesejável quanto a impressão de pedantismo e pompa que poderia manar de termos arcaizantes.

Entretanto, embora a tradução “virtual” grego-francês em *Memórias de Adriano* esteja longe de constituir algo como o que Genette satiriza como “uma tradução que por sua vez exigisse ela também uma tradução”,¹⁷¹ não é verdadeiro dizer que Yourcenar pudesse “contornar prudentemente” toda e qualquer palavra que cause estranhamento – não ao falar de uma realidade tão diversa daquela do leitor. Assim, restam muitos termos de extração latina ou grega, e mesmo egípcia (“Atir”, p. 177) no discurso de Adriano, como, por exemplo: “gimnosofistas” (pp. 14-15), “arconte” (p. 69), “sátrapas” (pp. 78-79), “laticlavo” (p. 96), “hilotas” (p. 104), “dança pírrica” (p. 119), “hierofante” (p. 129), “efebia” (p. 140), “taurobólio” (p. 156), “pastóforo” (p. 156), “calendas” (p. 177), “empíreo” (p. 236), “taumaturgo” (p. 243), “jogos de logogrifos” (p. 245). Como estes, há muitos mais, e em geral os contextos em que se encontram esclarecem o leitor sobre aquilo que é necessário saber suficientemente para avançar com a leitura sem problema.

Relativamente à questão da tradução, é possível também pensá-la na relação entre o original francês de Yourcenar e uma tradução para outra língua contemporânea, como o português. A tradução de Martha Calderaro, que utilizamos para nossas citações e referências, é extremamente fluente e eficiente, a nosso ver. Parece-nos interessante, entretanto, observar que, em algumas poucas ocasiões, ela desfez estranhamentos que o texto original proporciona, ou, ao contrário, desfez as condições de possibilidade de ultrapassamentos que o leitor francófono pode eventualmente fazer, através do “caráter alusivo” dos cognatos de extração latina ou grega, em direção, senão propriamente a *hipotextos*, pelo menos ao *hipotexto* “virtual” da tradução também “virtual”, a tradução grego-francês hipotética implicada no projeto de *Memórias de Adriano*. Assim, por exemplo, quando Adriano diz, na tradução em português, que, por ordem sua, “representaram-se tragédias e pantomimas, dramas musicais e farsas populares” (p. 192), o termo que foi traduzido

171

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, p. 68

para “farsas populares” é, no original, “atellanes”.¹⁷² Ora, o *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa* registra o termo “atelana”, cognato do latim “atellana”, e cita Ruggero Jacobbi, que define: “curta peça no gênero da farsa (...) [que] deixava larga margem à atualidade política, que era aliás a sua especialidade”.¹⁷³ Em outro caso, quando Adriano diz que as tropas romanas “não se reduziam mais a um bando de beleguins prontos a aclamar ou a degolar qualquer um” (p. 38), o termo que corresponde, no texto francês de Yourcenar, a “beleguins”, é “licteurs”.¹⁷⁴ Novamente, trata-se de um termo registrado pelo *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, que define “lictor”, cognato do latim homônimo, como um “oficial que, na antiga Roma, acompanhava os magistrados com um molho de varas e uma machadinha para as execuções da justiça”. O termo “beleguim”, por seu turno, é definido no mesmo dicionário como “agente de polícia”.¹⁷⁵ A nosso ver, “beleguim” não é um termo muito mais familiar, para o público brasileiro, do que “lictor”, ou sua variante “litor”. Em outra passagem, o termo, um tanto mais passível de ser conhecido, a nosso ver, do grande público francófono de 1951, “questeurs”,¹⁷⁶ foi explicativamente traduzido, por Martha Calderaro, como “magistrados das finanças”. O *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa* oferece duas acepções para “questor”, cognato do latim “quaestor”: “[a]ntigo magistrado romano, encarregado das finanças” e “[m]agistrado de justiça criminal, na antiga Roma”.¹⁷⁷ Ao traduzir mediante uma paráfrase explicativa, Martha Calderaro reduz as possibilidades de

¹⁷² YOURCENAR, M. *Mémoires d’Hadrien*. Paris: Gallimard, 1974, p. 237

¹⁷³ *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 191. Ruggero Jacobbi, *A Expressão Dramática*, p. 17. *Apud Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, *op. cit.*, *Ibidem*

¹⁷⁴ YOURCENAR, M. *Mémoires d’Hadrien*, *op. cit.*, p. 50

¹⁷⁵ *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, *op. cit.*, p. 245

¹⁷⁶ YOURCENAR, M. *Mémoires d’Hadrien*, *op. cit.*, p. 22

¹⁷⁷ *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, *op. cit.*, p. 1433

entendimento. No romance, o termo “questeurs” comparece justaposto à menção a uma sessão “no tribunal” (p. 16).¹⁷⁸

Em outro caso ainda, um termo de forma latina, mas pluralizado com recurso à desinência “-s” do francês - “magisters”¹⁷⁹ - é rendido em português pelo termo, um tanto mais corriqueiro, “mestres” (p. 27). A forma que comumente traduz “mestre” para o francês é “maître”, que aparece muitas vezes no texto francês de Yourcenar,¹⁸⁰ mas em sentidos que não o de “professor”, que é o sentido em que aparece “magisters”.

O termo “estoraque” (p. 157) não pertence ao vocabulário mais usual do português, mas tampouco parece, à primeira vista, um termo romano, ou grego; seu correspondente francês “styrax”,¹⁸¹ por seu turno, parece-nos tender a soar exótico, e helenizante.¹⁸²

Ao apontarmos tais diferenças, pretendemos mostrar que o original francês, de um modo geral, permite entrever, mais do que a tradução portuguesa de Martha Calderaro,¹⁸³ a(s) língua(s) subjacente(s) à “virtual” tradução, para o francês, da meditação escrita do imperador romano. O “caráter alusivo” que segmentos textuais tão pontuais como palavras, sintagmas nominais, expressões, nos parece, de um modo geral, funcionar mais frequentemente na língua francesa, mais marcada por traços etimológicos oriundos dos substratos latino e grego, e para o público francófono mais frequentemente exposto a esses traços, e mesmo, talvez sobretudo

¹⁷⁸ Evidentemente um tribunal pode tratar, não só de crimes, mas também de finanças, e mesmo de crimes financeiros.

¹⁷⁹ YOURCENAR, M. **Mémoires d’Hadrien**, *op. cit.*, p. 37.

¹⁸⁰ *Idem*, *passim*

¹⁸¹ *Idem*, p. 189

¹⁸² Termos latinos com as letras “y” ou “x” costumam ser de origem grega. O *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, retrança a etimologia do termo português passando justamente pela forma grega que coincide com a francesa: trata-se de um “[a]rbusto ornamental, de origem asiática (...) que produz o benjoim”, ou ainda, de uma “[r]esina odorífera, extraída do estoraque (...) e empregada em farmácia”. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**, *op. cit.*, p. 724.

¹⁸³ Não se trata de modo algum de sugerir que Martha Calderaro devesse ter traduzido, por exemplo, “styrax”, por outra coisa senão o seu correspondente português “estoraque”, embora talvez no caso de “questeurs”, “questores” pudesse ser uma boa opção.

entre o público francófono europeu, mais frequentemente exposto também a lições das duas antigas línguas europeias.

Um caso em particular nos parece emblemático do interessante jogo que Yourcenar fez com o que vimos chamando de tradução “virtual”. Ao fim do parágrafo em que narra a cerimônia de dedicação do Olimpêion,¹⁸⁴ o memorialista fala de uma melancolia que o acometeu, que figura como um pressentimento da morte próxima de Antínoo, e diz: “refleti sobre as palavras ‘acabamento’ e ‘perfeição’, que contêm em si a palavra ‘fim’” (p. 153). Ora, as palavras “acabamento” e “perfeição” de certo modo envolvem, e podem evocar, mas não exatamente “contêm” a “palavra” fim.¹⁸⁵ Tampouco em francês, “achèvement” e “perfection” pode-se dizer que contenham a palavra “fin”.¹⁸⁶ O *Dicionário básico latino-português* de Raulino Bussarello, dá, para o substantivo latino “perfectio”, as significações “perfeição, remate, acabamento”, e para o adjetivo “perfectus, -a, -um”, as significações “perfeito, consumado, acabado”.¹⁸⁷ O *Dicionário latim-francês* da editora Hatier explica que o prefixo latino “per-“, diante de um verbo, indica a ideia de execução completa, de acabamento (“achèvement”), e dá, para “perfectio”, as traduções, justamente, “achèvement” e “perfection”; para “perfectus, -a-um” dá “parfait, accompli, complet, qui ne laisse rien à désirer” (perfeito, realizado, completo, que nada deixa a desejar). Para o verbo “perficio”, de que “perfectum” é o particípio passado, dá “achever” (acabar), “parfaire”

¹⁸⁴ A tradução de Martha Calderaro dá o que no original francês é “Olympéion” por “Olimpo”, como o nome do monte. No original francês, há “Olympe”, o monte, e “Olympéion”, a construção que Adriano sagra na passagem em nosso foco. Trata-se, em grego, de um adjetivo, que se poderia traduzir por “Olímpio”, mas Yourcenar não fez o “Olympien” que corresponderia a esse adjetivo, e sim calcou o nome mais de perto sobre a forma grega original. Assim, preferimos fazer aqui também: Olimpêion, segundo seu modelo, e de modo a desambiguar a relação com o monte Olimpo. Para as aparições de um e outro desses termos no original francês, cf.: YOURCENAR, M. **Mémoires d’Hadrien**, *op. cit.*, p. 183; p. 288

¹⁸⁵ Se tivermos em vista o leitor médio, não latinista, não helenista, o substantivo “acabamento”, sem dúvida mais do que o substantivo “perfeição”, faz facilmente pensar em uma ou mais acepções do substantivo “fim”. O mesmo vale para os termos franceses utilizados por Yourcenar na passagem em foco.

¹⁸⁶ YOURCENAR, M. **Mémoires d’Hadrien**, *op. cit.*, pp. 183-184

¹⁸⁷ BUSSARELLO, R. **Dicionário básico latino-português**. Editora da UFSC: Florianópolis, 1998, p. 166

(perfazer), e “perfectionner” (aperfeiçoar).¹⁸⁸ Ivan Gobry, no livro *Le vocabulaire grec de la philosophie*, fornece, para o substantivo grego “télos”, as traduções “fin” e “achèvement” (“fim” e “acabamento”), e para o adjetivo “téleios”, “parfait” e “achevé” (“perfeito” e “acabado”).¹⁸⁹ O mesmo Gobry, define o termo “péras” como “fin” (“fim”) e “achèvement” (“acabamento”), e ainda “[s]er que é metafisicamente acabado, perfeito”.¹⁹⁰ Gobry trata desses termos no contexto específico da filosofia.

Pierre Chantraine, em seu *Dictionnaire etymologique de la langue grecque: histoire des mots*,¹⁹¹ dá “télos”, entre outras definições, como “achèvement” - para que fornece como referência a passagem da *Ilíada*, XVI, 630 - e “fin”. Para o derivado “teleiotes” dá as definições “achèvement” e “perfection”, que apareceriam, segundo o autor, em Demócrito e Aristóteles, por exemplo. Também em Aristóteles – mas aqui, como no caso do último termo, não é fornecida referência mais precisa – podem corresponder a “achèvement”, segundo Chantraine, tanto “teleiosis” quanto “teleioma”. No grego tardio, para “achèvement” enquanto ação, há ainda “télesis”, que apareceria também acrescido de prefixos verbais, formando “apotélesis” em Epicuro, e “epitélesis”, novamente em Aristóteles. E uma vez mais neste último autor, “apotélesma” - todos os últimos termos gregos traduzindo-se, em Chantraine, por “achèvement”. O dicionarista traduz ainda “[t]eleuté” (por exemplo, em Homero, mas não se precisa a referência) por “fin”, mas observa que este termo não comporta a diversidade de empregos de “télos” – termo que constitui o verbete, a entrada, no dicionário, os demais constando na seção dos derivados – e teria sido empregado cada vez mais no sentido de “cessação”, especialmente da vida. Por fim, Chantraine observa que o campo semântico de “télos” é extenso, mas que o termo significa propriamente “achèvement” – noção que daria conta de todos os empregos,

¹⁸⁸ GARIEL, A. **Dictionnaire Latin Français**, Hatier: Paris, 1960., p. 461

¹⁸⁹ GOBRY, I. **Le vocabulaire grec de la philosophie**. Paris: Ed. Ellipses, 2000, p. 129

¹⁹⁰ *Idem*, p. 98. Tradução nossa. “[ê]tre qui est métaphysiquement achevé, parfait”.

¹⁹¹ CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire etymologique de la langue grecque: histoire des mots**, Vol. 4. Paris: Klincksieck, 1984, pp. 1101-1103

e que o autor associa também de perto a “réalisation”. O dicionário francês-português, português-francês, *Larousse* dá, de “achèvement”, as definições “acabamento” e “perfeição”.¹⁹² Marco Aurélio, nas *Meditações*, VII, 69, utiliza, para “perfeição”, a palavra “teleiôteta”.¹⁹³ lembramos que se trata do destinatário intradieético, do narratário, da carta, tornada meditação memorialística, de Adriano.

Como vemos, há, tanto em francês, quanto em português, latim, e grego, um campo semântico que associa termos como, por exemplo, o verbo “perfazer” e substantivos como “realização”, “acabamento”, “perfeição”, e “fim”. Mas a passagem de *Memórias de Adriano* que vincula os três últimos entre si, não o faz com referência apenas ao campo semântico, mas sim ao campo etimológico: as duas primeiras, para o (pseudo)autor romano fileleno da frase, “contém” última, o que não fazem nas duas línguas neolatinas, e não parecem poder fazer univocamente em latim, mas tudo indica que possam fazer em grego. O romance de Yourcenar não foi escrito em grego, e a autora pode evocar, mediante seu narrador, o campo semântico-etimológico de “télos”, sem que haja havido a necessidade de uma decisão entre termos gregos sinônimos para cada um dos do original francês. Como se vê nos dicionários, às vezes um só termo grego traduz alternativamente dois dos três termos franceses do narrador yourcenariano, mas a colocação deste implica em que haja três termos cognatos, e aquele que signifique “fim” deve estar contido, como um termo-raiz, nos outros dois: é preciso um para cada, e que se encontrem inter-relacionados tanto semântica quanto etimologicamente.

Localizá-las de maneira cabal e inequívoca, se for possível, haveria de depender de uma pesquisa profunda do grego em uso no mundo romano do século II d. C., mas acreditamos que possa haver três palavras gregas - dentre as quais provavelmente aquela que significa “fim” seja “télos” - que admitam, entre suas acepções, os significados respectivos das três palavras utilizadas por Yourcenar, e a respeito das quais se possa fazer, com certo grau de propriedade, a afirmação feita na elucubração de Adriano: palavras entre as quais possa valer plenamente a

¹⁹²

Dicionário Larousse francês-português, português-francês. Paris: Larousse, 1957, p. 5

¹⁹³

MARCUS AURELIUS ANTONINUS. **The communings with himself.** Cambridge: Harvard University Press, 1916, p. 194

associação feita ali. É toda a rede de vinculações etimológicas que é potencialmente evocável pelas associações na frase do Adriano yourcenariano, de modo que as três palavras ali pedem para ser vistas à luz daquilo que, páginas acima, propusemos denominar “caráter alusivo”: embora não se possa falar propriamente em *alusão*, pois a compreensão básica do texto não se encontra de modo algum obstaculizada, uma fruição mais profunda da passagem em foco, por sua vez, pode ser proporcionada pelo reconhecimento dos elementos subjacentes que neste caso são interconexões morfológicas, etimológicas, lexicológicas, comuns a três palavras - mas não as palavras francesas na superfície textual, e sim aquelas gregas que lhes corresponderiam.

A não compreensão plena das associações não comprometer em nada a leitura, e estamos ainda no plano do *hipertextual* – o acesso ao “texto” subjacente enriquece, conquanto não chegue a condicionar, o prazer do texto. Adriano vê perfeição no acabamento dado ao Olímpêion, e no momento de realização pessoal e completude que vivenciava na época da dedicação do monumento, mas expressa o temor de que a perfeição seja algo condicionado à circunstância da finitude, e/ou mesmo à circunstância de ser algo perceptível somente em retrospectiva, quando já findo. É como se dissesse algo do tipo do dito popular “o que é bom dura pouco”. O memorialista não se encontrava ainda, à altura da vida a que a passagem em foco remete, no estado de angustia que pouco adiante o haveria de acometer, com a morte de Antínoo. A melancolia que sentiu e evoca pode ser percebida, pelo memorialista e pelo leitor, como uma antecipação, um pressentimento, contrastando com o estado de espírito positivo, com a “perfeição” que parece cercar o imperador no momento em que dedica o Olímpêion. Recordando-se então de um acesso de pessimismo que o acometeu outrora, o memorialista evoca o questionamento que por fim lhe veio ao espírito ante o mirífico Olímpêion: “[t]alvez eu tivesse apenas oferecido mais uma ruína ao tempo, que tudo devora”. Em breve ele faria embalsamar o corpo de seu bem-amado.

Ainda em conexão com a questão da *tradução*, algumas opções lexicais de Yourcenar causam certa perplexidade - perplexidade intensificada pelo conhecimento que temos da preocupação que a autora demonstra em relação à

linguagem que entrega a seu imperador romano. Assim, há passagens em que determinadas palavras postas na boca de Adriano podem parecer inadequadas para representar o século II d.C., porquanto soem anacrônicas. É o caso quando fala, por exemplo, em “hipocrisia burguesa” (p. 105). Se “cada língua tem (entre outras) sua divisão conceitual específica, que torna alguns de seus termos intraduzíveis em algum contexto”,¹⁹⁴ tendemos a nos pôr a pensar a que ponto, sim ou não, algum determinado termo grego ou latino se deixaria traduzir pelo adjetivo “burguês”. Um historiador contemporâneo, falando sobre o século II d.C., estaria autorizado a falar em “burguês”? A questão da tradução “virtual” em *Memórias de Adriano* é vasta e parece poder ser posta com relação a mínimas porções do texto. Pensemos nos parênteses utilizados no romance, por exemplo. Romanos do século II d.C. usavam parênteses gráficos de algum tipo? Tinham alguma estrutura para indicar variações de entonação, variações prosódicas, que um parêntese – e o signo gráfico por nós chamado “parênteses” – pode indicar?

A questão da *tradução*, conforme se encontra figurada em *Memórias de Adriano*, não foi nosso foco principal neste estudo. Não tratamos sistematicamente de como ela aparece figurada ali. Permitimo-nos, entretanto, comentários no âmbito dessa prática transposicional, quase onipresente no romance, sempre que nos pareceu relevante fazê-lo, como no caso de *citações* latinas que abordaremos.

1.8. ALGUMAS PRÁTICAS *TRANSPOSICIONAIS* PASSÍVEIS DE SEREM APLICADAS NA ABORDAGEM A *MEMÓRIAS DE ADRIANO*

Expomos aqui curtas definições de algumas práticas *transposicionais* mais simples que figuram em *Memórias de Adriano*, sobretudo para dar uma ideia mais concreta das ferramentas de análise elaboradas por Gérard Genette em *Palimpsestos*, mas, no caso de algumas práticas, deixamos para defini-las e explicar

¹⁹⁴

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, *op. cit.*, p. 64

seu funcionamento adiante, na Parte II de nossa exposição, conjuntamente com nossa abordagem dos próprios *hipotextos* que selecionamos para com elas analisá-los.

Senão vejamos:

A *prosificação*,¹⁹⁵ já mencionada acima, consiste, como o nome o indica, na *transformação* de versos em prosa. Além do poema de Adriano mencionado acima, há outros casos de *prosificação* no romance.

A *estilização* “põe *estilo* (artístico) onde quase não havia nenhum ou se havia era neutro”,¹⁹⁶ aplica-se, por exemplo, a *hipotextos* como os textos de historiadores, para vivificar “a dócil matéria morta” (p. 24) dos documentos.

A *transestilização*, reescrita estilística com função de mudança de estilo, encontra-se difundida em meio ao material *hipotextual* que foi alvo de *tradução*: “[e]m regime sério, a transestilização raramente se encontra em estado livre, mas ela acompanha inevitavelmente outras práticas, como a tradução”.¹⁹⁷

A seguir, há as *transformações* ditas *quantitativas*:

[u]m texto, literário ou não, pode sofrer dois tipos antitéticos de transformações [que] consistem, uma em abreviá-lo – nós a batizaremos de *redução* –, outra em estendê-lo: nós a chamaremos *aumento*. Mas há, é claro, muitas maneiras de reduzir ou de aumentar um texto.¹⁹⁸

Tanto a *redução* quanto o *aumento* subdividem-se em várias operações. Como nosso foco neste estudo não é expor a teorização de Genette por si mesma, mas somente na medida em que se aplique a *Memórias de Adriano*,¹⁹⁹ veremos sobre apenas algumas dessas práticas *transposicionais*, na Parte II de nossa

¹⁹⁵ GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 246

¹⁹⁶ GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 70

¹⁹⁷ *Idem*, p. 69

¹⁹⁸ *Idem*, p. 74

¹⁹⁹ Reservando-nos contudo o direito de questionar essa teorização quando nos parece pertinente.

exposição, ali onde elas foram mobilizadas pelas necessidades da análise, e onde se as vê aplicadas.

Temos muitas ocorrências, em *Memórias de Adriano*, do que Genette chama de *transmodalizações intramodais*²⁰⁰ do *modo* narrativo ao *modo* narrativo, com *transposições* de *hipotextos* escritos no *modo* narrativo (por oposição ao *modo* dramático que é o de uma peça de teatro) para um *hipertexto* igualmente escrito no *modo* narrativo. Por outro lado, não identificamos nenhum caso de *transmodalização intermodal* do *modo* dramático ao *modo* narrativo, não havendo sido transposto nenhum *hipotexto* dramático, embora leituras de peças de teatro efetuadas por Marguerite Yourcenar certamente devam ter contribuído para seu conhecimento das culturas grega e romana.

O *modo* narrativo envolve as categorias de *tempo*, *modo* e *voz*.²⁰¹

No caso das *transmodalizações intramodais* relativas à categoria do *tempo*, há ocorrências em *Memórias de Adriano*, em relação, por exemplo, ao discurso de historiadores. Explicamos logo abaixo que não abordamos, neste estudo, esta prática *transposicional*, mas ilustramos sucintamente a seguir, seus dois tipos. No dizer de Genette, o *hipertexto* pode introduzir anacronismos, *analepses* (flashbacks) ou *prolepses* (flashforwards), em uma narrativa inicialmente cronológica: trata-se de manter ou alterar a ordem cronológica da diegese.²⁰² As biografias de Adriano pelos historiadores antigos ordenam as informações que fornecem de um modo bastante diverso daquele como Yourcenar ordena as apropriações que fez a elas. O outro tipo de *transmodalização intramodal* relativa ao tempo é aquele que consiste em produzir variações no regime de velocidade de uma narrativa, isto é, na alternância de *cenas* e *sumários*, contando, por exemplo, algo que teria se passado em um minuto ao

²⁰⁰ GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 330ss

²⁰¹ *Idem*, p. 332. Tradução nossa. Na nota 1 nesta página, Genette assume e desfaz a impressão de ambiguidade, de equivocidade, explicando que há uma “polissemia que afeta (...) o termo *modo*, que designa em um nível uma das duas modalidades da ficção representativa (narrativo *versus* dramático), e um nível abaixo, uma das categorias dessa modalidade (modo *versus* tempo e voz)”. Como neste estudo não tratamos de qualquer texto dramático, qualquer referência ao termo genettiano *modo* remete à segunda acepção apresentada nesta nota.

²⁰² *Idem*, *ibidem*

longo de páginas e páginas, e algo que teria se passado em um ano em um único parágrafo. Na seguinte passagem, o memorialista evoca a complexidade das relações entre o tempo social, externo, dos dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos, milênios, etc., e o tempo psicológico, e a memória. Ambos os tipos de *transmodalização intramodal* relativos ao *tempo* são, de certo modo, evocados metaliterariamente, e concomitantemente, a complexidade que o trato com eles implica no romance de Yourcenar:

(...) a sequência dos acontecimentos é tão confusa como a dos sonhos. Tenho minha cronologia pessoal, impossível de conciliar com a que se baseia na fundação de Roma ou com a era das Olimpíadas. Quinze anos no exército duraram menos do que uma manhã de Atenas. (p. 27)

Alude-se, na passagem, a dois modos de contagem dos anos utilizados pelos romanos, que figuram também em outras passagens de *Memórias de Adriano*, como, por exemplo, quando o memorialista rememora eventos ocorridos “no ano 882 depois da fundação da Cidade” (p. 146), ou “no segundo ano da duocentésima vigésima sexta Olimpíada” (p. 170). Em *A dictionary of foreign words and phrases current in english*, Alan Bliss reporta a expressão *ab urbe condita*, que significa “desde a fundação da cidade”, remetendo ao ano que contamos como 753 a. C., ano em que, miticamente, Roma teria sido fundada.²⁰³ Trata-se também do nome tradicional da obra do historiador romano Tito Lívio. As notações temporais relativas ao tempo social e externo em *Memórias de Adriano* se fazem todas com recurso a esse tipo de expressão culturalmente marcada. Para saber que o reinado de Adriano durou de 117 a 138 d.C., que ele nasceu em 76 d.C., e se situar em relação às mortes dos imperadores Domiciano, Nerva e Trajano, entre outras mencionadas na narrativa, além das guerras, das rebeliões, dos grandes eventos históricos enfim, o leitor precisará buscar informação alhures. Das esparsas datações presentes na narrativa, a mais esclarecedora para o leitor médio é aquela - mais imprecisa do que um “ano 882 depois da fundação da Cidade”, mas também mais próxima de nós

²⁰³ BLISS, A. **A dictionary of foreign words and phrases current in english**. Surrey: The Gresham Press, 1966, p. 64

culturalmente - que aparece quando o memorialista evoca o “jovem profeta chamado Jesus, que (...) e morreu vítima da intolerância judaica *há cerca de cem anos*” (p. 189. Grifo nosso). As relações entre a contagem do tempo dos romanos e aquela que utilizamos é relativamente complexa, e envolve fórmulas, de modo que um estudo das dimensões do nosso poderia dedicar-se exclusivamente às relações temporais em *Memórias de Adriano*. A questão da cronologia da vida de Adriano é complexa, especialmente antes da sua acessão ao império,²⁰⁴ e envolve a coordenação de uma grande quantidade de informações, hauridas a fontes arqueológicas e numismáticas, além de relatos de historiadores e cronistas. Para escrever seu romance, Marguerite Yourcenar fez opções entre opiniões de diferentes estudiosos no tocante a cada controvérsia, em relação a cada período e passo da carreira do personagem histórico de que fez seu protagonista. Neste estudo, optamos por não tratar sistematicamente da questão do *tempo*, conforme figurada em *Memórias de Adriano*.

A *transmodalização intramodal* relativa ao *modo* divide-se entre o que Genette chama de *modo-distância*, e o que chama de *modo-perspectiva*.²⁰⁵ Práticas *transposicionais* envolvendo o *modo-distância* consistem em inverter a relação entre discurso direto e indireto.

Não identificamos, em *Memórias de Adriano*, qualquer caso de *transmodalização intramodal* relativa ao *modo-distância*, isto é, não identificamos nenhum texto dialogado de que elementos da troca dialógica hajam sido *transpostos* para o romance no sentido de uma passagem do *discurso direto* ao *indireto*. Dois versos da *Eneida* de Virgílio que, segundo a *Vita Aelii*, IV, 1-6, teriam sido ditos por Adriano, entre outros versos da mesma passagem, ante a iminência da morte de Lúcio Ceônio Cômodo, seu primeiro sucessor adotivo, poderiam dar a impressão de que se tratasse de uma *transmodalização intramodal* desse tipo. Na *Vita Aelii*, Adriano teria dito esses versos em diálogo com um literato, que interpôs réplicas. Em

²⁰⁴ Na entrevista a Matthieu Galey, Yourcenar fala da escassez de documentos sobre essa fase prévia à ascensão, e sobre como precisou proceder para a criação literária aí, utilizando, por exemplo, o “curriculum vitae dos outros funcionários”: YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 147-148.

²⁰⁵ GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 332-339

Memórias de Adriano, dois dos versos citados na *Vita Aelii* são reportados pelo memorialista como havendo sido ditos por ele outrora, junto ao leito de morte de Lúcio. O que é importante observar aqui é que não há *transposição* da situação conversacional enquanto tal para a passagem do romance, mas somente desses versos, que, na forma em que se encontram ali, poderiam ter sido citados diretamente da *Eneida*²⁰⁶ - não se trata de que se haja passado do *discurso direto* ao *indireto*, embora elementos presentes na *Vita Aelii* em *discurso direto* hajam sido *transpostos* para o romance, no qual casualmente não há casos de *discurso direto*. Em vista do relato da *Vita Aelii*, que é justamente a biografia de Lúcio na *História Augusta*, considerar somente a *Eneida* como *hipotexto* para a passagem de *Memórias de Adriano* seria um tanto omissivo, embora haja um segmento de verso, da passagem da *Eneida* de que são oriundos aqueles citados na *Vita Aelii*, que se encontra citado na passagem de *Memórias de Adriano* em foco, mas não na biografia de Lúcio: no caso desse segmento de verso o *hipotexto* é a *Eneida*. Veremos mais sobre as passagens da *Vita Aelii* e da *Eneida* como *hipotextos* na Parte II de nossa exposição, ao tratarmos da passagem de *Memórias de Adriano* em que figuram.

Não identificamos, repetimo-lo, qualquer caso de *transmodalização intramodal* relativa ao *modo-distância* no romance de Yourcenar, e achamos conveniente observar aqui que é plausível que não haja casos de textos que contenham diálogos no *discurso direto* que hajam sido objeto de tal tipo de operação *transposicional* ao serem apropriados textualmente. Nesse sentido, cabe lembrar que no ensaio “*Tom e linguagem no romance histórico*”, em uma passagem que já citamos acima, Yourcenar falava sobre suas razões para a escolha do que chamou de “estilo togado”, para o discurso de seu Adriano, com quem “[o] problema das trocas verbais deixava de existir”, ficando banida “toda troca de palavras”,²⁰⁷ e em outra passagem do ensaio a romancista falou – é o tema principal do ensaio - da ausência de textos que revelem como - em que tom e linguagem - os romanos conversassem de fato:

²⁰⁷ YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**. *op. cit.*, p. 32

de que modo o fizessem que não à maneira estilizada como dialogam, quando o fazem, na literatura clássica.

Há (...) documentos subliterários (...), que não sofreram a filtragem ou a montagem inseparável da literatura. Considerandos legais, decretos, como o senatus-consulto punindo de morte a participação nas Bacanais, que nos fazem provar brutalmente o terror dos implicados; cartas particulares que nos fornecem o tom de um estudante desculpando-se por haver desmantelado o carro da família ou de um soldado que pede a seus familiares que lhe enviem um embrulho; cartas de Cícero ou de Plínio, mais conscientes de pertencer ao 'gênero epistolar', que nos ensinam algo das mensagens trocadas entre os membros da boa sociedade; (...) Vozes vindas do passado, algumas das quais quase em estado bruto, cada uma delas nos provocando um ligeiro estremeção de imprevisto, mas nada que me tivesse permitido recriar com um mínimo de plausibilidade que seja uma troca de expressões sérias, urgentes, sutis ou complexas, uma conversação de Adriano com Trajano, com Plotino (*sic*), Antínoo, com seu legado Severo sobre os negócios da Judéia. Nada ou quase nada, nos resta dessas inflexões, desses quartos de tom ou desses semi-sorrisos falados que no entanto mudam tudo.²⁰⁸

A passagem acima nada nos revela em definitivo quanto a que haja ou não casos de *transmodalização intramodal* relativa ao *modo-distância* em *Memórias de Adriano*. Mostra, sim, que todo diálogo no *discurso direto* que possa haver sido *transposto* para o romance - com a manutenção de seu caráter dialógico - precisaria passar por essa prática *transposicional* - visto não haver *discurso direto* em *Memórias de Adriano*. Em todo o ensaio "*Tom e linguagem no romance histórico*", em que fala sobre muitas fontes mediante as quais buscou uma voz verossímil para seu imperador romano fileleno do século II d. C., Yourcenar nada diz sobre qualquer texto que nos pareça poder ter sido objeto de uma *transmodalização intramodal* relativa ao *modo-distância*. Dada a quantidade de textos envolvidos na elaboração do romance, entretanto, seria impossível afirmar em definitivo que não possa ter havido algum caso desse tipo de operação *transposicional*.

A seguir, temos a *transmodalização intramodal* relativa ao *modo-perspectiva*, que diz respeito ao *ponto de vista* ou *focalização* da narrativa. "Pode-se à vontade focalizar em um determinado personagem uma narrativa originalmente 'onisciente',

²⁰⁸

Idem, p. 30-31

isto é, não-focalizada”, como as dos historiadores antigos do reinado de Adriano, que narram como fossem oniscientes – em *Memórias de Adriano*, aquilo que foi apropriado àqueles textos é focalizado em Adriano. “Pode-se, inversamente, desfocalizar uma narrativa focalizada (...) e informar o leitor sobre tudo aquilo que, no hipotexto, lhe era omitido”: caso que não parece ter lugar em *Memórias de Adriano* – o memorialista não narra dando a impressão de onisciência, mas faz sentir a restrição de campo que incide sobre sua visada. “Pode-se, enfim, transfocalizar uma narrativa já focalizada”: em uma carta de julho de 143 d. C., de Marco Cornélio Frontão para Marco Aurélio, o autor diz que sempre elogiou Adriano no Senado, mas que se o fez, foi somente - como teria feito se se tratasse de um deus tal qual Marte Gradivo ou Plutão - porque desejava manter calmo e propício o imperador, e não porque o amasse. Porquanto o amor, diz Frontão, requer certa confiança e intimidade, e como ele não tinha confiança com Adriano, não ousava amar a um homem que tanto reverenciava.²⁰⁹ Em *Memórias de Adriano*, a seguinte passagem tem, entre seus *hipotextos*, essa carta de Frontão:

(...) já não me comparam, como antigamente, ao Zeus resplandecente e calmo, mas ao *Marte Gradivo*, deus das longas campanhas e da austera disciplina, ao grave Numa inspirado pelos deuses. Nos últimos tempos, meu rosto pálido e abatido, os olhos fixos, o grande corpo ainda ereto por um esforço da vontade, lembram-lhes *Plutão*, o deus das sombras. Apenas alguns *íntimos*, alguns amigos experimentados e queridos, escapam ao terrível contágio do respeito. O jovem advogado Frontão, magistrado de futuro, que será sem dúvida um dos bons servidores do teu reinado, veio discutir comigo uma representação a ser dirigida ao Senado; sua voz tremia; li nos seus olhos a mesma *reverência mesclada de receio*. As alegrias tranqüilas da amizade já não são para mim; adoram-me, *veneram-me demais para me amar*. (p. 244. Grifos nossos)

Na passagem das informações da carta para *Memórias de Adriano*, a *focalização*, que na carta está em seu autor, que fala de seus próprios sentimentos, no romance passou a estar em Adriano. Além da *transfocalização*, houve também

²⁰⁹ FRONTO. *The correspondence of Marcus Cornelius Fronto*, vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1988, p. 111

transvocalização (propriamente dita), que é uma das formas da *transmodalização intramodal* relativa à categoria da voz.

A transvocalização pode (...) assumir duas formas elementares antitéticas: a vocalização, ou passagem da terceira à primeira pessoa, e a desvocalização, ou passagem inversa, da primeira à terceira; e uma forma sintética, ou transvocalização propriamente dita, que é a substituição de uma “primeira pessoa” por outra.²¹⁰

Informações hauridas por Yourcenar a relatos sobre o imperador feitos por cronistas e historiadores, na terceira pessoa, precisaram passar pela *vocalização*: no caso, apropriação para a voz do narrador memorialista, de primeira pessoa.

A *transvocalização* – parece-nos que sobretudo em suas formas acima ditas elementares - é muito frequente em *Memórias de Adriano*, visto que são poucos os textos antigos que representam uma voz de Adriano, e que no romance, a voz narrativa é toda e tão somente sua.

Na *Nota*, Yourcenar arrola “um certo número de obras autênticas do próprio Adriano que utilizamos: correspondência administrativa, fragmentos de discursos e de relatórios oficiais, como a célebre *Mensagem de Lambessa*, conservados em geral por inscrições; decisões legais transmitidas por jurisconsultos; poemas mencionados por autores da época, tais como o notável *Animula vagula blandula*, ou encontrados nos monumentos onde figuravam a título de inscrições votivas, como o poema ao Amor e à Afrodite Uraniana, gravado na parede do templo de Téspias” (p. 283). A autora menciona ainda ali “três cartas de Adriano referentes à sua vida pessoal”, uma dirigida à sua sogra Matídia, outra “dirigida pelo imperador agonizante a Antonino”, seu sucessor adotivo imediato, e a terceira, a carta a Serviano, que abordaremos, como *hipotexto*, neste estudo. Além disso, pequenas amostras de voz, para esse imperador, são veiculadas por outros textos antigos, como é o caso da passagem da *Vita Aelii* (IV, 1-6) que mencionamos acima, que reporta, em *discurso direto*, não somente os referidos versos da *Eneida* de Virgílio, mas também

²¹⁰

GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*, op. cit., p. 332

frases que Adriano teria dito ao perceber a fragilidade da saúde de seu primeiro sucessor adotivo Lúcio.

Há também, no discurso do memorialista, respostas a críticas feitas ao imperador Adriano, por outros homens da antiguidade. É o caso, por exemplo, do poema de Floro, citado na *Vita Hadriani*, XVI, 3, de que Yourcenar tomou elementos aos três versos que nos chegaram inteiros:

Não quero ser um César,
Andar entre os bretões,
Esgueirar-me por entre...,
Aguentar os invernos citas.²¹¹

Em *Memórias de Adriano*, os elementos hauridos a este poema colaboram para dar, de Floro, a imagem de alguém que o imperador considera um tanto fraco, psicologicamente. Opera-se ali, além da *prosificação*, uma *desvocalização* dos versos de Floro, visto que, da primeira pessoa em que se encontram no poema passaram à terceira pessoa – “[o] poeta Floro (...), dizia (...)”:

Os artistas que levava comigo em minhas viagens quase não me causavam preocupações: seu gosto pelas viagens igualava o meu. Tive dificuldades somente com os homens de letras. (...) O poeta Floro, a quem ofereci um secretariado em língua latina, dizia a todos que *não teria querido ser um César se para tanto fosse obrigado a suportar o frio das regiões citas e as chuvas bretãs*. (p. 111)

A *Vita Hadriani*, XVI, 4, justapõe ao poema de Floro a réplica poética composta por Adriano, que imita aquele, verso a verso, em um tom jocoso e bem-humorado. As palavras do imperador nessa réplica poética são *prosificadas* e *transestilizadas* em *Memórias de Adriano*. Nenhuma menção é feita no romance à existência desses dois poemas. Quanto ao mais, a *Vita Hadriani* nada mais informa

²¹¹ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 50. Tradução nossa. As reticências no terceiro verso correspondem a uma lacuna dos manuscritos; faltam elementos para que se escolha com maior propriedade um verbo para traduzir *latitare*: Yourcenar, no entanto, não faz uso desse verso.

Ego nolo Caesar esse,
Ambulare per Britannos,
Latitare per...,
Scythicas pati pruinas.

sobre Floro. Nesse sentido, pode-se dizer que esse personagem sofra uma *desvalorização*, se por um lado considerarmos que não lhe seja atribuído nenhum valor, positivo ou negativo, pelo *hipotexto*, ou uma *transvalorização*, se por outro lado entendermos que o valor associado a ele no *hipotexto* seja um valor positivo – em vista do tom jocoso, tanto da crítica como da réplica, que pode indicar uma relação basicamente amistosa com seu imperador – substituído por um valor levemente negativo no *hipertexto*, onde Floro é um dos homens de letras com que o memorialista diz ter tido “dificuldades” (p. 111).

A passagem imediatamente anterior da *Vita Hadriani*, XVI, 1, que já citamos anteriormente, mas nos permitiremos citar novamente em parte, com fins explicativos, neste contexto diverso, conta a respeito de livros sobre a vida de Adriano, escritos por ele próprio, mas publicados sob nomes de escravos libertos. O *motivo* de Adriano para fazê-los publicar assim, seria, segundo esse relato, a sua avidez de fama: “O célebre Adriano era tão ávido de fama que (...)”²¹² – a avidez é aí *motivo*. A *transposição* das informações fornecidas por esse *hipotexto*, entretanto, poderia parecer ter operado uma *desmotivação*: nenhuma menção é feita nessa parte da narrativa a que Adriano tivesse sede de nomeada. Em outra passagem do romance, entretanto, essa cupidez, a cobiça, é evocada, sim. O *motivo* foi desvinculado dos elementos que o cercavam mais imediatamente no contexto de origem, mas comparece, deslocado, no *hipertexto*, do seu *locus*²¹³ - onde figurava justaposto a determinadas informações - para um *locus* do *hipertexto* onde se encontra textualmente mais distante dos *loci* para os quais foram *transpostas* as referidas informações. Ao passo que a *Vita Hadriani* atribui o *motivo* da avidez de fama ao Adriano imperador, no romance, é quando fala de um tempo em que, ainda jovem, aspirava apenas, e muito, ao poder, que o memorialista confessa, sem se

²¹² “So desirous of a wide-spread reputation was Hadrian that (...)”. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 48. Tradução nossa.

²¹³ Seu local de inserção no texto. O dicionário latim-francês de A. Gariel dá, para o termo latino *locus*, a tradução “[e]ndroit, passage (d’un livre, d’un discours)”: “lugar, passagem (de um livro ou discurso)”. GARIEL. *op. cit.*, p. 359. O dicionário Webster da língua inglesa dá uma definição análoga: “a passage in a writing”: “uma passagem em um escrito”. WEBSTER. **The new international Webster’s comprehensive dictionary of the English language**. Chicago: Trident press international, 1996, p. 748

privar de emitir um juízo algo negativo sobre os *motivos* que o moviam naquela fase: “[e]ra inegável meu apetite de poder, de riqueza, que entre nós é freqüentemente a primeira forma de ambição e de glória, para dar esse nome belo e apaixonante à comichão de ouvir falar de nós mesmos” (p. 37). Para a publicação de um livro de memórias, ou façanhas, sob um nome alheio, por sua vez, o memorialista yourcenariano não fornece qualquer *motivação* da natureza daquela que a *Vita Hadriani* associa ao ato: o desejo de fama. Por outro lado, mesmo em relação à publicação dos livros sob o nome de Flégon, em *Memórias de Adriano*, talvez se possa ver *transmotivação*, substituição de *motivo*, ao invés de mera *desmotivação*, eliminação do *motivo*, na atribuição, por Adriano, àqueles livros, de um caráter de mero relatório oficial de atos, publicado no interesse público (p. 23). No *hipertexto*, o *motivo* seria então a de promover os efeitos da propaganda política, dando a conhecer aos romanos os préstimos e a boa vontade de seu governante - não uma ambição ditada por egocentrismo, megalomania, ou vaidade.

Através do estudo de caso acima, ilustramos então a *desmotivação* e a *transmotivação*. A *motivação*, por extensão, seria a introdução de um *motivo* onde o *hipotexto* não apresenta nenhum. Veremos mais sobre estas práticas *transposicionais* na Parte II de nossa exposição, quando analisamos a carta de Adriano a Serviano, mencionada por Yourcenar na *Nota* (p. 280).²¹⁴

Viu-se também, exemplificada na análise acima, a *transvalorização*, que diz respeito à “substituição de valores” atribuídos aos personagens, de um texto para outro.²¹⁵

Procuramos explicar, na parte que dedicamos acima às práticas *transposicionais* outras que não a *tradução*, algumas daquelas práticas que se aplicam a *Memórias de Adriano*. Como este estudo não se pretende em absoluto exaustivo - nem em relação ao conjunto das complexas relações entre práticas *transposicionais*, nem em relação ao romance *hipertextualmente* tão complexo de Yourcenar - mas pretende, tão somente, promover encontros relativamente

²¹⁴ GENETTE. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, pp. 372-382.

²¹⁵ *Idem*, p. 418

pontuais²¹⁶ entre alguns *hipotextos* presentes neste último e a teorização genettiana que justamente os designa enquanto *hipotextos*, haverá decerto práticas *transposicionais* passíveis de serem aplicadas ao romance, e que não abordamos.

Em *Palimpsestos*, Genette jamais oferece um quadro que sistematize seus aportes, à exceção daquele, que reproduzimos páginas atrás, que não apresenta qualquer prática *transposicional*, mas apenas os gêneros *hipertextuais* engendrados nas interseções entre a *transformação* e a *imitação*, de um lado, e os registros *lúdico*, *satírico* e *sério*, de outro. Sobre esse quadro, inclusive, o teórico diz, assim que o apresenta: “[t]udo que se segue será apenas, de uma certa maneira, um longo comentário deste quadro, que terá por principal efeito, espero, não justificá-lo, mas embaralhá-lo, decompô-lo e finalmente apagá-lo”.²¹⁷ As práticas *transposicionais* que, justamente, constituem “[t]udo que se segue” o quadro, nem sempre - senão raramente - são definidas de maneira nítida, cabal, inequívoca,²¹⁸ sendo, ao longo do texto, redimensionados eventualmente os alcances e pertinências de umas que outras. O índice de *Palimpsestos*²¹⁹ tampouco se pode dizer que propriamente auxilie o usuário da tipologia genettiana a localizar as ferramentas propostas no livro: quanto a algumas das práticas, em maior ou menor medida, sim, mas decerto não quanto a outras.

Em vista do que acabamos de colocar, ressaltamos uma vez mais que nossa exposição, no presente capítulo, de algumas práticas *transposicionais* que

²¹⁶ Na medida em que o possam ser. Poder-se-á perceber, a partir das dificuldades pragmaticamente enfrentadas nos estudos de caso, na Parte II de nossa exposição, e no item em que apresentamos nossas conclusões, que a questão da pontualidade que possa(m) ter tal(s) encontro(s) está longe de ser um ponto pacífico, em termos teóricos, em vista da complexidade *hipertextual* mesma de *Memórias de Adriano*.

²¹⁷ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 40

²¹⁸ Não ousamos sugerir que devessem ou pudessem sê-lo. A teorização genettiana incorre em questões filosoficamente bastante sutis, e no âmbito deste trabalho, jamais esteve no nosso foco o aprofundarmo-nos nelas, e se não nos furtamos a aflorar, adiante, algumas dificuldades teórico-conceituais e pragmáticas, na Parte II de nossa exposição, em especial ao abordarmos como *hipotexto* a carta de Adriano a Serviano, fizemo-lo sem que houvéssemos previsto, ao planejarmos nosso estudo, a necessidade de virmos a fazê-lo. Acreditamos, entretanto, que decorra, das observações que fazemos ali, certo interesse para a teorização.

²¹⁹ Cf. GENETTE. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, pp. 473-474

identificamos como aplicáveis a *Memórias de Adriano*, destinou-se a mostrar em que consistem algumas delas, mediante definições - sobretudo no caso daquelas que a nosso ver são mais simples de serem definidas - e para algumas com recurso à ilustração de uma aplicação, frequentemente conjugada com outras práticas, a um *hipotexto* de *Memórias de Adriano*. Dessas práticas *transposicionais*, somente algumas reaparecerão na Parte II de nossa exposição, mobilizadas para análise dos *hipotextos* que selecionamos.

Memórias de Adriano é um livro desafiador em vista do instrumental de análise oferecido em *Palimpsestos*, na medida em que praticamente cada mínima porção do texto mobiliza quantidade de operações *transposicionais* concomitantemente, obrigando frequentemente a que interroguemos as fronteiras entre elas – isso sem que se pense na quase ubiquidade da *tradução*, de mistura com quase toda outra prática.²²⁰ Além da *tradução*, uma outra prática *transposicional* é consideravelmente onipresente no romance: a *contaminação*, ao ponto de poder-se pensar *Memórias de Adriano* como uma *contaminação* múltipla generalizada. A mistura entre *hipotextos* nesse *hipertexto* resulta em um imbricado *patchwork*, de emaranhamento multiestratificado, e que causa a impressão de que nunca se terá explorado suficientemente as relações entre os arabescos inscritos na superfície (hiper)textual, e aqueles latentes, subjacentes.

Em boa hora esclareçamos: Genette titulóu seu livro em vista de um antigo expediente que evoca na primeira frase de seu livro, na qual define: “[u]m palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo”.²²¹ Quem fazia de um pergaminho um palimpsesto (real) não pretendia, em princípio, dar a entrever, sob a segunda inscrição, a anterior, e é com

²²⁰ Referimo-nos aqui, não à *tradução* que acima denominamos “virtual”, não àquela *tradução* do grego, ou do latim, para o francês, implicada, no plano intradieético, pelo fato de que quem teria escrito relato de memórias é romano e fileleno. Referimo-nos, sim, aqui, às *traduções* a que a quase totalidade dos *hipotextos* utilizados em *Memórias de Adriano* precisaram ser submetidos. *Traduções* estas plausivelmente feitas, também elas, a partir do grego ou do latim de autores antigos, e para o francês de Yourcenar, provavelmente com recurso a *traduções* em línguas contemporâneas, oferecidas nas edições lidas pela romancista ao longo do seu trabalho de pesquisa.

²²¹ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 5

licença poética autoconcedida que Genette se apropria metaforicamente do termo. Para conceder-mos também nós, por nosso turno, a licença de estender a metáfora, diremos que *Memórias de Adriano* foi sobredito na superfície de um quebra-cabeças de retalhos de pergaminhos raspados.

Em vista da complexidade *hipertextual* da obra, abordamos neste estudo uma quantidade pequena de *hipotextos*. Aqueles que selecionamos para abordar, entretanto, parecem-nos emblemáticos e eloquentes em relação a essa mesma complexidade de que participam, permitindo que a entrevejamos por sob o texto romanesco que enformam.

Antes de justificarmos nossa seleção de *hipotextos*, é importante que façamos ainda algumas considerações mais sobre peculiaridades *hipertextuais* de *Memórias de Adriano*. Começamos por colocar-nos uma pergunta: o que é o *bit*,²²² o elemento textual mínimo, da textualidade conforme entendida por Genette? Poderia ser uma palavra ser entendida como texto? Lembramos que, no caso do *Ulisses* de Joyce, o nome próprio que constitui o título do romance é, por si próprio, considerado por Genette em suas dimensões simultaneamente paratextual titular, intertextual alusional, e hipertextual. Quatro dos títulos dos capítulos de *Memórias de Adriano* são expressões e palavras latinas que foram um dia legendas monetárias, mas certamente se encontram todas também em textos não-numismáticos, e veremos que rendem comentários interessantes quando vistos à luz das categorias genettianas da *transtextualidade*.²²³ Qual nível de sintagma, então - que número mínimo, ou que modo de configuração mínima, de elementos, por assim dizer, pré-textuais, ou infratextuais, é suficiente para que um segmento escrito possa ser

²²² Em um sentido figurativamente aproximado – permitindo-nos a metáfora - daquele em que se fala, nas ciências da informação, em *bits* e *bytes* de informação.

²²³ Nos casos dos títulos dos capítulos que foram legendas monetárias, e se encontram, como veremos, em livros sobre numismática greco-romana que Marguerite Yourcenar menciona na *Nota*, consideramos adequada a aplicação do aporte teórico fornecido por *Palimpsestos*, às vezes mais pelas considerações que tecemos sobre suas apropriações para o romance, com base nas interconexões apresentadas pelas diferentes categorias de transtextualidade, conforme por nós expostas acima, do que em específico com base nas operações *transposicionais* que se aplicam a *hipotextos* mais extensos.

considerado já textual, para poder ser entendido como objeto em potencial de uma operação *hipertextual* – isto é, para poder ser tomado como *hipotexto*?

Quando falamos acima na *tradução* “virtual” que pode ser pensada, imaginada, no caso de *Memórias de Adriano* – tradução de um texto que intradiegeticamente teria sido escrito em grego e/ou latim pelo memorialista, para o francês de Yourcenar - as palavras gregas ou latinas que se possa entrever “virtualmente” a partir das inflexões “reais” do *hipertexto* (únicas fisicamente, textualmente, existentes) – essas palavras são *hipotextos*? Um dicionário em que se possa encontrá-las o é? Se são termos de cunho filosófico, é o conjunto das obras filosóficas que os contenham e definam que é (são) *hipotexto(s)*? Dicionários de termos filosóficos também poderiam sê-lo?

Parece-nos ter o potencial de ser rico o encontro entre a questão da língua antiga suponível por sob a superfície textual do romance francófono, de um lado, e do outro lado a concepção genettiana de *hipertextualidade*, e a categoria *transposicional* da *tradução*. Entretanto, de modo a nos assegurarmos de estar lidando com a *hipertextualidade* propriamente dita, previamente definida quanto a alguns de seus contornos, conforme se configura em *Memórias de Adriano*, desejamos fazer nossas algumas – a maior parte - das seguintes palavras de Genette:

[a]bordarei (...) a hipertextualidade, salvo exceção, por sua vertente mais clara: aquela na qual a derivação do hipotexto ao hipertexto é ao mesmo tempo maciça (*toda uma obra B deriva de toda uma obra A*) e declarada, de maneira mais ou menos oficial.²²⁴

Adiante propomos reformulações consideráveis para as partes que grifamos desta passagem de *Palimpsestos*. Mas antes vejamos quanto às partes que exigiram menos reformulação, ilustrando as vicissitudes em que tem de incorrer a aplicação da *hipertextualidade* a *Memórias de Adriano*, mediante a observação de alguns aspectos de dois dos *hipotextos* que analisamos na Parte II de nossa

²²⁴ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 22. Grifos nossos.

exposição. Esses dois *hipotextos*, uma carta de Adriano a Serviano, e o *Périplo do ponto Euxino* de Arriano, coadunam-se bem com a ideia, expressa na passagem de *Palimpsestos* acima, de uma derivação maciça e declarada.

Declarada, mas não exatamente no sentido em que o entende Genette, isto é, na linha da declaração de *hipertextualidade* obrigatória que com frequência fazem os “gêneros oficialmente hipertextuais (...), como a paródia, o travestimento, o pastiche”.²²⁵ Derivação declarada sim, mas pela própria Marguerite Yourcenar, quando em sua *Nota* menciona o recurso a esses textos (p. 280; p. 283).

Veremos em mais detalhe, quando deles tratarmos em nossa análise, no próximo capítulo, como esses dois textos foram utilizados por Yourcenar de maneiras que se coadunam igualmente bem com a ideia da derivação maciça.

Maciça, mas não exatamente como quer Genette. Toda a obra B, se essa obra é *Memórias de Adriano*, não deriva de toda uma obra A, qualquer que seja esta. Mesmo em se pensando no caso dos historiadores antigos, ou modernos, do reinado de Adriano, não se pode considerar que alguma delas detenha, em qualquer medida, o monopólio dos numerosos elementos ficcionalizados por Yourcenar: a romancista declarou, como referimos páginas atrás, que o texto do *Périplo* de Arriano forneceu, não só “passagens” (p. 283), mas também muitos mais elementos (p. 270), que incorporou em seu romance. Muitos outros textos – vimos um pouco sobre alguns – prestaram contribuições.

Ora tornemos à fórmula, citada mais acima, em que Genette explicita, por A mais B, o que entende por derivação maciça, e busquemos reformulá-la de modo a que se possa aplicar a nossa “obra B”. Dadas certas idiosincrasias da natureza hipertextual desta última, o esquema precisa decerto ser um tanto quanto menos, por assim dizer, formuláico. Diremos que, ao longo do texto de *Memórias de Adriano*, há, aqui ou ali, uma passagem B que “mais manifesta, maciça e explicitamente”²²⁶ deriva [de uma passagem A] de tal ou tal *hipotexto*,²²⁷ predominantemente.

²²⁵ *Idem, ibidem*

²²⁶ *Idem, ibidem*

Predominantemente – dizemos - porque há com frequência *contaminação* com outros *hipotextos*, no interior de quase toda passagem B, e na apropriação de quase toda passagem A. Com frequência elementos inclusive um tanto quanto pontuais, hauridos a outros textos, foram incrustados, enxertados, na passagem de A para B. Assim, a porção de texto B, nem por isso deixando de derivar maciça e predominantemente da porção de texto A, resulta crivada – enriquecida - de elementos alóctones.

O que vimos dizendo, fizemo-lo mantendo sempre em mente, e procurando não perder de vista, a proposta que se faz Genette – e que consideramos cauto fazermo-nos também nós, em nossa seleção de *hipotextos* - de abordar a *hipertextualidade* “por sua vertente mais clara”. Em nosso caso, buscamos abordá-la pela vertente mais clara que se nos afigurou possível em vista da complexidade *hipertextual* de *Memórias de Adriano*. Justifiquemos então agora, com vistas ao que acabamos de colocar, nossa opção, na seleção que precisamos fazer de *hipotextos* a serem abordados, pelos dois que mencionamos acima.

O *Périplo do ponto Euxino* de Arriano é talvez o único *hipotexto* de que derive, para *Memórias de Adriano*, “toda” uma passagem B – “quase” toda – e trata-se igualmente de um raro caso em que não há *contaminação*.

Da carta de Adriano a Serviano, por seu turno, derivou-se quase todo um parágrafo de *Memórias de Adriano*, e mais algumas passagens deste, separadas, (hiper)textualmente mais distanciadas entre si. “Quase” todo, dizemos, porque o parágrafo foi crivado de contaminações mais, ou menos, pontuais – porque então não é tudo, nesse parágrafo, que deriva do *hipotexto* que é a carta a Serviano.

Ao fazermos a opção por abordar esses dois textos, buscávamos cernir o que se possa, no romance de Yourcenar, localizar como um *hipotexto*. Localizar, no sentido de cernir em um *locus*, um segmento textual literário em especial, um passo. Quando falamos em *hipotextos* que selecionamos, seria talvez mais apropriado dizer que o que foi por nós selecionado são *loci* (plural de *locus*), no *hipertexto*, mais

227

Nossa razão para o uso dos colchetes consiste em que o item A de nossa reformulação pode ser às vezes, sim, uma “obra” – “toda” uma obra, como diz Genette, com o sentido de “maciçamente” uma mesma “obra A”: caso de *hipotexto* “mais” inteiro

inteiriçamente derivados de *hipotextos* por sua vez também mais inequivocamente identificáveis.

Outros *hipotextos* por nós selecionados para análise são *citações* latinas: os títulos dos capítulos de *Memórias de Adriano*, sobre os quais já dissemos um tanto, páginas atrás, a título introdutório e para explicar, e ilustrar com exemplos hauridos a nosso objeto de estudo, algumas vicissitudes do aporte teórico genettiano. Na Parte II de nossa exposição, dedicada a análises *hipertextuais* que buscam atingir maior profundidade,²²⁸ abordamos esses títulos, mediante o instrumental oferecido por *Palimpsestos*, em vista do que revelam sobre significações e efeitos buscados no *hipertexto*, mas também um pouco mais em vista do que revelam sobre a complexidade das relações *transtextuais*, conforme se afiguram no romance de Yourcenar. Trata-se de *citações*, de *intertextualidade* portanto, mas nos parece que as linhas divisórias entre alguns dos tipos da *transtextualidade* genettiana demandam por ser, no caso de algumas apropriações textuais figuradas em *Memórias de Adriano*, costeadas, inspecionadas, sondadas, interrogadas, e aqui ou ali, permeabilizadas. O próprio Gérard Genette parece pouco disposto a consagrar como finita a produtividade da atividade taxonômica que enceta em *Palimpsestos*, como acabado, perfeito, finalizado, o repertório tipológico das diversas categorias da *transtextualidade*. Como vimos acima, Genette declara que toda a parte de *Palimpsestos* que segue o seu “quadro geral das práticas *hipertextuais*”, a parte então onde o teórico esboça, lapida, escrutina e esmiúça uma profusão de práticas *transposicionais* - toda essa parte, diz – e repetimo-lo, pois nos parece bem lembrado - “será apenas, de uma certa maneira, um longo comentário deste quadro, que terá por principal efeito, *espero*, não justificá-lo, mas *embaralhá-lo*, *decompô-lo* e finalmente apagá-lo”.²²⁹

²²⁸ Em relação àquelas, decididamente parciais, que oferecemos, com fito explanatório, em nossa exposição do caráter *hipertextual* de *Memórias de Adriano*, e da teorização presente em *Palimpsestos*.

²²⁹ GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 40. Grifos nossos.

É um quadro relativo à *hipertextualidade* que Genette espera afinal apagar, e não um relativo, um nível acima, à *transtextualidade*, mas a nós parece que também o campo de abrangência desta última possa ser objeto de redemarcações internas. Nesse sentido, outra passagem de *Palimpsestos* já por nós dantes citada parece-nos convir novamente aqui: “[a]s diversas formas de transtextualidade são ao mesmo tempo aspectos de toda textualidade e, potencialmente e em graus diversos, das categorias de textos”.²³⁰ Assim, se entendemos bem, a *intertextualidade* pode ser vista como um aspecto da *hipertextualidade*. Poder-se-á então, por extensão, lançar mão dos termos a *citação* e a *alusão* na análise *hipertextual*? No caso da *citação*, conforme argumentamos em nosso item 1.5 acima - e diremos um pouco mais sobre isso logo adiante, perto do fim deste item 1.8, quando justificarmos nossa seleção de *hipotextos* – a resposta à pergunta acima nos parece ser bastante desproblematizadamente positiva.

Já no caso da definição genettiana da *alusão*,²³¹ por seu turno, se tomada em sentido estrito, a resposta parece ser negativa, e então, com o fito de evitar esse termo, e porque certo aspecto dele nos parece útil à análise *hipertextual* que encetamos na Parte II de nossa exposição, propusemos, em nosso item 1.5 acima, o termo “caráter alusivo”, para designar o ato de apontar para o dado *hipotextual* – ato que, às vezes mais, às vezes menos, parece prescrito pelas – ou inscrito nas - inflexões de um *hipertexto*.

Uma passagem de *Palimpsestos* que já citamos páginas atrás parece pertinente neste novo contexto, e permitimo-nos então citá-la novamente:

(...) o hipertexto se protege [do apoio de uma parte do intertexto citacional] (...), mas *não completamente*, a não ser por meio de alusões textuais (Scarron [autor do travestimento *Virgile travesti*] invoca às vezes Virgílio) ou paratextuais (o título *Ulisses*)”.²³²

²³⁰ *Idem*, p. 21

²³¹ *Idem*, p. 12

²³² *Idem*, p. 20

Isto é: Genette diz que o *hipertexto* às vezes *cita* fazendo *alusão*, e nem por isso deixa de ser *hipertexto* para ser *intertexto* – ou ao menos não só *intertexto*.

Já que o leitor médio pode avançar na leitura, compreendendo bastante *Memórias de Adriano* mesmo sem profundos compartilhamentos com seu mundo *hipotextual*, é sem mais pejo do que o de esquivarmo-nos ao termo *alusão*, que abordaremos então, na Parte II de nossa exposição, títulos que são *citações* e que, como tantas inflexões nesse romance, apresentam “caráter alusivo”. Teceremos então considerações sobre o caráter *hipertextual* que mana também, em *Memórias de Adriano*, desses *paratextos* que são *intertextos* e também, porções de *hipertexto* com pronunciado “caráter alusivo”: bastante pontuais, e como que externos aos capítulos com que suas significações mais intimamente se relacionam – ou antes, com os conteúdos dos quais podem, sim ou não, ser relacionadas pelo leitor – os títulos dos capítulos em nada obstaculizam a compreensão suficiente do romance – não se pode falar em *alusão*. Por serem em latim, por outro lado, remetem bastante evidentemente a porções textuais, ou ao menos linguísticas, e inflexões culturais, e a fruição mais, ou menos, plena dos ecos que encontram alhures no texto romanesco depende do grau em que possa funcionar, para cada leitor, em que possam ser preenchidas por cada leitor as lacunas semânticas que lhe conferem o “caráter alusivo”.²³³

Vimos que Genette optou, em sua obra teórica, por abordar a *hipertextualidade* pela vertente em que a derivação, do *hipotexto* ao *hipertexto*, é mais maciça. Coerentemente com isso, ele diz ter deixado de lado ali “toda hipertextualidade pontual”, que, a seu ver, “concerne melhor à intertextualidade”.²³⁴ Podemos nos perguntar se Genette veria títulos e *citações* latinas em um romance francófono como casos de “hipertextualidade pontual”. Melhor: se os veria como tais

²³³ Neste ponto convém observar um detalhe: Genette diz que a “compreensão plena” do enunciado que faz *alusão* “supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete”, mas a “percepção” somente da existência de tal relação não garante a compreensão plena. Esta só é garantida pela posse, em maior ou menor grau, pelo leitor, do(s) conhecimento(s) que preencham as lacunas semânticas a que nos referimos. A passagem de *Palimpsestos*, que já havíamos citado páginas acima, se encontra em: GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 12.

²³⁴ *Idem*, p. 23

em *Memórias de Adriano* – romance altamente implicado em tudo quanto impertiga Genette em *Palimpsestos*, ou quase – e também um romance em que essas citações latinas, conquanto pouco extensas, decerto participam no prazer do jogo *hipertextual*, justamente mediante o “caráter alusivo” que invariavelmente apresentam.

Uma passagem da bucólica segunda de Virgílio (verso 65), como a que se encontra, em latim, no capítulo *Tellus stabilita* – “[t]rahit sua quemque voluptas” (p. 118) - parece não poder encontrar melhor classificação, na terminologia em *Palimpsestos*, senão a de *citação*. Trata-se de um dos *hipotextos* que selecionamos, e, no item 2.3 da Parte II de nossa exposição, tecemos considerações sobre os efeitos *hipertextuais* desse *intertexto citacional*, que envolvem, entre outras operações *transposicionais*, a *tradução da citação*, de que a mesma se faz seguir no romance. Assim também, alguns dos títulos dos capítulos encontram, como veremos, diversas formas de tradução, ou de explicação e/ou explicitação (de seus ecos e conteúdos), em passagens mais, ou menos, textualmente distantes deles, no interior de *Memórias de Adriano*.

Outra *citação* latina, por nós selecionada como *hipotexto*, consiste nas palavras hauridas à *Vita Aelii* e à *Eneida* de Virgílio,²³⁵ e alocadas no capítulo *Disciplina Augusta* (p. 228), sobre as quais veremos no item 2.5 da Parte II de nossa exposição, onde abordamos esse capítulo.

O poema do imperador Adriano que consta na epígrafe de *Memórias de Adriano* será o primeiro *hipotexto* que abordaremos na Parte II de nossa exposição: primeiramente enquanto o fornecedor, com seu primeiro verso, do título do primeiro capítulo de *Memórias de Adriano*, e a seguir, em vista dos ecos que seus demais versos encontram alhures, não somente no corpo desse primeiro capítulo, mas também um pouco por toda parte no romance.

Afora os dois *hipotextos* mais extensos, isto é, a carta de Adriano a Serviano, veiculada na *História Augusta*, e o *Périplo do ponto Euxino*, de Arriano, e as citações latinas nos títulos e outras que referimos, abordaremos também, conforme

²³⁵ Mencionamos o primeiro desses *hipotextos* acima, perto do início deste nosso item 1.8, quando falamos sobre a *transmodalização intramodal* relativa ao *modo-distância*.

mencionamos em nossa Introdução, a fábula da rã e do boi, que tem versões atribuídas a Esopo, a Fedro e a Bábrio. Esse caso permite ver que, em *Memórias de Adriano*, por vezes se pode deparar a existência de mais de um *hipotexto* possível, concorrente de os mais, e todos, de uma certa maneira, podem ser tidos, conjuntamente, como os textos antigos que fornecem os elementos ficcionalizados no romance – nem por isso perdendo-se o interesse da abordagem do caso à luz das reflexões e conceitos presentes em *Palimpsestos*.

Além dos *hipotextos* mencionados, recorreremos ainda, quando nos pareceu convir, a outras fontes textuais, tais como a *Vita Hadriani*, a *Vita Aelii*, a *Vita Marci Antonini Philosophi*, a *História Romana* de Dion Cássio, e aquela, de autor desconhecido, chamada *Epitome de Caesaribus*,²³⁶ entre outras, que decerto constituem também importantes *hipotextos* de *Memórias de Adriano*. Estas, entretanto, foram às vezes abordadas por nós de maneira mais pontual e menos *hipertextual*, casos em que as utilizamos sobretudo em vista do comentário que ofereciam para a análise de nossos *hipotextos* principais. Outras vezes, as abordamos de maneira mais propriamente *hipertextual*, de modo que aqui e ali se pode dizer que façam também parte de nossa seleção de *hipotextos*, em todo o seu vigor, só não por inteiro – abordamos, destas obras históricas, somente passagens. No item 2.2 da Parte II de nossa exposição, onde falamos sobre o capítulo *Varius multiplex multiformis*, tecemos considerações de cunho mais propriamente *hipertextual* sobre o uso da *Vita Hadriani* por Yourcenar.

Ora vamos à Parte II da exposição de nosso estudo, onde tecemos considerações, à luz das inflexões da teoria genettiana da *transtextualidade* em geral, e em específico mediante a aplicação de algumas operações *transposicionais*, sobre os modos de apropriação e transformação que incidiram sobre aportes textuais de obras da antiguidade greco-romana, na criação de *Memórias de Adriano*.

Nossa exposição, nessa segunda parte, se inicia sempre pela abordagem do *título*, para, a seguir, passar a outro *hipotexto* contido no *capítulo*.

²³⁶ Todas elas arroladas como fontes utilizadas pela autora na *Nota* (p. 282). As três primeiras pertencem à coleção de biografias de imperadores, Césares, e pretendentes ao trono, conhecida como *História Augusta*.

PARTE II

Nesta parte de nossa exposição, procedemos à análise das relações de determinadas passagens de *Memórias de Adriano* com alguns de seus *hipotextos*. Sempre que possível, ordenamo-los conforme a ordem de aparecimento no romance, mas como um mesmo *hipotexto* às vezes gerou diversas passagens, especialmente, separadas nesse *hipertexto*, inserimos alterações nessa ordem, ali onde nos pareceu conveniente, para manter o foco no conjunto dos contributos de cada texto antigo. Duas lógicas de ordenação vêm de mistura, então, em nosso modo de exposição: aquela em que aparecem, no romance, as passagens derivadas de cada um dos *hipotextos* que abordamos – segundo também, portanto, a ordem dos capítulos -, e aquela ditada pela distribuição, no romance, dos aportes de cada um desses *hipotextos*.

2.1. ANIMULA VAGULA BLANDULA

Como vimos anteriormente, o primeiro capítulo de *Memórias de Adriano*, toma seu título, *Animula vagula blandula*, do primeiro verso de um poema que a *Vita Hadriani* reporta como havendo sido escrito pelo imperador pouco antes de sua morte. No caso desse título, pelo fato de o poema de onde provém vir reproduzido logo antes em epígrafe, e ainda pelo fato de seus versos encontrarem-se traduzidos e prosificados ao fim do romance, consideramos que há ecos, paralelismos e confluências temáticas, não somente do título do capítulo, mas também do conjunto do poema, com os conteúdos da porção da narrativa que ele nomeia, isto é, do próprio capítulo, e mesmo mais extensamente do romance como um todo. Se o poema em epígrafe dirige-se à alma, que, estando para separar-se em breve do corpo, não mais se entregará a jogos, o relato memorialístico se inicia com o narrador informando sobre o agravamento da sua “mortal enfermidade” (p. 10), para,

a seguir, concatenar confabulações sobre as atividades a que teve que renunciar em razão da doença, atividades nostalgicamente evocadas como prazerosas, todas ligadas ao uso do corpo.

Das muitas passagens da narrativa em que são evocados os prazeres dos sentidos pode-se depreender os delineamentos de uma certa concepção sobre as relações mantidas entre o corpo e a alma. O imperador, “um homem que avança em idade e prepara-se para morrer de uma hidropisia do coração” (p. 9), viverá um dilema, hesitará em lançar mão do suicídio para abreviar o sofrimento causado pela doença. Esse dilema não figura ainda no primeiro capítulo, mas ocupará uma parte considerável do último, *Patientia* (cf. pp. 237-241), que apresenta muitos elos de continuidade com o primeiro. Desde o princípio da narrativa, entretanto, Adriano mostra-se consciente da gravidade do mal que o aflige, e inquieta-se pela perda próxima do corpo, e pela perda em curso das faculdades deste. Assim como, no poema, a alma é interpelada por um eu lírico que não se identifica integralmente com ela, no início da narrativa também, atribui-se ao corpo um dono, que não é a alma, mas um eu que possui alma e corpo, que conhece mais o corpo, e em breve manterá, será, somente a alma.

Esta manhã, pela primeira vez, ocorreu-me a idéia de que meu corpo, este fiel companheiro, este amigo mais fiel e mais meu conhecido do que minha própria alma, não é senão um monstro sorrateiro que acabará por devorar seu próprio dono. Paz... Amo meu corpo. Ele me serviu muito e de muitas maneiras: não lhe regatearei agora os cuidados necessários. (p. 9)

No poema, a alma era “vagula”, inconstante, e “blandula”, tenra, tênue, inefável, intangível; na passagem acima, ela é menos fiel e menos conhecida do que o corpo. Não que essas características lhe retirem qualquer valor no entender de Adriano; quando tece considerações sobre o amor, ele define a carne como “esse instrumento de músculos, sangue e epiderme, essa nuvem vermelha de que a alma é o relâmpago” (p. 17).

O caso é que o corpo é um velho conhecido, que agora começa a faltar para com seu dono. Mais adiante no romance, quando seu estado de saúde se agrava ainda mais, o imperador pondera:

Durante toda a minha vida mantive bom entendimento com meu corpo; contei implicitamente com sua docilidade, com sua força. Essa estreita aliança começava a dissolver-se; meu corpo já não se identificava com minha vontade, com meu espírito e com *aquilo que forçosamente, inabilmente, devo chamar minha alma*. O companheiro inteligente de outros dias já não passava de um escravo que executa de má vontade sua tarefa. Meu corpo temia-me (...). (p. 210. Grifo nosso)

O corpo é definido com certa precisão, em dois tempos. A alma, por seu turno, é algo de mais inapreensível. Os mistérios da alma e os da morte interessam ao personagem desde quando era mais jovem. Em uma determinada passagem, ele demonstra possuir, desde anteriormente, conhecimentos sobre as especulações filosóficas nesse campo:

Numênio dava (...) aos mitos de Platão sobre a natureza da alma uma interpretação que permanecia tímida, mas que teria levado longe um espírito mais audacioso do que o dele. (p. 157)

Seu interesse o leva inclusive a participar de experimentos sobre o assunto. Suas interrogações não obtêm respostas, mas o desejo de conhecimento persiste:

Dominava-me a curiosidade sobre as regiões intermediárias onde a alma e a carne se fundem, onde o sonho corresponde à realidade e, por vezes, a ultrapassa, onde a vida e a morte permutam seus atributos e suas máscaras. Meu médico Hermógenes, apesar de desaprovar tais experiências, pôs-me em contato com um pequeno número de praticantes que trabalhavam nesse campo. Tentei com eles localizar a sede da alma, descobrir os vínculos que a ligam ao corpo e medir o tempo que ela leva para se separar dele. Alguns animais foram sacrificados nessas pesquisas. O cirurgião Sático levou-me à sua clínica para assistir a algumas agonias. Sonhávamos muito alto: não será a alma apenas o supremo confim do corpo, frágil manifestação da dor e do prazer de existir? Ou, ao contrário, será mais antiga do que esse corpo modelado à sua imagem e que, bem ou mal, lhe serve momentaneamente de instrumento? É possível chamá-la no interior da carne, restabelecer entre elas a união estreita, a combustão a que chamamos vida? Se as almas possuem identidade própria, podem elas permutar-se, ir de um ser a outro como o pedaço de um fruto ou o gole de vinho que dois amantes passam um ao outro num beijo? Todos os sábios mudam de opinião sobre esses assuntos vinte vezes por ano; em mim, o ceticismo debatia-se entre a vontade de saber e o entusiasmo pela ironia. Mas estava convencido de que nossa inteligência só deixa filtrar até nós um magro resíduo dos fatos: interessava-me cada vez mais pelo

mundo obscuro da sensação, espécie de noite negra onde cintilam e rodopiam sóis ofuscantes. (pp. 157-158)

Quando narra os funerais de seu amado Antínoo, Adriano relembra que por um momento duvidara de maneira particularmente intensa da imortalidade da alma e mesmo da existência desta, e evoca a alguma irritação experimentada outrora ante os argumentos de que haviam lançado mão certos poetas do império ao comporem versos de consolação para o amante enlutado:

Só a alma contava; apresentavam arrogantemente como fato indiscutível a imortalidade daquela entidade vaga que nunca vimos funcionar na ausência do corpo, antes de lhe provarem a existência. Não me sentia tão convencido a esse respeito; já que o sorriso, o olhar, a voz, essas realidades imponderáveis tinham sido aniquiladas, por que não a alma? Esta não me parecia necessariamente mais imaterial do que o calor do corpo. Nós nos afastávamos dos despojos onde essa alma já não habitava: era, porém, a única coisa que me restava, minha única prova de que aquele ser vivo existira. (p. 180)

Mas se hesita quanto à ideia da sobrevida no além-túmulo, o moribundo acha também “demasiado simples a solução contrária, o nada definitivo, a cavidade vazia onde ressoa o riso de Epicuro” (p. 247). Seu desejo de conhecer a verdade nesse campo persistirá até o fim da vida, ou pelo menos da narrativa, quando, como vimos, ele exorta a alma a “entrar na morte com os olhos abertos” (p. 251). Persiste também, de certo modo, a investigação empírica sem resultados conclusivos:

Observo meu fim: a série de experiências feitas em mim prossegue o longo estudo começado na clínica de Sático. Até o presente, as modificações são tão exteriores como aquelas a que o tempo e as intempéries submetem os monumentos, sem lhes alterarem nem a matéria, nem a arquitetura: creio, por vezes, perceber e tocar através das fendas a base indestrutível, a matéria eterna. (p. 247)

Mais adiante na narrativa, Adriano imagina as similaridades que a morte desconhecida possa entreter com o sonho pouco conhecido, e deixa entrever aquilo que mais o inquieta, o que teme perder:

Se o mundo larvar e espectral, onde o trivial e o absurdo se multiplicam ainda mais abundantemente do que na terra, nos oferece

uma idéia das condições da alma separada do corpo, passarei sem dúvida minha eternidade a lamentar o delicioso comando dos sentidos e as perspectivas reajustadas da razão humana. (p. 248)

Um dos temas introduzidos nesse primeiro capítulo então é o “gosto apaixonado pelos prazeres do corpo” (p. 76) que Adriano professa. Grande parte da extensão do capítulo consiste em meditações escritas sobre atividades ligadas ao uso do corpo e dos sentidos, a que o imperador precisou ou precisará em breve renunciar, na doença e na morte. Mesmo no caso daquelas não mais praticadas, ele demonstra seu apego: a memória lhe permite ainda extrair prazer delas. Mas mais que isso ainda, ele liga essa observação a uma concepção, a uma forma de crença na imortalidade, em uma imortalidade baseada na “simpatia”, na compaixão, no sentido de partilha de sentimentos com outros homens – no caso, com todos eles, com o gênero humano:

Minhas antigas experiências com a velocidade dos galopes permitem-me agora partilhar o prazer de cavalo e cavaleiro lançados a toda a velocidade sob o sol e o vento. Quando Céler salta do cavalo, com ele retomo contato com o solo. O mesmo passa-se com a natação: a ela renunciei, mas continuo participando do prazer do nadador acariciado pela água. Correr, mesmo o mais curto percurso, seria hoje tão impossível para mim quanto para a pesada estátua de pedra de um César. Posso, entretanto, lembrar-me de minhas carreiras de criança pelas colinas secas da Espanha, das brincadeiras comigo mesmo, nas quais ia até os limites do fôlego, seguro de que o coração perfeito e os pulmões intactos restabeleceriam o equilíbrio. Como o mais insignificante dos atletas que treina sua corrida ao longo do estádio, tenho um entendimento tão perfeito que a inteligência por si só não me poderia proporcionar nunca. Assim, de cada arte praticada, retiro hoje um conhecimento que me compensa em parte os prazeres perdidos. Acreditei, e nos meus bons momentos ainda acredito, que seria possível partilhar da existência de todos os homens, e que essa simpatia seria uma das formas irrevogáveis da imortalidade. (p. 12)

No último capítulo, quando o estado de saúde de Adriano está consideravelmente agravado, já não serão mais essas sensações compensatórias dos prazeres perdidos que a memória lhe proporcionará:

(...) a fadiga do meu corpo comunica-se à minha memória; a imagem das escadas da Acrópole é quase insuportável para um homem que se sente sufocado ao subir os degraus do jardim; o sol de julho sobre

a planície de Lambessa prostra-me hoje, como se eu expusesse ali minha cabeça descoberta. (p. 237)

Ao analisar o último capítulo do romance, Rémy Poignault²³⁷ observa o processo que aqui relacionamos com o poema de Adriano e suas retomadas hipertextuais, em epígrafe, no último parágrafo das memórias do imperador, e no título desse capítulo inicial:

Quando aos poucos ele se houver recuperado [da tragédia que foi para ele a morte de Antínoo], o único caos que permanecerá em seu ser será causado pela doença que sublinhará cada vez mais a *desunião entre o corpo e a alma* (...).²³⁸

Se a narrativa que segue depois do poema se volta para o passado e se estende em considerações existenciais sobre a vida plena do corpo sensível, o poema, por sua vez, interpela a alma, praticamente desconhecida, no limiar da passagem para o absolutamente desconhecido; como vimos, o poema consiste em um vocativo, uma interpelação, e termina como que em reticências, como que a pedir complementação. Ao longo de todo o romance, o personagem expressa reiteradamente sua dúvida e expectativa quanto ao que o aguarda após a vida:

(...) a impossibilidade de continuar a exprimir-se e a modificar-se pela ação é *talvez* a única diferença entre os mortos e os vivos. (p. 26. Grifo nosso)

(...) quem diz morte diz também mundo misterioso ao qual *talvez* tenhamos acesso através dela. Depois de tantas reflexões e experiências por vezes condenáveis, ignoro ainda o que se passa do outro lado dessa cortina negra. (p. 131. Grifo nosso)

Pode ser, afinal, que essa gente tenha razão, e que a morte seja feita da mesma matéria fugidia e confusa que a vida. (p. 247. Grifo nosso)

Ao longo do período de escrita de suas memórias, a doença de Adriano se agrava intensamente, causando-lhe mais e mais sofrimentos. Há um personagem

²³⁷ POIGNAULT, Rémy. “La mythologie dans *Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 72

²³⁸ *Idem, ibidem*. Tradução e grifo nossos.

cujo destino marca esse fato. No primeiro capítulo, já por causa dos rápidos progressos da hidropisia do coração, Hermógenes, médico de Adriano, estava “pronto a lançar no opróbrio o jovem Iolas”, que havia assistido o imperador enquanto Hermógenes viajava ao oriente em busca de plantas e sais medicinais (p. 9). No último capítulo, quando a doença está mais avançada e provoca muito sofrimento a Adriano, este implora a Iolas que lhe providencie veneno. O médico finge concordar, mas toma o veneno e morre, de modo a não quebrar seu juramento hipocrático, nem contrariar o imperador. Esse fato terá uma consequência na maneira de Adriano encarar seu fim:

(...) retomarei posse de mim mesmo antes de morrer. A morte de Iolas, fiel ao dever de médico, exorta-me a conformar-me até o fim com as conveniências do meu ofício de imperador. *Patientia*: falei ontem com Domício Rogato, nomeado procurador das moedas e encarregado de presidir a uma nova cunhagem; escolhi esta legenda, que será a minha última determinação. (p. 240)

Ao fim do romance, ele completará o sentido da interpelação à alma deixada em aberto no vocativo em que se resume o poema e o título *Animula vagula blandula*. Pede à alma “terna e inconstante”, desconhecida e incerta, que siga com ele até o instante derradeiro. O apego ao corpo velho conhecido marca também sua presença até o último suspiro, as últimas palavras, os “olhos abertos”. Mantém-se acesa, deste modo, a curiosidade natural que Yourcenar atribui a seu personagem. Anteriormente, já no último capítulo, ele expressa essa decisão:

Neste momento, como nos meus tempos felizes, e por razões absolutamente contrárias, parece-me que a vida nada mais tem a oferecer-me, mas *não estou certo de não ter nada mais a aprender sobre ela*. Escutarei suas instruções secretas até o fim. Confiei toda a minha vida na sabedoria do meu corpo; procurei desfrutar com discernimento as sensações que este amigo me proporcionava: *devo a mim mesmo a obrigação de apreciar também as últimas*. (pp. 240-241. Grifos nossos)

No *hipertexto*, então, aquilo que foi transposto do poema veiculado na *Vita Hadriani* permite essa(s) leitura(s): introduz os temas, do mistério da morte, da percepção positiva do corpo dado a jogos sensoriais, e da intangibilidade da alma,

noção vaga, mas cara a seu dono; aponta-se também, através do poema, para o momento da enunciação - que se desloca ao longo do agravamento do mal que aflige o personagem – até o momento extremo, o limiar da morte, acompanhado de uma crise existencial à vista da aproximação do fim da convivência com as coisas conhecidas e apreciadas; o poema e o título dele extraído introduzem ainda essa narrativa retrospectiva de um moribundo com uma prospecção que evoca e antecipa o outro extremo da narrativa, e que tem algo de jocoso, de leve, que vem de mistura com a tragicidade intrínseca à circunstância, através dos diminutivos que, como vimos acima, vêm aplicados às imagens poéticas da alma e da morte, e da imagem relativa ao companheirismo de corpo e alma, que juntos se entregam a jogos. Marguerite Yourcenar associa certa ideia de leveza ao fato de Adriano não ser propriamente um romano, tendo nascido na Espanha – Hispania, a província hispânica do Império romano - embora ressalte que “certamente é absurdo, por falta de informação, imaginar essa Espanha de antes tudo o que sabemos da Espanha. Mas um acento ‘espanhol’ já era reconhecível, pois em Roma ele era objeto de troça no jovem Adriano”²³⁹:

(...) seus pequenos versos *ligeiros, quase sem peso*, sobre a morte, me fazem pensar em certos aspectos do temperamento sevilhano, onde *a ligeireza alterna com o trágico*. E depois, no sentido do trágico, há esse culto dos mortos, essa *familiaridade apaixonada com a morte*. Pensar que ele, apenas ele, ao contrário do uso imperial, usou o luto da mulher de seu predecessor, Plotina; que se comprouve em construir ou reconstruir os túmulos de tantos grandes homens da Antiguidade; que mandou construir para si mesmo e seus sucessores esse enorme mausoléu (...).²⁴⁰

A morte é um tema muito recorrente ao longo do romance em seu conjunto, não somente a morte de Adriano, mas também as de vários outros personagens, e mesmo a de animais, astros, e civilizações. E com a morte, a imortalidade, a alma, a eternidade, a mudança, o retorno, a viagem.

²³⁹ YOURCENAR, Marguerite. **De olhos abertos**, p. 100

²⁴⁰ *Idem*, pp.100-101. Grifos nossos.

A leveza identificada por Yourcenar no tom do poema de Adriano se conecta com outro eco temático que os conteúdos introduzidos nesse capítulo inicial, e desenvolvidos intermitentemente ao longo do romance, apresentam em relação ao título *Animula vagula blandula*. Em várias passagens, pode-se perceber que o amor ao corpo e ao prazer, manifesto pelo imperador, contrasta com a visão de mundo do jovem Marco Aurélio a quem o discurso se dirige:

Tíbure, este lugar onde reúno até o fim tudo o que a vida tem de doçuras, inquieta tua jovem virtude; vejo-te vaguear gravemente nas alamedas entrelaçadas de rosas; observo-te, com um sorriso, quando te vejo atraído pelos belos objetos de carne postados à tua passagem; hesitas entre Verônica e Teodoro, mas rapidamente *renuncias a ambos em favor da austeridade*, esse puro fantasma. Não me escondeste teu melancólico *desdém pelos esplendores que duram pouco*, por esta corte que se dispersará depois da minha morte. Não me amas absolutamente; (...) adivinhas em mim uma sabedoria contrária à que te ensinam teus mestres, e vês no *meu abandono aos sentidos* um sistema de vida oposto à severidade do teu (...). (p. 230. Grifos nossos)

No primeiro capítulo, Adriano associa ao seu empreendimento memorialístico dois propósitos: um é o de auto-conhecimento e exame de consciência; o outro, o de funcionar “como corretivo” para a educação “austera, fiscalizada e excessivamente protegida talvez” dada a Marco por preceptores escolhidos pelo próprio imperador (p. 23). O imperador moribundo, sabedor do seu ofício e suas exigências, ocupa-se do preparo do futuro homem de Estado:

Conheci-te desde o berço, pequeno Ânio Vero, que, por minha iniciativa, te chamas Marco Aurélio. (...) Preocupe-me com a educação do menino excepcionalmente ajuizado, ajudei teu pai a escolher para ti os melhores mestres. (...) Eu te vi lendo com paixão os escritos dos filósofos, vestindo-te de lã grosseira, dormindo sobre o leito duro, submetendo teu corpo um pouco franzino a todas as mortificações dos estóicos. Há excesso em tudo isso, mas o excesso é virtude aos dezessete anos. Pergunto-me, por vezes, que escolho fará naufragar tanta virtude, porque naufragamos sempre: será uma esposa, um filho muito amado, enfim, uma dessas armadilhas legítimas que aprisionam os corações timoratos e puros? Serão simplesmente a idade, a doença, o cansaço, o desengano que nos dizem que, se tudo é vão, a virtude também o é? (p. 229)

A *Vita Marci Antonini Philosophi*, parte da *Historia Augusta* consagrada à biografia de Marco Aurélio, além de incluir a palavra “filósofo” como epíteto do imperador em seu próprio título, relata que ele “foi grave desde a tenra infância”,²⁴¹ e que “dedicou-se ao estudo da filosofia com afinco desde pequeno”.²⁴²

Marco só começaria a escrever suas *Meditações* estoicas na primeira metade da década de 170 d. C. Desde cedo, contudo, tornou-se um simpatizante do estoicismo por influência de seus preceptores.

Segundo Pierre Hadot, em *O que é a filosofia antiga?*,²⁴³ “a história do estoicismo apresenta-nos várias figuras de diretores de alma”, e “[t]udo leva a pensar que o mestre estóico de Marco Aurélio, Júnio Rústico, foi para ele um diretor de consciência”.²⁴⁴

A visão de mundo da escola estóica associava-se à severidade do sistema de vida a que Adriano alude ao falar de Marco, à austeridade em nome da qual ele renuncia à atração sexual, ao seu desdém filosófico pelo que não perdura, à gravidade com que, na imagem contida na passagem acima, o jovem se perfila em meio às flores. Hadot descreve da seguinte maneira a concepção existencial da escola filosófica seguida por Marco Aurélio:

A experiência estóica consiste em uma tomada de consciência aguda da situação trágica do homem condicionado pelo destino. Aparentemente não somos livres para nada, pois não depende absolutamente de nós ser belos, fortes, com boa saúde, ricos, experimentar o prazer ou escapar ao sofrimento. Tudo isso depende de causas exteriores a nós. Uma necessidade inexorável, indiferente a nosso interesse individual, destrói aspirações e esperanças; estamos entregues sem defesa aos acidentes da vida, aos reveses da fortuna, à doença, à morte. Tudo em nossa vida nos escapa. Disso resulta que os homens são infelizes, porquanto procuram com

²⁴¹ *Vita Marci Antonini Philosophi*, II, 1: “Fuit a prima infantia gravis”. Tradução nossa. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 134

²⁴² *Vita Marci Antonini Philosophi*, II, 6. “Philosophiae operam vehementer dedit et quidem adhuc puer”. Tradução nossa. *Idem*, p. 136

²⁴³ HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

²⁴⁴ *Idem*, p. 307

paixão adquirir os bens que não podem obter e fugir dos males que são inevitáveis.²⁴⁵

Para que o homem seja capaz de fazer face à aspereza da vida, os estóicos preconizavam exercícios, práticas espirituais, a respeito das quais existiam tratados, hoje perdidos, com a exceção de um, segundo Hadot, chamado *Sobre o exercício*, de Musônio Rufo:

Praticaremos exercícios comuns à alma e ao corpo, “caso nos acostumemos ao frio, ao calor, à sede, à fome, à frugalidade da alimentação, à dureza da cama, à abstinência das coisas agradáveis, a suportar as coisas penosas”.²⁴⁶

É a práticas desse gênero que Adriano alude quando fala nas “mortificações dos estóicos” (p. 229). Mas não é tanto esse aspecto do estoicismo que pode apresentar incompatibilidade com o exercício do império. Os excessos de Marco, no ver de Adriano, aos dezessete anos podem ser virtude, e ele próprio admite haver percorrido, na juventude, caminhos e descaminhos semelhantes: “[a] austeridade, a renúncia, a negação não me eram completamente estranhas: eu as experimentara, como sempre sucede aos vinte anos” (p. 126). Aspecto mais perigoso para um governante seria talvez que “a escolha de vida estóica consiste (...) em querer que o que acontece aconteça como acontece”,²⁴⁷ visto que não somos livres senão para isso: querer que as coisas sejam como são, e resignarmo-nos.

Hadot fala de certa inércia filosófica ante a realidade da vida política pragmática, e inclui Marco Aurélio como seu exemplo:

Quando o filósofo se dá conta de que é totalmente impotente para dar ao mundo o menor remédio para a corrupção da cidade, que pode fazer ele além de praticar a filosofia? É infeliz a situação na qual se encontram quase todos os filósofos da Antiguidade em

²⁴⁵ *Idem*, p. 188

²⁴⁶ A citação reproduzida encontra-se, de acordo com Hadot, em FESTUGIÈRE, A.-J. **Deux prédicateurs de l'Antiquité: Télès et Musonius**, Paris: Vrin, 1978, pp. 69-71. *Apud* HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** *op. cit.*, p. 271

²⁴⁷ HADOT, Pierre. *op. cit.*, p. 301

relação ao mundo político, e mesmo Marco Aurélio, que, embora imperador, também exprimiu seu sentimento de impotência diante da incompreensão e da inércia dos súditos.²⁴⁸

Adriano percebe, no comportamento do futuro imperador, “a presença de um gênio que não forçosamente o do homem de Estado” (p. 230), mas pretende, através dele, “dar aos homens a única probabilidade que poderão ter algum dia de realizar o sonho de Platão: ver reinar sobre eles um filósofo de coração puro” (p. 230).

O temor do imperador moribundo parece ser o dos perigos que possam decorrer de uma formação de homem de Estado baseada, sobretudo, em uma cultura livresca e filosófica. Assim, embora declare dever aos livros “talvez mais informações do que as recolhidas nas mais diversas situações da minha própria vida”, Adriano enfatiza que “no decorrer dos tempos, *a vida me fez compreender os livros*”; mas ele deixa claro também que “estes mentem, mesmo os mais sinceros” (p. 24. Grifo nosso).

É, no entanto, com o relato escrito de uma verdade que “não é particularmente escandalosa, ou melhor, não o é senão na medida em que toda verdade escandaliza” (p. 23), que ele pretende chocar Marco, com o fim de instruí-lo. É para esse fim que ele mobiliza a experiência de uma vida dedicada, entre outras coisas, ao mundo da ação. No capítulo *Animula vagula blandula*, essa função didática da meditação de Adriano sobre as experiências vivenciadas por ele ao longo da existência pode ser percebida, por exemplo, na passagem sobre a caça. Adriano tirava lições dessa atividade conforme as fases de sua vida que ela acompanhava:

Adolescente, a caça ao javali proporcionou-me os *primeiros contatos com o comando e com o perigo*. Entregava-me a esse desporto com paroxismo, e meus excessos levaram Trajano a admoestar-me. A distribuição aos cães, numa clareira da Espanha, das entranhas dos animais abatidos é minha *mais antiga experiência da morte, da coragem, da piedade pelas criaturas e do prazer trágico de vê-las sofrer*. Homem feito, a caça *aliviava-me o espírito* de tantas lutas secretas com adversários ora sagazes, ora obtusos, ora fracos, ora

²⁴⁸

Idem, p. 143

fortes demais para mim. A luta equilibrada entre a inteligência humana e a astúcia dos animais selvagens parecia-me extraordinariamente adequada à *comparação com os embustes dos homens*. Imperador, minhas caçadas na Toscana serviram-me para *avaliar a coragem e os recursos dos altos funcionários*; nessas ocasiões, *escolhi ou eliminei mais de um homem de Estado*. (...) Quem sabe? É possível que eu seja avesso ao derramamento de sangue humano por tê-lo derramado tanto quando se tratava de animais ferozes. (p. 11)

A *Vita Hadriani*, II, 1-2,²⁴⁹ de fato reporta que, aos quinze anos, quando servia no exército em sua terra natal, Adriano dedicou-se tanto à caça que foi repreendido, e que por essa razão Trajano o trouxe de volta de lá. A *Vita Marci Antonini Philosophi*, IV, 9-10,²⁵⁰ por sua vez, conta que Marco Aurélio caçou, arremessou peso, apreciou a luta e a corrida, mas que sua dedicação à filosofia o desviou de todos esses interesses, e o tornou sério e grave. As observações de Adriano sobre os ensinamentos que a atividade prática da caça lhe proporcionou ganham significação diante dessa última informação sobre o narratário de *Memórias de Adriano*. O memorialista assevera que “a inteligência por si só não (...) poderia proporcionar nunca” (p. 12) o entendimento perfeito que as práticas mundanas lhe deram.

Na seguinte passagem, a atitude ensimesmada do jovem filósofo estoico que seria o Marco Aurélio de dezessete anos vem contrastada com o tipo de aprendizado de vida que o velho homem de Estado quer legar-lhe:

Aprendi, do alto da tribuna do Circo, a parlamentar com a multidão através da voz dos arautos, a não lhes impor silêncio a não ser com uma deferência que ela me devolvesse centuplicada, a não lhe conceder coisa alguma que ela não tivesse o direito de esperar, a nada recusar sem explicar os motivos da recusa. Não levava, como tu, meus livros para a tribuna imperial: desprezar as alegrias do povo é insultá-lo. Se o espetáculo me aborrecia, o esforço despendido

²⁴⁹ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 4. Tradução nossa: “He returned to his native city in his fifteenth year and at once entered military service, but was so fond of hunting that he incurred criticism for it, and for this reason Trajan recalled him from Italica”.

²⁵⁰ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 142. Tradução nossa: “He was also fond of boxing and wrestling and running and fowling, played ball very skillfully, and hunted well. But his ardour for philosophy distracted him from all these pursuits and made him serious and dignified”. A *Vita Marci Antonini Philosophi*, é a parte da *Historia Augusta* que conta a vida de Marco Aurélio, declarado um filósofo no próprio título de sua biografia.

para suportá-lo me parecia um exercício mais valioso do que a leitura de Epiteto. (p. 96)

Em uma carta a Marco Aurélio,²⁵¹ de cerca de 145-147 d. C., ou seja, depois da morte de Adriano, Marco Cornélio Frontão comenta com o amigo sobre o hábito deste de ler nos espetáculos e nos banquetes.²⁵² Em *Memórias de Adriano*, o imperador moribundo confessa ter afetado ele próprio um dia “o desprezo um tanto arrogante de um discípulo dos filósofos” (p. 38), e é significativo que fosse quando ele, muito jovem ainda, compreendia pouca coisa do duelo que se travava então entre Roma e o imperador Domiciano. Além de arrolar atividades desenvolvidas ao longo da vida e às quais Marco renuncia, Adriano menciona também buscas empreendidas em sua juventude, as quais, por seu turno, convergem com as do adolescente. Ao comentá-las, via de regra, Adriano busca mostrar em quê o comportamento adequado para o homem público é às vezes incompatível, inconciliável, com as liberdades e prescrições de uma vida filosófica:

Experimentei rapidamente a abstinência de carne nas escolas de filosofia onde acontece provarmos, um a um, todos os métodos de conduta. (...) Mas essa prática, na qual tua jovem austeridade descobre tamanho encanto, exige cuidados mil vezes mais complicados que os da própria gastronomia. Ela nos afasta com exagero ostensivo do comum dos homens, numa função quase sempre pública e à qual presidem geralmente a amizade ou a pompa. (...) *Falta ao príncipe a latitude de que goza o filósofo*: não pode permitir-se discordar dos demais²⁵³ ao mesmo tempo. (pp. 14-15. Grifo nosso)

O conselho é no sentido de que certas liberdades privadas sejam sacrificadas em nome das funções públicas das quais o homem no poder precisa participar. Este

²⁵¹ FRONTO. **The correspondence of Marcus Cornelius Fronto**, vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1988, *op. cit.*, p. 206

²⁵² Nas *Meditações*, VI, 46, Marco Aurélio diz que se os espetáculos do anfiteatro e lugares afins o ofendem (ele dirige-se a uma segunda pessoa – um “tu”), por sua imutável repetitividade, esse é que deve ser o efeito (sobre tua percepção) da própria vida, pois que em toda parte tudo é sempre o mesmo, e resulta das mesmas coisas.

²⁵³ Em francês, “il ne peut se permettre de différer sur trop de points à la fois”: propomos a tradução “não pode permitir-se diferir em muitos pontos ao mesmo tempo”. YOURCENAR, M. *Mémoires d’Hadrien*, *op. cit.*, p. 15

deve saber submeter-se, sempre que necessário, ao jugo posto pelo “comum dos homens”, de modo a não afastar-se demasiadamente dele. Enquanto homem privado, por outro lado, Adriano assegura certa margem de liberdade para si próprio, ele que tem, em moedas do seu reinado, gravada a palavra *Libertas* (p. 101): Liberdade. Mas ele frisa a distinção entre sua concepção da liberdade e aquela dos estóicos:

Só existe um ponto no qual me sinto superior ao comum dos homens: sou, ao mesmo tempo, mais livre e mais submisso do que eles ousam ser. Quase todos desconhecem igualmente sua exata liberdade e sua verdadeira servidão. Amaldiçoam seus grilhões, embora, às vezes, deles se vangloriem. Por outro lado, seu tempo escoar-se em pequenos e inúteis desregramentos; não sabem tecer para si próprios o mais leve jugo. Por mim, aspirei mais à liberdade do que ao poder e, se o procurei, só o fiz porque ele a favorece. *O que me interessava não era uma filosofia* de homem livre (todos aqueles que abordam esse tema causaram-me imenso tédio), mas uma técnica através da qual pretendia alcançar o ponto em que nossa vontade se articula com o destino e onde a disciplina secunda a natureza, em lugar de contê-la. É preciso que compreendas bem que *não se trata aqui da inflexível vontade do estóico*, cujo poder exageras, nem de não sei que espécie de escolha ou de recusa abstrata que insulta nosso mundo pleno, contínuo, formado de objetos e de corpos. (p. 41. Grifos nossos)

Em conexão com o tema da liberdade, o tema da renúncia é recorrente em *Memórias de Adriano*. No *Caderno de notas*, Yourcenar declara “desejar apresentar através de Adriano o ponto de vista do homem que só renuncia aqui para aceitar mais adiante” (p. 259).²⁵⁴ Se é em nome do “puro fantasma” da austeridade preconizada pelo estoicismo que Marco renuncia a Verônica e Teodoro (p. 230), no caso de Adriano, as renúncias se fazem sob condições, na expectativa de contrapartidas, compensações. Referindo-se a seus “anos de dependência”, anteriores à sua ascensão ao poder, quando aplicava-se rigorosamente ao que chama “liberdade de aquiescência”, ele explica:

²⁵⁴ Em francês, “l’homme qui *ne renonce pas*, ou ne renonce ici que pour accepter ailleurs” (YOURCENAR, Marguerite. **Mémoires d’Hadrien**. Paris: Gallimard, 1974, p. 310): “o homem que *não renuncia*, ou só renuncia em um ponto para aceitar em outro”. Tradução alternativa e grifos nossos. No original, a nosso ver, fica mais claro que Adriano é, para Yourcenar, um homem que *não* renuncia.

(...) minha sujeição perdia o que tinha de amargo, ou mesmo de indigno, desde que eu aquiescesse em descobrir nela um exercício útil. Escolhia o que eu tinha, com uma única condição: possuir esse pouco totalmente e desfrutá-lo o mais intensamente possível. (...) Se alguma coisa me repugnava, eu a transformava em objeto de estudo, forçando-me a retirar dela algum motivo de alegria. (p. 42)

Se, por um lado, Adriano poderia parecer estar desse modo agindo em conformidade com o princípio estoico de “querer que o que acontece aconteça como acontece”,²⁵⁵ a que nos referimos anteriormente, por outro lado ele está sobretudo interessado no seu aprendizado para o futuro; está como que preparando-se para poder desfrutar de uma liberdade que por ora consente em protelar.

A concepção estoica da liberdade é diversa, mais apassivadora, mais imobilizadora.

Se o mundo é regido por uma Providência *racional*, o importante é que cada um se reconheça como parte dela, aceitando impassivelmente (sem paixão) a sua condição. *Nisso consiste a liberdade*, e é por esse motivo que o homem pode ser livre mesmo quando escravo. Ausência de paixão, apatia – esse é o ideal ético dos estoicos.²⁵⁶

Devemos entender aqui “paixão”, não com o(s) sentido(s) que o uso corriqueiro consagrou, mas em um sentido especial. Em *Le vocabulaire grec de la philosophie*, Ivan Gobry relaciona o termo grego *pathos* (paixão) com palavras francesas como “pathétique” (patético) e “pathologie” (patologia), e seu correspondente no latim tardio *passio*, com o verbo latino *pati* (sofrer: penas ou a ação de algo), e com as palavras francesas “pâtir” (padecer), “patient” (paciente), e “passif” (passivo), por exemplo. Segundo as definições de Gobry, no sentido metafísico, paixão “é o contrário de ação”; no sentido psicológico, “é o fato de sofrer a ação de (...) uma força interior que escapa à vontade”.²⁵⁷

²⁵⁵ HADOT, Pierre. *op. cit.*, p. 301

²⁵⁶ ABRÃO, Bernadette Siqueira (org.) *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p. 76. Grifos nossos.

²⁵⁷ GOBRY, Ivan. **Le vocabulaire grec de la philosophie**. Paris: Ed. Ellipses, 2000, pp. 97-98

Em entrevista, Marguerite Yourcenar faz, para a palavra paixão, associações similares: “[a] paixão é ‘padecer’, é um estado passivo. Assim, fala-se da ‘Paixão’ de Cristo”.²⁵⁸

Para os estoicos, segundo Gobry, a paixão é “a má influência da sensibilidade sobre a razão”:

Sendo o homem definido pela razão, e sendo a paixão contrária à razão, ela se revela contrária a natureza, e é, de direito, imoral. (...) Mas as paixões vêm do exterior, do mundo sensível, e enquanto tais não se encontram em meu poder; só se tornam condenáveis quando lhes dei meu assentimento.²⁵⁹

Na meditação III, 11, conforme Pierre Hadot, Marco Aurélio propõe um exercício para que se considere “a realidade tal qual é, sem acrescentar-lhe juízos de valor inspirados pelas convenções, os preconceitos ou as *paixões*”. Deve-se fazer “uma definição ‘física’ (...) do acontecimento ou da coisa que provoca nossa paixão”.²⁶⁰ Em outra meditação (VI, 13), o filósofo empreende, ele próprio, o exercício de produzir tais definições físicas. Reproduzimos dessa meditação os dois períodos citados por Hadot, que permitem compreender a idéia do exercício proposto por Marco Aurélio, um exercício como que de tomada de distância em relação às coisas do mundo:

Essa púrpura [imperial] é pêlo de uma ovelha tinto com o sangue de um molusco. A união dos sexos é uma fricção de ventre com ejaculação, num espasmo de um líquido gosmento.²⁶¹

Ao referir-se à púrpura, o imperador filósofo alude ao poder imperial. Em *Memórias de Adriano*, o memorialista alude ao desprezo estóico pelas honrarias ligadas à posição de poder quando escreve para Marco: “Aceitaste as honras com

²⁵⁸ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, p. 95

²⁵⁹ GOBRY, Ivan. *op. cit.*, p. 98. Tradução nossa.

²⁶⁰ HADOT, Pierre. *op. cit.*, p. 199. Grifo nosso.

²⁶¹ MARCO AURÉLIO, *Meditações*, VI, 13. *Apud* HADOT, Pierre. *op. cit.*, p. 200. Tradução de Dion Davi Macedo.

repugnância: tua posição te obriga a viver no palácio” (p. 230). A segunda frase da meditação estoíca, por sua vez, faz lembrar uma passagem de *Memórias de Adriano*, em que o narrador medita sobre a volúpia do amor. Adriano justapõe à menção de uma definição do ato sexual semelhante àquela que encontramos na referida meditação, um termo de comparação que deixa entrever a concepção que o memorialista tem do amor, incluso o carnal, como divino:

A pequena frase obscena de Posidônio sobre o atrito de duas parcelas de carne, que te vi copiar nos teus cadernos escolares com aplicação de menino ajuizado, é *incapaz de definir* o fenômeno do amor, assim como a corda que o dedo faz vibrar não pode explicar o *milagre* dos sons. (pp. 16-17. Grifos nossos)

Se os cínicos e os moralistas²⁶² equiparam a volúpia do amor a “prazeres ditos grosseiros”, como o de comer e o de beber, as razões por que Adriano cogita que o façam lembram as noções de passividade e padecimento, que vimos acima associadas à paixão: eles temeriam o “poder quase terrível sob o qual sucumbem”, o “estranho mistério no qual se sentem perdidos” (pp. 15-16).

Os prazeres da mesa, para Adriano, não são em si grosseiros, - embora lhe desagradem os festins romanos (p. 13), - e ele fala em alimentos que parecem conter “uma certa essência de imortalidade”, “uma espécie de qualidade sacramental”, ou proporcionam “uma sensação quase sagrada” (p. 14). Se, para ele, comer um fruto é ainda “consumar um sacrifício no qual nós nos preferimos ao objeto” (p. 13), conquanto divino, esse ato permanece uma função familiar. Já o amor, em comparação com os prazeres da mesa, tem um caráter ritual, e leva mais longe adentro do mistério da divindade:

Aqui, como nas revelações dos Mistérios, tudo se passa *além do alcance da lógica humana*. A tradição popular não se enganou ao ver no amor uma forma de iniciação e um dos pontos onde o secreto e o sagrado se tocam. A experiência sensual equipara-se ainda aos Mistérios quando a primeira aproximação provoca nos não-iniciados

²⁶² Na entrevista a Matthieu Galey publicada em *De olhos abertos* (pp. 144-145), Marguerite Yourcenar refere-se a Marco Aurélio como um “moralista resignado”. Ela tem em mente, não o seu personagem de dezessete anos, mas o homem como o conhecemos, o imperador nas tintas com que o evoca o conjunto da documentação histórica.

o efeito de um rito mais ou menos assustador, escandalosamente *desligado de todas as funções até então familiares, como comer, beber e dormir*, parecendo antes motivo de gracejo, vergonha, ou terror. (p. 17. Grifos nossos)

Por tudo o que vimos, percebe-se o quanto o discurso do memorialista sobre essa paixão em particular, bastante elogioso, se contrapõe aos preceitos da formação estóica de Marco, inclusive conforme figuram registrados em meditações que este próprio viria a escrever anos após a morte de Adriano. Suspensão da razão, transtorno da alma, delírio do corpo. Comer e beber, no parecer de Adriano, não levam tão longe, não proporcionam tal culminação. É no primeiro de uma suíte de parágrafos do capítulo *Animula vagula blandula* que abordam vários aspectos do amor e do sexo que reaparece o termo “jogos”, encontrado no poema de Adriano, culminando a prévia sequência de meditações sobre prazeres sensoriais a que o imperador enfermo precisou renunciar, mas que persistem em sua memória.

De todos os *jogos*, o do amor é o único capaz de *transtornar a alma* e, ao mesmo tempo, o único no qual o jogador se abandona necessariamente ao *delírio do corpo*. Não é indispensável que aquele que bebe *abdique da razão*, mas o amante que conserva a sua não obedece inteiramente ao deus do amor. (p. 16. Grifos nossos)

Se nos desconecta da razão e transtorna a alma, esse jogo, que Adriano considera “belo o bastante para consagrar-lhe uma parte de minha vida”, pode, segundo ele, proporcionar-nos uma forma diversa de conhecimento, na medida em que “arrasta-nos para um universo diferente, onde, em situação normal, nos é vedada a entrada”, permitindo que penetremos “em certos segredos da vida”. Cúmulo da afronta à concepção estóica, Adriano conta ter sonhado elaborar uma filosofia em que “[a] volúpia seria (...) a forma mais completa e mais especializada de aproximação com o Outro, uma técnica a mais colocada a serviço do conhecimento de uma individualidade estranha à nossa” (p. 17).

A concepção de um companheirismo e de uma cooperação de corpo e alma na experiência da vida e dos “jogos” sensoriais que o pleno usufruto desta envolve pode ser percebida no poema *Animula vagula blandula* e no conjunto da narrativa

memorialística de Adriano, sendo introduzida em boa parte da seqüência de parágrafos do primeiro capítulo que toma seu título ao poema.

Com sua narrativa “desprovida de idéias preconcebidas e de princípios abstratos”, a qual ele inclusive ignora para que conclusões se encaminha (p. 23), Adriano oferece a Marco uma visão alternativa, um contrapeso para a sistematicidade fria do discurso filosófico. Ao longo do romance, o imperador reiteradamente manifesta certa reticência, reservas e ressalvas, em relação às verdades propaladas a partir desse campo do saber, questiona sua eficácia para dar conta das questões práticas que a vida põe, e demonstra preferência por outras formas de busca de entendimento e representação da realidade.

Os filósofos, a fim de estudarem a realidade pura, submetem-na quase às mesmas transformações que o fogo ou o pilão operam nos corpos: nada de um ser ou de um fato, tal como os conhecemos, parece subsistir nesses cristais ou nessas cinzas. (p. 24)

Duvido que toda a filosofia do mundo seja capaz de suprimir a escravidão: no máximo, mudar-lhe-ão o nome. (p. 104)

Havia longo tempo eu preferia, aos comentários ineptos dos filósofos sobre a natureza divina, as fábulas referentes aos amores e às disputas dos deuses (...). (p. 147)

Quando todos os cálculos complicados se evidenciam falsos, quando os próprios filósofos não têm nada mais a nos dizer, é desculpável que nos voltemos para o gorjeio fortuito dos pássaros, ou para o longínquo contrapeso dos astros. (p. 27)

O imperador fileleno não nega valor aos aportes da especulação filosófica da tradição helênica: os filósofos gregos, a seu ver, “ensinaram-nos a conhecer um pouco melhor a natureza humana” (p. 103). Entretanto, enquanto homem de ação que muito almejou exercer eficientemente o poder, o memorialista percebe a importância do conhecimento adquirido a partir da experiência, da vivência individual, e aplicável na prática. Se a língua grega “tem atrás de si tesouros de experiência, que abrangem a sabedoria do homem e a sabedoria do Estado” (p.

36),²⁶³ Adriano percebe a necessidade, para o estadista, de um contato mais direto com o cotidiano da política e da gestão estatal do que aquele intermediado pela palavra escrita: “a mais banal discussão sobre a importação do trigo do Egito parecia ensinar-me mais sobre o Estado que toda *A República*, de Platão” (p. 38). Não se pode inferir que o imperador não veja valor na obra de Platão, que decerto contribui com não poucos conceitos para o “sêmen das idéias com que a Grécia fecundou o mundo” (p. 100), mas seu desejo é realizar, a partir de idéias, - mas também de atos e realizações, - “qualquer coisa mais que o vago sonho de um filósofo” (p. 101), e para tal é preciso qualquer coisa mais que um conhecimento meramente, puramente, teórico:

(...) eu não lamentava ter imposto as disciplinas gregas à minha vida. Tudo o que em nós é humano, ordenado e lúcido provém delas. Mas acontecia-me dizer a mim mesmo que a seriedade um tanto pesada de Roma, seu sentido de continuidade, seu gosto pelo concreto, haviam sido necessários para transformar em realidade o que permanecia na Grécia um admirável conceito do espírito, um belo impulso da alma. Platão escreveu *A República* e glorificou a idéia de Justo; nós, porém, instruídos por nossos próprios erros, nos esforçávamos penosamente por fazer do Estado uma máquina apta a servir os homens, correndo o menor risco de esmagá-los. A palavra filantropia é grega, mas nós, o legista Sálvio Juliano e eu, somos os que trabalham para modificar a miserável condição do escravo. (pp. 191-192)

Se identificamos no discurso de Adriano sutis incentivos a que Marco volte mais a sua atenção para o mundo exterior da ação, e a que se permita conhecer esse mundo mediante sua experiência particular, não devemos, entretanto, exagerar a apreensão que atribuímos ao imperador quanto ao despreparo ou à inadequação do jovem – qualquer conclusão soaria prematura e incompatível com a cautela do imperador. Da educação que Marco recebeu de seus preceptores, Adriano espera “*apesar de tudo*, que resulte um grande bem para ti mesmo e para o Estado” (p. 23. Grifo nosso). O imperador assevera também que “o mundo será certamente beneficiado *para sempre* por te haver visto associado ao poder supremo” (p. 230.

²⁶³ Já havíamos citado esta passagem em nossa introdução. Permimo-nos,, no âmbito deste estudo, em que comparamos variados textos em variadas conexões, retomar citações de passagens em novos contextos sempre que nos pareceu convir.

Grifo nosso). Neste caso, pode-se pensar que esteja antes aludindo (alusão da autora para os leitores), mais do que à efetiva atuação por vir do imperador-filósofo, ao legado das *Meditações*, que debruçam-se às vezes sobre questões vinculadas ao exercício do poder, e delas abstraem lições filosóficas.

Em certos excessos, de austeridade e de renúncia, que aos dezessete anos podem inclusive manifestar a virtude de um homem (p. 229), Adriano não vê mal incorrigível; ele próprio, na juventude, teve seus excessos, como veremos, sobretudo, ao tratarmos do segundo capítulo do romance, *Varius multiplex multiformis*, que em boa medida os toma por tema. O importante para ele parece ser que esses excessos se façam variados, pois impulsionam o ser ao largo das encruzilhadas do caminho de erro e acerto que baliza o aprendizado. Haverá tempo de sobra para que Marco percorra algumas vias alternativas e amadureça suas escolhas de vida. O amadurecimento do próprio Adriano, até que estivesse apto a exercer com propriedade funções de comando, tomou tempo:

(...) quem era César, aos trinta anos, senão um filho de família crivado de dívidas e coberto de escândalos? (...) nada é mais lento do que o verdadeiro nascimento de um homem: eu próprio ultrapassara meu trigésimo ano na época em que a campanha da Panônia me abriu os olhos às responsabilidades do poder. (p. 221)

Adriano, que desde os quinze anos começou suas experiências em expedições militares, participando em muitas guerras até chegar ao poder, sabe o quanto a variedade de sua experiência do mundo contribui para o seu entendimento das necessidades administrativas do império. A certa altura, Adriano menciona haver se preocupado em expandir a variedade de experiência de Lúcio Vero, jovem que adotou inicialmente para ser seu sucessor, mas que ao fim não viveu para tanto. O imperador sabe que não terá mais muita oportunidade de tomar tal sorte de providências quanto a Marco, em vista das idades de ambos:

Passei meus anos de juventude em viagens, nos acampamentos, nas linhas avançadas; apreciei por mim mesmo as virtudes de uma vida rude, o efeito salutar das regiões secas ou geladas. Decidi nomear Lúcio governador daquela mesma Panônia, onde eu fizera minha primeira experiência de chefe. (...) Esse país difícil o arrancaria da inércia da vida de Roma; aprenderia a conhecer melhor

o imenso mundo que a cidade governa, e do qual depende. (p. 225. Grifo nosso)

Há um personagem cujas qualidades Adriano parece desejar que Marco emule. Em sua introdução na narrativa, ele é longa e elogiosamente descrito, marcado justamente por uma ampla variedade de experiência que faz dele alguém bastante polivalente, como o próprio Adriano:

(...) o reencontro mais precioso de todos foi o de Arriano da Nicomédia, meu melhor amigo. Mais jovem do que eu cerca de doze anos, ele já iniciara a bela carreira política e militar na qual continua a empenhar-se e a servir. Sua *experiência* dos grandes negócios, seu conhecimento de cavalos e cães e de todos os exercícios do corpo colocavam-no infinitamente *acima dos simples fazedores de frases*. Em sua juventude, fora dominado por uma dessas *paixões* do espírito sem as quais não existe talvez a *verdadeira sabedoria*, nem a verdadeira grandeza: passara dois anos de sua vida em Nicópolis, no Épiro, no pequeno quarto frio e nu onde Epiteto agonizava, e onde assumiu o encargo de recolher e transcrever, palavra por palavra, os últimos propósitos do velho filósofo doente. Essa fase de entusiasmo o havia marcado: conservava dela uma admirável disciplina moral, uma espécie de candura *grave*. Praticava em segredo certas *austeridades* de que ninguém suspeitava. Mas o longo aprendizado do dever estoico não o petrificou numa *atitude de falso sábio*. Era demasiado inteligente para não se aperceber de que existem extremos de virtude e extremos de amor, e que seu mérito consiste precisamente na sua raridade, no seu caráter de obra-prima única, de extraordinária perfeição.²⁶⁴ A inteligência serena e a honestidade integral de Xenofonte passaram a servir-lhe de *modelo*. Escrevia a história da sua terra, a Bitínia. (pp. 140-141. Grifos nossos)

Se, por um lado, apresenta elementos em comum com Adriano, sendo político, militar, um homem ativo e também um escritor (alguns escritos são evocados no romance), quando jovem Arriano teve também experiências que permitem certa identificação com Marco. Envolveu-se com o estoicismo, e inclusive anotou ensinamentos do filósofo estoico Epiteto, justamente um autor que Marco lê

²⁶⁴

Em francês, “il était trop fin pour ne pas s'être aperçu qu'il en est des extrémités de la vertu comme de celles de l'amour, que leur mérite tient précisément (...) à leur caractère (...) de bel excès.” (YOURCENAR, Marguerite. **Mémoires d'Hadrien**, p. 168). Propomos uma tradução alternativa, para fins explicativos: “era refinado demais para não perceber que os extremos da virtude são como os do amor, que seu mérito consiste precisamente (...) no seu caráter (...) de *belo excesso*” (tradução e grifos nossos): extremar-se em ser virtuoso é, no ver de Adriano, cometer um belo excesso, como o é extremar-se em amar. Perspectiva que em nada se coaduna com a estoica.

(p. 96), e que também o próprio Adriano conheceu quando tinha menos de vinte anos (pp. 126-127). O episódio do convívio de Arriano com Epiteto é a vivência de uma paixão, assim como é “com paixão” que Marco lê os escritos dos filósofos (p. 229), e, para Adriano, a verdadeira sabedoria talvez não seja atingida sem que haja uma dessas “paixões do espírito”. Por outro lado, se Arriano tem em comum com Marco a prática de austeridades e certa gravidade, sua formação no estoicismo não lhe conferiu uma “atitude de falso sábio”, que Adriano teme que Marco possa vir a desenvolver. Sua experiência da vida não se restringiu ao “aprendizado do dever estóico”, mas diversificou-se, e faz dele mais que um simples fazedor de frases. É sobretudo por seus feitos político-militares, mais que por seus escritos, que Adriano valoriza Arriano. Quando rememora o pessimismo que dele se apoderou à época em que enfrentava a guerra da Judéia, o imperador diz, referindo-se à civilização greco-romana: “Nossas letras esgotam-se; (...) Pancrates não é Homero; Arriano não é Xenofonte” (p. 208). Mais adiante na narrativa, entretanto, quando evoca o momento em que Arriano “acabava de infligir às hordas bárbaras uma série de derrotas”, salvando a Armênia, Adriano uma vez mais compara o amigo a seu “modelo”: “o leitor de Xenofonte revelava-se seu êmulo; não estava extinta a raça dos *letrados que sabem, quando necessário, comandar e combater*” (p. 216. Grifo nosso).

Na introdução sobre a vida de Marco Aurélio que antecede sua tradução de excertos do livro desse imperador filósofo, William Li relata que “[e]le fala sempre nas *Meditações* numa Razão diretora que congrega todos os homens numa fraternidade universal” e que “procurou reinar devotado aos interesses do estado e da humanidade em geral”.²⁶⁵ Entretanto, foi necessário comandar e combater:

(...) Marco Aurélio teve de enfrentar uma série de turbulências: enchentes, terremotos, epidemias, revoltas na Inglaterra e guerras no Oriente e no Ocidente. No mesmo ano em que se tornou imperador [161 d. C.] os partos invadiram a Armênia e a guerra durou até 166. Mal comemora o seu triunfo e já em 169 os germanos invadem as províncias do norte. Numa série de campanhas, Marco Aurélio teve de guerrear contra os Quadros, Marcomanos, Vândalos e Sármatas. Até 174, quando obtém a vitória final, o imperador vive no meio das

²⁶⁵

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Tradução de William Li, São Paulo: Iluminuras, 1995, p.

legiões da Germânia (...). (...) em 177 as agitações recomeçam: primeiro problemas com os cristãos (...) que são duramente reprimidos em Lyon; em seguida, novas agitações na Germânia, para onde o imperador se dirige e acaba morrendo de peste no Danúbio em março de 180 d. C.²⁶⁶

O momento em que se recorda dos funcionários que cogitou adotar para a sucessão imediata é também o momento em que Adriano maximamente erige seu melhor amigo em modelo, e também o momento em que explica porque não o escolheu: “Arriano dera provas de todas as qualidades que se exigem de um homem de Estado, mas era grego; e não era chegado o tempo de impor um imperador grego aos preconceitos de Roma” (p. 218).

Novamente enfatizamos que não se deve ver com exagero a apreensão de Adriano ante a educação estoica de Marco. O imperador lhe diz que “[h]á mais de uma sabedoria, e todas são igualmente necessárias ao mundo. Não há mal em que se alternem” (p. 230), e a descrição que faz do caráter do homem que adotou para seu sucessor imediato, Antonino, que tem, no romance, aproximadamente a mesma idade que Arriano, em nada o assimila ao modelo posto com a caracterização deste último.

(...) esse homem de bem mostrara-se, em todos os postos que ocupara, funcionário irreprochável. (...) Quanto mais convivo com Antonino, mais minha estima por ele tende a transformar-se em respeito. Esse homem simples possui uma virtude na qual eu havia pensado muito pouco até então, mesmo quando me acontecia praticá-la: a bondade. Não é isento dos modestos defeitos de um justo; sua inteligência, aplicada ao cumprimento metódico das obrigações cotidianas, preocupa-se mais com o presente do que com o futuro; *sua experiência do mundo é limitada* por suas virtudes; suas viagens não foram além de algumas missões oficiais, de resto, bem desempenhadas. Conhece pouco as artes; só inova se forçado pelas circunstâncias. As províncias, por exemplo, nunca representarão para ele as imensas possibilidades de desenvolvimento que sempre representaram para mim; continuará, mais do que ampliará, minha obra; mas ele o fará bem; o Estado terá nele servidor honesto e bom chefe. (pp. 228-229. Grifo nosso)

O perfil de Antonino faz pensar na meditação de Adriano sobre a continuidade garantida pela “burocracia nova” que procurou instalar. Nem

²⁶⁶

Idem, p. 12

necessariamente medíocre, nem insensato, talvez tampouco um sábio, mas, em caso de crise, poderia dar continuidade ao essencial da obra de Adriano.

(...) a experiência demonstra que, apesar dos nossos infinitos cuidados na escolha dos nossos sucessores, os imperadores medíocres serão sempre os mais numerosos. Oxalá reine apenas um insensato em cada século! Em tempos de crise, essas repartições bem organizadas poderão continuar a ocupar-se do essencial, a preencher a interinidade, por vezes muito longa, entre um príncipe sábio e outro príncipe sábio. (p. 109)

Recapitulemos: no poema de Adriano que fornece o nome ao capítulo introdutório, as imagens do companheirismo²⁶⁷ de corpo e alma e dos jogos a que esta deverá renunciar relacionam-se com a extensa seqüência de parágrafos em que Adriano medita sobre as atividades ora proibidas pela doença, e, por extensão, com o propósito declarado da narrativa de chocar e instruir Marco, que se esboça estoicamente renunciador quanto à vida do corpo.

A descida aos “lugares pálidos, duros e nus” da morte, por sua vez, evoca a situação em que se encontra o personagem ao pôr-se a escrever; aponta para o fatal futuro próximo e para o momento em que se terminará a narração; contrasta, palidamente prospectiva, com a colorida narrativa retrospectiva que se está por abrir sobre a vida vivida no corpo. O narrador deseja conhecer a si próprio antes de

²⁶⁷ O verso latino *Hospes comesque corporis* apresenta certa potencialidade polissêmica que desejamos ressaltar. O dicionário latim-francês de A. Gariel e o dicionário latim-português de F. R. dos Santos Saraiva dão ambas traduções dos substantivos *hospes* e *comes* que interessa observar. Gariel dá, de *hospes*, a tradução “hôte (celui que reçoit l’hospitalité ou qui la donne)” (GARIEL. *op. cit.*, p. 277): “aquele que recebe ou dá hospitalidade” (Tradução e grifo nossos). Do mesmo modo que o francês “hôte”, o latim *hospes* significa tanto “hóspede” como “hospedeiro” ou “anfitrião”. O dicionário Saraiva confirma essas traduções, e acrescenta “viajante” (SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário latim-português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2000, p. 560). A tradução *prosificada* do original de Yourcenar para esse verso é “compagne de mon corps, qui fut ton hôte” (YOURCENAR, M. **Mémoires d’Hadrien**. Paris: Gallimard, 1974. Grifo nosso), que, ao pé da letra, traduziríamos “companheira do meu corpo, que foi teu anfitrião”. Na tradução de Martha Calderaro, o “que foi teu anfitrião” foi transformado em “de que foste hóspede”. Acreditamos que o enfoque no corpo enquanto anfitrião ao invés da alma como hóspede confira ênfase à importância que Adriano atribui ao corpo. Mas o que dizemos vale somente para a tradução que Yourcenar propôs do poema para o francês, que, ao que tudo indica, tomou a liberdade de uma ligeira alteração sintática. A tradução de Martha Calderaro, neste caso, resultou calcada no original latino, onde o corpo, na forma do caso genitivo *corporis*, cumpre a função de complemento nominal para ambos os substantivos, e é a alma que é *hospes*, seja este termo entendido como hóspede ou anfitrião. Quanto a *comes*, ambos os dicionários dão a definição de companheiro(a) de viagem.

morrer (p. 18), mas a narrativa que antecede essa proposição demonstra que seu corpo é mais conhecido para ele do que sua alma. O que o intriga e constitui o objeto de sua busca de autoconhecimento é a sua alma inconstante, com a qual deverá seguir, em breve, rumo ao mundo do desconhecido.

A inconstância anímica de Adriano é também um tema que se introduz nesse capítulo, para desenvolver-se plenamente no seguinte. O memorialista introduz esse último tema do primeiro capítulo descrevendo seu conhecimento de si próprio como “obscuro, interior, informulado e secreto como uma cumplicidade” e diz que se se obriga à auto-observação é “para entrar num acordo com o indivíduo junto do qual serei obrigado a viver até o final”, e ainda “porque uma intimidade de quase sessenta anos comporta não poucas probabilidades de erro” (p. 25). Tais afirmações fazem vivo contraste com a observação aguda que o imperador demonstra ao longo de extensos parágrafos anteriores sobre as muitas maneiras que seu corpo teve de lhe servir. Se a intimidade de quase sessenta anos com o corpo lhe proporciona deste um conhecimento que ele parece considerar razoável, sua interioridade, por seu turno, parece ainda reservar-lhe segredos. Da página 25 ao final do capítulo, à página 27, a narração deriva através de amplas confabulações sobre a sinuosidade dos descaminhos de que se compõe uma vida e as dificuldades com que se depara quem procura atribuir forma e sentido a seu conjunto e às suas partes.

Segundo Rémy Poignault, o capítulo *Animula vagula blandula* “se situa fora do relato cronológico, e constitui uma espécie de introdução deste”.²⁶⁸. O capítulo inclui grande extensão de comentários no presente do indicativo, e são evocados relativamente poucos eventos pontuais. A densidade de *hipertextualidade* explícita é menor do que nos demais capítulos de *Memórias de Adriano*. Em razão da menor densidade de *hipotextos* explícitos, nosso tratamento desse primeiro capítulo foi menos especificamente *hipertextual* do que passará a ser a partir do segundo capítulo, *Varius multiplex multiformis*, em que a narrativa de eventos históricos e biográficos toma a frente, e segue-se de maneira consideravelmente linear a cronologia fornecida pelos principais historiadores do período. Em termos dessa

²⁶⁸ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d’Hadrien*”, *op. cit.*, p. 10. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

cronologia, *Animula vagula blandula* se situa na extremidade terminal a partir da qual Adriano rememora, e nisso se conecta com o último capítulo, como já foi mencionado, no qual a progressão da narrativa cronológica alcança o tempo presente dos últimos dias da narração.

2.2. VARIUS MULTIPLEX MULTIFORMIS

Quando Matthieu Galey lhe perguntou por que havia escolhido, para protagonista, o imperador Adriano, e não, por exemplo, Marco Aurélio, em quem, segundo o entrevistador, se pensaria “mais logicamente”, Yourcenar respondeu:

A experiência humana de Marco Aurélio é profunda, mas não bastante vasta. É a experiência de um moralista resignado, de um grande funcionário escrupuloso e desencorajado. É muito bonito, mas não iria longe, em matéria de variedade humana. Ele próprio disse tudo o que havia para ser dito sobre isso. Pegou seus arreios todas as manhãs e os depôs mais ou menos todas as noites. Tomou remédios para suas úlceras estomacais. Isso não seria suficiente para retratar um mundo, ao passo que Adriano, *Varius multiplex...*²⁶⁹

A expressão *Varius multiplex multiformis*, com que autora define ali seu protagonista, é também o título que escolheu para o segundo capítulo de *Memórias de Adriano*. Trata-se de um grupo de adjetivos latinos que à sua maneira evocam justamente a vastidão e a variedade de “experiência humana” que marcam já a primeira etapa da vida de Adriano, aquela que constitui o conteúdo desse capítulo, em que se introduz o relato cronológico da vida do personagem, e que abrange desde a sua infância na Espanha até a sua acessão ao império, aos quarenta e um anos.

²⁶⁹ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, p. 144-145. Quando diz que o próprio Marco Aurélio “disse tudo o que havia para ser dito sobre isso”, Yourcenar refere-se a seu livro que chamamos *Meditações* ou *Pensamentos*.

O trio de adjetivos qualificativos provém da *Epitome de Caesaribus*,²⁷⁰ de autor desconhecido. Na parte da *Epitome* dedicada à história de Adriano (XIV), a passagem XIV, 6, descreve a personalidade do imperador como segue:

Caprichoso, complicado, volúvel; nos vícios como nas virtudes como que um mestre nato, capaz de dominar o ímpeto de sua mente por meio de algum artifício, ele escondia agilmente sua índole invejosa, amarga, dissoluta, e desmedida na ostentação; simulava moderação, afabilidade, brandura, ao mesmo passo que dissimulava o desejo de glória que ardia em seu peito.²⁷¹

O *Dicionário básico Latino-Português* de Raulino Bussarello dá, do adjetivo *varius*, os seguintes sinônimos: inconstante, caprichoso, irresoluto, móvel, incerto, variado, entre outros; de *multiplex*: inconstante, complexo, complicado, sinuoso, múltiplo, variado, variável; e de *multiformis*: mutante, mutável, multiforme; do adjetivo *vagus*,²⁷² por sua vez, dá: inconstante, errante, vagabundo, incerto, livre. Como se pode ver, há algum grau de convergência semântica entre os adjetivos com que a *Epitome* descreve aspectos da personalidade de Adriano e aquela inconstância anímica de que falamos ao tratarmos do primeiro capítulo e da citação poética que o intitula - da “[p]equena alma, alma terna e inconstante”.

Rémy Poignault ressalta a diferença de valor semântico que há entre a passagem da *Epitome*, em seu contexto original, e a adoção do excerto *Varius multiplex multiformis* para título desse capítulo de *Memórias de Adriano*. Aludindo ao caráter crítico negativo que esses adjetivos, bem como as frases que os seguem, possuem na referida passagem, Poignault observa:

²⁷⁰ Doravante *Epitome*. GRAY, W. *op. cit.*, 1919, p. 146, considera 390 d. C. como a data provável dessa epítome. Na *Nota* (p. 282), Marguerite Yourcenar arrola a *Epitome* como uma das fontes históricas consultadas.

²⁷¹ “Varius multiplex multiformis; ad vitia atque virtutes quasi arbiter genitus, impetum mentis quodam artificio regens, ingenium invidum triste lascivum et ad ostentationem sui insolens callide tegebat; continentiam facilitatem clementiam simulans contraque dissimulans ardorem gloriae, quo flagrabat”. Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/victor.caes2.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

²⁷² Adjetivo que consta no caso diminutivo feminino em *Animula vagula blandula*, conforme vimos no capítulo desse nome. BUSSARELLO, R. *Dicionário básico latino-português*, *op. cit.*, p. 238; p. 147

Dessa *condenação* que sublinha a *duplicidade* do caráter de Adriano e que *vale para toda a carreira dele*, M. Yourcenar faz o emblema de uma juventude à procura de si própria, em que todas as possibilidades do indivíduo esperam para serem reveladas.²⁷³

Em seu artigo, Poignault não fala em *hipotexto* ou *hipertexto*, e a modificação identificada não é classificada de nenhuma maneira. Para pormos em termos genettianos, temos aí uma *transvalorização*:²⁷⁴ na *Epitome*, os adjetivos encabeçam uma descrição do caráter de Adriano com valor bastante negativo, a qual não pretende se aplicar somente a uma fase em particular da sua existência, mas sim à totalidade desta. No *hipertexto*, por sua vez, entendido aqui como o segundo capítulo de *Memórias de Adriano*, em que o memorialista descreve a vida que teve antes de tornar-se imperador, esses adjetivos, se por um lado fazem eco ao tema da “variedade humana”, de que Yourcenar falava na entrevista a Galey, - uma variedade de experiência introduzida, em alguns aspectos, no primeiro capítulo (exercícios físicos, prazeres do corpo e do espírito, caçadas, amores, leituras, etc.), e desenvolvida ao longo de toda a extensão do romance; por outro lado, os três adjetivos constituem como que um epíteto para o personagem em sua fase de mais acelerada e errática mutação, o período de experimentação juvenil e descoberta pessoal, a etapa de formação do seu caráter e da sua personalidade – e aí cabe certa negatividade, e se faz alguma medida de eco às críticas da *Epitome*.

²⁷³ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d’Hadrien*”, *op. cit.*, p. 10: “De cette condamnation soulignant la duplicité du caractère d’Hadrien et portant sur toute sa carrière, M. Yourcenar fait l’emblème d’une jeunesse qui se cherche, où toutes les possibilités de l’individu attendent d’être mises à jour”. Tradução e grifos nossos.

²⁷⁴ No conjunto, o que ocorre no caso em foco implica a flexibilização de certas divisórias da tipologia oferecida em **Palimpsestos**: essencialmente, *Varius multiplex multiformis* é uma *citação* latina direta (não é sequer traduzida), apresentada no contexto de outra língua (o francês, no original) e com o destaque do itálico, elementos que marcam seu estatuto de *citação*; para o leitor que tenha acesso a algum grau de entendimento das palavras latinas na expressão - o que pode envolver desde o conhecimento do texto da *Epitome* até o reconhecimento de radicais latinos e a identificação dos ecos que a expressão entretém com o próprio conteúdo do capítulo, - ela pode funcionar alusivamente, sem chegar, no entanto, a comprometer o entendimento de conjunto do romance para o leitor que não seja atingido por esse caráter alusivo; além disso, essa *citação*, - *intertextual*, por definição - é mobilizada em função *paratextual* enquanto título de capítulo, e em função *hipertextual* na medida em que ressignifica o *hipotexto*, *transvalorizando-o* no *hipertexto*.

Em lugar de reproduzir o texto latino da passagem da *Epitome*, em seu artigo Rémy Poignault lança mão de uma tradução francesa, de que fornece somente a referência “Dubois, Paris, 1864”. Interessa-nos observar a paráfrase com que Dubois buscou interpretar o segmento *Varius multiplex multiformis*: “Adriano era um verdadeiro proteu, que tomava mil e uma formas diversas”.²⁷⁵ O caráter multifacetado do personagem histórico resulta comparado à figura mitológica de Proteu. O *A new classical dictionary of greek and roman biography, mythology, and geography* define Proteu como:

(...) o velho profeta do mar, (...) descrito nas lendas mais antigas como um súdito de Posêidon, que cuidava dos rebanhos deste (focas). (...). Ao meio-dia, Proteu emergia do mar, e dormia na sombra das rochas costeiras, cercado dos monstros marinhos. Quem desejasse saber dele o que reservava o futuro, precisava apanhá-lo nessa hora: assim que era capturado, ele assumia todas as formas possíveis, para escapar à necessidade de profetizar, mas quando percebia que o esforço seria vão, retomava sua forma costumeira e dizia a verdade.²⁷⁶

O próprio personagem Adriano se compara por duas vezes a Proteu no curso de suas memórias, e em ambas as ocorrências fica enfatizado certo aspecto polimórfico de sua personalidade. Na primeira ocorrência, o imperador moribundo relembra os exercícios de retórica que praticou na adolescência na escola de Terêncio Escauro, em que os estudantes deviam fazer as vezes, ora de um, ora de outro personagem da história da Grécia ou de Roma, e encenar discursos tomando partidos em jogos de oposição:

²⁷⁵ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d’Hadrien*”, *op. cit.*, p. 10. Tradução nossa: “Adrien était un véritable protéé, qui prenait mille et mille formes diverses”. Em francês não é mil e “uma” formas diversas, mas sim “mil e mil”: nossa tradução que aqui tem em foco outro ponto lança mão de uma expressão incorporada ao português plausivelmente a partir do nome da obra *As mil e uma noites de Bagdá*.

²⁷⁶ SMITH, W. **A new classical dictionary of greek and roman biography, mythology, and geography**. New York: Harper & Brothers, 1860, pp. 713-714. Tradução nossa: “(...) the prophetic old man of the sea, is described in the earliest legends as a subject of Poseidon, whose flocks (the seals) he tended. (...) At midday Proteus rose from the sea, and slept in the shadow of the rocks of the coast, with the monsters of the deep lying around him. Any one wishing to learn from him the future, was obliged to catch hold of him at that time : as soon as he was seized, he assumed every possible shape, in order to escape the necessity of prophesying, but whenever he saw that his endeavours were of no avail, he resumed his usual form, and told the truth”.

(...) éramos sucessivamente Xerxes e Temístocles, Otávio e Marco Antônio, arrebatavam-me, e eu me sentia um novo Proteu. Tais exercícios ensinaram-me a penetrar alternadamente no pensamento de cada homem e a compreender que cada um se decide, vive e morre segundo suas próprias leis. (p. 34)

O leitor que conheça um pouco mais de história grega e/ou romana reconhecerá pares de opositores, de rivais político-militares, no rei persa Xerxes e no general grego Temístocles, nos colegas triúnviros Otávio e Marco Antônio, de modo que pode vir à mente a noção de *alusão* - mas a remissão à história não chega a comprometer o entendimento de conjunto da passagem: a ideia de que tais exercícios hajam ensinado o então futuro homem de Estado a colocar-se no lugar – como que na pele - de diversos personagens da história política, expressa na frase que segue sua autodefinição como “um novo Proteu”, explica suficientemente o caso, mesmo para aquele que desconheça inteiramente os nomes próprios envolvidos.

O relato da fase de formação de Adriano nesse segundo capítulo envolve a frequente constatação retrospectiva, pelo memorialista, daquilo que lhe legaram suas experiências, boas ou más, daquilo que com elas aprendeu. No capítulo seguinte, já imperador, o personagem faria uso dessa capacidade de colocar-se na pele de um outro ao negociar condições de paz com o rei dos partos:

Minhas curiosas disciplinas mentais ajudavam-me a captar aquele pensamento fugidio: sentado em frente ao imperador parto, aprendia a prever e, pouco depois, a orientar suas respostas. Entrava no seu jogo, imaginando-me o próprio Osroés a negociar com Adriano. (p. 125)

Na segunda ocorrência, também do terceiro capítulo, o aspecto multiforme que o imperador se atribui se encontra associado a certa concepção greco-romana do divino, que na situação é comparada à concepção do divino dos gimnosofistas indianos que Adriano havia encontrado na festa que Osroés, rei dos partos, dera em sua homenagem:

Aqueles sábios esforçavam-se por encontrar seu deus para lá do oceano das formas, reduzi-lo à qualidade de *único*, intangível, incorpóreo, *a que ele renunciou no dia em que se quis universo*. Vislumbrava de outro modo meu relacionamento com o divino. Imaginava-me a secundá-lo no seu esforço de enformar e ordenar um mundo, desenvolvendo-o e *multiplicando suas circunvoluções, suas ramificações e seus desvios*. Eu era um dos segmentos da roda, *um dos aspectos* dessa força única empenhada na *multiplicidade das coisas*, águia e touro, homem e cisne, falo e cérebro simultaneamente, Proteu que ao mesmo tempo é Júpiter. (p. 127 Grifos nossos)

Proteu, nessa passagem, tem relação com a “multiplicidade das coisas”, a heterogeneidade e a complexidade do mundo, a despeito de que este seja movido talvez por uma força única que estaria também contida em cada parte, cada aspecto, cada segmento de roda do todo. Adriano, que declara que por essa época, quando “[a]s ousadas experiências da juventude haviam terminado” (p. 127), começava a sentir-se deus, explica que se tratava de uma divindade plural, corpórea, tangível – diversa daquela dos gimnosofistas.

Nos dois exemplos acima, o aspecto múltiplice e cambiante de Adriano pode ser traduzido em termos de qualidades positivas como versatilidade, flexibilidade, abertura de espírito, capacidade de empatia, no primeiro caso, e, no segundo, em termos de uma visão de mundo que o narrador considera positivamente. Há momentos, entretanto, em que o memorialista emite avaliações negativas sobre características que marcaram, ainda que momentaneamente, sua personalidade juvenil em formação, e que convergem com a “condenação” que Rémy Poignault identifica na passagem *Epitome*. Essas características têm em comum, o mais das vezes, o fato de se relacionarem com o “desejo de glória que ardia em seu peito” de acordo com a referida passagem.²⁷⁷ Em *Memórias de Adriano*, essa crítica formulada séculos depois da morte do imperador é incorporada, genettianamente se pode dizê-la *vocalizada*, em autocrítica: dados que no *hipotexto* vêm na voz impessoal do autor desconhecido da *Epitome*, que fala sobre Adriano na terceira pessoa, no romance memorialístico são *transpostos* para a voz em primeira pessoa do próprio imperador. Já citamos anteriormente – em um contexto em que nosso

²⁷⁷ Lembramos também novamente que a *Vita Hadriani*, 16, 1, diz que Adriano era ávido pela fama. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, pp. 48-49

propósito era apenas o de exemplificar vicissitudes da *hipertextualidade* de *Memórias de Adriano* ao mesmo tempo em que explicávamos como funcionam algumas das categorias *transposicionais* - a seguinte passagem, onde o memorialista evoca desejo de glória que, entre outros, o motivava quando jovem aspirante ao poder:

Era inegável meu apetite de poder, de riqueza, que entre nós é freqüentemente a primeira forma de *ambição* e de *glória*, para dar esse nome belo e apaixonante à *comichão de ouvir falar de nós mesmos*. (p. 37. Grifos nossos)

Mas a crítica é também contextualizada como caracterizando marcadamente a juventude do personagem, e pouco antes de falar sobre seu apetite de poder, o narrador memorialista pondera:

Considerada em si mesma, essa juventude tão elogiada aparece-me mais freqüentemente como uma época mal polida da existência, um período opaco e informe, frágil e fugidio. (...) Não medito, sem corar, na minha ignorância do mundo, que acreditava conhecer, na minha impaciência, espécie de *ambição frívola* e de grosseira avidez. (p. 37 Grifo nosso)

Diferentes manifestações da ambição acompanham as diversas etapas da carreira militar e civil de Adriano. Quando acompanha o imperador Trajano, seu primo e tutor, na primeira expedição contra os dácios, ele se destaca militarmente, e sua comichão de ouvir falar de si começa a se ver realizada. O memorialista, entretanto, que posteriormente se tornaria um pacifista, avalia negativamente as suas motivações de então:

Certo número de ações brilhantes, que *não teriam sido notadas num simples soldado*, deram-me fama em Roma e uma espécie de glória no exército. Porém, a maior parte de minhas pretensas façanhas não passou de simples *bravatas inúteis*. Nelas descubro hoje, com alguma vergonha, *um desejo baixo de agradar a todo custo e de atrair a atenção sobre mim* (...). Foi assim que, num dia de outono, atravessei a cavalo o Danúbio engrossado pelas chuvas, carregado com o pesado equipamento dos soldados batavos. Nesse feito de armas, se assim se lhe pode chamar, *minha montaria teve mais mérito do que eu*. Contudo, esse período de loucuras heróicas ensinou-me a distinguir os diversos aspectos da coragem. (p. 51-52. Grifos nossos)

Dion Cássio, em sua *História Romana*, LXIX, 9, 6, reporta que os soldados de Adriano haviam sido tão bem treinados que a cavalaria dos chamados batavos atravessava o rio Ister a nado com suas armas. Rémy Poignault, por sua vez, menciona que a inscrição III, 3676, do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (um *corpus* de inscrições latinas), relata uma façanha similar desempenhada na Panônia diante de Adriano, quando já imperador, por um cavaleiro batavo, e observa que Yourcenar “aplica a Adriano dados relativos a simples soldados e a uma época posterior”, por esse modo ressaltando “a ambição do jovem”.²⁷⁸

Se por um lado a passagem de *Memórias de Adriano* acima mostra um jovem oficial ambicioso e temerário, por outro revela um memorialista que amadureceu reformulando valores e conceitos, e que desenvolveu certa modéstia e moderação. Yourcenar explora a anedota sobre o feito de armas, associando-a a várias características que atribui a Adriano, enquanto o personagem jovem, ou quando já o narrador moribundo: este mostra perspicácia e despretensão ao observar que suas “pretensas” façanhas de outrora não proporcionariam a mesma fama em Roma a alguém que não tivesse a posição social e hierárquica que ele tinha. A *História Romana* e a inscrição registraram façanhas de soldados, sim - o nome que é celebrado, entretanto, é o do imperador, competente em manter tropas eficientes. Se nessa passagem o memorialista revela que se envergonha do desejo de agradar que motivava as ações extraordinárias por ele realizadas durante a guerra de outrora, pouco adiante em *Varius multiplex multiformis*, quando conta sobre a segunda estadia do personagem em Roma depois da guerra, o narrador declara: “[h]avia perdido, em grande parte, meu ignóbil medo de desagradar” – um amadurecimento é marcado. E se as motivações de outrora são tidas como pouco elevadas, o memorialista admite, contudo, haver resultado da experiência um legado positivo para o porvir, um aprendizado – o dos diversos aspectos da coragem.

Um parágrafo em particular do capítulo *Varius multiplex multiformis* evoca uma variedade e multiplicidade de facetas de Adriano, conforme apanhado pela sua

²⁷⁸ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d’Hadrien*”, *op. cit.*, p. 8

própria memória em um dado momento de sua juventude. Não se trata de facetas sucessivas, mas sim simultâneas, ou mesmo potenciais – o porvir ali em germe - e o memorialista utiliza-se, para evocá-las, de uma significativa metáfora relacionada à arte teatral:

Personagens diversas viviam em mim alternadamente, nenhum por muito tempo, e o tirano caído recuperava logo o poder. Eu abrigava assim o oficial meticoloso, fanático por disciplina, mas que partilhava alegremente com seus homens as privações da guerra; o melancólico visionário dos deuses; o amante capaz de tudo por um momento de vertigem; o jovem e altivo primeiro-tenente que se retira para sua tenda, estuda os mapas à luz de um candeeiro e não esconde aos amigos seu desprezo pela maneira como anda o mundo; e, enfim, o futuro homem de Estado. (p. 52)

A negatividade a que a expressão que dá nome ao capítulo se encontra vinculada na *Epitome* comparece também de certo modo na caracterização que o memorialista faz de si próprio na juventude. Na continuação do parágrafo, o narrador dá ênfase a aspectos negativos, introduzindo, com um “[n]ão esqueçamos, porém...”, uma sequência de “personagens” mais “ignóbeis”, como se dissesse: “procuro não ser parcial... não omitirei aqui nenhum dos defeitos que vejo, agora, com o necessário distanciamento, em meu próprio modo de ter sido no passado”. O aspecto negativo presente na *Epitome* que se encontra mais marcadamente *transposto* na caracterização do personagem nessa fase pode ser definido como dissimulação; mas, também, simulação daquilo que ele não era: nessa época o jovem militar e cortesão ainda agia motivado pelo seu “desejo baixo de agradar” (p. 51), ou pelo “medo de desagradar” (p. 54).

Não esqueçamos, porém, o ignóbil complacente que, *para não desagradar*, consentia em embriagar-se à mesa imperial; o homenzinho ainda jovem pronto a resolver todas as questões do alto de uma segurança ridícula; o frívolo e belo conversador capaz de, por um bom dito, perder um bom amigo; o soldado que cumpre com precisão maquinal suas baixas tarefas de gladiador. E mencionemos também esse personagem vago, sem nome, sem lugar na história mas tão eu mesmo quanto todos os outros, *simples brinquedo das coisas*, nem mais nem menos do que um corpo estendido sobre o leito de campanha, distraído por um perfume, ocupado a respirar, vagamente atento a algum eterno zumbido de abelha. (pp. 52-53. Grifos nossos)

A *Vita Hadriani*, 3, 3,²⁷⁹ reporta como confissão do próprio Adriano que, na época em que acompanhou Trajano à primeira guerra na Dácia, ele tenha obsequiado os costumes do imperador, entregando-se ao vinho, e que teria sido por isso amplamente gratificado por aquele. William Gray, mencionado na *Nota* (p. 285) entre os historiadores contemporâneos consultados para a feitura do romance, toma por verdadeira essa anedota relatada na *Vita Hadriani*, e considera que, conforme sugerido ali, Adriano a houvesse contado em sua autobiografia - aquela, perdida para nós, e mencionada no romance, conforme vimos acima, como “um relatório oficial dos meus atos, assinado por Flégon, meu secretário” (p. 23). Sobre a plausibilidade dessa anedota Gray comenta:

Pode parecer estranho, em princípio, que Adriano fosse achar que valesse a pena registrar um fato em si trivial, e um tanto depreciativo para ele próprio e para Trajano. Mas o fraco de Trajano pelo vinho era bem conhecido dos seus súditos [*História Romana*, 68, 7], e não depunha contra ele, e Adriano costumava dar ênfase a toda circunstância que tendesse a mostrar que ele gozava do favor de Trajano, e que, por conseguinte, sua adoção por este era a consequência lógica das relações prévias entre eles.²⁸⁰

Mas se naquela autobiografia oficial, que teria servido de fonte para essa anedota da *Vita Hadriani*, Adriano contava que havia sido gratificado por Trajano por se haver afeito aos hábitos deste, nestas memórias endereçadas a Marco Aurélio, isto é, no romance *Memórias de Adriano*, a parte referente a uma tal gratificação é omitida, e o relato não mais serve, como no *hipotexto*, para conferir legitimidade à adoção, mas sim para mostrar a mudança de perspectiva de Adriano sobre suas ações e motivações juvenis, ao mesmo tempo em que resulta ratificada em parte a

²⁷⁹

SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE, vol. 1, *op. cit.*, p. 8-9

²⁸⁰

“It seems strange at first thought that Hadrian should have thought it worth while to record a fact trivial in itself and somewhat discreditable to himself and to Trajan. But Trajan's fondness for wine was well known to his subjects (Dio, 68, 7), and not counted against him, and Hadrian was wont to emphasize every circumstance that tended to show that he enjoyed Trajan's favor, and hence that his adoption by the latter was the logical outcome of their previous relations”. GRAY, W. *op. cit.*, p. 173. Tradução nossa.

crítica da *Epitome*: para agradar a seu primo, tutor, e imperador, um jovem oficial frivolamente ambicioso rebaixou-se inclusive a fingir ser aquilo que não era.

Uma vez mais, o arremate do parágrafo mostra um passo adiante no sentido do amadurecimento das ideias, da formação do caráter, do aprendizado do homem de Estado. Se a tantas “personagens diversas” que viviam alternadamente no jovem Adriano faltava um autor, uma autoridade, não tirânica, mas estável, o memorialista, incrementando a metáfora teatral, acrescenta:

(...) pouco a pouco, outro recém-chegado entrava em função, um chefe de grupo, um diretor de cena. Conhecia o nome dos meus atores, marcava suas prováveis entradas e saídas, cortava as réplicas inúteis, evitava gradualmente os efeitos vulgares. Aprendia, enfim, a não abusar do monólogo. Com o decorrer do tempo, meus atos me formavam. (p. 53)

Os dois últimos personagens evocados no parágrafo poderiam encarnar certa contradição conceitual, uma antinomia: se o último deles é “diretor de cena”, chefe do grupo de personagens, o outro, por seu turno, é “simples joguete das coisas”, “nem mais nem menos do que um corpo”, “distraído”, ou “vagamente atento”. Nesse ínterim, parece-nos esclarecedora a posição que Marguerite Yourcenar assume ao responder, na entrevista a Patrick de Rosbo, à pergunta pelo que seja um personagem:

Realmente, o que é um personagem, ou, mais claramente, o que é um ser humano? Será (...) uma espécie de aglomerado, uma espécie de pacote de sensações, de emoções, de lembranças, que não tem em si mesmo nada de consistente, que é inteiramente feito do reflexo das situações, das circunstâncias, do meio sobre ele, ou será, ao contrário, (...), um núcleo sólido representando uma espécie de entidade quase inalterável que se opõe ao resto do mundo e resiste às circunstâncias? Claro que *há um pouco de verdade em ambos os pontos de vista*, e a maior parte dos seres se apresenta isolada ou simultaneamente como esse aglomerado transitório, e (por uma *contradição inexplicável*) como essa espécie de núcleo inalterável e eterno.²⁸¹

281

ROSBO, P. **Entrevistas com Marguerite Yourcenar**, *op. cit.*, pp. 61-62. Grifos nossos.

Ainda que no ver da autora esses dois pontos de vista - que poderíamos chamar, respectivamente, de ponto de vista do determinismo um, e de ponto de vista da autodeterminação ou do livre-arbítrio o outro - coabitem, “por uma contradição inexplicável”, a maior parte dos seres, ela revela, na mesma entrevista, que seus personagens preferidos são “os mais intensos ou os mais lúcidos”, como Adriano,²⁸² que, “a cada momento da vida, se constrói, e procura entender”.²⁸³ Um parágrafo do primeiro capítulo (pp. 26-27), *Animula vagula blandula*, expressa a dificuldade que o memorialista, ao buscar relatar o passado, encontra em, por um lado, esquivar-se a uma perspectiva determinista – e assim os contornos da pessoa que distingue na multiplicidade de imagens de si próprio que lhe apresenta a memória “parecem traçados quase sempre pela pressão das circunstâncias”; por outro lado, dificuldade também em descrever sua história justamente articulando causas e efeitos, analisando determinações – e assim todo plano que o memorialista pareça poder discernir em sua vida pregressa “não é mais que uma aparência enganosa da lembrança”. O parágrafo contém formulações dicotômicas cujos termos remetem, ora a uma visão determinista, ora à autodeterminação e/ou ao acaso - e na formação de sua natureza, “já realizada”, Adriano vê “partes iguais de instinto e de cultura”: o instinto é determinação independente da razão e da vontade. A “cultura” remete à ideia da autoconsciência e da autodeterminação, da autonomia em relação à natureza e à parte instintual do animal racional.

No capítulo *Varius multiplex multiformis*, Adriano confabula: “[u]m homem que lê, pensa ou calcula, pertence à espécie e não ao sexo; nos seus melhores momentos ele escapa inclusive ao humano” (p. 59). O cultural/civilizacional é visto em oposição ao natural/instintual. No referido parágrafo de *Animula vagula blandula*, meditando sobre as dificuldades que enfrenta ao propor-se a escrever suas memórias, o narrador lança mão de uma metáfora geológica: na paisagem montanhosa de altos e baixos de sua existência discerne “os granitos do inevitável”, - e o inevitável evoca as noções de destino, fatalidade, determinação – e por outro

²⁸² *Idem*, p. 62.

²⁸³ *Idem*, p. 63.

lado “os desmoronamentos do acaso”. A fatalidade que, ao tentar contar sua história, ele julga reconhecer por vezes “num encontro, num pressentimento, numa série definida de acontecimentos” parece igualmente não constituir mais do que um construto da memória. O imperador manifesta, entretanto, fé na autodeterminação, quando diz que “a impossibilidade de continuar a exprimir-se e a *modificar-se pela ação* é talvez a única diferença entre os mortos e os vivos”, e que suas ações são sua “única medida”. Por outro lado, ressalta que entre ele e os atos de que é feito “existe um hiato indefinível” (p. 26. Grifos nossos), e que três quartos de sua vida escapam a uma definição pelos atos (p. 27). A lição que pretende dar ao estoico adolescente Marco Aurélio envolve a exortação à ação, à não resignação, à não inércia, mas por outro lado a narração do próprio passado talvez implique o estabelecimento de vínculos causais, engendrando a impressão de que a influência determinística do meio possa preponderar. No último capítulo, *Patientia*, ao expressar sua resignação final ante a doença fatal, o imperador mostra uma vez mais que sua visão de mundo contempla tanto um quanto o outro dos polos dessa dicotomia: sua agonia está “programada” para ele; seu fim foi “lentamente elaborado” no fundo das suas artérias, e talvez tenha sido herdado de um antepassado; por outro lado, segundo Adriano esse fim nasceu também do seu temperamento, e foi preparado por cada um dos seus *atos* ao longo da vida (p. 241. Grifo nosso).

Rémy Poignault observa bem que, não fossem dadas circunstâncias, seria menos provável que Adriano, nascido em Itália na Espanha, tivesse ascendido ao trono; mas nem por isso deixa de conferir-lhe o crédito de sua ação própria nesse sentido:

Adriano não nasceu imperador, tornou-se-o. As circunstâncias, como em toda existência, desempenharam seu papel: que seu parente, Trajano, tenha sido chamado por Nerva para sucedê-lo, não foi sem consequência no destino do jovem romano de Itália, bem como a influência que seus amigos souberam exercer sobre Trajano. Mas é também sua própria vontade que conduziu Adriano ao primeiro plano.²⁸⁴

²⁸⁴ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”, *op. cit.*, p. 7. Tradução nossa: “Hadrien n’est pas né empereur, Il l’est devenu. Les circonstances, comme dans

Em *Memórias de Adriano*, se o memorialista, quanto à sua visão de mundo, não se mostra muito mais decidido do que a autora do romance, entre uma concepção determinista e uma não-determinista da existência, por outro lado o personagem se revela continuamente ativo e, em *Varius multiplex multiformis*, de mais a mais determinado a obter aquilo a que almeja. Em consonância com isso, se alguns dos “personagens diversos”, representados pelo jovem Adriano, o foram um tanto inconscientemente, há outros a respeito dos quais o memorialista assume ter tido plena consciência e intenção. Assim, ao voltar da guerra na Dácia, com sua ambição já mais firmada e focalizada, Adriano aceita, em nome da carreira, um cargo que lhe parece aborrecido, o de curador dos atos do Senado, e o memorialista diz que “[n]ão era o único calculista” que então “se precipitava na corrida às honrarias”, mas confessa que foi por cálculo que desempenhou “um papel de ambicioso que não conseguia representar com convicção durante muito tempo” (pp. 54-55). Sua ambição a essa altura já estava mais distante da comichão de ouvir falar de si e do “desejo baixo de agradar a todo custo” (p. 51), e se encaminhava para se tornar a ambição de ter o poder de impor seus planos, experimentar soluções, restaurar a paz, e ser ele mesmo – a forma de ambição que ele teria às vésperas de aceder ao império (p. 79).

O comentário do memorialista quando narra o alívio sentido ao ser adotado, mais de vinte anos antes, é significativo: ele não se identifica positivamente com o ser ambicioso, quando diz que, então, “a ambição e o medo pareciam um pesadelo já esquecido” (p. 84). Na fase da incerteza, entretanto, a prontidão para representar papéis que o caracteriza não deixa de remeter em parte a condenações da *Epitome*, que são *transvalorizadas* e *transmotivadas*: no *hipotexto*, Adriano é dito “capaz de dominar o ímpeto de sua mente”, e também de simular a posse de determinadas qualidades, bem como de dissimular uma motivação. O que na *Epitome* é valorado negativamente como falsidade, em *Memórias de Adriano* é positivado como

toute existence, ont joué leur rôle: que son parent, Trajan, ait été appelé par Nerva à lui succéder, n’a pas été sans conséquence sur le destin du jeune romain d’Italice, non plus que l’influence que ses amis ont su exercer sur Trajan. Mais c’est aussi sa propre volonté qui a amené Hadrien au premier plan”.

versatilidade e habilidade, interpessoal e política. A motivação por trás de tudo o que simula e dissimula, é na *Epitome* essencialmente desejo ardente de glória. Em *Varius multiplex multiformis*, por sua vez, um “baixo desejo de agradar” torna-se, com o tempo e o amadurecimento, “o gosto de ser útil” (p. 80). Fazendo o ponto sobre seu percurso anterior à acessão ao império, Adriano percebe que,

acreditando a princípio só obedecer a ambições bastante grosseiras, [ele] deveria pouco a pouco perdê-las ao realizá-las, aprendendo a adaptar-se às medidas dos homens e das coisas, a comandar e, coisa finalmente um pouco menos fútil, a servir. (p. 38)

“[A] firme determinação de ser útil” é mesmo definida pelo memorialista como “a mais alta forma de virtude, a única que suporta ainda” (p. 65), e se antes do final do capítulo ele declara que a uma dada altura lamentava não ter ainda o primeiro lugar em Roma, justifica que o fazia, “[n]ão por ambição ou por *glória vã*, mas porque o homem colocado em segundo lugar só tem escolha entre os perigos da obediência ou da revolta, ou ainda os do compromisso, muito mais graves” (p. 75). Ao falar sobre o relacionamento estudado, calculado, que mantinha com os homens da corte de Trajano, os quais diz não apreciar particularmente, o memorialista novamente descreve sua conduta como múltiplice e versátil, na representação dos papéis que fosse necessário desempenhar em nome de seus propósitos: desta vez, entretanto, não comparece qualquer apreciação negativa da parte do memorialista – o personagem de si mesmo já agia agora em prol de algumas das causas que o motivariam a partir de então – e em nome delas lança mão dos meios que se mostrem necessários:

(...) mantive, para com essas pessoas tão diferentes, a polidez indispensável. Fui deferente para com uns, maleável para com outros, *acanhado se preciso*, e sempre, mas não excessivamente, hábil. Minha versatilidade era-me necessária; multiplicava-me por cálculo, era ondulante por jogo. Caminhava sobre a corda bamba. Não era somente das aulas de ator que eu precisava, mas das de um acrobata. (pp. 56-57. Grifo nosso)

A menção a “aulas de ator” remete à sua atividade, de mais a mais voluntária e controlada, de representação de personagens - que é como se alcançasse total

conscientização na própria retrospectiva memorialística, - mas remete também ao modo como foi *ficcionalizado* em *Memórias de Adriano* um dado presente na *Vita Hadriani*, 3, 1:

[Adriano] foi questor no quarto consulado de Trajano e primeiro de Articuleio, e quando ocupava esse cargo leu um discurso do imperador para o Senado, e provocou o riso com seu sotaque um tanto provinciano. Ele então se dedicou ao estudo do latim até atingir um alto grau de proficiência e fluência.²⁸⁵

Em *Memórias de Adriano*, informações extraídas dessa passagem da *Vita Hadriani* aparecem em quatro momentos diversos de *Varius multiplex multiformis*, em conexão, em cada caso, com diferentes dados hauridos a outras passagens da mesma biografia. Primeiramente, no parágrafo inicial do capítulo, onde o memorialista fala de seu avô Marulino, e diz que “[e]sse provinciano desconhecia o grego e falava o latim com um sotaque espanhol gutural que me transmitiu, e que foi motivo de riso mais tarde” (p. 31).²⁸⁶ A *Vita Hadriani*, 1, 2, diz que Adriano tinha por tataravô um certo Marulino, e a única outra informação sobre este é que foi o primeiro na família a ter se tornado um senador romano.²⁸⁷ Yourcenar criou toda uma caracterização ficcional, com base essencialmente no nome de um ancestral de Adriano, a partir dele desenvolvendo um personagem homônimo, que dotou de uma significação particular para a formação do protagonista - significação que não é conferida a nenhum outro parente dele pelos historiadores ou biógrafos antigos assinalados por Yourcenar, e tampouco pela própria.

Além disso, a romancista alterou o grau de parentesco que um homem desse nome teria tido com o imperador romano: em *Memórias de Adriano* não se fala em

²⁸⁵ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, pp. 8-9. Tradução nossa: “He held the quaestorship in the fourth consulship of Trajan and the first of Articuleius, and while holding this office he read a speech of the Emperor's to the senate and provoked a laugh by his somewhat provincial accent. He thereupon gave attention to the study of Latin until he attained the utmost proficiency and fluency”.

²⁸⁶ É interessante fazer notar aqui a associação que o personagem faz entre o provincianismo e o fato de não falar o grego.

²⁸⁷ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 2-3.

um tataravô, e é um avô de Adriano que se chama Marulino; ao invés ser o primeiro da família no Senado, como no *hipotexto*, no romance, o homem desse nome é “na linha senatorial, o terceiro do nome” – pode-se inclusive cogitar uma sucessão de Marulinos. A ideia de que o sotaque que a fonte histórica atribui ao protagonista lhe tenha sido transmitido pelo avô reforça, no romance, a imagem da ascendência que o memorialista percebe ter tido esse parente sobre sua infância, e contrasta com a ausência de qualquer outro parente, seja o pai, a mãe, ou a irmã, que tenha tido sobre ele uma influência significativa.

Ora vejamos quanto à segunda passagem em que foram *ficcionalizadas* informações *hipotextuais* relativas ao riso provocado pelo sotaque de Adriano, e à atitude que este tomou quanto ao assunto. Ao passo que a *Vita Hadriani* data o episódio da época em que o biografado tinha o cargo de questor, em *Memórias de Adriano* a questura de Adriano jamais é mencionada. Nada implica em que Adriano devesse necessariamente, em seu relato de vida dirigido a Marco, mencionar qualquer cargo que um dia tenha ocupado. Sobretudo, se a *Vita Hadriani* menciona o sotaque quando narra uma época em que a carreira de Adriano está já relativamente avançada, por certo o sotaque havia de existir anteriormente, e poderia bem ter sido notado em qualquer fase do percurso. As principais fontes históricas sobre Adriano na antiguidade foram escritas por simpatizantes do Senado, hostis a esse imperador,²⁸⁸ o que influenciou as atitudes negativas que apresentam diante de algumas das informações que veiculam. Tal atitude negativa bem poderia se aplicar ao caso dessa anedota, decerto pouco lisonjeira, e que ademais figura o

²⁸⁸ Na entrevista a Matthieu Galey, Yourcenar menciona “a antiga hostilidade do Senado contra o imperador [Adriano], e reciprocamente”. YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 155. GRAY, W. *op. cit.*, p. 144: considera a parte da *Vita Hadriani* que chama de “biográfica” como “violentamente hostil a Adriano”, e fala também da hostilidade de Dion Cássio, autor da outra biografia fundamental da antiguidade sobre Adriano, a *Historia Romana* (p. 146; p. 200). Diz ainda que em geral os autores cristãos adotaram “a hostil tradição senatorial” (“the hostile senatorial tradition”) (p. 148). E adiante ainda, Gray fala nos autores antigos como “em geral hostis a Adriano” (p. 158). A introdução do livro de Gray (pp. 141-149) dedica-se a mostrar o quanto se deve desconfiar de boa parte do que dizem, sobre Adriano, os antigos historiadores, todos simpáticos ao Senado e antipáticos a esse imperador. Gray é certamente um historiador contemporâneo que teve muita influência sobre a visão de Yourcenar a respeito de Adriano.

futuro soberano já de certo modo em confronto com aquela casa política.²⁸⁹ No romance, Adriano, no episódio em foco, era, não questor, mas sim “juiz no tribunal encarregado dos litígios entre herdeiros” (p. 38), cargo igualmente mencionado na *Vita Hadriani*, II, 2, e foi nesse tribunal que o seu primeiro discurso provocou o riso (p. 39), ao passo que na *Vita Hadriani*, 3, 1, foi no Senado que riram do sotaque do questor Adriano.

No terceiro momento em que figuram informações da *Vita Hadriani*, 3, 1, em *Varius multiplex multiformis*, há, como no primeiro que vimos, uma parte considerável de pura invenção romanesca. Se segundo a *Vita Hadriani*, depois de haverem rido do seu sotaque no Senado, Adriano se dedica ao estudo do latim, em *Memórias de Adriano*, por sua vez, após o riso do tribunal ele passa a freqüentar atores, para ter lições de elocução, e com isso, conforme suas palavras, escandaliza sua família (p. 39). O alto grau de proficiência e fluência atingido por Adriano segundo a fonte, em *Memórias de Adriano* se encontra de certo modo expresso pelo comentário que faz, mais adiante, que sua “enunciação impecável fazia honra às aulas do ator trágico Olimpos” (p. 55), quando, em um período posterior, leu para o Senado discursos que havia escrito para Trajano, e que este, estando doente, não podia proferir.

Essa é a quarta passagem do romance em que figura algum elemento em conexão com aportes da *Vita Hadriani*, 3, 1, - no caso, a informação sobre a excelência oratória alcançada por Adriano - e uma vez mais esses elementos se configuram com outros, que constam em outras passagens da mesma fonte histórica: de fato, a *Vita Hadriani*, 3, 11, diz que “após a morte de Sura, a amizade de Trajano por [Adriano] cresceu, sobretudo por conta dos discursos que este

²⁸⁹ Não se trata de que Adriano não tivesse o referido sotaque: Marguerite Yourcenar, em entrevista a Matthieu Galey, mostra que acredita que ele o tivesse, quando diz, retrçando a cronologia de sua carreira inicial: “aprende o latim, que sabia mal (falava com sotaque sevilhano)”: YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, *op. cit.*, p. 153. O que talvez resulte da hostilidade senatorial é a exposição a ridículo a que as biografias antigas procedem ao reportarem essa anedota do modo que o fazem.

compunha para o imperador”.²⁹⁰ Nessa época, conforme a *Vita Hadriani*, 3, 10, Adriano era cônsul.²⁹¹ Em *Memórias de Adriano*, é quando o protagonista era “curador dos atos do Senado” que a imperatriz Plotina persuadiu o marido a deixar que Adriano preparasse seus discursos. A *Vita Hadriani* nada diz sobre a influência de Plotina nesse caso, embora em outras passagens lhe atribua, como também ocorre no romance, um papel muito importante na promoção de Adriano. É o caso na passagem imediatamente seguinte a essa em que se revela que Adriano preparou discursos para o imperador, - a *Vita Hadriani*, 4, 1, que diz que ele gozava do favor da imperatriz, e que foi “devido ao seu interesse nele que, mais tarde, na época da campanha contra a Pártia, ele foi nomeado legado da Síria”.²⁹²

Varius multiplex multiformis segue narrando a vida de Adriano antes de tornar-se imperador. A linha básica do relato tem por base a *Vita Hadriani*, que o referido William Gray, na introdução de seu livro que trata justamente do período abrangido por esse capítulo do romance, diz ser a principal fonte para a vida do imperador, em meio à escassez de documentos que há, conforme o autor, para inclusive o próprio século II d. C. como um todo.²⁹³ Gray enfatiza, em vista da importância que atribui a seu biografado entre seus pares, o interesse histórico do período de formação dessa “personalidade dominante”, chegada ao poder aos quarenta e um anos, quando “os traços essenciais de seu caráter haviam sido determinados”: a carreira inicial de Adriano, segundo Gray, recebeu parca atenção.²⁹⁴ Além da escassez de fontes e da pouca atenção dispensada pelos

²⁹⁰ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, 10-11. Tradução nossa: “after Sura's death Trajan's friendship for him increased, principally on account of the speeches which he composed for the Emperor”.

²⁹¹ *Idem, ibidem*

²⁹² *Idem, ibidem*. Tradução nossa: “He enjoyed, too, the favour of Plotina, and it was due to her interest in him that later, at the time of the campaign against Parthia, he was appointed the legate of the Emperor”. Na nota 5, o editor esclarece que a nomeação para legado se refere à atividade de governador da Síria.

²⁹³ Gray, *op. cit.*, p. 142

²⁹⁴ *Idem*, p. 141. Tradução nossa: “dominating personality”; “the essential traits of his character had been determined”.

historiadores à fase da vida de Adriano antes da acessão ao império, Gray acrescenta a dificuldade, para quem se interesse pelo estudo do período, de que, na *Vita Hadriani*,

duas partes principais podem ser distinguidas: em uma delas, a linguagem é simples, clara e repleta de significação; os relatos lidam em sua maior parte com instituições e eventos históricos importantes, e estão isentos de personalidades, anedotas e escândalos; e as indicações cronológicas são exatas. Essa parte da *Vita* foi chamada pelos [historiadores] alemães de “parte histórica” (...) [e] constitui nossa melhor fonte para a vida e o reinado de Adriano. (...)A outra parte da *Vita* se caracteriza pela vagueza e pela falta de coesão do seu estilo, e por suas palavras e frases estranhas, bem como pela qualidade trivial, pessoal, e frequentemente escandalosa de seus relatos. Ela lida bastante com anedotas. Nenhuma atenção é prestada à cronologia; as frases flutuam no ar. Essa parte da *Vita* foi chamada de parte “biográfica” (...). É violentamente hostil a Adriano; em última análise, ela representa a boataria e os escândalos referentes a ele que muitos de seus inimigos da classe senatorial puseram em circulação. (...) assim a *Vita* como existe hoje se encontra repleta de contradições. Espartiano foi um péssimo compilador; ele copiou suas fontes palavra por palavra, e costurou seus excertos rudemente uns com os outros, sem sequer buscar harmonizá-los minimamente quanto ao estilo, ou reconciliar contradições entre conteúdos. Ele (...) deixou de fora muita coisa importante, e aparentemente permitiu-se sacrificar bons relatos “históricos” para deixar espaço para trechos “biográficos” que considerava “interessantes”.²⁹⁵

A leitura do livro de Gray deixa patente a imensa dificuldade com que um historiador precisa arcar se pretende estabelecer, com algum grau de segurança, algum dado acerca da vida particular de Adriano, em especial no que se refere ao período em foco em *A study of the life Hadrian prior to his accession* e *Varius*

²⁹⁵ *Idem*, pp. 143-144. Tradução nossa: “two main parts can be distinguished. In one of these the language is simple, clear and packed with meaning; the notices deal for the most part with important historical events and institutions, and are free from personalities, anecdotes and scandal; while the chronological indications are exact. This portion of the *Vita* has been called by the Germans the “historical part” (...) [and] constitutes our best source for Hadrian’s life and reign. (...)The other part of the *Vita* is characterized by the vagueness and looseness of its style, and by its strange words and phrases, as well as by the trivial, personal and frequently scandalous quality of its notices. It deals much with anecdotes. No attention is paid to chronology; the statements float in air. This part of the *Vita* has been called the “biographic” part (...). It is violently hostile to Hadrian; by final analysis it represents the gossip and scandal about him which his many enemies of the senatorial class set in motion. (...)Spartianus was a wretched compiler; he copied his sources word for word, and patched his excerpts roughly together without making any attempt to harmonize them in style or to reconcile the contradictions in content. (...) he has left out much of importance, and was apparently inclined to sacrifice good “historical” notices to make room for “biographic” bits he considered “interesting”.

multiplex multiformis - após a ascensão ao poder, passa a haver inscrições oficiais que pautam com um pouco mais de precisão os movimentos do imperador, além de sua influência sobre a vida do mundo romano suscitar manifestações de cronistas, menções na correspondência epistolar de contemporâneos, etc..

Em vista do exposto, pareceu-nos interessante abordar as porções *hipotextuais* da *Vita Hadriani* citadas ou referidas acima, com o fito de exemplificar vicissitudes da lida yourcenariana com as anedotas essencialmente hostis a Adriano que ali vêm, conforme Gray, de mistura com o relato histórico.

O ensaio *Os aspectos da história na Historia Augusta*²⁹⁶ oferece, do conjunto da coleção de biografias que contém a *Vita Hadriani*, uma imagem que converge bastante com essa que vimos expondo, e em entrevista a Matthieu Galey, Yourcenar diz:

[n]ão sabemos (...) quase nada sobre [Adriano]; é preciso, no entanto, saber tudo, recriar tudo através dos documentos do tempo e do *curriculum vitae* dos outros funcionários; (...) Tem-se o *curriculum vitae* de Adriano, ou seja, sabemos, ano após ano, os diferentes empregos, as diferentes dignidades de que ele foi revestido. Porém, não se sabe mais grande coisa. Sabe-se o nome de alguns de seus amigos; conhece-se um pouco seu grupo em Roma, sua vida pessoal. Então tentei reconstituir tudo isso, a partir dos documentos, mas esforçando-me para revivificá-los; na medida em que não se faz toda a sua própria intensidade entrar em um documento, ele está morto, qualquer que seja.²⁹⁷

Para revivificar escassos e relativamente infidedignos documentos mortos, e fazer entrar a intensidade própria a Adriano no documento que um livro de memórias por ele escrito consituiria se não se tratasse de uma ficção histórica, Yourcenar precisou transpor aquilo que selecionou da *Vita Hadriani* para a voz de seu memorialista, e ainda recorrer com alguma frequência, eventualmente entre outras operações *transposicionais*, a *transmotivações* e/ou *transvalorizações*²⁹⁸ do

²⁹⁶ YOURCENAR, M. **Notas à margem do tempo**, *op. cit.*, *passim*

²⁹⁷ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, *op. cit.*, pp. 147-148.

²⁹⁸ No sentido do aumento do mérito do personagem – remoção de um valor negativo atribuído-lhe pelo *hipotexto*, e introdução de um positivo: cf. GENETTE, G. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 400

personagem. Outro expediente de vivificação consistiu em dotar esse homem célebre por sua cultura geral de uma vida mental povoada de referências literárias, filosóficas, etc.. Veremos agora então um exemplo dessa prática.

Quando narra o período em que era juiz no tribunal encarregado dos litígios entre herdeiros, o memorialista uma vez mais retraça até a vivência reportada a procedência de um conhecimento que mais tarde se provaria útil (embora o cargo exercido em si venha de início avaliado negativamente):

[a] técnica que tive de desenvolver nesses postos medíocres serviu-me mais tarde nas minhas audiências imperiais. Dedicar-me inteiramente a cada pessoa durante a breve duração da audiência, pôr de lado tudo o que não fosse aquele banqueiro, aquele veterano, aquela viúva; conceder a pessoas tão diversas, embora encerradas naturalmente em seus estreitos limites, toda a atenção polida que dispensamos a nós mesmos nos melhores momentos, e vê-las aproveitar quase infalivelmente essa oportunidade para *incharem como a rã da fábula*; enfim, consagrar alguns momentos para pensar seriamente em seus problemas ou em seus negócios. (pp. 39-40. Grifo nosso)

A parte que grifamos tem um “caráter alusivo” que não compromete o avanço da leitura para quem desconheça a referência: a presença do termo “fábula” indica que há remetimento a um texto antigo, e justamente uma fábula, que Genette define como “um gênero didático e de fundo moral”.²⁹⁹ Se a frase se terminasse à altura do termo anterior e as pessoas simplesmente inchassem como a rã, tampouco haveria grandes problemas para a compreensão, para alguém que saiba que rãs podem inchar e que egos podem se inflar, mas o porquê de o narrador lançar mão dessa

²⁹⁹ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 107. Curiosamente, Genette faz alhures propriamente *alusão* à mesma fábula para metaforizar o tipo de *transformação quantitativa* que chama de *expansão*: “[é] a rã que quer se fazer tão grande quanto o boi” (“[c]’est la grenouille qui veut se faire aussi grosse que le boeuf”). A menção a esses animais soará plausivelmente um tanto misteriosa para alguém que desconheça em absoluto a referência, e nesse sentido podemos cogitar que Yourcenar e Genette contassem com o conhecimento dessa fábula por seus públicos alvos francófonos, respectivamente de 1951 e de 1982. GENETTE, G. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 304. Tradução nossa. Na tradução para o português da equipe UFMG, Cibele Braga Silva atenua o obstáculo posto por essa *alusão* para a compreensão plena ao introduzir um termo de comparação (“como”) que transforma a operação metafórica de Genette em um símile, e também uma referência genérica ausente da frase francesa: “[é] como o sapo, da história tradicional, que quer ter as dimensões do boi”: GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, *op. cit.*, p. 105. Grifo nosso

comparação em específico resultaria talvez mais acentuadamente insondável – outras tantas teriam sido possíveis: porque uma rã, e não, por mero exemplo, um pavão?

Reproduzimos abaixo a fábula I, 24, de Fedro – *Rana rupta et bos* (A rã arreventada e o boi), na tradução de Maximiano Augusto Gonçalves:

[c]erta vez, uma rã viu um boi no prado e, cheia de inveja por tamanha corpulência, começou a inchar a rugosa pele, perguntando, em seguida, a seus filhotes se ficara maior que o boi. Eles responderam-lhe que não. De novo se esticou com maior esforço e, da mesma forma, indagou dos seus quem era maior. As rãzinhas disseram-lhe que era o boi. Contrariadíssima com sua pequenez, tentou inchar-se ainda mais, vindo a perecer com o corpo arreventado.³⁰⁰

A síntese moral da fábula (a moral da estória) é dada, pela edição por nós utilizada, como “aos grandes não tentes igualar-te” (“potentes ne tentes aemulari”). A circunstância em que a evocação, com “caráter alusivo”, dessa fábula aparece em *Memórias de Adriano* não faz pensar em nada que se assemelhe muito a essa moral da estória, ou a qualquer inflexão da própria diegese da fábula: os litigantes que se inflam ante o juiz Adriano, não o fazem por inveja, com a ambição de igualarem-se-lhe, ou emulá-lo (no latim da moral da estória, o verbo é “aemulari”, e o “grandes” traduz “potentes”, isto é, “poderosos”). A inveja e a ambição de emular, de competir comparando-se, equiparando-se, presentes na fábula, não são elementos que hajam sido *transpostos* para o *hipertexto*. Não há, na passagem de *Varius multiplex multiformis* em foco, qualquer conselho, a quem quer que seja – os pequenos litigantes ou o grande Adriano – no sentido de que não tente(m) igualar-se a aqueles que sejam maiores do que ele(s), ou emulá-los.

O boi da fábula não é sujeito de qualquer ação: Adriano, se por algum modo possa ser cogitado enquanto o ocupante da posição correspondente ao boi, ao grande, ao poderoso, por outro lado o memorialista vê a si próprio como aquele que, quando magistrado, provocava, nos litigantes, a reação de inflamento, mediante sua própria ação. Sua técnica de dedicação e atenção polida aos pleitos de todos

³⁰⁰

FEDRO, *Fábulas*. Rio de Janeiro: Antunes, 1957, p. 90

deixava pessoas de tipos variados à vontade,³⁰¹ e permitia que viessem à tona suas carências, seu desejo de serem contempladas como dignas de serem ouvidas, e valorizadas. Há certa inversão: o boi, sem qualquer ação, causa inveja, e a reação de desejar igualar-se a ele - e ainda a consequência de que a rã se arrebate ao tentar inchar-se e alcançar a corpulência do grande mamífero. No caso de Adriano, é sua atitude perante os litigantes, que ele próprio vê como positiva, aquilo que causa a reação. Nenhuma consequência nociva dessa reação para os litigantes é mencionada. A plateia que constituem de certo modo os filhotes da rã, diante dos quais a pretensão da mãe é exposta, não encontram correspondência com qualquer elemento na passagem *hipertextual*. A contrariedade ressentida por aquele que se infla em vista da sua própria pequenez também não foi objeto de *transposição* para o contexto *hipertextual* que cerca a evocação da fábula no romance.

Essa evocação alusiva se articula textualmente, não tanto sobre os termos presentes no nome pelo qual a fábula é conhecida – nome que inclui boi, e não inchaço - mas sim sobre o acontecimento nuclear da diegese: o inchar da rã (apenas sem o fim ‘trágico’, ou ‘cômico’) - formando então uma imagem que faz vir à mente, com boa probabilidade, a ideia de que alguém, quando se sinta confiante e confortável para tanto, possa se inflar de soberba, de presunção, pretensão, megalomania, ou afins - isso em vista da ambiência contextual em que se encontra a imagem, isto é, as entrevistas dos litigantes com o juiz Adriano, e também do conhecimento provável, por parte do leitor, do caráter didático e moralizador que têm as fábulas.

A fábula é evocada pelo imperador do século II d. C. como algo conhecido: para o leitor contemporâneo, a menção ao termo fábula denuncia a presença subjacente do *hipotexto*, mas como que dispensa o leitor de identificá-lo – para o leitor, saber que há alguma fábula, aparentemente conhecida o bastante para ser

³⁰¹ No original francês que utilizamos, o termo que corresponde ao “oportunidade” da tradução portuguesa de Martha Calderaro é “*facilité*”, o que talvez deixe mais clara a ideia de que as pessoas deem vazão à reação que manifestam por sentirem-se à vontade, compreendidas, aceitas, escutadas, não por inveja ou emulação. YOURCENAR, M. **Mémoires d’Hadrien**. Paris: Gallimard, 1974, p. 44.

evocada tão sucintamente, que fala de uma rã que incha como fazem os litigantes ante o paciente Adriano, basta à compreensão suficiente da passagem.

Lançamos mão da fábula sobre a rã que incha para emular o boi conforme a versão Fedro, mas há também fábulas de Esopo e Bábrio, com pequenas variações em detalhes narratológicos e do enredo, que, entretanto, não permitem que se tome qualquer das três, em definitivo, como um *hipotexto* mais provável: a evocação pelo memorialista yourcenariano poderia remeter a qualquer das três, e, para leitor romano ou grego do século II d. C., plausivelmente uma tal evocação não houvesse de suscitar uma pergunta como: qual delas, de qual dos autores? A de Esopo, mais antiga, é *hipotexto* para as demais, mas isso não implica que o seja para a evocação em *Memórias de Adriano*. Bábrio é um autor do século II d. C., mas tampouco isso implica que se trate do *hipotexto*. Não se tem, assim, no caso em foco, um *hipotexto* mais finamente precisável – trata-se entretanto inequivocamente de uma *alusão* à diegese comum a essas três versões da fábula. Mas fábulas têm algo em comum com contos de fadas, e leitores contemporâneos conhecem histórias narradas por Perrault, La Fontaine, Hans Christian Andersen, e daqueles três autores da antiguidade, sem necessariamente haverem-nas lido ou conhecerem esses escritores.

Por fim, desejamos observar que a aplicação, sem dúvida possível, de alguma das categorias *transposicionais* de *redução* ao caso em foco, não nos parece particularmente produtivo para os fins da análise do *hipertexto* – tal *redução* seria por demais acentuada: o segmento do *hipertexto* que remete à fábula não chega a incluir suficientes elementos de qualquer dos *hipotextos* possíveis para que o possamos considerar enquanto constituindo um *resumo*, por exemplo, de qualquer deles: afora a rã e o inchaço, todos os demais elementos de qualquer desses *hipotextos* foi objeto de *excisão*, sem deixar resquícios.

2.3. TELLUS STABILITA

O terceiro capítulo de *Memórias de Adriano* tem por título *Tellus stabilita*, nome correspondente a uma legenda monetária³⁰² do reinado de Adriano. Essa legenda, entretanto, data, segundo Harold Mattingly,³⁰³ dos anos 134-138, isto é, dos últimos anos desse reinado, e sua utilização para título do capítulo que abrange o relato dos primeiros anos do reinado opera uma antecipação cronológica. Nenhuma menção ou alusão é feita no sentido de associar o título do capítulo com a legenda monetária no romance. O significado dessa expressão latina pode esclarecer o sentido de sua adoção: adiante no capítulo que as ostenta com título, o memorialista a cita novamente em latim, e logo em seguida oferece dela a tradução “Terra Pacificada” (p. 118). Conforme Strack,³⁰⁴ em algumas moedas com essa legenda, o imperador Adriano aparece assimilado ao herói grego Hércules, que trouxe paz e bem-estar à terra; assim, a ideia expressa nas palavras latinas está associada a um resultado do programa político do imperador – resultado esse que, à altura de sua acessão ao poder, em 117, se encontrava essencialmente ainda em projeto; à altura em que o memorialista escreve, por seu turno, a ideia contida na expressão pode ser mobilizada de outra maneira. Segundo Rémy Poignault,

[e]m *Memórias de Adriano*, “*Tellus stabilita*” (...) é entendido também de modo *interiorizado*, como característica de um período em que Adriano conhece uma forma de calma e de estabilidade pessoal após

³⁰² COHEN, **Description historique des monnaies frappées sous l'Empire romain II** (Paris: 1882 (2a ed.) no. 1425-1435); MATTINGLY, **Coins of the Roman Empire in the British Museum III** (Londres: 1976) (1^a ed. 1936) no. 737-749, 1565-1567, 1625-1627. *Apud* POIGNAULT, “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 65

³⁰³ MATTINGLY, *op. cit.*, CXLV, 315. *Apud* POIGNAULT, “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 65

³⁰⁴ STRACK, **Untersuchungen zur römischen Reichsprägung des zweiten Jahrhunderts II** (Stuttgart: 1933) 184. *Apud* POIGNAULT, “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 65

as dúvidas que o abalaram intensamente nos últimos meses de Trajano.³⁰⁵

De fato, a primeira frase de *Tellus stabilita*, - “[m]inha vida havia entrado em ordem, mas não o Império”, permite que se pense no caráter “interiorizado” que Poignault associa ao uso da expressão no romance, onde ela é tomada então de modo figurado, como metáfora da pacificação mental do personagem; o significado denotativo que essas mesmas palavras tinham enquanto legenda monetária, por sua vez, - o de “Terra Pacificada”, - ainda não encontra eco pleno no plano da atuação do personagem, à altura do início do capítulo que elas nomeiam - falta ainda algum tempo até que o pacifismo do novo soberano atinja resultados mais concretos e generalizados: antes de retornar a Roma como imperador, Adriano precisará inclusive empreender não poucas ações bélicas, com vistas a instaurar finalmente a paz.

As medidas do novo imperador a serem evocadas em primeira instância pelo narrador no início desse capítulo reafirmam o objetivo, cuja gradual construção no espírito do personagem vinha sendo evocada ao longo do capítulo anterior, de pacificar o império. Referindo-se aos territórios conquistados pelo imperador Trajano pouco antes de sua morte, o memorialista explica as motivações das referidas medidas:

Eliminei de vez as conquistas perigosas: não somente a Mesopotâmia, onde não nos teríamos podido manter, como também a Armênia, demasiado excêntrica e demasiado longínqua, que só conservei na categoria de Estado vassalo. (p. 87)

A eliminação das “conquistas perigosas” é explicada na *Vita Hadriani*, V, 3, em termos de certa emulação de um antigo herói da história política de Roma, - emulação que de acordo com a fonte teria sido assumida pelo próprio imperador Adriano:

³⁰⁵ *Idem, ibidem*. Tradução e grifo nossos: “[d]ans *Mémoires d'Hadrien*, ‘*Tellus stabilita*’ s'applique certes à la politique de l'empereur, au moment où il expose son programme, mais s'entend aussi de façon intériorisée, comme caractéristique d'une période où Hadrien connaît une forme de calme et de stabilité personnelle après les doutes qui l'ont fortement ébranlé dans les derniers mois de Trajan”.

[Adriano] abandonou todas as conquistas a leste do Eufrates e do Tigre, seguindo, *como ele costumava dizer*, o exemplo de Catão, que exortava a que os macedônios, já que não se podia mantê-los como súditos, fossem declarados livres e independentes.³⁰⁶

Em *Memórias de Adriano*, não somente não há qualquer menção a Catão relacionada à política do imperador, como também a ideia de que armênios e mesopotâmios devessem ser “declarados livres e independentes” porque Roma não podia mantê-los não corresponde muito exatamente àquilo que expressa o memorialista.

Léon Homo, arrolado por Marguerite Yourcenar entre os historiadores contemporâneos consultados (p. 285), avalia que Adriano rompe com a política de Trajano “não exclusivamente por caráter, mas também por razão de Estado”: “do duplo ponto de vista financeiro e econômico, o Império saía exausto das longas guerras de Trajano”; a guerra parta, “após brilhantes sucessos, havia acabado por desandar, e, à morte de Trajano, a conquista precisaria ser retomada por completo”; “[p]ara retomar [a] política [de Trajano], era preciso recomeçar a conquista e, a seguir, mantê-la, duas coisas que Adriano considerava, *não como impossíveis*, - ele conhecia demais o exército romano para achar isso -, mas como trazendo para o Estado romano *mais inconvenientes do que proveitos*”³⁰⁷. Citamos Homo para mostrar que a imagem de Adriano como um pacificador convicto que predomina nas colocações do memorialista yourcenariano não é ponto absolutamente pacífico, não auferir unanimidade, entre historiadores de seu reinado.

³⁰⁶ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 16. Tradução e grifos nossos: “he relinquished all the conquests east of the Euphrates and the Tigris, following, *as he used to say*, the example of Cato, who urged that the Macedonians, because they could not be held as subjects, should be declared free and independent”.

³⁰⁷ HOMO, Léon. **Le Haut-Empire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1933, p. 488. Tradução e grifos nossos: “non pas exclusivement par caractère, mais aussi par raison de l’État”; “au double point de vue financier et économique, l’Empire sortait épuisé des longues guerres de Trajan”; “après de brillants succès, avait fini par mal tourner et, à la mort de Trajan, la conquête était à reprendre toute entière”; “A reprendre sa politique, il fallait recommencer la conquête et ensuite la maintenir, deux choses qu’Hadrien considérait *non comme impossibles*, - il connaissait trop l’armée romaine pour en juger ainsi -, mais comme entraînant pour l’État romain *plus d’inconvénients que de profits*”.

Passamos agora a abordar um hipotexto particularmente interessante que figura neste capítulo *Tellus stabilita*, e que opera uma ligação: antecipa o aparecimento na narrativa de Antínoo, o amado de Adriano, que surgirá propriamente e plenamente na narrativa no início do capítulo seguinte, *Saeculum aureum*, e conecta o ideal de beleza que Adriano vê encarnado nesse efebo com o ideal de beleza expresso na atividade de Adriano enquanto construtor, do Estado, da paz, da equidade, de um urbanismo romano avançado, etc.

No caso de algumas das citações latinas em *Memórias de Adriano*, elas são seguidas, imediatamente, de uma *tradução*. Algumas dessas *traduções* manifestam um grau de licença, em relação aos textos de partida, adequado a eventuais transformações semânticas operadas pela apropriação *hipertextual*. No deslocamento, desde o contexto em que se encontram no âmbito *hipotextual* para o contexto de que passam a participar no *hipertexto*, as significações das *citações* são às vezes sutilmente alteradas, adaptadas, de uma maneira que se imprime nas inflexões da tradução. Esse é o caso de uma citação da segunda bucólica (também chamada égloga) de Virgílio, que aparece no capítulo *Tellus stabilita*: “[t]rahit sua quemque voluptas. A cada um a sua inclinação” (p. 118).

Na bucólica virgiliana, os versos que antecedem a frase que é citada em *Memórias de Adriano* informam, parafraseamos: a leoa segue o lobo, que segue a cabra, a qual, por sua vez, segue a flor do codesso:³⁰⁸ “e a ti, Alexis... a ti segue Córídon”³⁰⁹ – “cada qual é atraído por aquilo que deseja”,³¹⁰ poderia ser, por exemplo, no contexto temático da bucólica,³¹¹ a tradução da frase que Yourcenar

³⁰⁸ Recontamos esta parte livremente, apenas para os fins da exemplificação. No original, a leoa e a cabra são qualificados por adjetivos, e o todo é versificado. Essa passagem não foi mobilizada por Yourcenar, e sim somente a que a segue, que colocamos entre aspas.

³⁰⁹ VIRGÍLIO. *Bucólica* II, v. 65: “te Corydon, o Alexi”. Tradução nossa, a partir do texto latino. VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Crisálida: Belo Horizonte, 2005, p. 25. A tradução de Raimundo Carvalho dessa edição bilíngue elide o vocativo com que Alexis é interpelado, e faz, simplesmente: “a ti, Córídon”. Córídon é o pastor apaixonado por Alexis.

³¹⁰ *Idem, ibidem*. Tradução nossa.

³¹¹ Dizemos contexto “temático”, pois não pretendemos aí uma tradução concernida com a questão poética, e o contexto poético.

rendeu como “[à] chacun sa pente”:³¹² a cada qual seu pendor, sua inclinação. Mas no contexto em que aparece em *Memórias de Adriano*, uma tradução como ‘cada qual é atraído por aquilo que deseja’ ficaria menos adequada, na medida em que não permitiria, por sua inflexão sintática, o encadeamento com o que se segue: “a cada um também o seu objetivo, sua ambição, se quiserem, seu gosto mais secreto e seu mais claro ideal” (p. 114).

Além de *tradução*, a frase de Virgílio sofreu também *prosificação*: no *hipotexto*, trata-se de um segmento poético, que participa metricamente, ritmicamente, da estrutura versificada – a versão *traduzida* para a prosa de Adriano não manteve exatamente as inflexões poéticas originais. A frase latina tem como sujeito “sua voluptas”, “o seu desejo”, a ser entendido como o objeto do desejo de cada qual: o lobo, para a leoa, a cabra, para o lobo, a flor do codesso, para a cabra, e, finalmente, Alexis, para Córidon. “O objeto do desejo de cada qual” é o sujeito do verbo *trahit* (arrasta), que tem por objeto direto *quemque*, “cada qual”. Bastante literalmente, ‘ao pé da letra’, poderíamos traduzir: “o objeto do desejo de cada qual o arrasta”. Raimundo Carvalho traduz: “a cada qual atrai seu próprio gozo”.³¹³ Uma edição espanhola por nós consultada, para efeito de comparação, dá a tradução “a cada uno le arrastra su placer”.³¹⁴ “Desejo”, “gozo” e, no espanhol, “placer” (prazer): *voluptas* é palavra que tem seu lugar no âmbito do sexual, do sensual. O dicionário latim-francês de A. Gariel dá, entre outras traduções, “plaisirs des sens”, “prazeres dos sentidos”.³¹⁵ Na bucólica, entretanto, o termo está aplicado de maneira que envolve desejos tanto sexuais quanto sensoriais em geral, isto é, dos sentidos como um todo. O apetite que move a leoa a seguir o lobo, este a cabra, e esta a flor do codesso, não é sexual: o que move Córidon, sim.

Em *Memórias de Adriano*, a frase intervém entre, de um lado, um parágrafo em que o memorialista evoca Antínoo sem havê-lo ainda nomeado na narrativa,

³¹² YOURCENAR, M. *Mémoires d'Hadrien*, op. cit., p. 141

³¹³ VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Crisálida: Belo Horizonte, 2005, p. 25

³¹⁴ VIRGÍLIO. **Bucólicas, Geórgicas, Apêndice virgiliano**. Madri: Gredos, 1990, p. 177

³¹⁵ GARIEL, A. op. cit., p. 732

referindo-se a ele como um “menino” cuja beleza ele buscou desesperadamente eternizar através de diversos meios artísticos (pp. 117-118), e, de outro lado, um parágrafo que se inicia pela *citação* de Virgílio (pp. 118-119), que diz que o objeto do desejo de cada ser é o que o move, para, a seguir, declarar, oferecendo uma interpretação *ad hoc* da mesma: “[a] cada um a sua inclinação: a cada um também o seu objetivo, sua ambição, se quiserem, seu gosto mais secreto e seu mais claro ideal. O meu estava contido na palavra beleza (...). Sentia-me responsável pela beleza do mundo”: assim o memorialista passa do louvor da beleza de Antínoo ao do “belo corpo da humanidade” (p. 119).

2.4. SAECULUM AUREUM

O quarto capítulo de *Memórias de Adriano* tem por título uma expressão latina que foi também uma legenda monetária no reinado do Adriano histórico:³¹⁶ *Saeculum aureum*, expressão que se pode traduzir como “Idade de Ouro” e que consta, em tradução, um pouco mais adiante nesse mesmo capítulo:

[q]uando me detenho sobre esses anos, creio reencontrar a Idade de Ouro. Tudo me parecia fácil: os esforços de outrora eram compensados por um bem-estar quase divino. (...) Minha vida, onde tudo acontecia tarde — o poder e também a felicidade —, adquiria o esplendor de um pleno meio-dia, das horas ensolaradas da sesta, quando todas as coisas estão banhadas por uma atmosfera dourada, desde os objetos do quarto até o corpo estendido a nosso lado. (p. 137)

³¹⁶ STRACK, P.L. **Untersuchungen zur römischen Reichsprägung des zweiten Jahrhunderts II**. Moeda número 78. Stuttgart: 1933; COHEN, H. **Description historique des monnaies frappées sous l'Empire romain II**. Paris: 1882. Moeda número 1321; MATTINGLY, H. **Coins of the Roman Empire in the British Museum III**. Londres: 1976. Moeda número 321. Damos as referências para essa legenda monetária conforme Rémy Poignault as apresenta em “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 65; p. 69. Nesse artigo, Rémy Poignault não fornece os nomes das editoras dos referidos livros.

Na primeira frase da passagem acima, o presente do indicativo deixa entrever a presença que “esses anos” mantêm na vida emocional do memorialista ainda no momento da enunciação: tempo reencontrado, a seguir associado a uma imagem solar e áurea da felicidade – imagem que inclui certo corpo observado a sestar. Essa passagem coroa a série dos parágrafos iniciais de *Saeculum aureum* (pp. 135-137), nos quais o memorialista evoca o encontro com o jovem Antínoo, para a seguir referir as origens deste e algumas características de sua personalidade, e descrever resumidamente sua aparência física e as transformações por que esta passou no curso dos anos que durou a relação que houve entre os dois. A Idade de Ouro que, no reinado do Adriano histórico, era anunciada na legenda, em *Memórias de Adriano*, por seu turno, é associada a essa relação amorosa. Na antiguidade, a expressão *Saeculum aureum* nomeava uma era mítica, evocada por muitos escritores gregos e romanos, que nas fontes mais antigas não está relacionada com o plano da vida privada e individual, nem com a esfera afetiva ou amorosa. A associação entre o período que durou o relacionamento de Adriano com Antínoo e essa era mítica resulta de uma liberdade poética, uma liberdade de ficcionalização, que Marguerite Yourcenar se concedeu, e com ela seu narrador pseudoautor. Mas a conexão original que de um modo geral o mito da Idade de Ouro mantém, nos escritos greco-romanos, com o plano da existência coletiva e da vida social, também comparece em *Memórias de Adriano*, e o leitor que tenha conhecimento desse fundo mítico poderá encontrar uma alusão àquela conexão em uma passagem do capítulo seguinte a *Saeculum aureum*, *Disciplina Augusta*, na qual o memorialista evoca o momento em que, frustrado ante o infortúnio que a guerra da Judéia representava para a sua política de pacificação, ponderava:

[n]ossos frágeis esforços por melhorar a condição humana seriam apenas distraidamente continuados pelos nossos sucessores; pelo contrário, a semente do erro e da ruína contida no próprio bem cresceria monstruosamente ao longo dos séculos. (...) Como o iniciado mitríaco, a raça humana tem talvez necessidade do banho de sangue e da passagem periódica pelos poços fúnebres. Via o retorno dos códigos selvagens, dos deuses implacáveis, do despotismo incontestado dos príncipes bárbaros e do mundo fragmentado em Estados inimigos, eternamente vítima da insegurança. Outras sentinelas ameaçadas pelas flechas iriam e

viriam na ronda das cidadelas futuras; o jogo estúpido, obsceno e cruel continuaria, e a espécie, ao envelhecer, acrescentar-lhe-ia novos requintes de horror. Nossa época, cujas deficiências e taras conheço melhor que ninguém, seria talvez um dia considerada, por contraste, como *uma das idades de ouro* da humanidade. (pp. 207-208. Grifos nossos).

Como se pode perceber, o caráter áureo do período a que Adriano faz referência já não está vinculado aqui à sua vida privada e sentimental: a vida dos súditos de seu reinado é o que ele avalia, e, se ele considera plausível que essa seja melhor do que a de outros tempos, passados e futuros, é só “por contraste” que ela “talvez” viesse a ser tida “um dia” como “uma das” idades de ouro. Rémy Poignault enfatiza o efeito que a transformação das iniciais maiúsculas em minúsculas e do singular em plural – de “Idade de Ouro” para “idades de ouro” – opera aí no sentido da relativização: Adriano está longe da euforia de *Saeculum aureum*, diz, referindo-se ao capítulo em que vive e morre Antínoo. Quanto à ideia de que essa época pudesse vir a ser vista como o sugere Adriano, entretanto, Poignault observa que a imagem que os historiadores têm do século II é, de fato, a de uma Idade de Ouro,³¹⁷ e fornece, como exemplo, Pierre Grimal que, em *La civilization romaine*, diz que com Trajano se iniciou uma dinastia de imperadores, os Antoninos, - assim chamados por causa de Antonino Pio, - sob os quais o império romano viveu sua Idade de Ouro, entre 96 e 192 a. C., isto é, do reinado de Nerva ao de Cômodo, filho de Marco Aurélio.³¹⁸

O historiador inglês do século XVIII, Edward Gibbon, referido por Yourcenar na Nota (p. 284), fala na “idade áurea de Trajano e dos Antoninos”,³¹⁹ que “fora precedida por uma idade de ferro”. No ver de Gibbon:

³¹⁷ POIGNAULT, “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.* p. 75

³¹⁸ GRIMAL, P. **La civilisation romaine**. Paris: 1974, p. 71. Apud Poignault, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 75. Como se pode perceber, Grimal inclui Adriano na designação “Antoninos”, como o fazem outros historiadores. Cf., por exemplo, BOWDER, Diana, *Quem foi quem na Roma antiga*. São Paulo: Art editora, 1980, p. 7, que lista a dinastia dos Antoninos: Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cômodo. Faz desses imperadores uma dinastia o fato da adoção de cada sucessor por seu antecessor.

³¹⁹ GIBBON, E. **Declínio e queda do império romano**, p. 88

[s]e fosse mister determinar o período da história do mundo durante o qual a condição da raça humana foi mais ditosa e mais próspera, ter-se-ia sem hesitação de apontar a que se estende da morte de Domiciano até a elevação de Cômodo.³²⁰

No todo, a idade áurea para Gibbon corresponde então ao “ditoso período de mais de oitenta anos” durante o qual “a administração pública foi gerida pela probidade e aptidões de Nerva, Trajano, Adriano, e os dois Antoninos”.³²¹ O conjunto dessa era se encontra de certo modo figurada no romance de Marguerite Yourcenar: no capítulo *Varius multiplex multiformis*, o memorialista evoca o desenlace trágico do reinado de Domiciano (p. 44), - que corresponderia ao fim da idade de ferro referida por Gibbon, - e eventos transcorridos durante os reinados subsequentes: o de Nerva, que durou menos de dois anos, quando Adriano era ainda bastante jovem (pp. 44ss), e o de Trajano (p. 48 ao fim do capítulo); no quinto capítulo, *Disciplina Augusta*, Adriano fala sobre sua escolha de Antonino e Marco Aurélio para uma dupla sucessão, prevista para garantir continuidade para as diretrizes fundamentais de sua política; o memorialista alude então elusivamente ao futuro do império, e mesmo a Cômodo de uma certa maneira.

Como se pode perceber, essa época “[n]ossa” a que se refere Adriano (p. 208) não precisa ser entendida enquanto coincidindo exclusivamente com seu próprio reinado. Em historiadores, em geral, associações com o mito da Idade de Ouro extrapolam amplamente o período histórico focado no capítulo *Saeculum aureum*, conquanto o envolvam. A emissão monetária que porta essa expressão como legenda é mais antiga do que o período focado no capítulo homônimo, e F. Gury, a partir da análise de uma moeda do início do reinado de Adriano, na qual é celebrada a memória de Trajano, conclui que o novo imperador buscava legitimar seu poder indicando que o *Saeculum aureum* anunciado seria idêntico àquele que reinava no tempo de seu antecessor.³²² Tácito, no prefácio de seu livro *Agrícola*,

³²⁰ *Idem*, p. 87

³²¹ *Idem*, p. 29

³²² GURY, F. *Aiôn juvénile et l'anneau zodiacal: l'apparition du motif*, p. 22. In: **Mélanges de l'Ecole Française de Rome. Antiquité**, 96 (1984-1) 7-28. Apud POIGNAULT, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 69

escrito sob Trajano, sem usar termos como Idade de Ouro ou de Ferro, fala enfaticamente no retorno a uma época feliz – *beatissimum saeculum* – primeiramente com Nerva, a seguir, e sobretudo, sob Trajano, após quinze anos de servidão sob Domiciano.³²³ A própria Marguerite Yourcenar vê a melhoria dos tempos como iniciada desde antes da ascensão de Adriano; no ensaio *Os aspectos da história na Historia Augusta*, ela diz que “[n]o século II, dois imperadores nascidos na Andaluzia (...) tinham dado quase um século de trégua à humanidade”,³²⁴ os imperadores referidos são Trajano (98 a 117 d. C.) e Adriano (117 a 138 d. C.), - Itália ficava na região hoje correspondente à Andaluzia, - e o “quase um século” conta com a sucessão preparada pelo segundo, que estenderia parte da referida “trégua” até pelo menos 180 d. C., quando morreu Marco Aurélio.³²⁵

O Adriano yourcenariano sem dúvida reconhece valor a seu antecessor, “o melhor imperador que Roma conheceu depois da velhice de Augusto: Trajano” (p. 99), mas não chega a atribuir a seu governo qualquer caráter “áureo”. A associação do mito da Idade de Ouro com o plano da vida social, em *Memórias de Adriano*, parece ter por critério guerra e paz, e quando o pacifista Adriano dá ao guerreiro Trajano um último triunfo póstumo, não é “seu êxito mais ou menos duvidoso sobre os partos”, mas sim “o honroso esforço de toda uma vida” que ele diz comemorar esse triunfo (p. 99). Já no capítulo *Varius multiplex multiformis*, quando o memorialista rememorava a guerra parta, a avaliação que faz daquele que então era

³²³ TACITUS, **Agricola**. Cambridge: Harvard University Press, 1914, p. 170-173

³²⁴ YOURCENAR, M. **Notas à margem do tempo**, op. cit., p. 20

³²⁵ Como se pode perceber, diferentemente de Grimal (cf. nota 3 acima), Yourcenar não vê a “trégua” como se estendendo até 192 – o que aproximaria em doze anos o período de constituir de fato “quase um século”, de 96, quando ascendeu Nerva, ou 98, quando ascendeu Trajano, ao fim do reinado de Cômodo. Este, que se inicia em 177 d. C., quando Cômodo começa a governar conjuntamente com o pai Marco Aurélio, e se continua depois da morte deste, em 180 d. C., até 192 d. C., para Yourcenar, é já decadência, retrocesso. No ensaio *Os aspectos da história na Historia Augusta* (**Notas à margem do tempo**, p. 10), a romancista diz de Cômodo que ele “foi, com certeza, um príncipe detestável”; é com esse imperador que “no meio da incompetência e do sangue” desaba o princípio da sucessão dinástica e finda a dinastia dos Antoninos (YOURCENAR, M. **Notas à margem do tempo**, p. 21).

ainda o seu imperador, lhe reconhece um valor que vem relativizado e minorado em vista do antibelicismo ideológico do protagonista yourcenariano:

No conjunto, a obra do seu principado fora admirável, mas os trabalhos de paz para os quais seus melhores conselheiros o haviam engenhosamente inclinado, os grandes projetos dos arquitetos e dos legistas do império, sempre contaram menos para ele do que uma única vitória. (p. 67)

É de se fazer notar que, no romance de Yourcenar, o *Saeculum aureum* segue a *Tellus stabilita*,³²⁶ a Idade de Ouro sucede a “Terra Pacificada” (p. 118). É “ao reino pacificado de Augusto” que o Adriano yourcenariano deseja associar o Panteão que constrói, - e, por extensão, o seu próprio reinado pacificado (p. 146). Gibbon observa que, após o expansionismo do período republicano, foi a Augusto que coube “pôr de lado o ambicioso projeto de dominação do mundo todo”,³²⁷ e os princípios da política externa foram, desde então e até a ascensão de Trajano, essencialmente conformes àquilo que Augusto recomendava em seu testamento, lido no Senado após sua morte;³²⁸ a saber, que fossem mantidas aquelas que ele via como fronteiras naturais do império: “a oeste, o oceano Atlântico; o Reno e o Danúbio ao norte; o Eufrates a leste; e para o sul, os desertos arenosos da Arábia e

³²⁶ As emissões monetárias relativas às legendas *Saeculum aureum* e *Tellus stabilita*, por sua vez, surgiram cronologicamente na ordem inversa, conforme assinala Rémy Poignault, isto é, primeiramente veio *Saeculum aureum*, em 121, e consideravelmente mais tarde, perto do fim do reinado, *Tellus stabilita*, em 134-138 (POIGNAULT, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 69; p. 65). Segundo Poignault, a expressão *Tellus stabilita* também tem relação com a noção de Idade de Ouro (*Idem*, p. 65). A associação que Yourcenar se permitiu fazer, entre essas expressões e fases da vida de Adriano diversas daquelas em que, na história do reinado, surgiram as emissões monetárias homônimas, deixa de parecer constituir anacronismos quando consideramos que, por um lado, elas possuem significados linguísticos e culturais que antecedem e ultrapassam a sua utilização como legendas monetárias, e por outro lado, que Adriano conta sua história retrospectivamente do final da vida, quando as políticas expressas na propaganda imperial de que as legendas participam podem ser contempladas já em seus resultados e avaliadas com certa distância, bem como as fases da própria vida do memorialista.

³²⁷ GIBBON, *op. cit.*, p. 30

³²⁸ *Idem*, p. 33. Tácito, em *Anais*, I, xi (Loeb, p. 267), fala na cláusula final do testamento de Augusto lido no Senado após a morte desse imperador, na qual aconselha a que fossem mantidas as fronteiras que o império tinha então.

da África”.³²⁹ Lembremos que é o mesmo Gibbon que fala em uma idade de ferro a preceder a idade áurea, e que esta é dos Antoninos e também de Trajano. Entre Augusto e Trajano exclusivos, isto é, do reinado do “sombrio e implacável Tibério”³³⁰ ao fim daquele do “desumano Domiciano”, antecessor de Nerva,³³¹ conforme Gibbon, “[d]urante oitenta anos (com a só exceção do breve e duvidoso intervalo do reinado de Vespasiano), Roma gemeu sob uma tirania ininterrupta”.³³² No tocante ao expansionismo porém, “para descanso da humanidade, o sistema comedido recomendado pela sabedoria de Augusto foi adotado pelos temores e vícios dos seus sucessores imediatos”, que, “[e]mpenhados na busca do prazer ou no exercício da tirania, (...) raramente se mostravam às tropas ou às províncias”.³³³ O caráter férreo atribuído à era dos sucessores imediatos de Augusto consiste sobretudo em tirania, mas não em beligerância e expansionismo, e é só com Trajano que se

³²⁹ GIBBON, *op. cit.*, p. 31. Gibbon diz que é “de conformidade com o preceito de Augusto” que Adriano retirou as guarnições da Armênia, Mesopotâmia e Assíria e “mais uma vez instituiu o Eufrates como a fronteira do império”. (GIBBON, *op. cit.*, p. 34). No capítulo *Varius multiplex multiformis* de *Memórias de Adriano*, o imperador rememora o quanto ficara apreensivo quanto às possíveis consequências da expedição de Trajano contra os partos, e confabula que “[a]travessado o Eufrates, começava para nós o país dos riscos e das miragens, das areias movediças, das estradas que terminam sem chegar a lugar nenhum” (p. 74); pouco adiante, lembrando o momento em que Trajano, esgotado, decidiu-se a refazer a travessia do Eufrates, adjudica que esse rio “nunca deveria ter sido transposto” (p. 80).

³³⁰ Suetônio, em seu livro sobre os doze Césares que governaram entre Júlio César e Domiciano, reporta versos em denúncia às crueldades que vinha cometendo Tibério, sem dizer quem são as pessoas que os compuseram; dentre esses versos, um dístico acusa o sucessor de Augusto de haver transformado em férreos os tempos áureos de Saturno, deus ao qual a Idade de Ouro se encontra associada em escritos romanos. A passagem se encontra na biografia do próprio imperador Tibério: SUETÔNIO, *Tibério*, LIX. Assim, a época de Augusto resulta ali equiparada a uma Idade de Ouro.

³³¹ O reinado de Nerva durou menos de dois anos, entre 96 e 98 d. C. e, quando usa o termo “idade áurea”, Gibbon não faz referência a esse imperador, mas somente a Trajano e aos Antoninos, como que incluindo seu reinado no de seus sucessores; em outras passagens, entretanto, o nome de Nerva encabeça a lista dos bons imperadores (cf. GIBBON, *op. cit.*, p. 29; p. 87).

³³² GIBBON, *op. cit.*, p. 88

³³³ *Idem*, p. 30. A *Vita Hadriani*, V, 1, diz que, ao chegar ao poder, Adriano imediatamente retomou a política dos primeiros imperadores, e dedicou-se a manter a paz no mundo; assim, a *Vita Hadriani* associa a política dos primeiros imperadores, isto é, de Augusto e seus sucessores imediatos, à manutenção da paz. Gibbon vê como motivação dessa manutenção da paz pelos sucessores de Augusto os “temores e vícios” desses tiranos, que apenas não teriam encontrado razão para desviarem-se de sua “busca do prazer” e lançarem-se em empreendimentos arriscados.

interrompe o “pacífico sistema de seus predecessores”; o que não bastou a Gibbon para excluir esse príncipe da idade áurea.³³⁴

Em *Memórias de Adriano*, o reinado de Trajano não deixa de ser assinalado como uma melhoria em relação aos dos sucessores de Augusto, e o memorialista define seu antecessor imediato como “o mais constante no trabalho, o mais honesto, o menos injusto” depois da velhice de Augusto (p. 99). Entretanto, desejamos insistir em que, no discurso do Adriano yourcenariano, a ideia de que a sociedade de seu tempo houvesse sido agraciada pela benção de viver uma Idade de Ouro vincula-se especialmente, particularizadamente, ao grau de êxito que o imperador memorialista acredita ter logrado, em cada fase de seu percurso, no sentido da manutenção da paz. É, por exemplo, em vista da hipótese de que a raça humana tenha a periódica necessidade de passar por um “banho de sangue”, e do temor de que o mundo volte a se fragmentar em “Estados inimigos”, que Adriano se deixara tomar pelo pessimismo, por um momento, durante a guerra da Judéia (p. 207). A situação na Judéia seria controlada afinal, e Gibbon pôde dizer que “o sistema geral de Augusto foi igualmente adotado e uniformemente seguido por Adriano e pelos dois

³³⁴ Gibbon faz um juízo severo do caráter belicoso desse príncipe: “Trajano ambicionava fama, e enquanto a humanidade continuar a prodigalizar mais aplausos aos seus destruidores do que aos seus benfeitores, a sede de glória militar continuará a ser sempre o vício das personalidades mais enaltecidas” (GIBBON, *op. cit.*, p. 33). Esse traço de seu caráter encontrava expressão em sua agressiva política externa; por outro lado, no que tange à política interna, Gibbon o equipara em valia aos demais Antoninos, como se pode perceber, por exemplo, na seguinte passagem: “[a]s formas da administração civil, cuidadosamente preservadas por Nerva, Trajano, Adriano e os Antoninos, justificavam a imagem de liberdade em que eles se compraziam, considerando-se ministros responsáveis perante as leis” (GIBBON, *op. cit.*, p. 87). Marguerite Yourcenar, por sua vez, sem mencionar o nome de Trajano, diz que Adriano, ao ascender ao poder “[e]ncontra um império à beira da derrocada” (YOURCENAR, **De olhos abertos**, p. 153), e Léon Homo, mencionado por Yourcenar na Nota (p. 285), a situação de Adriano ao aceder ao império era delicada, pois: a ofensiva de Trajano no oriente havia desandado, os iáziges e os roxolanos ameaçavam a fronteira danubiana, a insurreição judaica havia deixado devastadas partes das províncias orientais, bretões e mouros agitavam-se, e do ponto de vista financeiro e econômico, o Império saía esgotado das guerras de Trajano (HOMO, L. **Le Haut-Empire**, Paris: Presses Universitaires de France, 1941, p. 488). A crermos nessas interpretações, a Idade de Ouro por pouco não acabava, e Yourcenar completa a frase acima de maneira eloquente: Adriano “[e]ncontra um império à beira da derrocada e restabelece a economia com uma arte admirável” – e assim, pacífica e estabiliza a terra, podendo acenar para o povo com a *tellus stabilita* e seu *saeculum aureum*.

Antoninos”, e que “os reinados de Adriano e Antonino Pio oferecem a clara perspectiva de uma paz universal”.³³⁵

Uma seção do “substancial ensaio” de Wilhelm Weber,³³⁶ mencionado por Yourcenar na *Nota* (p. 285), foi justamente intitulada *The Augustan model*;³³⁷ ali, Weber afirma que Adriano tomou a imagem de Augusto, a todos sagrada, por modelo, e que, na representação desse papel, “ele era o completo altruísta em prol da humanidade”.³³⁸ Weber busca comprovação para isso no modo de Adriano ser nomeado nas emissões monetárias ao longo de seu reinado: no primeiro ano do reinado, constava nas moedas a sua titulação oficial completa, tal qual aparece nas inscrições oficiais; a partir do segundo ano, a sequência de títulos por que o imperador era designado nas moedas foi sendo gradativamente despojada e reduzida; primeiramente, desapareceu o termo “imperator”, depois o título “César”, a seguir outros mais,³³⁹ até que, entre os anos de 123 e 128 d. C., constava nas moedas apenas o nome *Hadrianus Augustus*, mediante o qual Adriano desejava, segundo Weber, dar-se a comparar a Otávio Augusto.³⁴⁰ De 128 d. C. em diante, passa a aparecer nas moedas também o título de *pater patriae* (pai da pátria), que Adriano só assumiu depois de havê-lo merecido pela multiplicidade e grandiosidade de suas realizações, também nisso seguindo o precedente de Augusto.³⁴¹ A *Vita Hadriani*, VI, 4, reporta que Adriano, recém-chegado ao poder, postergou a aceitação desse título, que o Senado lhe oferecia desde o princípio, e que a

³³⁵ *Idem*, p. 34. Marco Aurélio é excluído dessa perspectiva em vista de que o fim de seu reinado viu eclodirem guerras e romper-se o equilíbrio do “sistema” de Augusto: “[a]s hostilidades dos bárbaros suscitaram o ressentimento desse filosófico monarca, e na busca de uma justa reparação ele e seus generais alcançaram muitas vitórias notáveis tanto no Eufrates quanto no Danúbio” (GIBBON, *op. cit.*, p. 36).

³³⁶ WEBER, W. **Hadrian**. In: Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, pp. 294-324

³³⁷ *Idem*, p. 306ss

³³⁸ *Idem*, p. 306: “he was the complete altruist on behalf of humanity”. Tradução nossa.

³³⁹ *Idem, Ibidem*

³⁴⁰ *Idem*, p. 307

³⁴¹ WEBER, *op. cit.*, p. 307

postergou ainda uma segunda vez, mais tarde, dando como razão para tal o fato de que também Augusto só havia aceitado esse título em uma fase adiantada de seu reinado.³⁴² No capítulo *Tellus stabilita*, o Adriano yourcenariano conta que recusou, provisoriamente, “o admirável título de pai da pátria, que Augusto só aceitou no fim da vida”, e do qual diz que não se sentia digno ainda, naquele início de reinado (p. 95). Em *La titulature impériale d’Hadrien*, livro mencionado por Marguerite Yourcenar na *Nota* (p. 285), Louis Perret observa que a *Vita Hadriani* não diz quando Adriano veio a aceitar esse título, ou sequer se de fato o fez.³⁴³ Eusébio, no entanto, afirma que Adriano se fez chamar “pai da pátria” no segundo ano da 226ª Olimpíada, correspondente ao 2142º ano de Abraão, e ao 128º de nossa era;³⁴⁴ mas o calendário de Eusébio está um ano adiantado, e o ano real seria então 127 d. C..³⁴⁵ Diplomas militares de 129 d. C. já proclamam Adriano oficialmente como “pai da pátria”. Perret conclui que a data da aceitação desse título pelo imperador deva ter sido o dia do aniversário da fundação de Roma, 21 de abril, de 128 d. C., que teria sido também o dia da inauguração do Templo de Vênus e de Roma. Não abordamos, como dissemos páginas atrás, a questão da cronologia de *Memórias de Adriano*, mas consideramos interessante observar que é pouco antes de descrever, no capítulo *Saeculum aureum*, a solenidade de dedicação do templo de Vênus e de Roma, celebrada no “dia do aniversário de Roma” (p. 146), que o memorialista declara: “[j]á não recusava o título de pai da pátria que me haviam proposto na época do meu advento” (p. 145), sem especificar datas; a própria forma “[j]á não recusava” permite que a datação se mantenha no estado de relativa incerteza em que se encontra nas fontes – a conclusão de Perret não é absolutamente decisiva; o “[j]á não recusava” do memorialista aliás nada indica sobre se o título já teria sido, sim ou não, oficializado, no “[a] essa altura” em que é mencionado. Antes de aceitar

³⁴² **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 19, e nota 6

³⁴³ PERRET, L. **La titulature impériale d’Hadrien**, Paris: Ed. de Boccard, 1929, p. 70

³⁴⁴ EUSÉBIO, **Chronicon**, p. 615-616. In: J. P. Migne, **Patrologiae**, tomo XXVII, a. 1845. *Apud* PERRET, *op. cit.*, p. 70

³⁴⁵ *Idem, ibidem*. Perret ilustra o descompasso do calendário de Eusébio observando que ele situa o reinado de Adriano entre os anos 118 e 139 d. C. PERRET, *op. cit.*, p. 70, nota 3

afinal o título que o Senado mais uma vez oferecia, Adriano decerto “[j]á não recusava” intimamente o mesmo. No romance, a aceitação do título não se encontra abertamente vinculada à cerimônia de dedicação do templo, como ocorre na tese de Perret, mas pela proximidade entre as passagens em que ambos os acontecimentos são evocados, - e na ausência de marcas temporais que deponham em contrário, - fica sugerido que tenham tido vez por volta da mesma época.

Segundo Rémy Poignault, a emissão monetária com a legenda *Saeculum aureum* está relacionada com a festa do aniversário da fundação de Roma de 121 d. C.,³⁴⁶ ano em que, segundo Louis Perret, Adriano justamente revitalizava as celebrações desse dia 21 de abril, dia em que, justamente nesse ano, o imperador colocou a primeira pedra do templo de Vênus e de Roma: ocasião em que o Senado teria feito uma segunda tentativa de conferir-lhe o título de “pai da pátria”,³⁴⁷ novamente rejeitado, ou antes, uma vez mais adiado, conforme referido na *Vita Hadriani*, VI, 4.³⁴⁸ Como se pode perceber, elementos de 121 se repetem em 128, de acordo com os dados de Perret, com a diferença de que, neste último ano, o imperador aceitou o título de *pater patriae* que lhe era novamente oferecido: para este último ano então, em que Adriano demonstra considerar-se afinal digno do título, Marguerite Yourcenar transfere a aplicação do termo *Saeculum aureum*.

Sobre a questão do modelo de Augusto, tão enfatizado por Weber, é de se observar que, em *Memórias de Adriano*, se, por um lado, em algumas passagens, como vimos, Augusto é, sim, dado como uma referência significativa e não negligenciável, por outro lado, não se pode dizer que o memorialista confira a esse modelo um destaque particularmente pronunciado. Talvez se possa pensar a diferença de ênfase que tal modelo recebe no romance em comparação com a que lhe presta o referido ensaio de Wilhelm Weber, à luz do fato de que o próprio Weber diz que Adriano o usava em certa medida como uma máscara, que ele representava

³⁴⁶ POIGNAULT, “La mythologie dans Mémoires d’Hadrien. Le Titan et l’Olympien”, *op. cit.*, p. 69

³⁴⁷ PERRET, *op. cit.*, pp. 67-68

³⁴⁸ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 1, *op. cit.*, p. 19

um papel calcado na imagem de Augusto, um padrão.³⁴⁹ No discurso que dirige ao adolescente com que conta para ser um futuro sucessor, o Adriano yourcenariano não precisaria usar de tal máscara. No capítulo *Saeculum aureum*, quando diz que “mesmo quando inovava, preferia sentir-[se], antes de tudo, um continuador”, Adriano se quer continuador, não só de Augusto, - embora nessa página em especial o primeiro príncipe tenha posição de certo destaque, e primazia, - mas também de Nerva e Trajano, seus antecessores dinásticos imediatos, e ainda dos doze Césares, que em parte defende ao dizer que “havia desempenhado seu papel nos negócios humanos”; a ele próprio por sua vez cabe “escolher entre [os] atos [desses soberanos] aqueles cuja continuação seria importante” (p. 146). Da leitura do referido ensaio de Weber,³⁵⁰ depreende-se a impressão de que a influência do governo de Augusto possa ter sido muito mais patente do que aquela manifesta no discurso que o Adriano yourcenariano dirige a seu sucessor. É interessante nesse sentido o que Yourcenar diz na seguinte passagem do ensaio *Os aspectos da história na História Augusta*:

[a]s reformas econômicas e administrativas de Adriano foram atestadas por demasiados textos epigráficos para que se possa acreditar que Espartiano, ou o biógrafo que assume esse nome [isto é, o autor da *Vita Hadriani*], se tenha contentado, como se disse, com oferecer, do reino desse imperador, uma pintura de fantasia, uma cópia da imagem edificante do governo de Augusto.³⁵¹

Talvez seja também de modo a valorizar seus próprios feitos que o protagonista de Yourcenar deixa de conferir uma ênfase maior à influência que a gestão augustana teve sobre a do Adriano histórico. F. E. Adcock, na conclusão que escreveu para o volume XI da série *Cambridge Ancient History*,³⁵² mencionado por

³⁴⁹ WEBER, *op. cit.*, p. 306

³⁵⁰ Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, p. 306ss

³⁵¹ YOURCENAR, **Notas à margem do tempo**, p. 9

³⁵² Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, pp. 845-853

Yourcenar na *Nota* (p. 285), enfatiza o quanto a idade de Trajano, Adriano e dos Antoninos herdava do principado de Augusto: “[o] verão do Império tinha sua dívida para com a primavera”,³⁵³ é a expressão de Adcock, com que parece dar ao século II d.C. uma imagem bastante positiva. O mais importante legado de Augusto foi, no entender de Adcock, a eficiente solução em que a estrutura imperial se constituía no sentido da manutenção da paz no vasto território que incluía as províncias conquistadas nos tempos da República romana. Mas se Adcock vê como positiva essa continuidade mantida com a política externa de Augusto, ele por outro lado questiona o veredito de Gibbon de que a era dos Antoninos tenha sido o período de maior felicidade da história: evidências ainda não reveladas no tempo deste historiador inglês implicariam a necessidade de relativizar sua visão sobre o século II d.C., e as crises do século seguinte seriam o preço que o mundo tinha que pagar pela pregressa Idade de Ouro. Nesse sentido, Adcock fala em “sementes de decadência presentes no mais vigoroso dos crescimentos”,³⁵⁴ e essa frase lembra outra, da passagem que citamos acima, onde o memorialista yourcenariano, lembrando-se do pessimismo de que fora acometido durante a guerra da Judéia, diz que “a semente do erro e da ruína contida no próprio bem cresceria monstruosamente ao longo dos séculos” (p. 207). Entretanto, as sementes de que fala Adcock estão relacionadas à esfera econômica e financeira, ao passo que a semente de que fala Adriano, pelo contexto em que é evocada, parece antes referida à guerra. A seguinte passagem da entrevista que Yourcenar deu a Matthieu Galey, em que responde à sugestão do entrevistador de que “a criação das Nações Unidas, após a guerra, não deve ser estranha ao livro [*Memórias de Adriano*]”, nos parece esclarecedora neste ínterim:

[n]esse momento, isso contava, as Nações Unidas. Enfim, podíamos imaginar um manipulador de gênio, capaz de restabelecer a paz durante cinquenta anos, uma *pax americana* ou *européana*, pouco importa. Não a tivemos. (...) só se apresentou por brilhantes segundos. Contudo, na época, eu tinha a ingenuidade de acreditar

³⁵³ *Idem*, p. 853: “[t]he summer of the Empire had its debt to the spring”. Tradução nossa

³⁵⁴ *Idem, ibidem*: “seeds of decay present in the most vigorous of growths”. Tradução nossa

que ainda era possível. Podíamos nos dizer que um homem mais inteligente, mais capaz de navegar em uma passagem difícil, tinha chances de êxito... Apercebo-me agora de que se tratava de uma ilusão. (...) Mas na época em que eu escrevia *Memórias de Adriano*, era possível confiar, por um período muito curto ainda, nessa euforia que segue o fim das guerras; não teria mais sido possível trinta anos depois. Do mesmo modo, na história romana, Marco Aurélio, herdeiro de Adriano com um reinado de distância e oficialmente seu neto, morre desesperado, diante dos bárbaros e de um brutal sucessor.³⁵⁵

O “brutal sucessor” é seu filho, Cômodo, e a epítome, de que dispomos, do livro LXXII da *História Romana* de Dion Cássio, dedicado à vida de Marco Aurélio, diz, sobre essa sucessão: “nossa história agora desce de um reinado de ouro para um de ferro e ferrugem”.³⁵⁶ Weber, cujo referido ensaio oferece do reinado de Adriano uma imagem positiva que nos parece ter tido grande influência na formação da visão da romancista sobre o imperador, considera entretanto que este, havendo sido o único dos governantes do período a reconhecer sua tarefa, teve no fim todos os seus esforços malogrados: seus sucessores, mais passivos, não teriam estado à altura de sua obra.³⁵⁷ Não é necessariamente seus sucessores imediatos, entretanto, que o memorialista yourcenariano deve ter em mente quando diz, no discurso que dirige ao mais jovem dentre eles: “[n]ossos frágeis esforços por melhorar a condição humana seriam apenas distraidamente continuados pelos nossos sucessores” (p. 207); Marguerite Yourcenar, que sabe melhor do que seu protagonista o que o futuro reservava para Roma, diz considerar os reinados de “Adriano e seus sucessores imediatos, Antonino, Marco Aurélio”, em seu conjunto, como o “mais belo período da paz romana, (...) apogeu de um mundo que não se sabia tão perto do fim”.³⁵⁸ Weber, por sua vez, em um ensaio sobre os sucessores

³⁵⁵ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, p. 151

³⁵⁶ Dion Cássio, *História Romana*, LXXII, 36, 4, Loeb, p. 69: “our history now descends from a kingdom of gold to one of iron and rust”. Tradução nossa.

³⁵⁷ WEBER, **Hadrian**. In: Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, p. 296

³⁵⁸ YOURCENAR, **Notas à margem do tempo**, p. 8

de Adriano, publicado no mesmo volume que seu *Hadrian*,³⁵⁹ arrola evidências de que o reinado de Antonino Pio não teria sido realmente uma época de paz duradoura como querem alguns, mas de que teriam acontecido então agitações e tensões dentro e fora do Império, e avalia que “[e]ra paz onde não havia paz, mesmo se os homens não despertavam do sonho da Idade de Ouro”.³⁶⁰ Se, por um lado, Weber considera então que a obra adriânica fracassa na sucessão, e que já no sucessor imediato não perdurava qualquer coisa como uma Idade de Ouro, por outro lado, o historiador alemão claramente não hesita em associar esse termo diretamente ao reinado de Adriano, e atribui aos próprios “Senado e povo e mundo”, - enfocados em posição de retrospectção mais ou menos análoga à do memorialista yourcenariano, isto é, no fim do reinado, - a opinião de que vinham vivendo tempos áureos, anos dourados:

[n]o verão de 137, ao fim de vinte anos de seu reinado, Senado e povo e mundo elogiavam [Adriano] como dispensador de benções. (...) Agradecia-se aos deuses que o protegiam e ajudavam a manter a paz no mundo e conduzir a terra ao ponto de equilíbrio e à segurança; que haviam dado a Idade de Ouro, a época da boa fortuna para Roma e seu mundo.³⁶¹

Não se deve perder de vista que, fossem quais fossem as avaliações que quaisquer setores da sociedade romana pudessem fazer da gestão do Adriano histórico, enquanto legenda monetária a Idade de Ouro participava da propaganda imperial desse imperador, e é importante observar que essa estratégia de propaganda não foi exclusiva de seu reinado. Se desde sua ascensão esse

³⁵⁹ WEBER, **The Antonines**. In: Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, pp. 325-392

³⁶⁰ *Idem*, p. 337: “[i]t was peace where there was no peace, even if men did not wake from the dream of a Golden Age”. Tradução nossa

³⁶¹ WEBER, W. “*The Antonines*”. In: Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, pp. 294-324. Wilhelm Weber, “*Hadrian*”, capítulo VIII, parte V (The closing scene), 1936, p. 323. Tradução nossa: “In the summer of 137, after twenty years of his reign, Senate and People and world praised him as the giver of blessings. (...) Thanks were given to the gods who protected him and helped him to maintain peace for the world, to bring the earth into equipoise and security, who had given the Golden Age, the time of good-fortune for Rome and its world”.

imperador buscava legitimar seu poder anunciando que daria continuidade a uma Idade de Ouro já presente sob seu antecessor, também seu sucessor imediato, Antonino Pio, e ainda Cômodo, segundo Weber, utilizaram-se de expedientes análogos, associando-se também eles ao *saeculum aureum*, mediante simbolismos similares.³⁶² A *Vida de Cômodo*, da *História Augusta*, que em essência oferece desse imperador a imagem de um tirano, reporta que ele acrescentou ao nome dessa era mítica um adjetivo relativo ao seu próprio nome: era o *saeculum aureum Commodianum*;³⁶³ e a *História Romana* diz que se votou, no tempo de Cômodo, que a era do seu reinado fosse chamada de Idade de Ouro, e que tal fato fosse registrado em toda parte.³⁶⁴ Além disso, a expressão *saeculum aureum* é também utilizada algumas vezes mais na *Historia Augusta*, jamais em conexão com Adriano, Antonino Pio ou Marco Aurélio, mas sim com imperadores (e aspirantes a tais) do período posterior, que se estende até o fim do Império romano do ocidente, e que tanto Yourcenar quanto Gibbon consideram como um período de decadência.³⁶⁵ A *Vida de Pescênio Niger* da *História Augusta* menciona a existência de um epigrama dedicado a esse aspirante a imperador, no qual ele é evocado como alguém que desejava uma Idade de Ouro;³⁶⁶ certa passagem da *Vida de Helegábalo* refere Diocleciano como pai de uma Idade de Ouro, e Maximiano como pai de uma Idade de Ferro;³⁶⁷ e a *Vida de Probo* reporta que esse imperador haveria dito que em breve não haveria mais necessidade de soldados, e acrescenta que era uma verdadeira idade de ouro o que ele prometia.³⁶⁸ Essas poucas manifestações, todas

³⁶² WEBER, W. “*The Antonines*”. In: Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**, *op. cit.*, pp. 337-338; pp. 386-392

³⁶³ **HISTÓRIA AUGUSTA**, *Vida de Cômodo*, XIV, 1-5

³⁶⁴ DION CÁSSIO, *História Romana*, LXXIII, 15, 6

³⁶⁵ Cf. YOURCENAR, M. “*Os aspectos da história na História Augusta*”. In: **Notas à margem do tempo**, *passim*; e GIBBON, **Declínio e queda do império romano**, *passim*.

³⁶⁶ **HISTÓRIA AUGUSTA**, *Vida de Pescênio Niger*, XII, 5-6

³⁶⁷ **HISTÓRIA AUGUSTA**, *Vida de Heliogábalo*, XXXV, 4

³⁶⁸ **HISTÓRIA AUGUSTA**, *Vida de Probo*, XX, 3; XXIII, 2

acompanhadas, cercadas, de indícios de que a intenção ou a eventual realização do bem comum foi sempre em breve frustrada, faz pensar no que diz Marguerite Yourcenar, no ensaio *Os aspectos da história na História Augusta*, quando tece considerações sobre a inépcia dos autores dessa obra em perceberem “os sinais do fim do seu mundo”:

[n]ada mais complexo do que a curva de uma decadência. O gráfico incompleto que dela nos dá a *História Augusta* necessariamente não oferece conclusão: o reinado de Adriano é ainda um pináculo; o do lamentável Carino não é um fim. Cada período de vertiginoso declínio foi seguido de uma parada, ou de uma ascensão temporária que, todas as vezes, foi considerada duradoura; cada salvador pareceu bastar para tudo. Na época em que a *História Augusta* se fecha sobre Carino, Diocleciano já está presente; ao salvador Diocleciano sucederão o salvador Constantino, o salvador Teodósio; cento e cinquenta anos vão se passar ainda, aos trancos e barrancos, antes que a longa lista dos imperadores romanos se encerre miseravelmente com o filho de um secretário de Átila, caracteristicamente agraciado com o pomposo nome de Rômulo Augústulo”.³⁶⁹

Se, como diz Yourcenar, os biógrafos da *História Augusta* estão, “mesmo na hipótese mais favorável, (...) separados dos Antoninos, seus grandes modelos, por uma distância de quatro ou cinco quartos de século”, pode-se perceber, nessas reemergências do mito da Idade de Ouro na trama da história ali relatada, a importância que teve esse mito no imaginário romano referente ao assunto do poder do Estado ao longo desse extenso período. E se, como vimos acima, o período por cujo relato essa obra se inicia é, para Yourcenar, o mais belo da paz romana e também o ponto culminante de um mundo que a seguir começa a decair, o pináculo que o reinado de Adriano representa em relação ao conjunto do Império romano é o que a romancista vê como a idade áurea dessa civilização.³⁷⁰

Como procuramos argumentar acima, em *Memórias de Adriano* a Idade de Ouro encontra associação com a esfera pública, como no mito, mas também com o

³⁶⁹ YOURCENAR, *Notas à margem do tempo*, pp. 22-23

³⁷⁰ *Idem*, p. 8

plano da vida privada do protagonista. Em entrevista, a autora revela uma visão sobre a vida desse homem que é significativa no sentido de elucidar a estrutura do romance:

[s]empre vi – meus leitores vêem-no raramente – a história de Adriano como uma espécie de construção piramidal: a lenta ascensão para a posse de si e do poder; os anos de equilíbrio, seguidos do inebriamento, que é também o grande momento, se o quiserem; a seguir, o desmoronar, a rápida descida; e de novo a reconstrução ao rés do chão dos últimos anos, os usos, os ritos religiosos romanos, aceitos depois das experiências exóticas de outrora, os trabalhos desenvolvidos a todo custo, a doença suportada.³⁷¹

Após o primeiro capítulo, *Animula vagula blandula*, que, com seu conteúdo sobretudo reflexivo, se situa fora da cronologia, os cinco capítulos que seguem articulam a construção piramidal de que fala Yourcenar: *Varius multiplex multiformis* acompanha o jovem Adriano até a ascensão ao trono, e *Tellus stabilita* narra os “anos de equilíbrio”, um patamar; nos últimos dois capítulos de *Memórias de Adriano* o memorialista narra o “desmoronar” que segue a morte do favorito, e a reconstrução do seu equilíbrio emocional, concomitante com o agravamento da enfermidade física. O vértice da vida de Adriano encontra-se no seio de *Saeculum aureum*, em algum instante talvez por volta da página em que o memorialista vislumbra, lembrado, que “[i]mperceptivelmente, a luz mudou” (p. 150), ou ainda daquela na qual relata sua percepção de que, naqueles anos em que ele crê reencontrar a Idade de Ouro, “[o] sucesso multiplicava à [sua] volta as probabilidades de vertigem” (p. 152), e no próprio “momento da vida em que a dança se transforma em vertigem” (p. 155) - esse que é, para a autora, o “único momento em que Adriano renunciou completamente à sua própria e lúcida vontade, em que sentiu – como em algumas de suas experiências de ocultismo - que a vida o superava”:³⁷² o momento apassivador da paixão, sucedido pelo padecimento, que Yourcenar diz ter sido “precedido por quarenta e cinco anos de esforços e seguido

³⁷¹ YOURCENAR, M. **De olhos abertos**, p. 97-98

³⁷² *Idem*, p. 97

por nove anos de fadiga”.³⁷³ *Saeculum aureum* então abrange, por um lado, o apogeu da Idade de Ouro da civilização romana que o reinado de Adriano representa para Yourcenar, e também o ápice desse mesmo reinado: os capítulos que enquadram este envolvem guerras, e os ideais do imperador yourcenariano encontram-se então em xeque; por outro lado, essa Idade de Ouro é também o “grande momento” do inebriamento pelo amor, e nesse sentido é interessante observar que Yourcenar diz que o amor, não sendo, “pelo menos não continuamente”, o centro da vida, da existência humana, “seria antes seu abismo ou cume”³⁷⁴ - imagem crivada de ambivalência, em que o vértice é vórtice, que encontra eco em outra passagem da entrevista a Matthieu Galey: “O amor é uma desordem. (...) é um perigo. É também uma felicidade, certamente, a felicidade, o que no fundo quer dizer *a mesma coisa*”.³⁷⁵

Ainda antes de abordarmos o relato do encontro de Adriano com Antínoo, desejamos explorar um pouco a significação mitológica da Idade de Ouro, pois é a ela que remete o título do capítulo em foco, e o leitor que conheça o mito, abordado de diversas maneiras por diferentes fontes literárias, será remetido a seus conteúdos.³⁷⁶

Em seu poema *Os trabalhos e os dias*, nos versos 110-201,³⁷⁷ Hesíodo conta sobre uma série de idades, de eras, por que passou a existência dos seres humanos. Para resumir, a partir de uma primeira geração feita pelos deuses no tempo primevo em que o deus Cronos reinava no céu, sucederam-se outras, que

³⁷³ *Idem*, p. 156

³⁷⁴ *Idem*, p. 98

³⁷⁵ *Idem*, p. 97. Grifos nossos.

³⁷⁶ O leitor que desconheça o mito, mas conheça o latim, poderá interpretar as palavras *saeculum* e *aureum* e reconhecer sua tradução como Idade de Ouro no corpo do texto do capítulo; a ideia de que uma época possa ser “de ouro”, no sentido de ser boa, proveitosa, prazerosa, ou algo que o valha, decerto não há de ser difícil de entrever. O leitor sem qualquer conhecimento do latim talvez possa reconhecer, nas palavras *saeculum* e *aureum*, seus cognatos “século” e “áureo”, neste caso, mais facilmente em português do que no francês “siècle” e “d’or”, e a rede de associações possíveis tampouco será inteiramente intransparente.

³⁷⁷ HESIOD. *Hesiod, the homeric hymns and homerica*. Cambridge: Harvard University Press, 1920, pp. 10-17

viviam cada vez por menos tempo e enfrentavam maiores males e dificuldades; que precisavam trabalhar cada vez mais intensamente para obterem os frutos da terra, e que se mostravam cada vez menos devotadas aos deuses. Essas gerações, ou raças, são, sucessivamente, a de ouro, a de prata, a de bronze, a dos heróis semideuses, criada por Zeus, filho de Cronos, representando uma melhoria passageira, e finalmente a quinta, de ferro, a que Hesíodo, que teria escrito por volta do século IX a. C., lamenta-se de pertencer, dizendo que preferiria ter morrido antes ou nascido depois desse período.

Na introdução da edição Loeb-Heinemann das obras de Hesíodo, Hugh G. Evelyn-White refere-se a essa narrativa como o mito das Cinco Eras do Mundo,³⁷⁸ ao passo que Zélia de Almeida Cardoso, em *A literatura latina*, falando sobre o mito tal qual aparece nas *Metamorfoses* de Ovídio, o denomina lenda das “quatro idades”,³⁷⁹ no essencial convergente com a versão grega de Hesíodo, a versão que Ovídio dá desse mito³⁸⁰ transpõe os nomes dos deuses do panteão grego para o romano, e ao invés de Cronos é Saturno que reinava na Idade de Ouro, e a seguir Júpiter, no lugar do Zeus grego, governa o mundo entre a Idade de Prata e a de Ferro; a idade dos heróis, que em Hesíodo precede a Idade de Ferro, não consta no mito conforme narrado nas *Metamorfoses* de Ovídio; já na bucólica quarta de Virgílio, por sua vez, as idades do ciclo são dez.³⁸¹

Procedemos a seguir à análise de um *hipotexto* de extensão considerável, e cuja apropriação *hipertextual* por Marguerite Yourcenar nos parece bastante emblemática e reveladora, em relação ao processo de escrita da autora, e às liberdades que ela se permitiu ao utilizar os aportes dos historiadores na criação de *Memórias de Adriano*. Esse *hipotexto* consiste em uma carta do imperador Adriano a seu cunhado Serviano, escrita da cidade de Alexandria. Na *Nota*, Yourcenar diz que

³⁷⁸ *Idem*, p. xviii. Tradução nossa: “[f]ive Ages of the World”.

³⁷⁹ CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 85

³⁸⁰ OVÍDIO, *Metamorfoses*, I, versos 89-150

³⁸¹ VIRGÍLIO, *Bucólicas*, IV.

a visita do personagem Lúcio³⁸² a essa cidade – um dos elementos *transpostos* pela romancista para seu romance - foi deduzida dessa carta, mas observa que se trata de “um texto freqüentemente contestado”. Além disso, segundo a autora, “a passagem [da carta] que diz respeito a Lúcio não torna obrigatória, de forma alguma, tal interpretação. As probabilidades de sua presença no Egito são mais do que incertas”³⁸³ (p. 280). A despeito das incertezas, entretanto, a romancista julga que a carta a Serviano, bem como outras duas cartas,³⁸⁴ de autenticidade igualmente discutida, que chegaram até nós, “têm ao máximo, a marca do homem a quem são atribuídas” (p. 283), isto é, de Adriano. No ensaio *Tom e linguagem no romance histórico*, a autora avalia que essas três cartas “parecem autênticas, e (...), *ainda que não o sejam*, mostram ao menos como se pensava, na época, que [Adriano] se exprimisse”.³⁸⁵ Yourcenar vê nesses documentos uma qualidade que concede a Suetônio, enquanto historiador, mas que, em geral, nega aos autores da *História Augusta*: em Suetônio “há verdade psicológica mesmo quando há falha do ponto de

³⁸² Trata-se de Lúcio Ceião Cômado, o primeiro homem adotado por Adriano para ser seu sucessor, mas que faleceu antes do imperador.

³⁸³ Nesse ínterim, a autora ressalta que também o historiador Gregoróvio deduziu dessa carta que Lúcio teria estado em Alexandria em 130: a autenticidade do texto é controversa, mas as liberdades de ficcionalização assumidas por Yourcenar em relação a esse *hipotexto* não foram tomadas inteiramente à revelia das opiniões dos historiadores que se debruçaram sobre as informações pertinentes. Trata-se, de todo modo, de uma das passagens de *Memórias de Adriano* em relação às quais o grau da licença assumida pela autora em relação aos aportes dos historiadores - e aos procedimentos prescritos para estes - parece ter sido particularmente agudo: atesta-o, a nosso ver, o próprio fato do registro, na *Nota*, de que o valor que Yourcenar atribui a essas cartas independe da questão da autenticidade (ver nossa próxima nota), e nos parece oportuno citar neste contexto a frase, já citada por nós anteriormente, que a romancista escreveu em seu ensaio *Os aspectos da História na História Augusta* - “[a] autenticidade é uma coisa, a veracidade é outra” (YOURCENAR, Marguerite. **Notas à margem do Tempo**. *op. cit.*, p. 9). A despeito desse grau de licença apresentar variações em sua intensidade, a ancoragem da prática *hipertextual* em documentação de cunho histórico, isto é, o escoramento da ficção no respaldo oferecido pelos dados, jamais parece estar inteiramente ausente em *Memórias de Adriano*.

³⁸⁴ As outras duas cartas são a carta a Matídia e a carta dirigida pelo imperador agonizante a Antonino, mencionadas por Yourcenar na *Nota* (p. 283), mas de que não tratamos neste trabalho, pois não as priorizamos em nossa seleção de *hipotextos* a abordar.

³⁸⁵ YOURCENAR, M. **O tempo, esse grande escultor**, *op. cit.*, p. 33. Grifo nosso: aproveitamos a ocasião para fazer observar a ligeira instabilidade que aparece na opinião expressa por Yourcenar, de um paratexto para outro, no que tange à autenticidade que a autora atribui a essas cartas; e, mais importante, para enfatizar novamente a considerável liberdade que a romancista demonstra se reservar o direito de tomar em relação ao documento em nosso foco.

vista histórico”; para a romancista, a despeito da eventual inexatidão histórica, Suetônio com frequência ofereceria, de seus biografados, “um retrato convincente, dando, com razão ou não, a sensação de uma semelhança gritante com o modelo”, ao passo que “[a]s cartas e os decretos forjados ou deturpados por Vopisco e Polião (...) são simplesmente documentos falsos e não retratos psicológicos”.³⁸⁶ A carta a Serviano, entretanto, que é um documento veiculado justamente por uma seção da *História Augusta* atribuída a Vopisco, constituiria uma exceção a tal tendência, no que, seja ou não forjada, ela é, sim, no ver de Yourcenar, representativa do modo de se expressar e do perfil psicológico do personagem histórico cujo modo de se expressar e perfil psicológico a própria romancista empenhou-se em representar. Essa qualidade do *hipotexto* permitiria uma análise *hipertextual* voltada para a categoria genettiana da *imitação*, isto é, um estudo sobre como, ao longo do romance, a autora procedeu para *imitar* a “voz” escrita de Adriano, conforme esta possa haver sido deduzida dos poucos documentos que a representam; mas não foi o nosso propósito no presente estudo analisar o trabalho de Yourcenar com enfoque na *imitação*; atemo-nos a considerações acerca do modo como informações veiculadas pela carta a Serviano sofreram *transformações* ao serem transpostas para *Memórias de Adriano*. Mas antes de abordarmos as *transposições* operadas de um texto ao outro, vejamos um pouco sobre o contexto que cerca o *hipotexto* em foco.

A carta de Adriano a Serviano encontra-se reproduzida na *História Augusta*, mas não na *Vita Hadriani*, isto é, não na biografia de seu remetente, e sim na penúltima seção dessa coleção de biografias, seção em que são narradas brevemente as vidas de quatro aspirantes ao império, líderes de revoltas sob o imperador Aureliano:³⁸⁷ Firmo, Saturnino, Prócuro e Bonoso. Mais especificamente,

³⁸⁶ YOURCENAR, M. **Notas à margem do tempo**, *op. cit.*, p. 19. Vopisco e Polião são dois dos autores supostos da *História Augusta*.

³⁸⁷ Cf. *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, I, 4. Ao fim da biografia imediatamente anterior da *História Augusta*, que narra a vida de Probo, o historiador anuncia que contará a seguir as histórias de um “quarteto de tiranos”, “quadrigae tyrannorum”, e a seção em foco recebeu então também esse nome latino. Rémy Poignault e Raymond Chevalier por exemplo, em seu livro *L'Empereur Hadrien* (p. 78), que trata, não do personagem yourcenariano, mas sim do Adriano histórico, referem-se à passagem onde se encontra a carta a Serviano como *Quadrigae Tyrannorum*,

a carta se encontra na parte dessa seção que aborda a vida de Saturnino.³⁸⁸ Logo antes de citar a carta, o historiador³⁸⁹ diz que Aureliano havia entregue ao general Saturnino o comando da fronteira oriental do império, “sabidamente instando-o para que nunca visitasse o Egito”.³⁹⁰ Sendo Saturnino gaulês, e a Gália uma província que ansiava intensamente produzir um imperador, Aureliano temeria, segundo o autor, que o contato com o agitado, irrequieto, povo egípcio pudesse despertar em seu general o desejo pelo poder.³⁹¹ Nesse contexto, o historiador arrola adjetivos pejorativos para descrever o povo egípcio, e é com o propósito de reforçar e respaldar essa sua descrição negativa que ele apresenta a carta de Adriano, precedida da seguinte introdução:

(...) para que nenhum egípcio se zangue comigo, na crença de que o que escrevi procede unicamente daquilo que eu próprio penso, citarei uma carta de Adriano, que se encontra em meio às obras de seu

8. Preferimos adotar a notação conforme consta na edição Loeb-Heinemann que consultamos, a saber, *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, VIII.

³⁸⁸ *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, VII-XI: a carta se encontra citada na parte VIII, e o editor da versão Loeb-Heinemann diz, na nota 2, p. 400, que ela “claramente não é genuína”: “the letter is clearly not genuine” (tradução nossa). GRAY, *op. cit.*, p. 170, julga que a carta deva ser jogada no limbo dos documentos adriânicos forjados: “[it] must be cast (...) into the limbo of forged Hadrianic documents” (tradução nossa). Mencionamos a opinião destes dois especialistas de modo a reforçar uma vez mais a noção da particular liberdade que, no nosso entender, Yourcenar se permitiu no tocante à abordagem desse documento. Como já mencionamos anteriormente, o livro de Gray é arrolado pela romancista na *Nota* (p. 285) entre as obras de historiadores contemporâneos que consultou em sua pesquisa sobre Adriano. No *Caderno de notas* (p. 261), por seu turno, a autora diz que, em uma determinada época de sua vida, “os volumes de capa vermelha ou verde da edição Loeb-Heinemann tornaram-se uma pátria” para ela. Trata-se de edições de autores da antiguidade greco-romana, e não temos informação segura quanto a que a romancista haja lido a *História Augusta* desta série, mas é fortemente plausível, e trata-se de uma edição que considera inautêntica a carta a Serviano.

³⁸⁹ A edição Loeb-Heinemann atribui a autoria dessa seção da *História Augusta* ao já referido Vopisco - Flávio Vopisco de Siracusa. Há controvérsias quanto a esse ponto, no mérito das quais não entraremos, por não apresentarem uma relevância central para nosso estudo.

³⁹⁰ *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, VII, 2: “wisely charging him never to visit Egypt”. Tradução nossa. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 3, *op. cit.*, p. 399

³⁹¹ Em uma passagem anterior, *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, III, 1, o autor diz que fora “incitado pela loucura dos egípcios” que Firmo invadira Alexandria. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 3, *op. cit.*, p. 391: “incited by the madness of the Egyptians”. Tradução nossa.

escravo liberto Flégon, e que revela plenamente o caráter dos egípcios.³⁹²

Apresentamos abaixo nossa tradução da carta, para, a seguir, tecer considerações sobre o modo como as informações nela veiculadas foram aproveitadas em *Memórias de Adriano*:

De Adriano para o cônsul Serviano, saudações. O Egito, que me elogiaste, caríssimo Serviano, descobri frívolo, volúvel, e propenso a deixar-se inflamar a cada vez que surge um boato. Lá aqueles que cultuam Serápis são cristãos, e são devotos de Serápis aqueles que se dizem bispos de Cristo. Não há lá nenhum sacerdote supremo de sinagoga, nenhum samaritano, nenhum presbítero cristão que não seja astrólogo, arúspice, ou um untador. O próprio patriarca, quando vem ao Egito, é obrigado a adorar por uns a Serápis, e por outros a Cristo. Trata-se de uma raça de homens muito sediciosos, muito fúteis, muito injuriosos; a cidade [de Alexandria] é opulenta, abastada, produtiva, e nela ninguém vive no ócio. Uns sopram vidro, outros fazem papel, e todos seguramente são fiadores de linho ou parecem pertencer a alguma arte ou profissão; aqueles que sofrem de gota nos pés têm o que fazer, e os eunucos têm o que fazer, e os cegos têm o que fazer, e nem aqueles que têm gota nas mãos vivem ociosamente entre eles [os alexandrinos]. Seu único deus é o dinheiro; a ele veneram cristãos, judeus, e todas as nações. É de se lamentar que essa cidade não tenha costumes melhores, pois, por sua produtividade, por seu tamanho, é certamente digna de ter a preeminência sobre todo o Egito. A ela tudo concedi, devolvi-lhe antigos privilégios, e lhe acrescentei novos, de modo que, quando eu estava lá, mostraram-se-me gratos. Mas, assim que parti, disseram muitas coisas contra meu filho [Lúcio] Vero, e do que disseram sobre Antínoo acredito que estejas a par. Nada desejo para eles senão que possam alimentar-se de seus frangos, que eles põem para chocar de uma maneira que me constrange dizer. Enviei-te os cálices de coloração cambiante a mim ofertados pelo sacerdote de um templo, os quais dediquei especialmente a ti e a minha irmã, e que gostaria que usasses nos banquetes dos dias festivos. Cuida no entanto para que nosso Africanus deles não se utilize indulgentemente.³⁹³

³⁹² *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, VII, 6: "lest any Egyptian be angry with me, thinking that what I have set forth in writing is solely my own, I will cite one of Hadrian's letters, taken from the works of his freedman Phlegon, which fully reveals the character of the Egyptians". Tradução nossa. **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 3, *op. cit.*, p. 399. As obras de Flégon a que se refere o autor consistem nos livros de memórias, que não chegaram até nós, e aos quais já fizemos menção ao tratarmos do capítulo *Animula vagula blandula*.

³⁹³ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 3, *op. cit.*, pp. 398-401. *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, VIII. Tradução nossa: "From Hadrian Augustus to Servianus the consul, greeting. The land of Egypt, the praises of which you have been recounting to me, my dear Servianus, I have found to be wholly light-minded, unstable, and blown about by every breath of rumour. There those who worship Serapis are, in fact, Christians, and those who call themselves bishops of Christ are, in fact, devotees of Serapis. There is no chief of the Jewish synagogue, no Samaritan, no

Primeiramente, desejamos fazer observar alguns elementos presentes na carta que não foram utilizados em *Memórias de Adriano*. Não há, nas passagens do romance para as quais foram transpostos elementos hauridos a esse *hipotexto*, qualquer referência a uma carta. Esses elementos se encontram, assim, desvinculados do seu contexto epistolar de origem.³⁹⁴ Além disso, o destinatário da

Christian presbyter, who is not an astrologer, a soothsayer, or an anointer. Even the Patriarch himself, when he comes to Egypt, is forced by some to worship Serapis, by others to worship Christ. They are a folk most seditious, most deceitful, most given to injury; but their city is prosperous, rich, and fruitful, and in it no one is idle. Some are blowers of glass, others makers of paper, all are at least weavers of linen or seem to belong to one craft or another; the lame have their occupations, the eunuchs have theirs, the blind have theirs, and not even those whose hands are crippled are idle. Their only god is money, and this the Christians, the Jews, and, in fact, all nations adore. And would that this city had a better character, for indeed it is worthy by reason of its richness and by reason of its size to hold the chief place in the whole of Egypt. I granted it every favour, I restored to it all its ancient rights and bestowed on it new ones besides, so that the people gave thanks to me while I was present among them. Then, no sooner had I departed thence than they said many things against my son Verus, and what they said about Antinous I believe you have learned. I can only wish for them that they may live on their own chickens, which they breed in a fashion I am ashamed to describe. I am sending you over some cups, changing colour and variegated, presented to me by the priest of a temple and now dedicated particularly to you and my sister. I should like you to use them at banquets on feast-days. Take good care, however, that our dear Africanus does not use them too freely”.

³⁹⁴ Por outro lado, há, sim, referência, no romance, à troca de correspondência entre Adriano e Serviano. Em uma passagem do capítulo *Disciplina Augusta*, que sucede *Saeculum aureum*, o memorialista diz, referindo-se ao cunhado: “trocávamos cartas; as suas não eram desprovidas de espírito” (p. 219). A segunda frase envolve uma inversão - uma liberdade de ficcionalização tomada pela romancista - em vista de que não se dispõe de cartas de Serviano, para que se possa julgá-las espirituosas, e também de que a carta de Adriano ao cunhado, essa sim, é que pode ser entendida como espirituosa, nas entrelinhas de um certo tom diplomático, se se considerar, como faz Yourcenar, que houvesse uma grande animosidade entre seu remetente e seu destinatário. Este é justamente um ponto importante a se considerar: ao passo que na carta não se pode perceber qualquer indício de hostilidade entre esses dois homens, em *Memórias de Adriano* a menção que o memorialista faz à troca de correspondência entre eles se encontra em um parágrafo no qual ele retraça retrospectivamente a evolução de uma rivalidade então já antiga, antes de acrescentar, referindo-se ao cessamento de uma relação epistolar que considera hipócrita: “com o tempo, desgostei-me dessa insípida impostura; a possibilidade de atirar fora todas as máscaras é uma das raras vantagens que o envelhecimento me dá”. Relatos da *Vita Hadriani* referentes à execução de Serviano por ordem de Adriano (XV, 8; XXIII, 3; XXIII, 8; XXV, 8), e a uma tentativa de sabotagem, por parte de Serviano, à iniciativa de Adriano de levar a Trajano a notícia da ascensão deste ao trono, e ainda a menção a outras intervenções do cunhado, com o propósito de prejudicar Adriano (II, 6), parecem estar na origem da interpretação de Yourcenar quanto à referida rivalidade. A mesma *Vita Hadriani* oferece, no entanto, testemunhos que permitem que se questione o quanto essa rivalidade possa ser generalizada para a longa extensão do convívio entre esses cunhados: a passagem VIII, 11, por exemplo, reporta que Adriano tinha grande respeito por Serviano, razão pela qual o haveria nomeado cônsul sem que o cunhado o houvesse pedido; e a passagem XXIII, 2, diz que o imperador, quando se pôs à busca de um sucessor, pensou primeiramente em Serviano. Em *Memórias de Adriano* há inclusive alguns resquícios dessa consideração algo positiva que Adriano possa ter tido um dia por Serviano: quando o memorialista relata que, na guerra da Judéia, achou que pudesse morrer intestado, e que o cunhado pudesse ser escolhido por outros para a sucessão, ele confabula

carta, Serviano, não foi associado, em *Memórias de Adriano*, senão com o elemento que, no *hipotexto*, era mais indissociável do personagem, a saber, a parte da carta relativa ao presente que Adriano lhe diz haver-lhe enviado. Trataremos mais adiante dessa parte da carta; por ora, vejamos sobre o desaparecimento de Serviano enquanto destinatário das informações transpostas da carta. Para analisar o caso em foco, alguma variante da prática *transposicional* chamada *transvocalização* poderia se insinuar à mente, mas evidentemente não se aplica, pois a voz narrativa do *hipotexto* equivale àquela do *hipertexto*.³⁹⁵ A instância narrativa que sofre modificação na *transposição*, neste caso, é a segunda pessoa do discurso – segunda pessoa do ato de comunicação em que consiste uma carta. Proporemos aqui um termo construído segundo o modelo genettiano: *transdestinatarização*, que definimos como modificação do destinatário: o da carta é Serviano; o dos elementos transpostos para o romance é o jovem Marco Aurélio.³⁹⁶

Outros elementos da carta que não foram utilizados em *Memórias de Adriano* sofreram o que Genette chama de *excisão*, e define como “supressão pura e simples

que “o império poderia encontrar piores senhores; Serviano, em suma, não era destituído de virtudes” (p. 220). Há ainda um outro ponto que nos parece importante ressaltar aqui: quando dizemos que as informações hauridas à carta a Serviano se encontram, no romance, desvinculadas do contexto epistolar “de origem”, temos em mente o fato de que nada ali associa essas informações a uma carta um dia enviada a Serviano. Trata-se, no romance, de memórias e considerações do narrador sobre sua estadia de outrora em Alexandria, um relato de impressões sobre os habitantes dessa cidade. Em outro plano, entretanto, não se deve perder de vista que Adriano inicia aquilo que vem a se tornar um livro de memórias como uma carta (p. 23), coisa que ele jamais deixa inteiramente de ser – no penúltimo capítulo, *Disciplina Augusta*, por exemplo, o destinatário dessa carta, o jovem Marco Aurélio, é ainda interpelado (p. 231), como o é, intermitente conquanto esparsamente, ao longo do romance.

³⁹⁵ Resguardada, bem entendido, a diferença de que o escrevente da carta a Serviano possivelmente seja o imperador Adriano histórico, ao passo que o da carta tornada relato memorialístico que constitui o romance de Yourcenar é assumidamente um personagem ficcional.

³⁹⁶ Como o destinatário *intradiegético* de uma obra de ficção pode ser chamado de *narratário*, cogitamos lançar mão do termo *transnarratarização*, mas o termo *destinatário* parece-nos prestar-se tanto a um texto não ficcional, como uma carta, quanto a um texto ficcional que se apresenta como uma carta. Parece-nos interessante observar que *Memórias de Adriano* não se faz sentir constantemente como uma carta, sendo inclusive definido pelo narrador como uma “meditação escrita” (p. 23), e dessa perspectiva a parte do romance que resulta da *transposição* de elementos da carta a Serviano, parte em que não há quaisquer marcas de um *destinatário*, talvez possa ser vista também como *desdestinatarizada*, isto é, destituída de um *destinatário*, e mesmo *deseplistulizada*, isto é, destituída do seu caráter epistolar, se nos permitimos inventar termos seguindo os passos de Gérard Genette.

[de uma porção de texto] (...) sem nenhuma outra forma de intervenção”.³⁹⁷ Assim, o elogio do Egito que, conforme a carta, Serviano haveria feito a Adriano, foi suprimido e não comparece no romance. Outra *excisão* consiste no fato de o memorialista jamais se referir a qualquer consulado exercido pelo cunhado, ao passo que o cabeçalho da carta interpela seu destinatário fazendo anteceder seu nome desse título.³⁹⁸ Ainda outra *excisão* incidiu sobre a sugestão, presente na carta, de que Alexandria pudesse ser uma cidade de maior importância no Egito não fossem os defeitos que o imperador vê em seus habitantes – sugestão que não encontra correspondência em *Memórias de Adriano*. Essas *excisões*, de pequeno porte, são do tipo que Genette chama de *poda*, tipo muito frequente de *excisão*, segundo o teórico, e que ele define como consistindo em “múltiplas extrações disseminadas ao longo do texto”.³⁹⁹

Há elementos da carta em relação aos quais não é fácil decidir se é a *poda* ou outro dos tipos de *redução*⁴⁰⁰ aquele que melhor se aplica; tampouco é fácil decidir, dentre alguns dos demais tipos de *redução*, qual é o que melhor descreve as *transformações* operadas por Yourcenar no material *hipotextual*. Vejamos esses elementos para, a seguir, tecer considerações acerca de seu pertencimento a um ou outro dos tipos de *transposição*. A única parte da carta cujo tom é elogioso em relação a algum aspecto de Alexandria⁴⁰¹ é um sucinto relato acerca da laboriosidade e da produtividade dos alexandrinos, entre os quais “ninguém vive no ócio”, nem mesmo os gotosos. Nesse relato, são evocadas algumas atividades

³⁹⁷ GENETTE. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. *op. cit.*, p. 76

³⁹⁸ Anteceder, no caso do original latino. Em nossa tradução para o português preferimos inverter a ordem, e fazer o título preceder o nome próprio: não “Serviano cônsul”, mas “o cônsul Serviano”.

³⁹⁹ GENETTE. **Palimpsestos**, *op. cit.*, p. 77

⁴⁰⁰ Genette (**Palimpsestos**, *op. cit.*, p. 74) define a *redução* como a abreviação de um texto, e identifica alguns tipos de *redução*. Neste estudo, abordamos aqueles que se aplicam aos *hipotextos* que analisamos, e expomos suas definições ali onde os aplicamos.

⁴⁰¹ Essa parte da carta, de certa forma, pode ser entendida como uma pequena concessão à visão positiva que Serviano haveria expressado quanto a essa cidade, que no conjunto é refutada por Adriano em sua carta.

produtivas ou, antes, alguns tipos profissionais: sopradores de vidro, produtores de papel e fiadores de linho. Em relação a essa parte da carta, pode-se considerar que muitos dos elementos de informação nela contidos tenham sido propriamente *podados*, sem deixar resquícios em *Memórias de Adriano*, como é o caso dos tipos de profissionais. Por outro lado, certo núcleo informacional ali presente, a saber, a temática relativa à vida econômica da cidade, encontra eco, no romance, na frase inicial do parágrafo que concentra a maior parte dos elementos hauridos à carta: “[e]m Alexandria, as religiões são tão variadas quanto os negócios”. Nesta frase, temos a conjugação de formas redutoras para dois relatos que, na carta, se encontram desenvolvidos em separado: o da vida econômica de Alexandria, e o da volubilidade e promiscuidade das práticas religiosas na cidade. Mediante um comentário que segue e complementa a frase do romance citada acima, Adriano equipara a religião ao negócio: “a qualidade do produto é a mais duvidosa” (p. 166). Temos aí um caso de *transvaloração*: o valor positivo que o caráter laborioso dos alexandrinos e sua produtividade têm na carta não é transposto junto com o referido tema da vida econômica, e a este, reduzido ao termo “negócios”,⁴⁰² se encontra associado, no *hipertexto*, um valor negativo – a qualidade do produto dos negócios alexandrinos é tão duvidosa quanto aquela do “produto” das religiões que há na cidade. A carta enfatiza as referidas laboriosidade e produtividade mais do que o caráter variado das atividades produtivas desenvolvidas em Alexandria. Na frase de *Saeculum aureum* em que se encontram equiparados negócios e religiões, por sua vez, a única característica predicada a esses termos é a da variedade. Por outro lado, se na carta são os tipos profissionais mencionados que podem fazer vir à mente a ideia de variedade, no romance eles não são discriminados, ficando essa ideia reduzida no sintagma nominal “negócios [variados]”.

No conjunto, o parágrafo de *Memórias de Adriano* em que se concentram os elementos apropriados à carta a Serviano dá de Alexandria uma imagem ainda mais negativa do que esse *hipotexto*. Em consonância com isso, e conforme já observamos, foi objeto de *poda* também a passagem da carta que diz que,

⁴⁰²

Qualificado por um adjetivo “variados”, em elipse.

conjuntamente com a magnitude da cidade, sua produtividade poderia lhe conferir a preeminência sobre o Egito, não fosse a baixa qualidade moral que, no ver do imperador, caracteriza seus habitantes. Entretanto, um eco distante, tanto da posição relativamente avantajada de Alexandria no Egito, quanto da atitude do imperador em relação a essa cidade, pode ser percebido na frase “[j]á entrevia a possibilidade de reduzir o papel de Alexandria fundando uma segunda metrópole grega nas vizinhanças do mar Vermelho, o que fiz mais tarde ao fundar Antinoé”, do capítulo *Varius multiplex multiformis*. Nessa passagem anterior do romance, é em se lembrando de um tempo em que ainda não chegara ao poder que o memorialista expressa desconfiança em relação “[à]quela cidade pouco segura” (p. 74), ao mesmo passo que, lembrado de um tempo então ainda por vir, já posterior à morte de Antínoo, e posterior a essa estadia em Alexandria para a evocação da qual foi utilizada *hipertextualmente* a carta a Serviano, ele sugere também a suplantação dessa cidade enquanto metrópole provincial.

Em *Memórias de Adriano*, da passagem da carta mencionada acima, somente o tema da baixa qualidade moral foi mais desenvolvido, e o aspecto mais enfatizado dessa baixa qualidade é o que concerne à volubilidade religiosa dos alexandrinos. Se se pode considerar que, no romance, o tema das religiões em Alexandria se encontra de certo modo reduzido na menção a “religiões (...) variadas” que referimos acima, por outro lado, ao contrário do que ocorre com o tema da vida econômica da cidade, que foi transposto exclusivamente na forma redutora “negócios [variados]”, o tema religioso ganha, no romance, algum desenvolvimento a mais, em uma passagem um pouco mais extensa,⁴⁰³ e que apresenta considerável alteração em relação ao tratamento que é dado a esse tema na carta. Como no caso dos tipos profissionais, há elementos de informação relativos à vida religiosa de Alexandria que podemos considerar que tenham sido *podados*, como os termos “devotos de

⁴⁰³ Consideramos “religiões (...) variadas” como uma forma de *redução*, no sentido genettiano, para a parte da carta que fala em cristãos, devotos de Serápis, judeus, samaritanos, astrólogos, arúspices, etc., mas o tema das religiões de Alexandria ganha, no romance, um desenvolvimento que envolve a *extensão* com elementos hauridos a outros textos que não a carta, conforme veremos abaixo. O tema da religiosidade nesta *transposição* - e a(s) porção(s) de texto que lhe serve(m) de suporte - pode ser visto como *reduzido* ou *aumentado*, conforme o aspecto que se considere.

Serápis”, “presbítero cristão”, “sacerdote supremo de sinagoga”, “samaritano”, “arúspice”, entre outros, bem como as considerações que os acompanham. A carta focaliza a crítica no caráter promíscuo e instável das religiões que se entrecruzam em Alexandria em um sincretismo múltiplice, aparentemente fortuito e desregrado, dando ocasião a atividades de charlatães. Em *Memórias de Adriano*, um grupo religioso em particular recebe comparativamente certo destaque: a carta equipara, sobretudo, os cristãos e os adoradores do deus egípcio Serápis, que se devotariam sem escrúpulos ao deus e ao messias uns dos outros; também outros grupos, conforme a carta, incorreriam em práticas de religiões outras que não as suas próprias. No romance, por seu turno, a crítica resulta deslocada, ou antes, centralizada em um dos grupos.⁴⁰⁴ segundo o Adriano yourcenariano, “[o]s cristãos, principalmente, distinguem-se por uma abundância de seitas no mínimo inúteis” – a pluralidade, que na carta é pluralidade de grupos religiosos de extração variada, no romance é pluralidade no seio do grupo dos cristãos “principalmente”. O memorialista ilustra esse comentário com a referência a uma história trazida por Marguerite Yourcenar de outro(s) hipotexto(s), e ausente da carta. Trata-se de mais um caso emblemático da grande *contaminatio*, do complexo emaranhado de *contaminações* entre fontes que é *Memórias de Adriano*: o memorialista menciona os líderes de duas “seitas” que floresceram no Egito, Valentim e Basilides, que a *História eclesiástica* de Eusébio (IV, xxii, 4-6), citando o autor cristão Hegésipo, arrola entre os primeiros heresiarcas: “cada um desses”, diz a passagem, referindo-se também a outros líderes de heresias cristãs, “promove, a seu modo, sua própria opinião, e deles vêm falsos Cristos e falsos profetas e falsos apóstolos, que destroem a unidade da igreja com sua doutrina venenosa contra Deus e contra o seu Cristo”.⁴⁰⁵ Se tomarmos essa passagem de Hegésipo citada por Eusébio como

⁴⁰⁴ Isso em um segundo momento, após a frase inicial que equipara as religiões variadas a negócios, e que em si já resumia o essencial da crítica que o autor da carta faz da religiosidade alexandrina.

⁴⁰⁵ EUSEBIUS. **Ecclesiastical History**. Vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1926, p. 377: “each of these puts forward in its own peculiar way its own opinion, and from them come the false Christs and false prophets and false apostles who destroy the unity of the church by their poisonous doctrine against God and against his Christ”. Tradução nossa.

uma possível fonte entre outras,⁴⁰⁶ para a menção a esses dois líderes cristãos que o memorialista yourcenariano chama de charlatões, temos uma *transmotivação*: Eusébio cita Hegésipo para denunciar heresias que deturpariam a sua fé e a sua igreja;⁴⁰⁷ Adriano denuncia o caráter multifacetado e a segmentação em dissidências de uma tradição religiosa de cujo credo não partilha, e que encara com desconfiança.⁴⁰⁸ Seguem, no romance, duas frases que como que desenvolvem as colocações consonantes de duas frases da carta, nas quais Adriano contradiz bastante diretamente a opinião positiva que Serviano lhe teria transmitido sobre o Egito: a primeira frase da carta diz que o povo egípcio é “propenso a deixar-se inflamar a cada vez que surge um boato”, e mais adiante, que “[t]rata-se de uma raça de homens muito sediciosos, muito fúteis, muito injuriosos”. Na passagem de *Saeculum aureum* que temos em nosso foco, a imagem presente nestas duas frases é desenvolvida, com recurso a informações buscadas junto a outra(s) fonte(s). Vejamos as frases do memorialista yourcenariano:

A escória do povo egípcio aproveitava cada observância ritual para se lançar, de cacete na mão, sobre os estrangeiros. A morte do boi Ápis provoca mais tumultos em Alexandria do que uma sucessão imperial em Roma. (p. 166)

Sobre o caráter irascível, irrequieto e sedicioso dos habitantes de Alexandria, o narrador já havia mencionado, no capítulo *Varius multiplex multiformis* - embora atribuindo tal caráter a um grupo em particular, dentre esses habitantes - que naquela cidade havia frequentes rebeliões das comunidades judaicas (p. 74). Mas o exemplo que, na passagem de *Saeculum aureum* que temos em nosso foco, ilustra

⁴⁰⁶ Marguerite Yourcenar, na *Nota*, pp. 283-284, menciona essa *História eclesiástica* como uma fonte importante de informações sobre a guerra da Judéia. Por outro lado, Eusébio nada reporta ali no concernente a conflitos entre Basíledes e Valentim, ou sobre a vigilância que a polícia de Roma teria exercido sobre eles, o que parece indicar a confluência de outra(s) fonte(s), que não logramos localizar em nossa pesquisa, para a informação da passagem de *Saeculum aureum* em foco.

⁴⁰⁷ Na passagem IV, vii, 11, Eusébio fala da má reputação de incestuosos e devoradores de crianças que teria recaído sobre os cristãos por culpa dos seguidores de Basíledes, cuja atuação a passagem IV, vii, 3 localiza em Alexandria.

⁴⁰⁸ Já no capítulo *Varius multiplex multiformis* (p. 72), o memorialista dissera, referindo-se aos cristãos: “Eu próprio tenho pouquíssima simpatia por essa seita”.

a propensão da população alexandrina a sublevações, refere-se a outro grupo religioso, o dos adoradores do boi Ápis. A menção a agitações relacionadas ao culto desse animal sagrado pode ser entendida como levemente e pontualmente alusiva se considerarmos suas semelhanças e dessemelhanças com a menção que também a *Vita Hadriani* faz a agitações no Egito relacionadas a esse culto. A passagem XII, 1, da *Vita Hadriani* diz que o imperador, após resolver questões na Bretanha, atravessou para a Gália, pois havia notícia de agitações em Alexandria por conta da descoberta de um novo Ápis após muitos anos de sua ausência. A passagem da *Vita Hadriani* é tão lacônica e lacunar quanto a de *Memórias de Adriano*, – talvez mais, pois sequer menciona que Ápis é um animal –, mas o público contemporâneo da *História Augusta* se encontrava mais próximo dos conteúdos que preenchem essas lacunas, tinha maior probabilidade de partilhar dos conhecimentos pertinentes do que os leitores de Yourcenar, e de saber que Ápis era o nome de um touro venerado como encarnação de um deus. A nota 1 da página 36 do volume 1 da edição Loeb-Heinemann da *História Augusta* reporta que Ápis era um touro sagrado dos egípcios, reconhecível por certos traços físicos, e sua descoberta dava ocasião a grande regozijo. O *New classical dictionary of greek and roman biography, mythology and geography*, de William Smith,⁴⁰⁹ diz que quando era descoberto, Ápis era levado para a cidade de Mênfis, onde era venerado, sendo-lhe permitido viver por um número limitado de anos, após os quais, se não houvesse morrido, era executado pelos sacerdotes, passando-se a buscar um novo Ápis. Do mesmo modo que sua descoberta, também a morte de um desses bois causava grande comoção no Egito. No episódio relatado na *Vita Hadriani*, diversas comunidades egípcias disputavam o privilégio de ser a sede da adoração a um novo Ápis encontrado, e a referida nota da edição Loeb-Heinemann da *História Augusta* diz que aparentemente era costume na época de Adriano que o touro fosse mantido por algum tempo na localidade onde havia sido descoberto.

Se podemos entender a menção a esse animal e a seu culto em *Memórias de Adriano* como tendo algo de um caráter pontualmente alusivo a essa passagem da

⁴⁰⁹ SMITH, W. **A new classical dictionary of greek and roman biography, mythology, and geography**, *op. cit.*, p. 75

biografia do imperador na *História Augusta*, devemos ressaltar que nada foi mantido do episódio senão o nome de Ápis e a associação de tumultos em terra egípcia a uma vicissitude de sua existência. A *Vita Hadriani* não fala especificamente em Alexandria, mas sim em comunidades egípcias, e as agitações se teriam dado por ocasião da descoberta de um novo Ápis, e não da morte de um, como em *Memórias de Adriano*. O memorialista yourcenariano não alude, – ou antes, Yourcenar não alude, – neste caso, ao episódio narrado na *Vita Hadriani*, mas tão somente a elementos pontuais envolvidos nesse episódio – o boi sagrado, e agitações ligadas a uma religião do Egito. Ao passo que, na biografia, a menção ao episódio se inscreve na sequência de anedotas sobre a atuação de Adriano em algumas províncias ao longo de uma viagem, em *Memórias de Adriano*, por sua vez, a menção ao culto de Ápis faz eco a imagens em que convergem e se fundem os temas do caráter exaltado do povo alexandrino e do caráter histérico e esquizofrênico de sua religiosidade. A frivolidade, que a primeira frase da carta associa ao povo egípcio, pode encontrar-se subentendida na comparação entre os tumultos que a morte de um animal sagrado provoca entre esse povo, e aqueles suscitados pela circunstância da disputa pelo império sobre o mundo romano. O memorialista não situa no tempo um episódio em que um Ápis em específico haja morrido: o que diz sobre tumultos gerados à morte de um Ápis tem algo de um caráter iterativo, em termos temporais, como se dissesse que volta e meia, por ocasião da morte de um desses animais sagrados, o sedicioso e supersticioso povo egípcio se subleva.

Segue essa frase que menciona Ápis, uma frase que pode ser entendida como envolvendo uma *redução* para duas da carta; se esta distribui o tema do entrecruzamento randômico de ritos e práticas entre religiões em duas frases, não seguidas, mas separadas por outras, o narrador yourcenariano, por sua vez, diz que “[a]s pessoas elegantes mudavam ali de deus como em outros lugares as gentes mudam de médicos, aliás sem maior êxito” (p. 166). Vemos aí, de mistura com o tema da volubilidade religiosa, uma plausível, oblíqua, e novamente pontual alusão à passagem 22, 4, do livro LXIX da *História Romana* de Dion Cássio. Ali Dion relata que Adriano morreu “gritando alto o dito popular ‘[m]uitos médicos mataram um

rei””.⁴¹⁰ Outra alusão, muito mais direta, à passagem de Dion, pode ser vista no último capítulo de *Memórias de Adriano*, *Patientia*, quando o imperador moribundo, falando agora no tempo presente, diz: “[j]á não discuto com os médicos; seus remédios idiotas mataram-me” (p. 249). O que era um provérbio latino forneceu elementos que, no romance, nada mantém do caráter proverbial de origem, e deixa de ser algo gritado no momento da morte, para ser parte de uma reflexão escrita sobre a morte que se aproxima. A frase que segue, em *Memórias de Adriano*, é uma das que mais se assemelha à sua correspondente na carta, de modo que ela constitui uma das marcas mais explícitas, no *hipertexto*, da relação *transposicional* em nosso foco – de que a carta a Serviano, mencionada na *Nota* (p. 280), serviu mesmo de *hipotexto* para esse parágrafo do romance: compare-se “[o] ouro, porém, é seu único ídolo” (p. 166) com “[s]eu único deus é o dinheiro”. Na carta, a última frase acima é complementada por “a ele [o dinheiro] veneram cristãos, judeus, e todas as nações”: a promiscuidade entre cultos é interpretada como oportunismo e charlatanice de uma gente que não tem, em última análise, verdadeiro amor aos deuses Serápis, ou a Jeová, ou ao deus cristão, ou a outros, mas tão somente ao dinheiro. Vindo em seguida às partes sobre as religiões e as atividades econômicas do povo alexandrino, o comentário as vincula entre si, denunciando o caráter comercial dos cultos, e está na base, não somente da frase que substitui os termos “dinheiro” e “deus” por “ouro” e “ídolo”, mas também da primeira frase do parágrafo de *Saeculum aureum* decalcado sobre a carta, isto é, daquela frase, já referida acima, na qual o memorialista equipara as religiões de Alexandria a negócios, quanto à sua variedade e à baixa qualidade dos produtos de ambos.

Em *Memórias de Adriano*, por seu turno, a frase sobre o ídolo que é para os alexandrinos o ouro é seguida por uma colocação – “não vi em parte alguma solicitadores mais impudentes” - que faz a passagem para o próximo tema nesse parágrafo, o tema da falsa, interesseira e fugidia gratidão dos alexandrinos para com seu benfeitor e imperador. Se, na carta, os alexandrinos têm pelo menos a qualidade positiva da laboriosidade, em *Memórias de Adriano* nada é dito de positivo sobre

⁴¹⁰ **Dio's Roman History**, Loeb, p. 463. “shouting aloud the popular saying: ‘Many physicians have slain a king’”. Tradução nossa.

eles, e ao invés do labor e da prosperidade, o que é enfatizado é a ganância e o caráter pedinchão desse povo. Na carta, antes de entrar na parte sobre os benefícios e a gratidão, o autor fala na preeminência que Alexandria poderia ter no Egito, não fosse a baixa qualidade de sua população – tema que já mencionamos acima, e que não encontra eco ou paralelo no *hipertexto*.

A seguir, na carta, fala-se dos benefícios que o imperador concedeu à cidade, e da gratidão que lhe foi manifestada por seus habitantes, enfatizando que essa gratidão foi expressa somente enquanto o benfeitor ainda se encontrava presente no local. No romance, na passagem sobre os benefícios e a gratidão, o memorialista fala em inscrições feitas em celebração a sua visita e a sua benfeitoria. Neste estudo, optamos por não abordar a *hipertextualidade* com a epigrafia, isto é, com inscrições, mas nos parece convir, neste ponto, reportar que a nota 5 da página 44 do volume 1 da edição Loeb-Heinemann da *História Augusta* menciona moedas alexandrinas cunhadas em 130 d. C., em comemoração à visita de Adriano a Alexandria. A menção a essas inscrições é justaposta, no romance, às informações sobre os benefícios de Adriano que foram extraídas da carta a Serviano, em mais um caso de *contaminação*. A carta indica a falsidade e/ou a volubilidade do povo alexandrino fazendo sucederem-se a informação sobre a gratidão manifesta por esse povo enquanto seu imperador se encontrava na cidade e a informação sobre a hostilidade que esse mesmo povo passou a expressar, contra os dois acompanhantes de Adriano, Antínoo e Lúcio, em seguida à sua partida do local. O romance elabora mais essa mesma mudança de atitude do povo alexandrino para com Adriano e seus dois amigos, e fornece um motivo para essa mudança que estava ausente no *hipotexto*: uma taxa de que o imperador se recusa a liberar os alexandrinos, contrariando-os. Embora a mudança de atitude dos alexandrinos, conforme expressa na carta, permita que se depreenda a noção de uma *motivação* – a própria volubilidade desse povo, - a carta não oferece um *motivo* mais concreto, um estopim, para a mudança. O romance, ao fornecer o *motivo* suplementar em que consiste o fato de o imperador não liberar os alexandrinos da referida taxa, pode ser entendido como fornecendo uma *motivação* ausente do *hipotexto*. A parte da carta sobre a maledicência dos alexandrinos, que após a partida de Adriano puseram-se a

falar mal de Antínoo e de Lúcio, ganha no romance um desenvolvimento significativo. Desaparece a interpelação do destinatário da carta - “do que disseram sobre Antínoo *acredito que estejas a par*” (Grifo nosso) – que decerto poderia não fazer sentido para o destinatário de *Memórias de Adriano*, o jovem Marco Aurélio. A carta nada informa sobre os conteúdos da maledicência dos alexandrinos. No romance, onde a animosidade desse povo contra os companheiros de Adriano é demonstrada em insultos proferidos quando estes ainda se encontravam em Alexandria,⁴¹¹ o que haveria sido dito a eles ou sobre eles pelos egípcios é invenção literária, mas mantém certa coerência e plausibilidade com aquilo que outras fontes informam sobre as imagens públicas dos dois jovens: o luxo excessivo de Lúcio, mencionado pela *Vita Aelii*, V, 4,⁴¹² a origem obscura de Antínoo, “a respeito da qual corriam histórias absurdas” (p. 166), deixada na obscuridade pela *Vita Hadriani*, cuja passagem XIV, 5-7, que trata do personagem, diz bem pouco, e a respeito da qual a *História Romana* de Dion Cássio, na passagem 11, diz somente que ele era nascido em Bitíniun, cidade da Bitínia também conhecida como Claudiópolis.

Marguerite Yourcenar revela mais sobre a dose de liberdades que tomou na composição desse personagem ao dizer, em entrevista a Matthieu Galey, que “Antínoo *provavelmente* não era um chefe (e do mesmo modo, *muito provavelmente*, não era um escravo, pois nos teriam dito); tentei evocar antes um adolescente ‘das classes médias’ da Bitínia de sua época”.⁴¹³ No romance então, conforme dizíamos, os jovens são insultados quando ainda presentes com o imperador em Alexandria, e

⁴¹¹ Marcando uma liberdade de Yourcenar na apropriação das informações trazidas pela carta.

⁴¹² Esse luxo é também ilustrado, em *Memórias de Adriano*, em várias passagens sobre Lúcio, dentre as quais destacamos, neste mesmo capítulo *Saeculum aureum*, o parágrafo anterior a este que temos em nosso foco. Ali o memorialista diz que Lúcio continuava a se cercar de luxo, e levava em viagem um leito cujo modelo ele próprio desenhara. A *Vita Aelii*, V, 7, menciona tal leito, mas nada diz sobre que Lúcio o transportasse consigo aonde quer que fosse.

⁴¹³ GALEY, Matthieu. **De olhos abertos**, p. 97. Grifos nossos. Eusébio, na *História eclesiástica*, IV, viii, 2, fala de Antínoo como um escravo de Adriano, mas talvez a palavra “escravo” ali não indique um *status* preciso de classe, mas antes funcione como metáfora para a condição de um favorito imperial. Ao dizer que “nos teriam dito” se Antínoo fosse um escravo, Yourcenar devia ter em mente as primeiras e principais biografias, a *Vita Hadriani* da *História Augusta* e a *História Romana*, que manifestam maior ou menor grau de desaprovação quanto à relação d Adriano com Antínoo, e que decerto denunciariam a condição servil do amado do imperador, se esse fosse o caso.

o memorialista sugere que a mudança de atitude dos alexandrinos para com ele e seus acompanhantes se deva à indignação popular contra uma medida fiscal que o imperador considerava justa. Mas além desse motivo há também, em *Memórias de Adriano*, algo que haveria também de participar, paralelamente, como fonte de motivação para os insultos: o luxo de Lúcio, excessivo, a origem de Antínoo, obscura, e a ascendência suposta dos dois sobre seu imperador. Sobre Antínoo, sua ampla representação em estátuas, esculturas e pinturas, encomendadas por Adriano, e mencionadas por Yourcenar no *Caderno de notas* (pp. 267-268), confirma a importância atribuída a ele pelo imperador, o que permite que se pense que o favorito devesse exercer influência, em alguma medida, sobre seu amante. Quanto a Lúcio, sua biografia na *História Augusta*, a *Vita Aelii*, na passagem III, 4, fala de sua influência sobre Adriano, manifesta no fato de que ele obtinha do imperador tudo aquilo que desejava, ainda que o pedisse por carta. A ascendência de que fala o memorialista yourcenariano, entretanto, tem o sentido específico de influência política, e ele se defende dessa acusação do povo alexandrino negando que tal influência existisse. A frase que encerra, com a conclusão deste último tema, o parágrafo sobrescrito em palimpsesto sobre a carta a Serviano, parece-nos particularmente interessante no que tange aos efeitos da apropriação literária de aportes dos *hipotextos*: “[o] jovem patrício [Lúcio], que conhecia o mundo, limitava-se a rir dos insultos. Mas Antínoo sofria”. Esta frase coroa a *ampliação* operada por Yourcenar, que multiplicou para várias frases a frase única que, na carta, diz que os alexandrinos mostraram-se injuriosos contra os acompanhantes de Adriano após sua partida. Sobre a *ampliação*, Genette diz:

(...) as noções de extensão e de expansão remetem a práticas simples que raramente são encontradas em estado puro, e é evidente que nenhum aumento literário consciente se limita a um desses tipos. A extensão temática e a expansão estilística devem, portanto, ser consideradas como os dois caminhos fundamentais de um aumento generalizado, que consiste mais frequentemente na sua síntese e na sua cooperação, e para o qual reservei o termo clássico *ampliação*.⁴¹⁴

⁴¹⁴

GENETTE. *Palimpsestos*, op. cit., p. 108

A *expansão* é definida por Genette como uma dilatação estilística. Vejamos mais de suas palavras sobre esse tipo de aumento:

Expansão é essencialmente o que a retórica clássica praticava e recomendava aos seus alunos sob a designação genérica de “ampliação” (mas prefiro reservar o termo para um procedimento diferente). A retórica distinguia nesse caso – distinção de certa forma enganosa – entre ampliação “por figuras” (introdução de figuras de linguagem em um hipotexto supostamente literal) e ampliação “por circunstâncias”, isto é, por exploração (descrição, animação, etc.) dos detalhes mencionados ou implícitos em um hipotexto considerado conciso ou lacônico.⁴¹⁵

A despeito da raridade que constitui, no ver de Genette, a *expansão* em “estado puro”, e a despeito do engano denunciado por Genette na distinção que fazia a retórica no seio daquilo que ele chama de *expansão*, a nosso ver a ideia de uma *expansão* por descrição lança alguma luz sobre o procedimento de Yourcenar na transposição da frase única que, na carta, fala da maledicência dos alexandrinos em relação aos dois acompanhantes de Adriano. vejamos, por exemplo, quanto à última frase: a imagem de Lúcio nela evocada pelo memorialista, parece-nos resultar em alguma medida de procedimentos descritivos. Também o pretérito imperfeito em “Antínoo sofria” pode ser entendido como possuindo algo de um caráter descritivo. O pretérito imperfeito às vezes cumpre a função de descrever um estado de coisas passado, como o presente do indicativo pode descrever um estado de coisas presente: Antínoo sofre ou está sofrendo. De todo modo, podemos considerar as reações de Lúcio e Antínoo como “detalhes (...) implícitos”, ou talvez como potencialidades implícitas, na informação *hipotextual* relativa a que pessoas os ofendessem, especialmente em vista da transformação, no *hipertexto*, que faz com que eles possam ser pensados enquanto alvos de ofensas lançadas às suas próprias faces – e não, como na carta, alvos de ecos de ofensas, transmitidos com alguma indefinida distância espacial e temporal – e também em vista das imagens que vinham sendo construídas, ao longo do romance, dos próprios personagens.

⁴¹⁵

Idem, p. 105

Outra parte da introdução genettiana sobre a *expansão*, entretanto, instila certa dúvida no espírito de quem busca aplicar sua tipologia a um caso concreto como o que temos em foco: “[d]igamos por caricatura que esse procedimento consiste em dobrar ou triplicar a extensão de cada frase do hipotexto”.⁴¹⁶ O “por caricatura” parece relativizar a colocação, mas o caso é que o *aumento*⁴¹⁷ em nosso foco não pode ser descrito como duplicação ou triplicação da frase única da carta, ou como um aumento que fosse apenas estilístico, e não temático. O tema do caráter mundano de Lúcio, por exemplo, não pode ser entendido como estando implícito em qualquer colocação da carta, e ainda que considerássemos a *História Augusta* inteira como o *hipotexto*, caso em que poderíamos supor esse caráter de Lúcio como passível de ser depreendido da sua própria biografia, a *Vita Aelii*, não parece minimamente plausível que se pudesse esperar que se fizessem as conexões necessárias entre informações que se encontram em páginas tão distantes entre, a *Vita Aelii* no primeiro volume da edição Loeb-Heinemann, a carta a Serviano no terceiro.

Por outro lado, em meio às sinuosas definições que Genette oferece, em insinuantes circunlóquios, para as categorias que vai desenovelando conforme avança, um exemplo proposto pelo teórico para ilustrar a *extensão* parece interditar, ou desaconselhar, a aplicação dessa categoria aos casos de *transposição* referentes à carta a Serviano:

(...) Apuleio, certamente ampliando as *Metamorfoses* de Lúcio, não hesita em acrescentar (pelo menos) um episódio totalmente estranho à história de seu herói: o mito de Eros e Psiqué. Deixemos aos exegetas, que aqui não fazem falta, encontrar entre as duas narrativas alguma relação simbólica.⁴¹⁸

⁴¹⁶ *Idem, ibidem*. A palavra “extensão”, nesta frase, parece estar mobilizada em uma acepção de senso comum, cotidiana, corriqueira, e não no sentido em que Genette define tecnicamente em *Palimpsestos* a categoria homônima de *aumento* (**Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, op. cit., p. 97).

⁴¹⁷ O *aumento* é a categoria maior sob a qual se classificam a *extensão*, a *expansão*, a *ampliação* – todas elas tipos de *aumento*.

⁴¹⁸ GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**, op. cit., p. 97

Se o que caracteriza diferencialmente a *extensão* é o fato de ela consistir na inserção de material “estranho” ao corpo em que se o insere, e o mito de Eros e Psiqué parece exemplar para explicar a *expansão* na medida em que não se trata de explicitar elementos implícitos e potencialmente perceptíveis, subjacentes, subentendidos, latentes, como no caso da *expansão*, então não nos parece que haja casos de *extensão* na transposição da carta para o parágrafo em nosso foco. A menção a Ápis poderia ser entendida como elemento estranho ao contexto em que foi inserida? Parece-nos que, se faz eco às imagens da religiosidade e da turbulência tematizadas no parágrafo, não constitui elemento particularmente “estranho” ali.⁴¹⁹ Para concluir, conquanto creiamos que deva haver, em alguma proporção, a interação que Genette postula, entre *extensão* e *expansão*, e que caracterizaria como *ampliações* as operações de *aumento* feitas na *transposição* da carta para o parágrafo em nosso foco, a nosso ver há predominância ali do espírito da *expansão*. Ápis, Valentim e Basíledes não podem ser facilmente entendidos como implícitos na ideia de entrecruzamento entre religiões, e nas menções a eles, não é o entrecruzamento que é tematizado, mas sim a variedade, no caso dos líderes de heresias, que seriam as “seitas no mínimo inúteis”, e o fervor religioso tumultuoso, no caso do culto do touro sagrado. Entretanto, se o grau de estranhamento a ser considerado para que se entenda o elemento alienígena como constituindo uma extensão é o grau de caráter heteróclito que se tende a associar ao mito de Eros e Psiqué no seio das Metamorfoses de Apuleio, então nem o que cerca Ápis, nem Basíledes, nem Valentim, parece *extensão*. Se estamos enfatizando o caráter relativamente convergente, consonante, desses elementos que são também de contaminação, é inegável que, por não se encontrarem propriamente em germe no hipotexto, é em algum lugar em meio ao caminho entre os polos da *expansão* e da *extensão* que se encontram os justos contornos da *ampliação* em questão.

Questões de complexidade análoga cercam decisões sobre a categorização das operações de *redução* feitas, em paralelo àquelas de *aumento*, nessa

⁴¹⁹ Certamente não tão estranho como o mito do amor de Eros e Psiqué tende a parecer em meio à narrativa de Lúcio, o asno, no romance de Apuleio: uma narrativa de amor sobre personagens pouco ligados ao restante das tramas um tanto escatológicas dos demais episódios e destoante do tom bastante cômico da história principal.

multiestratificada *transposição*. Vimos acima que às vezes não é evidente se determinado item textual deve ser considerado *podado*, ou se, em conjunto com outros, se pode considerar que sofreram algum outro tipo de *redução*. Um mesmo elemento *hipotextual* pode ser tanto *aumentado* quanto *reduzido*, somente não na forma de um único e mesmo elemento *hipertextual*. Parece-nos que seja o caso do tema, sobre o qual falamos acima, das religiões de Alexandria: na primeira frase do parágrafo em nosso foco, consideramos que o sintagma “religiões (...) variadas” pode ser entendido como uma forma redutora para esse tema, especialmente em vista da sua fusão com o tema, também *reduzido*, dos negócios; na ausência dessa equiparação da religiosidade com as atividades comerciais, um aspecto importante daquilo o que o *hipotexto* associa mais intimamente à religiosidade conforme vivida nessa cidade estaria excluído da forma redutora, permitindo que se questionasse o quanto poderia ser válida a sua consideração enquanto tal; a só menção à variedade religiosa poderia ser entendida antes, sem tal equiparação, como simples introdução de um tema, presente, sim, na carta, mas não sintetizado na primeira frase do parágrafo em foco: a carta inclusive enfatiza menos a variedade do que a venalidade que caracteriza a vida religiosa alexandrina, e assim é talvez mais a presença da evocação dessa venalidade do que a presença da evocação à variedade que permite que se considere a primeira frase do parágrafo em foco como sintética do que diz sobre esse tema a carta.

Por outro lado, o tema da religiosidade foi também *aumentado*, na *transposição*, mediante a inserção de elementos hauridos a outras fontes como, por exemplo, as menções a Valentim, Basílides, e Ápis.

Mas por ora sigamos considerando a questão das *reduções*. Essa questão nos parece um tanto mais simples do que a do *aumento*, no caso do *hipertexto* e do *hipotexto* em foco, mas desejamos tecer algumas considerações. Procedamos por exclusão. Vimos acima a definição genettiana da *excisão*, e mostramos que um de seus tipos, a *poda*, ocorre na *transposição* da carta para o parágrafo em nosso foco. A *concisão*, diz Genette, trabalha diretamente sobre seu *hipotexto* para sujeitá-lo a um processo de *redução* “do qual permanecem constantes a trama e o suporte: (...) até mesmo a mais emancipada concisão de fato só consegue produzir uma nova

redação ou versão do texto original”⁴²⁰. O parágrafo de *Saeculum aureum* em nosso foco está longe de poder ser percebido como “uma nova redação ou versão do texto original” – a carta sequer é evocada – na ausência da menção por Yourcenar, na Nota, ao fato de que havia utilizado essa carta veiculada em uma biografia de um homem que viveu em uma época muito distante do tempo de Adriano, esse *hipotexto* extensivamente transposto não seria dos mais facilmente identificáveis. A *concisão*, ainda nos termos de Genette:

(...) tem como norma sintetizar um texto sem suprimir nenhuma parte tematicamente significativa, mas reescrevendo-o em estilo mais conciso, produzindo então com novos recursos um novo texto, que pode, no limite, não mais conservar nenhuma palavra do texto original.⁴²¹

Como vimos acima, há partes a nosso ver tematicamente significativas da carta, como, por exemplo, a referência à preeminência que Alexandria poderia ter no Egito, que sofreram *poda*. O estilo do Adriano yourcenariano não nos parece mais nem menos marcadamente conciso, em geral, do que o do autor da carta. Esses elementos parecem excluir a *concisão* dentre os procedimentos de Yourcenar com a carta, mas outra passagem sobre essa categoria de *redução* permite que se entreveja a possibilidade de algum vínculo, especialmente em vista de que as características ali referidas não coincidem com as de outras categorias. Assim, a *concisão*, novamente nos termos do seu teorizador:

(...) procede por síntese e condensação autônoma e não está sujeita à literalidade do hipotexto. Mas isto é feito frase a frase no nível das microestruturas estilísticas, e não no nível da estrutura de conjunto: pode-se grosseiramente descrever uma *concisão* como uma série de frases em que cada uma resume uma frase do hipotexto; portanto como uma série de resumos parciais; em contrapartida, o resumo propriamente dito (global) poderia em última instância condensar o conjunto desse texto em uma única frase.⁴²²

⁴²⁰ GENETTE. *Palimpsestos*, op. cit., p. 87

⁴²¹ *Idem*, 84

⁴²² *Idem*, 88

Pelo menos as reduções do temas das atividades econômicas e das religiões nas formas “negócios [variados]” e “religiões (...) variadas” parecem poder ser entendidas como resumos parciais, e mesmo a primeira frase que as inclui pode ser, em seu conjunto, entendida como um resumo para o tema das religiões, conforme argumentamos acima. A definição da concisão como “uma série de frases em que cada uma resume uma frase do hipotexto”, entretanto, certamente não encontra correspondência entre os procedimentos que investigamos: há frases do hipotexto que foram patentemente excindidas na transposição, outras ainda foram aumentadas, sem serem reduzidas. Certamente não se pode falar em redução “no nível da estrutura de conjunto” do parágrafo em foco, mas “no nível das microestruturas estilísticas” algumas frases, e os temas de que são o suporte, foram reduzidas – mas não todas, não “frase a frase”.

A *condensação*, segundo Genette:

(...) só se apoia no texto a ser reduzido de maneira indireta, mediada por uma operação mental ausente nos outros dois processos [*excisão* e *concisão*], e que é um tipo de síntese autônoma e à distância operada por assim dizer de memória sobre o conjunto do texto a ser reduzido, do qual, no limite, é preciso esquecer cada detalhe – e consequentemente cada frase – de maneira a manter no espírito somente a significação ou o movimento de conjunto, que vem a ser o único objeto do texto reduzido: redução, aqui, por *condensação* (...).⁴²³

Vem em mente a tentação de considerar a hipótese de o Adriano de Yourcenar haver, anos antes de iniciar a empreitada de escritura de suas memórias, escrito a Serviano a carta veiculada séculos mais tarde pela biografia de Saturnino na *História Augusta*. A questão é retórica, evidentemente – o memorialista yourcenariano é um personagem romanesco, e nada escreveu senão, de certa maneira, a carta a Marco Aurélio tornada livro de memórias. Mas seria plausível que Yourcenar deixasse traços, indícios, de que houvesse elaborado o parágrafo em nosso foco na forma de “um tipo de síntese autônoma e à distância operada por

⁴²³

Idem, 87

assim dizer de memória sobre o conjunto do texto a ser reduzido”, ou ainda, feito o seu Adriano escrevê-lo como se assim fosse. Não detectamos indícios claros de que haja feito qualquer das duas coisas, mas pareceu-nos interessante levantar a hipótese, e também observar que tal hipótese se coadunaria bem com uma razão plausível para a *poda* que incidiu sobre o tema da preeminência no Egito que Alexandria um dia teria tido em potencial: anos depois de haver construído Antinoé, e de esta cidade haver cumprido sua missão de sobrepujar Alexandria no comércio entre o império romano e o oriente, e assim no Egito, conforme mencionamos acima.⁴²⁴

Que Yourcenar haja ou não escrito o parágrafo em foco com a carta a Serviano na memória, e não diante de si, é tão possível como improvável, mas plausível. No nível do narrador, entretanto, a própria presença de muitos indícios da *hipertextualidade* havida entre esse parágrafo e a carta, de onde Yourcenar assume, na *Nota* (p. 280), haver deduzido que Lúcio pudesse ter estado em Alexandria com Adriano em 130, pode conduzir, de modo *alusivo*, o leitor que eventualmente haja lido a carta, a ver as informações que dela se encontram no romance concentradas naquele parágrafo, como informações reproduzidas “de memória” pelo autor de ambos os textos. Não se trata decerto de um indício forte de que Yourcenar tenha tido qualquer intenção de causar tal efeito, mas pareceu-nos relevante mostrar, através dessa hipótese, os meandros recônditos a que pode conduzir a investigação de um romance tão intensa, plural, e complexamente *hipertextual* como *Memórias de Adriano*.

Por último, ainda no âmbito da questão das reduções, desejamos observar que mesmo o *digest*, forma cuja descrição por Genette o exclui do campo da literariedade de alta extração, parece-nos contribuir com características isoladas para a análise de regimes de *hipertextualidade* tão complexos como os que vemos em ação no parágrafo em nosso foco. O *digest*, diz Genette, “apresenta-se como uma narrativa perfeitamente autônoma, sem referência a seu hipotexto, cuja ação

⁴²⁴ Citamos novamente a passagem em que o memorialista diz, lembrando-se de um tempo em que ainda não havia ascendido ao império: “[j]á entrevia a possibilidade de reduzir o papel de Alexandria fundando uma segunda metrópole grega nas vizinhanças do mar Vermelho, o que fiz mais tarde ao fundar Antinoé”. (p. 74)

ele toma diretamente para si”. Diferenciam-no justamente, em especial em relação ao *resumo*, que é outra das formas de *condensação*, a ausência de referência ao *hipotexto*, e a tomada da ação diretamente para si, como o que temos no parágrafo em foco.

Para resumir, no nosso ver, a grande categoria de *redução* que responde pela maior parte dos procedimentos de formação do parágrafo em foco é a *condensação*, mas outras categorias contribuem com características, e, na maior parte dos casos, nenhuma se presta perfeita ou exclusivamente à descrição dos casos em foco.

Uma última observação sobre a parte a respeito dos insultos aos acompanhantes de Adriano: a nota 1, página 72, do primeiro volume da *História Augusta* da edição Loeb-Heinemann diz que o *cognomen* “Verus” atribuído a Lúcio na *Vita Hadriani*, XXIII, 11, e na própria biografia de Lúcio na *História Augusta*, a *Vita Aelii*, II, 1 e 6, não consta em inscrições ou moedas, e parece resultar de uma confusão entre esse personagem e seu filho, que seria adotado mais tarde por Antonino Pio, e receberia, após a ascensão ao trono, o nome de Lúcio Aurélio Vero. O fato de ele ser chamado de “meu filho” na carta é um dos elementos que contribuem para a conclusão do editor da versão Loeb-Heinemann da *História Augusta* de que a carta a Serviano não seja genuína. Na nota 2, p. 400, do terceiro volume da obra, ele observa que Lúcio só seria adotado por Adriano em 136 d. C. Assim, seria um anacronismo que Adriano chamasse Lúcio de “meu filho” seis anos antes da adoção, quando da sua estadia em Alexandria, em 130 d. C. No parágrafo de *Memórias de Adriano* que fala de Lúcio em Alexandria na companhia do imperador com base na carta, nenhuma menção é feita à adoção, a qualquer filho, ou ao nome Vero ou Verus.

A imagem que o romance apresenta de Alexandria, ainda mais negativa, como foi dito acima, do que aquela veiculada pela carta,⁴²⁵ contribui para a

⁴²⁵ Parece-nos interessante lembrar, neste ponto, que, na *História Augusta*, a carta é veiculada com a função de constituir um testemunho sobre a baixa qualidade moral do povo egípcio. Podemos entender que *Memórias de Adriano*, neste sentido, restrinja o escopo da denúncia presente na carta, na medida em que, no romance, não é o povo egípcio como um todo que é caracterizado negativamente, mas sim mais especificamente o alexandrino. Para tal, é preciso considerar como *hipotexto* não somente a carta, mas também a passagem imediatamente anterior a esta, isto é, a última frase da seção *Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus*, VII, onde o autor expõe o propósito que o motiva a reproduzir a carta: trata-se de uma *transmotivação*, por assim dizer, ‘ligeira’, em que o

ambiência sombria que gradualmente se vai construindo, a partir, sobretudo, do momento em que o memorialista observa que “[i]mperceptivelmente, a luz mudou” (p. 150) – momento que precede e prepara, no relato memorialístico, o episódio da morte de Antínoo.

Passamos agora a outra parte da análise da hipertextualidade de *Memórias de Adriano* com a carta a Serviano: a *transposição* de elementos da carta para outras passagens do romance que não o parágrafo que vimos considerando. O último grupo de informações que consta na carta a Serviano foi utilizado, em *Memórias de Adriano*, em fechamento ao parágrafo que antecede aquele que contém a maior parte das informações *transpostas* desse *hipotexto*. Como esta, há também outras alterações na ordem de aparecimento das informações na *transposição* de um texto ao outro. Vejamos agora sobre uma informação deslocada do fim da carta para o fim do parágrafo de *Saeculum aureum* que antecede aquele que concentra a maior parte dos elementos transpostos da carta. Trata-se, na carta, da informação referente a certos cálices, ganhos por Adriano de um sacerdote, e que o imperador diz a Serviano ter-lhe enviado. Justapomos abaixo a passagem da carta em que esse grupo de informações se encontra, que reproduzimos novamente para efeito de comparação, e a passagem de *Memórias de Adriano* em que algumas dessas informações se encontram ficcionalizadas:

Enviei-te os cálices de coloração cambiante a mim ofertados pelo sacerdote de um templo, os quais dediquei especialmente a ti e a minha irmã, e que gostaria que usasses nos banquetes dos dias festivos. Cuida no entanto para que nosso Africanus deles não se utilize indulgentemente.⁴²⁶

O sacerdote do templo de Serápis ofereceu-me um serviço completo de opalina; enviei-o a Serviano, com quem procurava manter relações suportáveis em atenção a minha irmã Paulina. (pp. 165-166)

novo *motivo* gerado no *hipertexto* pode ser definido como: falar mal, não mais dos egípcios em conjunto, mas mais especificamente dos alexandrinos. Como no caso de muitas outras transposições em *Memórias de Adriano*, é preciso decidir se se considera, por exemplo, a *História Augusta* por inteiro como o *hipotexto*, ou somente uma seção da obra, ou uma passagem desta, o que escapa um tanto quanto ao estritamente previsto, ou pelo menos predito, por Genette.

⁴²⁶

Firmus, Saturninus, Proculus et Bonosus, VIII, 10. Tradução nossa.

Na carta, não é fornecido nenhum *motivo* para o oferecimento do presente a Serviano.⁴²⁷ Em *Memórias de Adriano*, o memorialista justifica seu ato de presentear um homem que ele próprio vinha caracterizando como um rival, e sobre o qual o leitor soubera, no capítulo *Varius multiplex multiformis* (p. 48), que ele havia procurado impedir Adriano de agradar a Trajano. A hostilidade que, no romance, o protagonista atribui a Serviano parece ter por base essencialmente a informação veiculada pela *Vita Hadriani*, (XV, 8; XXIII, 2; 8), sobre a execução de Serviano por ordem de Adriano, e também aquela sobre a tentativa que o primeiro teria feito de sabotar a iniciativa de Adriano, quando este era ainda um general, de ir dar a Trajano a notícia da morte de Nerva e da consequente ascensão do primo ao poder. A justificativa do memorialista yourcenariano para o presente oferecido ao rival consiste em dizer que procurava, à época do episódio, manter boas relações com sua irmã - o que decerto poderia implicar também a manutenção de um relacionamento cordial com o marido desta.⁴²⁸ Se a carta não apresenta explicitamente qualquer *motivo* para o oferecimento do presente, e se o memorialista yourcenariano o tributa a uma atitude diplomática sua para com o cunhado, houve, na *transposição* para *Memórias de Adriano*, o que Genette chama de *motivação*, definida como consistindo na introdução, no *hipertexto*, de um *motivo*, ali onde o *hipotexto* não apresenta nenhum, e definida ainda como uma resposta à pergunta “porque?”⁴²⁹ – neste contexto, “porque Adriano enviou [ou ‘porque enviei’] um presente a Serviano?”.

Outra diferença: ao passo que na carta nada é dito sobre a que templo pertenceria o sacerdote que ofereceu os cálices, nem sobre o material de que era

⁴²⁷ Entendemos que o fato de Adriano dizer, na carta a Serviano, que deseja que o cunhado utilize os cálices em dias festivos não constitui um caso de *motivo*, em termos genettianos, mas sim do que chamaremos de um *propósito*: não um “porque”, mas um “para que”.

⁴²⁸ Ressaltamos o contraste entre os enfoques da carta e de *Memórias de Adriano* neste ponto. Na carta, o remetente declara a Serviano haver dedicado os cálices “especialmente” a ele e à irmã, e Paulina parece encontrar-se no mesmo plano que o marido na consideração de Adriano; no romance, por sua vez, é “em atenção a minha irmã Paulina” que o memorialista diz ter procurado um dia manter relações “suportáveis” com o cunhado, razão alegada para o envio do presente.

⁴²⁹ GENETTE. *Palimpsestes*, op. cit., p. 372

feito o presente, em *Memórias de Adriano*, o templo é qualificado como sendo o “de Serápis”,⁴³⁰ e o material do presente, como sendo a opalina; além disso, de “alguns cálices” (em latim, simplesmente “calices”, sem qualquer determinante) passa-se a “um serviço completo de opalina”.

A especificação que qualifica o templo talvez sirva no romance para reforçar a imagem de Adriano como um homem que busca não alimentar preconceitos com relação a religiões e práticas estrangeiras: após algumas considerações, sim, um tanto negativas sobre a volubilidade religiosa dos adoradores do deus egípcio Serápis, a informação sobre o presente oferecido pelo sacerdote desse deus ao imperador contribui para dar deste último a imagem de um homem que usa de diplomacia, e evita radicalismos e conclusões precipitadas e definitivas; tem suas reservas para com a forma, que lhe parece um tanto caótica e promíscua, da religiosidade variada com que se depara em Alexandria, mas nem por isso deixa de se relacionar com praticantes das diversas religiões, e mesmo prestigiar formalmente os diferentes cultos.

A especificação sobre o material de que era feito o presente pode ser vista da seguinte maneira: o autor da carta não menciona o material, talvez, porque o destinatário⁴³¹ houvesse de saber de que tipo de artefato se tratasse. Segundo a mesma lógica, tampouco o Adriano yourcenariano precisaria especificar o material para Marco, mas nada implica em que não o fizesse, e ao fazê-lo, Yourcenar, mediante seu narrador, enriquece imagisticamente o episódio para os olhos do leitor contemporâneo, talvez com base em conhecimentos de que a matéria opalina produzisse o efeito de mudança de coloração a que alude a carta, e de que se

⁴³⁰ Parece-nos conveniente, neste passo, fazer observar que a língua latina não dispõe de artigos definidos ou indefinidos, de tal modo que um sintagma nominal como “sacerdos templi” pode ser traduzido alternativamente como “o sacerdote do templo”, “um sacerdote de um templo”, “um sacerdote do templo”, e ainda outras formas, conforme o contexto em que se encontre. A tradução para o inglês que consultamos, da edição Loeb-Heinemann, fez “the priest of a temple” (p. 401), e é seguindo essa interpretação que propusemos a tradução “o sacerdote de um templo”.

⁴³¹ Destinatário a ser entendido também possivelmente como o público em geral a que se destinaria um documento forjado, no caso de não se tratar de uma carta autêntica.

tratasse, permitimo-nos supô-lo, de substância comumente utilizada na produção de utensílios desse tipo.⁴³²

Quanto à exortação, veiculada pela carta, a que Serviano evite permitir que “nosso” Africanus “se utilize indulgentemente” do presente, o editor da versão da *História Augusta* por nós consultada declara em nota que a identidade do referido Africanus não é conhecida, e opina que se trata provavelmente de um personagem fictício.⁴³³ A forma da menção a esse Africanus “nosso”, em fecho da carta, que ao que tudo indica constitui um gracejo, com *caráter alusivo* a certo conhecimento partilhado pelos dois homens, - uma, digamos, “piada interna” -, nos parece denotar intimidade – uma intimidade que Adriano teria com o lar da irmã e seus “banquetes dos dias festivos” e seu patriarca, Serviano, e ainda com pessoas conhecidas de ambos os homens – Africanus seria talvez um escravo, ou um escravo liberto, a serviço de Serviano, ou um seu familiar. Com essa sugerida intimidade em vista, podemos entender de outra maneira o procedimento *transposicional* de Yourcenar neste passo, e considerar que se trate ali de uma *transmotivação*, ao invés de uma simples *motivação*, isto é, da remoção de um *motivo*, e sua substituição por outro. Para entendermos esta perspectiva alternativa, devemos ter consideração que Gérard Genette propõe, sim, em *Palimpsestos*,⁴³⁴ a categoria de *transposição* que nomeia *motivação*, isto é, a introdução de um motivo ali onde não havia um, mas que mais adiante no texto, ao refletir sobre o fenômeno que denomina “a pressão semântica ambiente”, o teórico evoca o “terrível princípio *não há conduta sem motivo*”,⁴³⁵ e especifica que esse *motivo* não precisa encontrar-se literalmente manifesto, para que sejamos conduzidos a identificar, com base no repertório

⁴³² Por não se tratar de um ponto crucial para nosso propósito neste estudo literário, não empreendemos busca por informações sobre a opalina ou sua eventual utilização na produção de cálices de coloração cambiante na antiguidade tardia; restringimo-nos a tecer considerações acerca do que nos parece ser uma possível razão estética para os acréscimos de Yourcenar nesse passo.

⁴³³ **SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE**, vol. 3, *op. cit.*, p. 401, nota 6

⁴³⁴ GENETTE. **Palimpsestes: la littérature au second degré**, *op. cit.*, p. 372

⁴³⁵ *Idem*, p. 376. Tradução nossa: “terrible principe *pas de conduite sans motif*”.

limitado da “nossa vulgata psicológica”, um *motivo* para toda conduta.⁴³⁶ Ora, no caso de uma carta endereçada a um cunhado “caríssimo”, em que o remetente evoca banquetes na casa deste último, tenderemos a atribuir, à conduta em que consiste o envio de um presente, um *motivo* que consiste no desejo de cultivar uma amizade, ou ao menos naquele de demonstrar solicitude e benevolência para com um coparente, que é também um colega enquanto homem público e cônsul do Império romano. Se dermos a carta por autêntica, a motivação do Adriano histórico para finalizá-la com um comentário em tom jocoso, até onde se pode saber, bem poderia ter sido um desejo sincero de selar uma intimidade genuína e sentida, no momento da vida em que teria sido escrita a carta, por mais que outras motivações pudessem estar concorrentemente em jogo.

O Adriano yourcenariano, por seu turno, nada diz a Marco, em conexão com oferecimento de um presente a Serviano, sobre banquetes ou pessoas próximas do cunhado; associa o ato do oferecimento ao desejo de aprazer tão somente a Paulina. Nesta perspectiva, houve então *transmotivação*, com a supressão do *motivo* que podemos dizer genuinamente amistoso por um *motivo* que diremos diplomático e falsamente cordial. A informação sobre a frequência da casa de Paulina e Serviano, por sua vez, aparece, sim, no romance, mas um tanto adiante, já no capítulo *Disciplina Augusta*, e desvinculada da informação sobre os cálices. Ali, em um parágrafo em que o memorialista fala sobre as razões que teve para ordenar a morte do cunhado nonagenário, ele informa primeiramente que, antes do falecimento de sua irmã, “o rancor entre nós [Serviano e Adriano] conservava as aparências”, e assim “[a] cada regresso a Roma, eu aceitava, por decência, assistir a uma daquelas refeições de família nas quais nos mantemos sempre em guarda”. Não fala especificamente em dias festivos, mas a hipótese de que a informação haja sido haurida à carta a Serviano é reforçada pelo fato de seguir-se imediatamente a já referida informação sobre a correspondência trocada entre os dois homens (p. 219). Como em outros casos em *Memórias de Adriano – hipertexto* que sem dúvida *ampliou* textos de, por exemplo, historiadores do reinado - informações justapostas

⁴³⁶

Idem, p. 376-378

ou separadas por porções relativamente pequenas de texto no *hipotexto*, foram, ao serem transpostas para o *hipertexto*, separadas por porções maiores de texto.

Há ainda um elemento que se encontra na carta a Serviano que foi utilizado no romance em separado, isto é, em uma posição no texto relativamente distante do parágrafo que concentra a maior parte dos elementos apropriados a esse *hipotexto*. Trata-se da frase sobre os frangos que os alexandrinos punham para chocar de uma maneira que o autor da carta declara julgar constrangedor referir. O editor da versão Loeb-Heinemann da *História Augusta* que consultamos observa, em nota, que Aristóteles, na *História dos animais*, VI, 2, reporta que os egípcios enterravam os ovos em amontoados de esterco para fazê-los chocar.⁴³⁷ No *Caderno de notas* (p. 261), onde diz haver lido livros da extensa coleção Loeb-Heinemann, Yourcenar não diz quais obras consultou nas versões dessa coleção, mas é plausível que a nota a que nos referimos, e a passagem da carta a que remete, hajam contribuído em conjunto para o trecho, próximo do fim do capítulo *Saeculum aureum*, que reproduzimos abaixo:

[c]erta manhã, apoiado à amurada, avistei na parte reservada às cozinhas um escravo que limpava um desses frangos que o Egito choca aos milhares em fornos sem higiene; ele pegou com as mãos na massa viscosa das entranhas e atirou-as na água. Só tive tempo de voltar a cabeça para vomitar. (p. 179)

Ao invés de amontoados de esterco, o texto de Yourcenar traz “fornos sem higiene”, e é importante lembrar que entre a época em que viveu Aristóteles e aquela em que viveu Adriano passaram-se séculos, de modo que é também possível que a nota do editor a que nos referimos não seja a fonte da especificação do modo como os egípcios poriam para chocar os ovos. Mais certo parece, entretanto, que a parte de informação presente no texto da carta propriamente dita tenha servido de *hipotexto* para essa passagem, sobretudo em vista do fato de que tantos mais elementos da carta claramente foram utilizados pela romancista.

No contexto da carta, a informação sobre os frangos se encontra vinculada ao desejo expresso por Adriano de que o povo alexandrino possa se alimentar desses

⁴³⁷

SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE, vol. 3, *op. cit.*, p. 401, nota 4

frangos, a despeito do modo como são produzidos. Trata-se de um aporte de um historiador que consoa com a imagem que Yourcenar formou de Adriano: o autor da carta acaba de falar da maledicência e de toda uma série de defeitos que vê nos alexandrinos, e então ele exprime esse voto de que consigam viver conforme seu próprio costume, no que se pode ver uma parcial reprovação, mas também uma parcial aceitação de diferenças. Em *Saeculum aureum*, a informação sobre os frangos não é associada em específico a Alexandria, mas sim ao Egito em geral; os frangos são quantificados: são chocados “aos milhares”; e sobretudo, no novo contexto, a imagem formada a partir da informação sobre os frangos egípcios tem uma função estética particular: ao ver um escravo esvaziando um frango de suas entralhas, Adriano, que havia pouco assistira ao embalsamamento de Antínoo, vomitou. A imagem participa junto a outras na ambiência lúgubre que se segue à morte e aos funerais do favorito imperial. Trata-se de uma passagem particularmente escatológica de um parágrafo em que o memorialista, mergulhado em sentimentos vivenciados em outra época, declara que, então, segundo a sua percepção, “[a] morte penetrava em toda parte sob a forma de decrepitude e podridão”. No conjunto, trata-se novamente de uma *transmotivação*: na carta, um último comentário negativo sobre o país elogiado por Serviano, com que Adriano reafirma sua parcial rejeição aos costumes locais e a certas atitudes que os alexandrinos tiveram para com seu imperador, ao mesmo tempo em que suaviza o tom de animosidade com o voto de que esses costumes não prejudiquem o povo local: voto de que, bem ou mal, este possa se alimentar daquilo que produz. Ao episódio do frango, segue imediatamente um outro episódio, com cujo comentário o memorialista encerra esse parágrafo de confabulações e reminiscências fatalistas e mórbidas. Trata-se de um episódio cujo *hipotexto* é referido pela própria autora na *Nota*, onde faz também a admissão de uma liberdade de ficcionalização assumida:

O episódio da criança que caiu de um balcão durante uma festa, situado [em *Memórias de Adriano*] durante a escala de Adriano em File, é extraído de um relatório dos *Papiros de Oxirrínco*, e passou-se na realidade cerca de quarenta anos depois da viagem de Adriano ao Egito. (p. 280)

O papiro em questão foi publicado na mesma coleção Loeb-Heinemann referida acima e consiste em uma requisição para que providências sejam tomadas por parte de uma autoridade local; inclui datação do dia 7 do mês chamado Hathur do vigésimo terceiro ano do governo de Cômodo, a contar-se a partir de quando este último começou, em 169 d. C., a governar conjuntamente com o pai, Marco Aurélio. O documento é então do ano de 182 d. C., mais de quarenta anos depois da viagem de Adriano ao Egito. No texto, escrito em grego, Hierax, estrategista de Oxirrínco, encaminha a seu assistente, Cláudio Sereno, uma requisição enviada por um certo Leônidas, morador no vilarejo de Senepta, em que Leônidas pede que o estrategista envie um de seus assistentes a Senepta, acompanhado de um médico público, para examinar o cadáver de um escravo de cerca de oito anos de idade, falecido no dia anterior ao cair do alto de uma casa de onde se debruçara para tentar ver a apresentação de um grupo de dançarinos. Leônidas pede ainda que o assistente tome as medidas necessárias para o enterro do corpo do menino morto. A requisição de Leônidas é citada após curta introdução em que Hierax diz ao assistente que atenda ao pedido e a seguir, juntamente com o médico, escreva um relatório.

A *transposição* de elementos desse papiro para *Memórias de Adriano*, além do deslocamento temporal, passa por uma *vocalização*, com as alterações que acompanham desaparece o tom burocrático e a estrutura de documento – que, neste caso, inclui dentro de si um outro documento citado. Desaparecem os nomes dos envolvidos todos: Hierax, Cláudio Sereno, Leônidas e seu genro Plution, em cuja casa se deu o acontecimento referido pelo papiro, e também o nome da mãe de Leônidas, Tauris, fornecido aparentemente por razões protocolares da burocracia. Mesmo o nome do menino escravo, Epafroditos, desaparece. Aliás, com a exceção deste último, desaparecem não somente os nomes, mas os próprios personagens. O local da ocorrência é também transferido de Senepte para File, e da casa de Plution para um lugar não explicitamente identificado onde o governador de File teria oferecido uma festa para Adriano e sua comitiva. A idade do escravo é alterada de oito para três anos, talvez visando maior efeito dramático. Ao invés de cair do alto de uma casa, em *Saeculum aureum*, é das galerias do primeiro andar que o menino

caiu. Se no romance, com a exceção do menino, não aparecem os personagens concernidas no papiro, há entretanto um personagem que é acrescentado – um pai para o pequeno escravo, um porteiro núbio, e com esse ascendente uma cor de pele para a criança, descrita pelo memorialista como sendo “negra como o bronze”. O personagem do pai introduzido por Yourcenar serve a um propósito dramático bem particular: Adriano, que há pouco perdeu Antínoo, inicialmente se compunge, identificado com “o sentimento dessa dor de pai”, que compara à dor sofrida por grandes personagens míticos e históricos, Hércules, Alexandre e Platão, ao perderem entes queridos. Mas, apenas dois dias mais tarde, Adriano vê o porteiro “tranqüilamente estendido ao sol, atravessado na soleira da porta”, catando seus piolhos – imagem que desfaz aquela de uma grande dor que fosse exigir um trabalho de luto prolongado. O comentário encerra um parágrafo que, com algumas imagens mórbidas conforme vimos, questiona o valor daquilo que se faça em homenagem aos mortos. No início do parágrafo, o memorialista, reavivando confabulações que outrora haviam povoado sua mente, diz que

[a] fundação de Antinoé não passava de um passatempo irrisório: uma cidade a mais, um abrigo oferecido às fraudes dos mercadores, ao peculato dos funcionários, à prostituição, à desordem, aos *covardes que choram seus mortos para depois esquecê-los*. (p. 178. Grifo nosso)

Pode-se perceber, no pessimismo do imperador quanto ao valor da homenagem que a construção de uma cidade em homenagem a Antínoo pudesse ter realmente, a impressão da onipresença da morte e da decrepitude, e a ideia de que o olvido em que caem os mortos resulte de uma baixa qualidade de parte daqueles que lhes sobrevivem – ideia que encontra eco logo adiante no aparente descaso do porteiro núbio pouco após a morte do filho de três anos.

Esse parágrafo mórbido marca – mas não esqueçamos que a narrativa é memorialística – um momento de recaída do Adriano enlutado. Não muito antes, quando Antínoo ainda não havia sido embalsamado e sepultado, ele demonstrava mais otimismo, na maneira de encarar a realidade da morte e a valia da construção da cidade:

Antinoé ia nascer: impor àquela terra sinistra uma cidade totalmente grega, um bastião que inspiraria respeito aos nômades da Eritréia, um novo mercado na estrada da Índia, seria *uma forma de vencer a morte*. Alexandre celebrara os funerais de Heféstion através de devastações e hecatombes. Parecia-me mais emocionante oferecer ao favorito uma cidade onde seu culto estaria para sempre misturado ao movimento da praça pública, onde seu nome seria mencionado nas reuniões noturnas, quando os rapazes atirariam guirlandas de flores uns aos outros, à hora dos banquetes. (pp. 172-173. Grifo nosso)

Antes de tornarmos à análise do aproveitamento *hipertextual* da carta a Serviano, desejamos mostrar o interessante uso de um *hipotexto* identificável no parágrafo reproduzido acima. Plutarco reporta que, ao morrer seu amado Heféstion, Alexandre teria se consolado fazendo a guerra, caçando homens e devastando uma nação, considerando esses feitos como um sacrifício, uma oferenda à sombra de seu bem amado. Plutarco segue dizendo que Alexandre se dispôs a despende uma grande soma de dinheiro no funeral e na construção da tumba de Heféstion, e que para essa construção ele gostaria de ter podido contar com Estesícrates, em razão da capacidade de inovação deste, da sua magnificência e da sua ousadia. Esse arquiteto, relata ainda Plutarco, havia dito a Alexandre que o monte Atos, na Trácia, era o mais apto a ser esculpido na forma de um homem, e que, se Alexandre assim o desejasse, ele poderia fazer daquele monte uma imensa estátua do rei, que teria em sua mão esquerda uma cidade de dez mil habitantes, e de cuja mão direita fluiria um rio. O comentário de Plutarco que segue essa informação parece ter certo tom de crítica, quando diz que Alexandre declinou dessa proposta mas, para homenagear Heféstion, fez, com os artistas de que dispunha, projetos bem mais estranhos e dispendiosos do que o proposto por Estesícrates.⁴³⁸ Ora, nada aí diz especificamente que Alexandre haja escolhido, para homenagear Heféstion, uma alternativa entre “devastações e hecatombes” e a construção de uma cidade. O rei tomou, sim, a decisão de promover devastações e hecatombes, entre outras formas de homenagear Heféstion e, para a tumba deste último, fez projetos que Plutarco

⁴³⁸

PLUTARCO. **Alexandre**, LXXII.

avalia como menos interessantes do que o complexo proposto por Estesícrates, e que envolveria a construção de uma cidade. Esse complexo homenagearia ao próprio Alexandre, e não a Heféstion. O Adriano histórico, por sua vez, construiu uma cidade em homenagem a Antínoo, conforme reportado pela *História Romana*, LXIX, 11, 2. A autocomparação pelo memorialista yourcenariano contrasta o aspecto construtivo de sua opção com a fúria de Alexandre: a forma de vencer a morte do grande homem que Trajano tomara por modelo havia envolvido mais morte, a de Adriano envolveria o nascimento de uma cidade e a revitalização de uma região. Parece-nos interessante ressaltar neste ponto uma característica do “caráter alusivo” desta passagem de *Saeculum aureum*: para o leitor que haja lido o *Alexandre* de Plutarco, talvez venha à lembrança o projeto de Estesícrates, ao qual se pode considerar que a passagem remeta obliquamente; para o leitor que desconheça de tudo a informação, ou que não identifique a remissão um tanto quanto sutil, nada se perde – o *hipertexto* esclarece tudo aquilo que é essencial que ele compreenda.

2.5. DISCIPLINA AUGUSTA

O quinto capítulo de *Memórias de Adriano* é mais um que tem por título uma expressão que um dia constituiu uma legenda monetária do reinado de Adriano: *Disciplina Augusta*.⁴³⁹ Uma vez mais, conforme Rémy Poignault, a significação original de uma legenda monetária é interiorizada. Poder-se-ia colocar, em termos genettianos, que sua significação haja sofrido *transvalorização*:

M. Yourcenar dá uma significação pessoal e interiorizada àquilo que era, antes de mais nada, propaganda política. A legenda *Disciplina Augusta* tinha, de fato, um valor estritamente militar, de que dão testemunho os reversos dessas moedas: há diferentes tipos delas,

⁴³⁹ Cohen, **Description historique des monnaies frappées sous l'Empire romain**, Paris, 1882 (segunda edição), tomo II, p. 540-549; Mattingly, **Coins of the Roman Empire in the British Museum**, Londres, 1976 (primeira edição, 1936), tomo III, p. 602, p. 1484-1489. *Apud* POIGNAULT, R. “Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien”, *op. cit.*, p. 19, nota 26

mas sempre se vê ali o imperador na companhia de militares (...). Em *Memórias de Adriano*, por seu turno, a expressão se aplica à vida interior de Adriano, visto ser ele que dá a si próprio uma disciplina afim de chegar a uma serenidade feita de resignação, afim de lograr a aceitação das “conveniências do (seu) ofício de imperador” (...), assim como de sua condição de homem (...).⁴⁴⁰

A expressão não comparece, no romance, somente no título de seu penúltimo capítulo, mas também anteriormente, em uma passagem do capítulo *Varius multiplex multiformis*, em que o memorialista declara haver inventado, quando ainda não era imperador, mas atuava como general-em-chefe na primeira guerra sármata, uma “moda” cujo alcance estenderia “mais tarde”:

Desde as primeiras campanhas dácias, para cada manada de bois ou rebanho de carneiros ostensivamente tomados ao inimigo, eu vira intermináveis desfiles de gado extorquido aos habitantes. Se esse estado de coisas persistisse, estaria próximo o momento em que nossas populações camponesas, cansadas de suportar nossa pesada máquina de guerra, acabariam por preferir os bárbaros a nós. A rapinagem da soldadesca representava um problema menos essencial talvez, mas muito mais evidente. Eu era bastante popular para não ter receio de impor às tropas as mais duras restrições; lancei em moda uma austeridade que eu próprio praticava; inventei o culto da Disciplina Augusta, que consegui, mais tarde, estender a todo o exército. (p. 64)

Essa menção antecipa uma segunda ainda, figurada em uma passagem do capítulo *Tellus stabilita*, ao fim de um longo parágrafo em que o memorialista reporta e justifica suas medidas no sentido da organização da força militar romana:

Anulei os privilégios; proibi as licenças demasiado freqüentes concedidas aos oficiais; fiz desobstruir os acampamentos de suas salas de banquetes, dos seus pavilhões de prazer e dos dispendiosos jardins. Essas edificações inúteis foram transformadas em enfermarias e em asilos para veteranos. Recrutávamos nossos soldados numa idade muito tenra e os mantínhamos em atividade até

⁴⁴⁰ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”, *op. cit.*, p. 14. Tradução nossa: “M. Yourcenar donne une signification personnelle et intériorisée à ce qui était avant tout propagande politique. La légende *Disciplina Augusta* avait en effet, une valeur strictement militaire comme en témoignent les revers de ces monnaies: il en existe différents types, mais toujours on y voit l'empereur en compagnie de militaires (...). Dans *Mémoires d'Hadrien*, en revanche, l'expression s'applique à la vie intérieure d'Hadrien puisque c'est lui que se donne une discipline afin d'arriver à une sérénité faite de résignation, afin de parvenir à l'acceptation des “convenances de (son) métier d'empereur...” (...) ainsi que de sa condition d'homme (...)”

muito velhos, o que era ao mesmo tempo pouco econômico e cruel. Modifiquei tudo isso. A *Disciplina Augusta* tem o dever de participar da humanização do século. (p. 108)

Mediante essas duas menções, a significação militar original da expressão em nosso foco resulta explicitada e explicada, de modo que esta comparece, antecipando aquela outra, interiorizada, que o *hipertexto* lhe confere a seguir no capítulo que a toma por título. Essa significação militar, por sua vez, no contexto desta última menção, encontra-se vinculada também, como se vê, a um dever de “humanização”, e o parágrafo que se encerra com a última passagem citada se insere em uma sequência textual em que o narrador confabula sobre as responsabilidades do homem de Estado, e sua própria atuação humanizadora nesse sentido.

Finalmente, no capítulo que nomeia, a significação da expressão passa a concernir à vida privada de Adriano, e seu esforço para superar a frustração da perda de seu objeto de amor, com a morte de Antínoo. *Disciplina Augusta* (pp. 183-231) se constitui em boa parte de descrições e confabulações sobre o que pode ser visto como sucessivas estratégias do apaixonado para suportar a dor e sobrepujar, vencer o luto – estratégias envolvendo dedicação a leituras e trabalhos, projetos, etc..

Mas o capítulo também envolve acontecimentos que exigiram a atenção do homem público Adriano, que, a despeito do abalo de sua fortaleza pessoal, precisou manter-se suficientemente firme e capaz de gerir incumbências - marcadamente a guerra da Judéia, e, quando de retorno dela, a preparação de sua sucessão, a escolha e adoção de um herdeiro para o trono. Esse herdeiro por fim será Antonino Pio, e também a sucessão a este é articulada por Adriano, de modo a garantir continuidade a suas políticas. Marco Aurélio sucederá a seguir, adotado por Antonino Pio a pedido de Adriano. Mas, previamente à opção por Antonino Pio, o imperador adotou outro homem, Lúcio Ceião Cômodo. Coroando uma sucessão de infortúnios e frustrações – morte de Antínoo, a guerra da Judéia - Lúcio terminaria por falecer antes do próprio imperador.

Vimos, páginas atrás, que uma seção do ensaio de Wilhelm Weber foi intitulada *The Augustan model*,⁴⁴¹ e mostra referências que a gestão de Adriano fazia àquela de um antecessor imperial em particular: Augusto. A *Disciplina Augusta*, tanto enquanto política institucional para as legiões quanto como legenda monetária, faz também evidente referência ao fundador do Império e da Paz romana, e é evocando o infortúnio que atingiu o sucessor adotivo de Augusto que o memorialista yourcenariano comenta o seu próprio, em uma passagem onde aparece, *citado* diretamente no latim original, um *hipotexto*, que consiste em uma passagem da biografia de Lúcio da *História Augusta*, a *Vita Aelii*. O nome da biografia se deve ao fato de que, após sua adoção por Públio Élio Adriano, Lúcio recebeu o nome de família de seu pai adotivo, Élio (*Aelius*). Na *Vita Aelii*, IV, 1-6, conforme já referimos páginas atrás, na Parte I de nossa exposição, reportam-se réplicas de um curto diálogo entre Adriano e um literato. Em *Memórias de Adriano*, palavras proferidas nesse diálogo são *citadas* em latim pelo memorialista, sem qualquer referência ao diálogo: somente a *citação* latina, que é já *citação* na própria *Vita Aelii*, é *transposta*. Segundo a passagem da biografia de Lúcio, essa *citação*, oriunda da *Eneida* de Virgílio,⁴⁴² teria sido feita por Adriano, em diálogo com o literato, à época em que Lúcio dava sinais de que não sobreviveria. Em *Memórias de Adriano*, por seu turno, o memorialista relembra havê-las recitado outrora junto ao leito de morte de Lúcio, sem reportar que houvesse havido qualquer resposta de quem quer que fosse.

No caso dessa *citação* latina, não é fornecida, no romance, nenhuma tradução, mas o contexto explica suficientemente a situação, de modo que o leitor não tem a impressão de uma perda de sentido particularmente obstaculizante.

“*Tu Marcellus eris...*” Repetia para mim mesmo os versos de Virgílio consagrados ao sobrinho de Augusto, ele também destinado ao império, e que a morte detivera a meio caminho. “*Manibus date lilia*

⁴⁴¹ WEBER, W. **Hadrian**. In: Cambridge Ancient History, vol. XI, **The imperial peace**. Cambridge University Press, *op. cit.*, pp. 294-324

⁴⁴² O conjunto da passagem de onde foram tirados os versos que teriam sido citados pelo Adriano histórico segundo a *Vita Aelii*, e também os segmentos de versos citados pelo Adriano yourcenariano - dentre as quais um, “[t]u Marcellus eris” não é comum aos dois textos citantes - é: VIRGÍLIO, *Eneida*, VI, 869-886.

plenis... Purpureos spargam flores.... O amante das flores só receberia de mim inanes ramos fúnebres. (p. 228)

No romance, logo antes das palavras de Virgílio havidas em comum com a *Vita Aelii*, o memorialista cita em latim um outro segmento de verso da mesma passagem de Virgílio - “*Tu Marcellus eris...*” – para a seguir explicitar a referência da *citação*, e explicar seu contexto de origem, concomitantemente esclarecendo o paralelo que traça com a situação em que ele próprio recitara as palavras. Trata-se de um segmento de verso que *Vita Aelii* não diz que Adriano haja recitado. Neste caso a *citação* foi feita por Yourcenar, através de seu narrador, ao que tudo indica diretamente a partir de Virgílio: “[t]u Marcellus eris...”. As reticências que seguem os três segmentos textuais constam somente no romance, e denotam a reticência de Adriano, seu estado de consciência pensativo ante a gravidade da situação, e o paralelo que traça com a situação em que Augusto se encontrara outrora, ao morrer-lhe o sucessor adotivo.

As palavras de Virgílio citadas em latim na passagem de *Memórias de Adriano* em foco podem ser traduzidas respectivamente como: “[s]erás Marcelo...” (o sobrinho de Augusto), “dai lírios a mãos-cheias... espargirei flores purpúreas”.⁴⁴³ Os dois últimos segmentos são, na *Eneida*, sucessivos na mesma ordem, e não separados por reticências. As últimas palavras da passagem da *Eneida* citadas na *Vita Aelii*, que seguem esses segmentos, dizem, para resumir, que as oferendas de flores de que se fala ali honrarão Marcelo, mas que o expediente será inútil. Na última frase da passagem de *Memórias de Adriano* em foco, um cognato do termo latino “inani” que aparece no último verso da *Eneida* citado na *Vita Aelii*, pode ser considerado como acentuando, para um leitor que conheça essa biografia de Lúcio, e/ou a obra de Virgílio, o “caráter alusivo”, remissivo, da passagem do *hipertexto* - são justamente “inanes” os ramos fúnebres que Lúcio, que era um apreciador de

⁴⁴³ Oferecemos nossa tradução desperocupada com a métrica, com o fim de dar algum acesso àquilo que um leitor com algum grau de compreensão do latim possa depreender da leitura dessas palavras, no contexto em que se encontram no *hipertexto*, ainda que desconheça a passagem da *Eneida*.

arranjos florais, haveria de receber em breve, ao morrer. A *Vita Aelii*, V, 7, reporta que se dizia que Lúcio fazia sofás e mesas de rosas e lírios.

2.6. PATIENTIA

O último capítulo de *Memórias de Adriano* tem também por título uma palavra que constituiu uma legenda monetária do reinado de Adriano: *Patientia*.⁴⁴⁴ Em *L'empereur Hadrien*, Raymond Chevalier e Rémy Poignault mencionam essa legenda entre aquelas que dizem respeito a “os méritos e as virtudes do príncipe: CLEMENTIA, INDVLGENTIA, *PATIENTIA*, PIETAS, TRANQVILLITAS, VIRTVS”,⁴⁴⁵ e em “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*” Poignault observa que Mattingly situa essa moeda entre 128 e 132 d. C., ao passo que em *Memórias de Adriano* ela aparece mais ao fim do reinado.⁴⁴⁶ De fato, à diferença das demais legendas utilizadas como *títulos*, esta comparece mencionada no romance também enquanto a legenda monetária que foi um dia, e trata-se de uma *citação* direta em latim no corpo do texto, a qual, neste caso, não vem seguida de uma *tradução*.⁴⁴⁷

⁴⁴⁴ COHEN 1010; Mattingly 525, apud POIGNAULT, “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”, *op. cit.*, p. 19, nota 26

⁴⁴⁵ POIGNAULT, R.; CHEVALIER, R. **L'Empereur Hadrien**, p. 114-115. Grifo nosso. Os demais méritos e virtudes feitos legendas podem ser traduzidos como clemência, indulgência, piedade (no sentido de devoção religiosa), tranquilidade, e virtude.

⁴⁴⁶ POIGNAULT, R. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”, *op. cit.*, p. 19, nota 26. É, segundo Poignault, mais um caso em que há desencaixe entre a época em que uma legenda monetária existiu e a época abrangida pelo conteúdo do capítulo que a tomou por título: uma liberdade que Marguerite Yourcenar parece ter se dado – e é importante levar em conta que, se por um lado não se pode ignorar que se trata de legendas monetárias desse reinado, por outro lado os conteúdos semânticos dessas legendas evocam também outras conexões, relacionam-se de diversas maneiras com a cultura greco-romana, e também, conforme vimos procurando mostrar, com a vida privada do personagem-narrador yourcenariano em foco.

⁴⁴⁷ É importante ter em vista que, em francês, talvez mais do que em português, essa palavra latina traz à mente facilmente seu cognato, o francês “patience”, mesmo para o leitor que não conheça o latim, e é improvável que haja comprometimento da compreensão do texto – o que seria, segundo a classificação genettiana, algo que caracterizaria uma *alusão*, em sentido estrito

As simples palavras de Antonino convenceram-me; retomarei posse de mim mesmo antes de morrer. A morte de Iolas, fiel ao dever de médico, exorta-me a conformar-me até o fim com as conveniências do meu ofício de imperador. *Patientia*: falei ontem com Domício Rogato, nomeado procurador das moedas e encarregado de presidir a uma nova cunhagem; escolhi esta legenda, que será a minha última determinação. (p. 240)⁴⁴⁸

Se Mattingly tiver razão quanto à datação da legenda, então *Patientia* não há de ter sido a “última determinação” de Adriano perto do fim do reinado, - ou pelo menos não de modo a corresponder ao período encerrado no último capítulo, - e algumas associações que se fazem com essa palavra neste último capítulo mostram que, uma vez mais,⁴⁴⁹ se a legenda fazia referência à política do homem público, o título *hipertextualmente* derivado dela o faz também,⁴⁵⁰ a uma fase da vida privada desse homem, e o conteúdo semântico da legenda em questão é então, para utilizar a palavra de Rémy Poignault,⁴⁵¹ interiorizado. É o que se pode ver na passagem de *Memórias de Adriano* acima, em que a legenda monetária *Patientia* aparece citada no corpo do texto; ali a palavra latina se encontra associada, não somente à política representada na numismática do reinado, mas também, através das frases que antecedem e introduzem a palavra, a uma determinação interior do imperador enfermo: a de retomar a posse de si, no sentido de conformar-se com o sofrimento que a doença lhe proporciona, e a de manter-se fiel aos seus deveres enquanto imperador, desistindo do suicídio. Essa passagem se encontra inserida em uma sequência de parágrafos cujo tema central é o suicídio, e, se o termo *Disciplina Augusta* se associa, no romance, ao processo de superação, por Adriano, da

⁴⁴⁸ Reproduzimos as duas frases que antecedem a citação, pois falamos delas logo adiante, e as duas que a seguem, pois explicitam que se trata de uma legenda monetária.

⁴⁴⁹ Vimos que o mesmo se dava com os prévios títulos de capítulo derivados de legendas monetárias.

⁴⁵⁰ E, como nos casos das demais legendas feitas títulos, o fazem funcionando alusivamente para o leitor mais, ou menos, perceptivo para o latim, mas sem chegar a comprometer a compreensão de conjunto do hipertexto para o leigo.

⁴⁵¹ POIGNAULT, R. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”, *op. cit.*, p. 65

frustração por uma sucessão de infortúnios - a perda de seu amado Antínoo, a morte de seu sucessor eleito e esperança Lúcio Vero, e a eclosão e os custos da guerra da Judéia - o termo *Patientia*, por seu turno, se por um lado também se encontra em parte relacionado ao luto continuado do memorialista ainda pela a morte de Antínoo, - o qual como que se dá por encerrado no início do capítulo, - por outro lado se vincula sobretudo ao enfrentamento da doença fatal que se intensifica, à desistência em relação ao suicídio, e à chegada a certo grau de serenidade na aceitação do destino passado e por vir. É o que se pode perceber na seguinte passagem, onde um cognato moderno da palavra *patientia* – seu antônimo por prefixação - é utilizado com um sentido que poderia soar um tanto forte relativamente ao seu uso corrente no português,⁴⁵² na medida em que é assimilado ao desespero que motivara a Adriano algumas iniciativas frustradas de dar cabo da própria vida: “[a] hora da impaciência passou. No ponto em que me encontro, o desespero seria de tão mau gosto quanto a esperança. Renunciei a insultar minha própria morte” (p. 241). É importante ter em mente que a palavra latina *patientia* não se superpõe de maneira unívoca com o seu cognato “paciência”.⁴⁵³ O *Dicionário latim-português* de Raulino Bussarello oferece de *patientia* as traduções “paciência, resignação, submissão, tolerância”; e o *Dictionnaire latin-français* da editora Hatier fala em “[a]ção ou faculdade de sofrer, aguentar, suportar”, e em “coragem para suportar, tenacidade, paciência, resignação”, e ainda, em “obediência, submissão”.⁴⁵⁴ Além disso, o termo está ligado, etimologicamente, ao verbo latino *patior*, de que o dicionário Bussarello dá as traduções “sofrer, suportar, tolerar, permitir”. Havíamos visto, quando falamos do primeiro capítulo de *Memórias de Adriano*, quanto à relação que há entre esse verbo e a palavra grega *pathos* e a latina *passio*, por sua vez ligados ao termo português *paixão*, e a palavras como *patético*, *patologia*, *padecer*, *passivo*, *paciente*, entre outros. Conforme havíamos visto e achamos importante relembrar, em *Le*

⁴⁵² E o mesmo vale para seu correlato francês “impatience”

⁴⁵³ Ou o francês “patience”

⁴⁵⁴ GARIEL. *op. cit.*, p. 449. Tradução nossa: “[a]ction ou faculté de souffrir, endurer, supporter”; “courage à supporter, endurance, patience, résignation”; “obéissance, soumission”.

vocabulaire grec de la philosophie, Ivan Gobry menciona que o infinitivo do verbo latino *patior* “significa sofrer, nos dois sentidos franceses: experimentar sofrimento, e permitir”, e que o vocábulo latino *passio*, tardio, significa tanto “um sentimento intenso e penoso” quanto “um duradouro sofrimento físico” - como no caso da “Paixão de Cristo ou dos mártires”.⁴⁵⁵ A *patientia* de Adriano é então paciência com a condição de tomarmos esse termo em um sentido bastante forte: é a paciência de um paciente que busca se resignar ao padecimento, que se esforça para tolerar a dor e se conformar às limitações que lhe impõe uma enfermidade fatal, e sobretudo a paciência de um paciente que decide viver, ou antes, sobreviver por mais algum tempo, um tempo que ele sabe ser pouco e que certamente haverá de ser vivido penosamente. Para o leitor com alguma familiaridade com a língua latina - e/ou com a família etimológica que evocamos - o título *Patientia*, sobretudo em conjunção com os conteúdos do capítulo que nomeia, pode funcionar com caráter alusivo, e se dar a entender nesse sentido forte, em que se liga à ideia de padecimento e evoca a condição de paciente médico em que se encontra o imperador enfermo; sentido associado também à ideia de resistência, persistência, aceitação, resignação, tolerância, sujeição.

Vejamos agora quanto ao significativo modo por que se abre o último capítulo das memórias de Adriano.

Com sua primeira frase, “Arriano escreve-me”, esse capítulo chama o leitor de volta para o presente do momento de enunciação – desse ponto em diante a narrativa não se ocupará mais tanto de seu passado; segue a frase inicial do capítulo a (semi-)ficcional *citação*, neste caso caracteristicamente disposta entre aspas, de uma carta do personagem de Arriano. No plano intradieético, *citar* é o que o memorialista estaria de fato fazendo – mas o texto em questão não é realmente, - sobretudo não é exatamente, - um escrito do Arriano histórico. Trata-se sim, contudo, de uma adaptação de um texto desse homem que chegou até nós - o *Périplo do ponto Euxino*, que mencionamos algumas vezes já - carta escrita em grego para o imperador Adriano, incluindo minucioso relatório da circunavegação,

⁴⁵⁵

GOBRY, Ivan. *Le vocabulaire grec de la philosophie*, Ellipses: Paris, 2000, p. 97

recém-empreendida pelo remetente, do mar Negro (também chamado ponto Euxino). Este era então o governador da província da Capadócia, e havia comandado a frota que inspecionou as guarnições romanas e regiões então ainda pouco exploradas da costa desse mar.

A adaptação que Yourcenar fez da carta de Arriano envolve uma mistura de diversos procedimentos do tipo de *transposição* que Genette denomina *redução*. A maior parte do texto original do *Périplo* sofre o tipo de *redução* drástica que o teórico denomina *amputação*, isto é, “uma única excisão maciça”.⁴⁵⁶ Na tradução de Henri Chotard, e na versão grega que a acompanha na edição bilíngue, o *Périplo* se encontra dividido em trinta e sete sessões, correspondentes, em termos dos conteúdos que encerram, a parágrafos - muitos dos quais são mais extensos do que a própria adaptação como um todo. Esta última conta com somente cinco parágrafos, consideravelmente menores do que boa parte dos do *Périplo*. Em um desses cinco parágrafos, inclusive, encontram-se informações hauridas a duas diferentes seções do *Périplo*. Além das vastas *amputações* a que foi submetido, esse hipotexto, nos parágrafos e passagens que foram dele aproveitados pela romancista, passou por um processo do que Genette denomina *apara*, ou *poda*. Trata-se de um outro tipo de *redução*, em que se procede a “múltiplas extrações disseminadas ao longo do texto”.⁴⁵⁷

É preciso ter em mente que o *Périplo* foi escrito em grego, ao passo que sua adaptação foi feita para o francês. A forma como esse texto se encontra inserido em *Memórias de Adriano*, forma que o demarca, pelas aspas, em meio ao texto do memorialista, conferindo-lhe um estatuto intradieгético de *citação*; forma que contrasta também com as *citações* latinas em itálico sem aspas ao longo do romance, – essa forma de inserção de um texto adaptado do grego de Arriano, em meio ao texto das memórias de Adriano, constitui-se em um indício de que tais memórias, no plano intradieгético, teriam sido escritas pelo imperador moribundo em grego.

⁴⁵⁶ **Palimpsestos**, UFMG, 2010, p. 76. A excisão, por sua vez, é definida (também p. 76) como a “supressão pura e simples” de uma porção do texto.

⁴⁵⁷ *Idem*, p. 77

Um parágrafo da adaptação em particular consiste em uma *condensação* dos conteúdos de toda uma série de seções do *Périplo*, dedicadas a minuciosas descrições da geografia costeira, nas quais o Arriano histórico fornece informações sobre as distâncias entre as cidades litorâneas, desembocaduras de rios ou acidentes geográficos, e sobre a presença de portos, guarnições romanas, tribos, povos bárbaros, etc.

Genette afirma que não se pode reduzir um texto sem produzir nele efeitos outros que não a mera diminuição quantitativa. Em seus termos, “nenhuma redução, não sendo nunca simples redução, pode ser transparente, insignificante – inocente: diga-me como você resume, e eu te direi como você interpreta”.⁴⁵⁸

No caso da adaptação que Yourcenar fez do *Périplo do ponto Euxino*, através de diversos procedimentos de *redução* combinados, a mais evidente das alterações semânticas produzidas é que o texto antigo tinha grande préstimo enquanto descrição geográfica, além de evocar relações entre a geografia descrita e determinados mitos gregos ambientados na região do mar Negro. Na versão adaptada há resquícios de ambos os conteúdos, mas enormemente reduzidos em importância quantitativa: a parte geográfica mais metódica do *hipotexto* foi *condensada* em um único parágrafo, e das várias evocações a personagens míticas do *hipotexto* subsistem duas no *hipertexto*, - duas evocações que no novo contexto experimentam certo ganho em relevância. O préstimo original do *Périplo* enquanto relatório de inspeção e tratado geográfico quase desaparece, na adaptação, em prol de uma ênfase na atitude amistosa de Arriano para com seu amigo e imperador – uma *transmotivação*: o *motivo* profissional é atenuado, o *motivo* pessoal é engrandecido, fazendo eco a referências à amizade entre esses homens dispersas ao longo da narrativa.

Há alterações no tempo verbal significativas: ao passo que, no *Périplo*, a ilha é “deserta de homens”, e “dizem que (...) Aquiles a *habita*”⁴⁵⁹ (no presente do

⁴⁵⁸ GENETTE, G. **Palimpsestos**, UFMG, 2010, p. 94

⁴⁵⁹ CHOTARD, H. **Périples de la mer noire**. Paris, Auguste Durand, librairie-éditeur, 1860. Disponível em <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/arrien/periple.htm>>. Acesso em 27 jan. 2013. Tradução e grifos nossos.

indicativo), em *Memórias de Adriano*, por seu turno, os tempos verbais pretéritos de algumas passagens transmitem uma imagem que remete a eventos passados e a reminiscências, a certa presença do passado:

Tu o sabes: dizem que Tétis mandou criar seu filho nessa ilhota perdida nas brumas; *subia* do fundo do mar e *vinha* todas as noites conversar com o filho na praia. A ilha, *hoje desabitada*, só alimenta cabras. *Existe ainda um templo* de Aquiles. (p. 235)

A introdução “[t]u o sabes” situa a história da ilha no plano do mito: Adriano o sabe porque é coisa conhecida. Os verbos no pretérito imperfeito, contrastando com a informação de que “[e]xiste ainda um templo de Aquiles”, colaboram para estabelecer uma diferença importante entre a carta do Arriano yourcenariano e o *Périplo*: neste último, o caráter legendário dessa história tem a presença de Aquiles enfocada como mais viva do que no romance. Nossa hipótese é que Yourcenar considerasse que dar a crer que Adriano acreditasse muito piamente no mito fosse ser ligeiramente incompatível com a personalidade que a autora lhe conferiu. Esse mito o ajudará a recuperar-se do abalo provocado pela morte de Antínoo. Ele próprio o diz, como mencionamos páginas atrás. Mas é sobretudo porque, ao ver que Aquiles continua a ser lembrado após séculos – e com ele Pátroclo – Adriano passa a ver com mais otimismo a possibilidade de certa forma de permanência, mesmo após a morte.

No *Caderno de notas*, Marguerite Yourcenar reflete sobre os aportes do texto do Arriano histórico para a elaboração de seu romance como um todo - isto é, não apenas para a carta que inicia *Patientia*. A autora lhes confere uma importância particularmente pronunciada para a caracterização do narrador-protagonista:

[n]a falta de qualquer outro documento, a *carta de Arriano ao imperador Adriano acerca do périplo do mar Negro* seria suficiente para recriar em suas grandes linhas esta figura imperial; minuciosa exatidão do chefe que tudo quer saber; interesse pelos trabalhos da paz e da guerra; gosto pelas estátuas verossímeis e bem-feitas; paixão pelos poemas e lendas de outrora. E o mundo, raro em qualquer tempo, que desaparecerá completamente depois de Marco Aurélio, e no qual, por mais sutis que sejam as gradações da deferência e do respeito, o letrado e o administrador se dirigem ainda ao príncipe como a um amigo. Tudo, porém, está ali: melancólico

retorno ao ideal da Grécia antiga; discreta alusão aos amores perdidos e às consolações místicas procuradas pelo sobrevivente; obsessão pelos países desconhecidos e pelos climas bárbaros. A evocação, tão profundamente pré-romântica, das regiões desertas habitadas por aves marítimas faz pensar no admirável vaso encontrado na Vila Adriana e exposto hoje no Museu das Termas, no qual, na brancura do mármore, abre as asas e voa em plena solidão um bando de garças selvagens. (pp. 261-262)

Somente alguns dos aportes apontados pela romancista no *Périplo* foram mobilizados para a feitura da carta do personagem Arriano que figura em *Memórias de Adriano*.

Arriano (se se trata realmente dele), dirigindo-se a Adriano em seu *Périplo do mar Negro*, fornece um exemplo das alusões quase tenras feitas ao imperador por seus familiares a propósito de Antínoo morto e deificado.⁴⁶⁰

A carta de Arriano que inicia *Patientia* não é *citação*, tampouco é constituída por *citações* parciais, do *Périplo do ponto Euxino*, visto que quantidade de *transformações* foram operadas de um texto a outro. Para quem conhece a existência desse texto, entretanto - e, em alguma medida, mesmo para aquele que saiba somente da existência de textos de Arriano - os conteúdos dessa carta intradiegeticamente *citada* poderiam inclusive levar a crer que se tratasse de uma *citação* do próprio *Périplo*, ou de um texto de Arriano cujo nome o leitor desconheça. É total a remissão *alusiva* da carta ao *Périplo* para alguém que o haja lido mas não o tenha diante dos olhos para fazer a comparação, ou alguém que apenas tenha um conhecimento geral de seu conteúdo: saiba, por exemplo, o que seja um périplo, e o que seja o ponto Euxino, o mar Morto. Tal leitor poderia inclusive pensar que não haja variação alguma.

⁴⁶⁰

YOURCENAR, M. **Tom e linguagem no romance histórico**, *op. cit.*, p. 33

CONCLUSÃO

Sobre o principal *hipotexto* que selecionamos para abordar em conexão com o primeiro capítulo de *Memórias de Adriano*, concluímos que o poema do imperador, ao ser apropriado a seu contexto de origem, a principal biografia antiga de Adriano, e realocado na epígrafe do romance, para a seguir ser também objeto de *tradução* e *prosificação* no último parágrafo do mesmo, forneceu alguns elementos para a caracterização do personagem narrador, de seu pensamento, e da situação em que se encontra no momento de enunciação, o do agravamento da enfermidade mortal. Em suas duas emersões *hipertextuais* mais maciças e explícitas, os versos conectam o início ao fim da narrativa. Certa sugestão do que possa constituir motivação para o empreendimento narrativo, contida nas significações do poema, a saber, a apreensão ante o desconhecido porvir conjugada ao apego ao conhecido pregresso, é reevocada no limiar do esgotamento da mesma, no perfazimento da realização, ou no acabamento, no termo, dessa motivação, da própria narrativa, da vida mesma. Próxima a morte, o poeta invoca sua própria alma: na epígrafe, apenas interpelando-a, na forma do poema mesmo, que pode ser interpretado enquanto consistindo em uma estrutura em aberto, com um sinal de reticências a pedir complementação; no último parágrafo do romance, o poeta invoca a alma exortando-a a que se mantenha lúcida junto ao corpo até o momento extremo. Para colocar de outra maneira, na sua posição em encerramento da narrativa, as palavras, que no poema original compõem um sintagma aberto que constitui um vocativo, uma invocação da alma, são complementadas por uma exortação a que a alma não deixe seu companheiro, o corpo, até o instante de adentrar o inda ignoto.

Além de aflorar na superfície textual como citação latina na epígrafe, e depois em tradução na prosa, o poema ainda forneceu um verso para título do primeiro capítulo, no qual se introduz a imagem do caráter irrequieto e errático do espírito de Adriano, caráter que marcaria as variadas fases de sua experiência vital, incluídas aquelas narradas nos demais capítulos do romance, nos quais desdobram-se alterações no estado de ânimo e no status social do personagem que, no seu

conjunto, pintam o panorama de uma vida repleta de acontecimentos instigantes e reviravoltas.

Outro tema introduzido pelo poema em epígrafe é o do gosto e apego do protagonista pelos prazeres do corpo – tema igualmente desenvolvido intermitentemente ao longo de toda a narrativa, e que além da participação na caracterização do protagonista, marca diferenças entre sua personalidade e visão de mundo e aquelas do narratário de seu relato memorialístico. A lição que o personagem do homem de Estado pragmático pretende dar a um sucessor adotivo demasiadamente imbuído de uma filosofia que exorta à vida contemplativa constitui uma das motivações declaradas para o próprio empreendimento narrativo.

A partir da análise das figurações dos versos de Adriano no romance vimos também que *intertextos citacionais*, mobilizados nas funções *paratextuais* em que consistem epígrafes e títulos, podem estar aptos a render efeitos *hipertextuais*. Mesmo em latim, pode-se ter a expectativa de que certo “caráter alusivo” opere, em maior ou menor grau, para efeitos em uma ou outra cultura de recepção, no mundo francófono de 1951, ou em algum outro universo de leitores em potencial.

Pode-se dizer que o poema veicula o tema do estado terminal em que se encontra o personagem-narrador, e os temas da morte, dos questionamentos existenciais, do valor da vida, e de um aspecto de sua visão de mundo, o gosto do jogo e o dos prazeres, a qual se coaduna pouco com a visão que se descobrirá a seguir, no decorrer da narrativa, que o narrador atribui ao narratário.

Sobre o *hipotexto* que é o segmento textual da *Epitome de Caesaribus* utilizado para título do segundo capítulo do romance, *Varius multiplex multiformis*, concluímos que houve, em sua apropriação *hipertextual*, consideráveis alterações nos ecos semânticos que se podem depreender dos adjetivos de que o segmento se compõe, ecos que se fazem ouvir em diversas conexões, com diferentes passagens de *Memórias de Adriano*. Conforme vimos, o personagem é *transvalorizado* na realocação, em novo contexto, dessa expressão com que o autor *Epitome* descreveu aspectos de sua personalidade: ali, os três adjetivos o qualificavam bastante negativamente, e faziam isso em referência à sua vida como um todo. No romance, por seu turno, há, em certas passagens, alguns ecos dessa negatividade,

mas há também considerável dose de posituação. Se a *Epitome* transmite a impressão de que Adriano tenha sido bastante volúvel, inconstante e caprichoso ao longo de sua vida toda, no romance essas características marcam sobretudo sua juventude, e o conduzem a vivenciar uma gama vasta de experiências, o que mais adiante em sua vida se revela útil, dados os conhecimentos que lhe advêm do teste da realidade e dos limites.

Para tratarmos da *citação* latina em que consiste o segmento da *Epitome*, bem como todos os demais títulos de capítulos de *Memórias de Adriano*, vimos que foi preciso tecer considerações sobre as fronteiras e as interações entre as grandes categorias genettianas da *hipertextualidade*, da *intertextualidade* e da *paratextualidade*.

Seguindo em nossa parte sobre e do capítulo *Varius multiplex multiformis*, vimos que a *transvalorização* do personagem de Adriano, mediante certos ecos que o trio de qualificativos da *Epitome* encontra ali, conectam-se em *contaminação* com *transposições* de diversas passagens da *Vita Hadriani*, em relação às quais ocorrem operações *transposicionais* como a *vocalização* e a *transmotivação*. Há nesses casos *contaminação* entre passagens da própria biografia entre elas, e também com outras fontes.

Dentre estas últimas, demos destaque a uma que, clara conquanto exigentemente evocada, não chega a permitir que se identifique com maior certeza um só e único hipotexto, por se tratar de uma fábula de que a antiguidade nos legou três versões, e por serem os elementos dela transpostos um tanto esparsos: a fábula da rã que, ao buscar imitar as dimensões de um grande mamífero, estoura. Chamamo-la assim, pois tem diferentes nomes conforme os autores. Vimos que a evocação da fábula permite a vivificação do personagem do imperador literato, como outras tantas referências às literaturas romana e grega presentes em *Memórias de Adriano*, ao mesmo passo que a realocação dos poucos elementos hauridos à(s) narrativa(s) original(s) produz consideráveis alterações semânticas em seus ecos. Lançamos mão em nossa análise desse passo de um conceito que propusemos como um adendo ao instrumental genettiano, especialmente para mostrar o interesse

hipertextual de determinadas *transposições* presentes no complexo *hipertexto* que é o romance de Yourcenar: o “caráter alusivo”.

A evocação da fábula comparece em um contexto em que o narrador rememora uma fase de sua carreira prévia à acessão ao império, e cujo legado de conhecimentos o ajudaria em sua missão de governar o mundo romano: ele equipara a rã, que estoura ao querer assemelhar-se em porte e estatura a um animal maior, a pessoas cujo ego se infla ante uma autoridade que não as oprime, mas se coloca como que ao seu dispor; e comenta o aprendizado em que consistiram, para o futuro homem de Estado, suas práticas nesse período. A passagem do capítulo pinta de Adriano a imagem de um homem que aprendia a utilizar-se, para fins diplomáticos, de uma modéstia calculada. Observamos que houve considerável alteração na moral da história da fábula em qualquer de suas variantes, e mesmo certa inversão, embora o caráter didático e moralizador que marca o gênero contribua para o efeito logrado no *hipertexto*. Observamos também, em relação ao caso em foco, que, para o leitor de Yourcenar, a menção do termo “fábula”, no contexto, contribui para a compreensão suficiente, se não plena, da passagem hipertextual, ao passo que para o destinatário do relato de memórias de Adriano, o narratário do romance, pode-se tomar essa fábula, pelo modo como é evocada, como conhecida e dispensando explicações adicionais.

Passando à análise do capítulo seguinte de Memórias de Adriano, *Tellus stabilita*, vimos que se trata do primeiro de uma série de capítulos, todos dali por diante até último do romance, a terem por título uma legenda monetária do reinado de Adriano. Sobre esse título vimos que ele se relaciona com a atividade de pacificador cumprida por esse imperador. A seguir abordamos mais um *hipotexto* de *Memórias de Adriano* que consiste em uma obra literária, e também mais um que é uma *citação* latina, um segmento extraído da segunda bucólica de Virgílio, seguido no romance da *tradução* da *citação*, no original para o francês de Yourcenar. Vimos que esse segmento textual comparece em meio a um caminho que conecta um parágrafo sobre a beleza do favorito imperial Antínoo e suas representações iconográficas a um parágrafo sobre a beleza do mundo, do Estado, da civilização. Para tal, a significação da *citação* foi sutilmente alterada na tradução que a segue,

de modo que o teor sensual que ela contém na bucólica permita que uma antecipação digressiva da aparição de Antínoo – o favorito só será introduzido no fio linear da diegese no capítulo subsequente – pudesse se conectar com o tema, recorrente no capítulo *Tellus stabilita*, das realizações políticas de Adriano em prol do urbanismo, da infraestrutura, da civilidade, da coisa pública.

O segundo *hipotexto* correspondente a uma legenda monetária que abordamos foi *Saeculum aureum*, que além de legenda é, como vimos, um nome latino para um termo e um episódio mitológico greco-romano, para quem o romance apresenta a tradução “Idade de ouro”, e de quem se encontra registros nas literaturas grega e latina. Observamos que, na história, o termo e o mito associaram-se a reinados anteriores e posteriores ao de Adriano, mas que no romance ganhou significações especiais mais restritivas, aplicando-se em particular ao governo desse imperador, e mais extensamente aos dos sucessores por sua iniciativa adotados, dentre os quais o último seria justamente o narratário do relato memorialístico, Marco Aurélio. Mas mais restritivamente ainda, o termo aplica-se em especial a um conteúdo dominante no capítulo que intitula: a porção de vida em que Adriano teve o amor de Antínoo, e que se estende do momento em que se conheceram até o da morte de Antínoo, em meio ao capítulo. A seguir, vimos, como havia observado Rémy Poignault, as legendas monetárias utilizadas para títulos de capítulos do romance participam em um jogo hipertextual em dois planos: o da vida pública e o da vida privada do personagem histórico.

A carta de Adriano a Serviano, o outro *hipotexto* que abordamos em relação ao capítulo *Saeculum aureum*, foi aquele que se revelou o mais complexo, a nosso ver, de ser analisado à luz do instrumental genettiano, pois como vimos ele implica certa permeabilização entre fronteiras e elastificação de certas operações *transposicionais* descritas em *Palimpsestos*. É também um *hipotexto* de que abundantes aportes são bastante passíveis de serem cernidos e demarcados no corpo do *hipertexto*, concentrados que nele se encontram sobretudo em um único parágrafo. Esse parágrafo, por sua vez, se de certo modo pode-se argumentar que se amolde em boa medida sobre o decalque da carta, vem por outro lado crivado de *contaminações* por outros *hipotextos* subsidiários. Argumentamos que a carta a

Serviano seja um hipotexto paradigmático para a *contaminação* ubíqua, endêmica, que constitui o conjunto mesmo do romance de Yourcenar.

O título do capítulo seguinte, *Disciplina Augusta*, consiste em mais uma legenda monetária a ressoar *hipertextualmente* nos planos, não só público, social, como o fazia em sua função de propaganda imperial, mas também privado, nobilitando, ao alcunhá-lo, o esforço pessoal, o empenho de luto de Adriano para superar a perda de seu bem-amado.

As outras fontes de *Memórias de Adriano* que analisamos ao tratarmos desse capítulo constituem em conjunto outro caso emblemático da complexa relação *hipertextual* desse romance com textos que o precedem: uma passagem da *História Augusta* diz que o Adriano histórico um dia recitou determinados versos da *Eneida* de Virgílio em diálogo com um conviva, e Yourcenar faz seu memorialista escrever fragmentos daquele, em contexto a um tempo semelhante e diverso, mas acrescentando-lhes um segmento que na *Eneida* é contíguo àquele citado na biografia antiga, mas que dela está ausente. A romancista recorreu então tanto à epopeia virgiliana que foi *hipotexto* para a *História Augusta*, quanto a esta última. À primeira vista, poderia insinuar-se a objeção de que o *hipotexto* último, a *Eneida*, bastasse à operação *transposicional*, mas decerto a informação da biografia de que Adriano houvesse recitado tais versos quando seu primeiro sucessor adotivo estava para morrer é extremamente relevante, e não se encontra no *hipotexto* mais antigo.

A legenda monetária que nomeia o último capítulo de *Memórias de Adriano* consiste em um termo que abordamos, tecendo considerações sobre suas significações e ressonâncias culturais, em nossa seção relativa ao primeiro capítulo do romance: *Patientia*. Mas vimos que, enquanto título do capítulo que nomeia, esse termo, como as demais legendas monetárias feitas títulos, tem sua significação interiorizada e tornada pessoal, e não pública e de propaganda. A *patientia* é sua resistência à dor física causada por sua enfermidade e àquelas, psicológicas, de sua condição de moribundo, e da perda irreparável de Antínoo. Qualidade que, na propaganda imperial e na vida pública do imperador, corresponderia à tolerância benevolente deste para com seus súditos, no romance a *patientia* é também aquilo

que contribui para a aceitação, pelo amante enlutado, da morte prematura de seu objeto de amor.

Como vimos, outro *hipotexto* figurado no capítulo *Patientia*, e que segundo Marguerite Yourcenar foi uma fonte textual importante para a caracterização de seu protagonista, a saber, a carta do Arriano histórico endereçada ao Adriano histórico também conhecida como *Périplo do ponto Euxino*, figurada no romance em versão *hipertextualmente* um tanto transformada, mas ainda como uma carta de Arriano ao imperador, contribui para na obra ficcional para o fim do luto pela morte de Antínoo. Vimos que, com a acusação do recebimento da carta, a narração torna ao mesmo da enunciação, e que as *transformações* executadas no *Périplo* consistem sobretudo em operações de *redução*, perfazendo uma heterogênea *condensação*. Vimos que se trata, juntamente com a carta de Adriano a Serviano, de um dos *hipotextos* extensos mais maciçamente *transpostos* que pudemos identificar no romance, e também um daqueles cuja *transformação* foi menos “deformante”, embora importantes efeitos *hipertextuais* decorram da sua realocação no contexto ficcional de recepção.

Por último, desejamos ressaltar que esse *hipotexto* grego, particularmente evidente em sua emersão na superfície (hiper)textual do romance, contribui com o que talvez se possa ver como um dos maiores argumentos em favor da hipótese, que aventamos, de que o Adriano yourcenariano houvesse de ter escrito seu livro de memórias em grego, e não em latim, no plano intradieético.

A força da presença, latente, subjacente, virtual, interlinear, da língua em que esse *hipertexto* teria sido escrito é também uma conclusão de nosso estudo, e pleiteamos em prol do interesse de uma pesquisa com enfoque naquilo que denominamos “*tradução virtual*”. Pode-se nesse sentido conceber o livro de memórias do imperador escrito em grego como um *hipotexto* virtual do *hipertexto* que é o romance francofônico *Memórias de Adriano*. procuramos demonstrar, nas considerações que vimos tecendo ao longo de nossa exposição, o quanto o reconhecimento, por um eventual leitor mais ou menos versado em helenística ou latinística, é solicitado, ou antes facultado, pelo texto yourcenariano, conquanto se mantenha a autonomia de compreensibilidade suficiente que para Genette

condiciona sine qua non a *hipertextualidade*. Argumentamos também no sentido de que o interesse de *Memórias de Adriano* tenda a resultar intensificado segundo a capacidade de identificação, no ato da leitura, de inflexões textuais que se engancham no mundo textual greco-romano, isto é, nas culturas (literárias, textuais, historiográficas, epigráficas, numismáticas) grega e romana, inclusive no universo das línguas mesmas que dão suporte a essas culturas. Para dar conta desse interesse, propusemos o termo “caráter alusivo”, mediante o qual buscamos conferir maior ênfase ao prazer do texto derivado do engajamento lúdico no jogo *hipertextual* que Genette reserva à literatura mais explícita e maciçamente *hipertextual*. A própria Marguerite Yourcenar parece-nos contribuir para nutrir as condições de possibilidade desse prazer ao arrolar fontes em sua *Nota*.

Passamos a seguir a conclusões sobre o interesse e os limites da aplicação do instrumental proposto em *Palimpsestos* para a análise de um texto que, à luz dos mesmos, se revela tão complexo.

No caso de um *hipertexto* como *Memórias de Adriano*, é difícil cernir uma passagem que se relacione univocamente, biunivocamente, com qualquer *hipotexto* que seja. Mesmo no caso de uma citação, uma frase, como *[t]rahit sua quemque voluptas*, podemos/devemos tomar a tradução para o francês que a segue como o *hipertexto*? Ou o parágrafo, o capítulo, o romance? A decisão parece depender daquilo que a frase tenha a contribuir para qualquer desses planos. Mas se contribui para o parágrafo, não o faz necessariamente para o capítulo? Por suposto, um parágrafo contribui para um capítulo. E se comentamos a contribuição para o parágrafo, devemos comentar o restante deste enquanto *extensão* ou *expansão*, ou mais provavelmente *ampliação*, com *contaminações*, daquela frase? E o restante do capítulo, e do romance?

E quanto ao *hipotexto*? É toda a segunda bucólica de Virgílio? É útil observar que o restante deste *hipotexto* sofreu brutal *excisão*? Não parece algo que Genette faria. Suas operações *transposicionais* não se obrigam a analisar todo texto que decorra de sua aplicação, transposto segundo o molde de cada uma dessas operações. Seria interessante elucidar as regras que conduzem à aplicação de quais ou quais práticas *transposicionais* a tais e tais *hipotextos*, e sobretudo quais regras,

por sua vez, ditam que não haja interesse – pois não há – em dizer-se, por exemplo, que o restante da bucólica de Virgílio foi excindido do segmento de verso mantido.

Genette não fala, em *Palimpsestos*, sobre textos tão *contaminados*, tão complexamente *hipertextuais*, quanto vemos que é *Memórias de Adriano*. O teórico usa as práticas *hipertextuais* definidas, de modo a instrumentalizar a sua análise, conforme o *hipertexto* dite o interesse analítico de cada prática implicada em uma dada *transposição*, com vistas a uma interpretação semântica. Em suas análises *hipertextuais*, Genette com freqüência pensa um *hipotexto* em contexto e um *hipertexto* em contexto, e o contexto considerado às vezes é uma época, um período ou movimento literário, um gênero, um lugar, uma cultura, uma língua, de produção, de recepção.

No caso de *Memórias de Adriano*, às vezes parece ser preciso considerar uma concepção de contexto para quê propomos a denominação “contexto circuntextual” – isso tanto no caso do *hipotexto*, quanto no do *locus* ou dos *loci* que, no romance, são mais diretamente decalcados sobre dado *hipotexto* - *locus/loci* esses, que são candidatos a que se os considere como o(s) *hipertexto(s)* em sua dimensão mais justa, mais exígua, mais discernível.

O “contexto circuntextual” da frase *trahit sua quemque voluptas* corresponde - para comentário dos efeitos de *hipertextualidade* incidentes sobre o *hipotexto* - ao restante da bucólica de Virgílio. Para comentário dos efeitos no *hipertexto*, por seu turno, o “contexto circuntextual” é aquilo que cerca a frase no romance, a ser delimitado segundo os ecos que o entorno produza, ambidirecionalmente, com a frase. Nossa análise foi a de que a frase conduz o pensamento do memorialista, desde a beleza rememorada com tristeza de um Antínoo já morto e belamente esculpido e reesculpido, até a exposição do ideal de beleza de Adriano: ideal civilizacional, urbanístico, arquitetural, artístico, humanístico. Cada qual sua inclinação e seu ideal, e o de Adriano é a beleza, que persegue – ou ela é que o arrasta. Ora, o capítulo *Tellus stabilita* tem muito de imagens desse ideal, na descrição das ações de Adriano em prol do Estado e do povo, e da humanização – em uma época em que ainda não conhecia Antínoo. Outra imagem evocada subjacentemente à frase, e a de um homem grego apaixonado por um outro homem

grego, com que se antecipa o imaginário de amor grego que envolve as evocações da relação de Adriano com Antínoo. Caráter alusivo: para aquele que conhece a procedência da frase, o idílio do amor grego em suas fontes pastoris e poéticas é apontado por trás do *hipertexto*. Para esse tema do amor grego, há toda uma rede em *Memórias de Adriano*, que envolve passagens *hipertextuais* relativas a Aquiles e Pátroclo, Epaminondas, Alcibíades e Sócrates, Ganimedes e Zeus, entre outros – temas para futuros estudos.

Não se trata, portanto, de que se possa considerar os *loci* com exclusividade como *hipertextos*: há sempre um nível acima – o parágrafo, a sequência, o capítulo, o romance como um todo. O gênero? A aplicação do instrumental de *Palimpsestos* a *Memórias de Adriano* nos parece ter demonstrado, no caso das análises de alguns dos hipotextos, um interesse que é o de dar a perceber as regras do jogo daquilo que denominamos *caráter alusivo*.

Em *Memórias de Adriano*, elementos de informação sobre um mesmo tema, presentes, um em um hipotético *hipotexto*, outro em outro, e às vezes os mesmos em mais de um, com tênues variações, parecem poder ter convergido - a partir de seus diversos textos de origem – intercomplementando-se para formar o *hipertexto*. Para analisar tais casos, o instrumental oferecido por *Palimpsestos* talvez não fosse o ideal,⁴⁶¹ por serem os elementos hauridos a cada texto tratados como dados pontuais e por, em decorrência desse fato, não haver muito valor em se considerar esses dados enquanto mobilizados *hipertextualmente* – na pulverização perde-se o que Genette prevê como a possibilidade de que se leia um texto como que por trás de outro texto, ou sob o outro.⁴⁶² Poderíamos imaginar, por exemplo, uma ficção

⁴⁶¹ Para a análise de *hipotextos* como os que selecionamos em nosso estudo, por outro lado, esperamos haver demonstrado o interesse de uma abordagem à luz das categorias genettianas da *hipertextualidade*.

⁴⁶² Se pensarmos no interesse de um estudo sobre a figuração, em *Memórias de Adriano*, daquela que chamamos páginas atrás de *tradução* virtual – a *tradução* da língua em que Adriano teria escrito memórias para o francês do romance – Genette autorizaria a que nos perguntássemos se um dicionário de grego ou latim poderia ser tomado como um *hipotexto*? Mas qual dicionário, dentre os disponíveis, deveria ser considerado? Que validade poderia haver em se considerar como *hipotextos* o conjunto dos dicionários e dos próprios textos da antiguidade, tomados enquanto fornecedores de elementos pontuais como termos e expressões? Vimos, páginas atrás, quando abordamos o caso das relações etimológicas havidas, em grego, entre as palavras “acabamento”, “perfeição” e “fim”, que o uso desses três termos por Yourcenar em seu romance poderia permitir que um leitor avisado

histórica construída sobre os aportes de uma cronologia: o valor de uma análise do uso de *excisões* e *aumentos*, que seriam formas de *transposição* prováveis de se encontrar em tal construto, não haveria de ser um valor muito ligado ao caráter *hipertextual* da obra – não seria o fascínio da forma arguta de representação de uma simples cronologia, enquanto *hipotexto*, aquilo que haveria de mais chamar a atenção do leitor dessa ficção, ou de um estudo sobre ela. O prazer do texto mais *hipertextual* nos parece manar, em boa medida, do “caráter alusivo” - às vezes do “caráter alusivo” mesmo de *citações* mais, ou menos, reconhecíveis, mas não identificadas, que demandam do leitor conhecimentos mais, ou menos, partilhados com o criador.

Em um *hipertexto* como *Memórias de Adriano*, em que uma grande quantidade de *hipotextos* se encontra em vária, múltiplice e multiforme *intercontaminação*, elementos que, nas fontes, se situam justapostos, ou relativamente próximos uns dos outros, em termos de distâncias textuais, isto é, em termos de contiguidade no interior de parágrafos e frases, ao serem *transpostos*, por seu turno, para passagens do romance, às vezes fazem ali superfície cada qual em separado, afastados por amplidões maiores de (hiper)texto. Uma impressão que decorre dessa característica de *Memórias de Adriano* poderia ser descrita, metaforicamente, em termos de que determinado *hipotexto* pareça ter sido explodido, e seus estilhaços dispersados por sobre um plano minado de destroços de outros tantos *hipotextos* estourados.

Em um primeiro momento, essa imagem poderia dar a conceber que *Memórias de Adriano* consistisse, fundamentalmente, em uma vasta rede de *ampliações*, em que as matérias dos *hipotextos* se *estendessem* e *expandissem* umas às outras, intercomplementando-se, *intercontaminando-se*. E isto responde sem dúvida por parte do que de fato ocorre. Entretanto, embora o romance seja um *hipertexto* decerto mais extenso do que cada uma das porções *hipotextuais* que o

percebesse aquilo que propusemos chamar de “caráter alusivo” – o que por seu turno parece indicar que, em alguma medida, a teorização genettiana em *Palimpsestos* teria, sim, certas contribuições a oferecer para um estudo com enfoque na *tradução* virtual. Mas seria preciso flexibilizar e adaptar consideravelmente alguns conceitos. Flexibilizar justamente o conceito de *hipotexto*, pulverizando-o a um grau mínimo de textualidade, ou menos que isso? Como ficaria o conceito de *hipertexto*?

enformam,⁴⁶³ estas não foram objeto exclusivamente de operações de *ampliação*,⁴⁶⁴ mas também, com frequência, de *redução*: isso, para falar apenas, - artificialmente isolando-as aqui para fins explicativos, - das chamadas *transformações quantitativas*. Nem só de *ampliação* vivificou Yourcenar seu Adriano.

Tendo em mente *Memórias de Adriano*, tome-se, por exemplo, como *hipotexto* o poema *Animula vagula blandula*. O contexto “textual” em que se encontra este *hipotexto* seria a *Vita Hadriani* que o veicula? Seria a *Historia Augusta* que veicula a *Vita Hadriani*? Seria apenas a passagem da *Vita Adriani* (XXV, 9) que veicula o poema? Qualquer um desses mencionados pode ser, por sua vez, considerado como o *hipotexto*? Quando considera a *Odisseia* de Homero como *hipotexto* para *Ulisses* de Joyce, Genette considera uma porção apenas da *Odisseia* como tal? As partes da *Odisseia* que não participam nessa porção sofreram *excisão*, ou as partes que participam formam em conjunto o que se deve chamar *hipotexto*? O restante é contexto “textual”?

Em *Memórias de Adriano*, aquilo que devemos tomar como *hipertexto* em relação à carta a Serviano, é o romance como um todo? É somente o parágrafo de *Saeculum aureum* que foi mais densamente *transposto* daquela? São também as outras passagens para as quais foram transpostos elementos da carta? O restante do romance decerto não pode ser visto como *ampliação* da carta. No caso do *Périple*, entretanto, Yourcenar diz, no *Caderno de notas*: “[n]a falta de qualquer outro documento, a carta de Arriano ao imperador Adriano acerca do périplo do mar Negro seria suficiente para recriar em suas grandes linhas esta figura imperial” (p. 270), e de fato, muitas imagens evocadas no *Périple* fazem pensar em imagens evocadas no romance. Temas há em comum. Mas estrita *hipertextualidade*, sobretudo do tipo mais explícito a que Genette mais se dedica, não nos parece que haja muito, exceto

⁴⁶³ Mas não necessariamente o é em relação aos volumes completos constituídos pelos livros que contêm essas porções *hipotextuais*, que discutivelmente poderiam também ser tomados como *hipotextos*. O que é o *hipotexto*, uma fábula de Esopo ou o livro das fábulas de Esopo? E no caso do livro *Metamorfoses*, de Ovídio, é cada porção que encerra o relato de um mito, ou o *continuum* da obra em sua organicidade de conjunto, o que deve ser entendido como *hipotexto*? Há casos, como o da *Odisseia* de Homero em relação ao *Ulisses* de Joyce, em que a questão do que deva ser tomado como o *hipotexto* parece ser mais fácil.

⁴⁶⁴ Pudemos vê-lo quando falamos da carta a Serviano, e do *Périple* do ponto Euxino.

com a carta que inicia o capítulo *Patientia*. O conceito de *interdiscursividade*, não abordado por Genette, parece-nos que nesse caso pudesse se aplicar melhor.

Qual *hipotexto* em *Memórias de Adriano* pode, sem mais, ser tomado como não *contaminado*? É possível perguntarmo-nos em que medida algum *hipotexto* pode ser visto enquanto não *contaminado* por todo outro *hipotexto* – ou no caso mínimo, por algum(s) - que o cerca, e/ou lhe faz eco, e/ou o *estende*, o *expande*, o *amplia* ao plano da própria cultura de que participam os textos greco-romanos- ou talvez nela o(s) *condense*. Em que medida todos os *hipotextos* não se encontram ali em *intercontaminação*. No caso de *Memórias de Adriano*, também o conceito genettiano de *hipotexto* resulta problematizado, e pede para ser flexibilizado, ou elasticado, ou que se lhe defina os contornos nas diversas situações que se põem, na medida em que se deseje tecer considerações sobre o contexto que cerca o *hipotexto*, e aquele que cerca a porção do romance que dele deriva. Em determinados passos do romance de Yourcenar se põe a questão: devemos aqui considerar tal ou tal passagem da *Vita Hadriani* como o *hipotexto*, ou o conjunto da *Vita Hadriani*, ou ainda, o conjunto da *História Augusta*? Um parágrafo, um capítulo, pode ser um *hipotexto*, ou o livro que o contém é só o que pode sê-lo? E uma frase? E uma expressão latina ou grega, e mesmo uma única palavra? Em que medida uma cultura pode fazer *hipotexto*?

Permitir-nos-emos citar aqui, novamente, uma passagem de Palimpsestos já citada antes, mas agora estendida, incluindo a exemplificação que segue a teorização.

(...) com apenas algumas exceções, todas as transposições singulares (todas as obras transposicionais) procedem de várias dessas operações ao mesmo tempo e só se deixam reconduzir a uma delas a título de característica dominante, e por concessão às necessidades de análise e conveniências de organização. Assim, o *Sexta-feira* de Michel Tournier surgiu ao mesmo tempo (dentre outras) pela transformação temática (inversão ideológica), pela transvocalização (passagem

da primeira à terceira pessoa) e pela translação espacial (passagem do Atlântico ao Pacífico)⁴⁶⁵

A concomitância entre operações, que, de acordo com essa passagem de *Palimpsestos*, se aplica a cada obra *transposicional*, - e aqui Genette tem em vista, ao falar em “obra”, o *hipertexto* – essa concomitância parece se aplicar a cada *hipotexto* de *Memórias de Adriano*, a cada *transposição* nesse romance (uma *citação* latina, um determinado parágrafo) que possa ser rastreada até, pelo menos um, determinado *hipotexto*.

Contaminação entre *hipotextos* cada qual objeto de uma multiplicidade específica de operações *transposicionais* – *hipotextos* cujas interseções *contaminatórias* também se candidatam a objetos de análise a que aplicarem-se operações *transposicionais* - quais poderiam ser, a característica dominante, quais as “necessidades de análise e conveniências de organização”, que reconduzissem a uma, ou mais – mas não de volta a todas – dentre as tantas operações implicadas?

Procuremos cernir agora o que seria, o que poderia ser, em *Memórias de Adriano*, a parte de criação literária menos, digamos, diretamente *hipertextual*. Tudo aquilo que, em *Memórias de Adriano*, possa ser entendido enquanto parte de criação literária não-*hipertextual*, precisa ao menos ser concebido à luz da noção da restrição de campo conferida à voz narrativa pelo fato de o narrador ser um homem do século II d. C., – restrição que, por seu turno, implica, no caso de um processo de criação que se quer tão responsável como o de Yourcenar, em vasta pesquisa, - e essa pesquisa, para que não consideremos seus aportes enquanto elementos *hipotextuais*, é preciso que os concebamos pelo prisma de sua pontualidade, de um seu caráter que haveria então de ser, por assim dizer, meramente informacional, e os elementos de informação nela levantados precisariam então ser encarados enquanto bits de informação como que pré-textuais, menos articulados do que elementos de um nível já considerável como textual, elementos com potencial para constituir-se em *hipotexto*. A parte de criação literária não-*hipertextual* em *Memórias de Adriano* parece demandar talvez uma abordagem que lance mão do conceito de

⁴⁶⁵

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*, op. cit., p. 62]

interdiscursividade. Em *Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité*,⁴⁶⁶ a *intertextualidade* é definida como uma relação de copresença entre ocorrências, entre tal e tal texto, e a *interdiscursividade*, como uma relação de copresença entre tipos dessas ocorrências. Assim, pode-se pensar, por exemplo, em discursos: literário, romanesco, jornalístico, científico, filosófico, esportivo (campos da atividade humana), burguês, proletário, comunista, surrealista (posições em um campo discursivo), polemico, prescritivo (funções da linguagem), discurso das enfermeiras, das mães (categorias de locutores), etc. – exemplos dados no texto. No caso da parte de criação literária passível de ser pensada como não-*hipertextual* em *Memórias de Adriano*, dever-se-ia então pensá-la como imbuída de *interdiscursividade* com discursos de homens notáveis do século II d. C., discursos filosóficos, políticos, religiosos, pré-científicos, etc., plausíveis para o narrador.

⁴⁶⁶ HÉBERT, L; GUILLEMETTE, L. (orgs). **Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité**. Disponível em: <<http://www.pulaval.com/catalogue/intertextualite-interdiscursivite-intermedialite-9335.html>>. Acesso em: 13/11/2013

REFERÊNCIAS

ALESCH, J. *Le Cours des devises in Marguerite Yourcenar's Memoires d'Hadrien*. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/398361>>. Acesso em 27 jan. 2013.

ANDERSON, Perry. “*Trajetos de uma forma literária*”. Revista Novos Estudos nº77, 2007.

ARRIEN. **Périple de la mer noire**. Edição bilíngue. Tradução de Henri Chotard. Paris: Editor Auguste Durand, 1860.

Disponível em <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/arrien/periplegr>>. Acesso em 27 jan. 2013.

ABRÃO, Bernadette Siqueira (org.). **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

BENOIT, Claude. “*Marguerite Yourcenar: de la première à la troisième personne*”. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

BLISS, Alan. **A dictionary of foreign words and phrases current in English**. Surrey: The Gresham Press, 1966,

BUSSARELLO, Raulino. *Dicionário básico latino-português*. Editora da UFSC: Florianópolis, 1998.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASSIUS DIO. **Dio's Roman History**, vol. 8. Cambridge: Harvard University Press, 1925

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire etymologique de la langue grecque: histoire des mots**, Vol. 4. Paris: Klincksieck, 1984

CHEVALIER, Raymond; POIGNAULT, Rémy. **L'Empereur Hadrien**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

DESVAUX, Alicia Piquer. **Marguerite Yourcenar**. Estudis Romànics. Vol. XXVIII.

Disponível

em:

<<http://publicacions.iec.cat/Front/repository/pdf/00000016/00000076.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013

EPITOME DE CAESARIBUS.

Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/victor.caes2.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

EUSEBIUS, **Ecclesiastical History**. Vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1926.

FEDRO, **Fábulas**. Rio de Janeiro: Ed. Antunes, 1957.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONSECA, Fernando V. Peixoto da. **Dicionário Larousse francês-português, português-francês**. Paris: Larousse, 1957.

FRONTO. **The correspondence of Marcus Cornelius Fronto, vol. 1**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

GARIEL, A. **Dictionnaire Latin Français**, Hatier: Paris, 1960.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes. La littérature au second degré**. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por BRAGA, C; VIEIRA, E. V. C.; GUIMARÃES, L; COUTINHO, M. A. R.; ARRUDA, M. M.; VIEIRA, M. Belo Horizonte: Viva Voz, 2005. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/Palimpsestoslivro-site.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império romano: edição abreviada**. São Paulo: Companhia das letras, Círculo do livro, 1989.

GOBRY, Ivan. **Le vocabulaire grec de la philosophie**. Paris: Ed. Ellipses, 2000.

GRAY, William. **A study of the life Hadrian prior to his accession**. Northampton: Editora do Smith college, 1919.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion Davi Macedo, São Paulo: ed. Loyola, 2008.

HÉBERT, L; GUILLEMETTE, L. (orgs). **Intertextualité, interdiscursivité et intermédialité**.

Disponível em: <http://www.pulaval.com/catalogue/intertextualite-interdiscursivite-intermedialite-9335.html>. Acesso em: 13/11/2013.

HESIOD. **Hesiod, the homeric hymns and homerica**. Cambridge: Harvard University Press, 1920

HOMO, Léon. **Le Haut-Empire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1933.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Tradução de William Li, São Paulo: Iluminuras, 1995.

MARCUS AURELIUS ANTONINUS. **The communings with himself**. Cambridge: Harvard University Press, 1916.

OVID. **Metamorphoses**. Cambridge: Harvard University Press, 1951.

PAUSANIAS. **Descripción de la Grécia**. Madrid: Gredos, 1994.

PERRET, L. **La titulature impériale d'Hadrien**, Paris: Ed. de Boccard, 1929.

PLATÃO. **O Banquete**. Porto Alegre. L&PM, 2010.

PLUTARCH. **Lives**, Vol. VII. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

POIGNAULT, Rémy. “*La mythologie dans Mémoires d'Hadrien. Le Titan et l'Olympien*”. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

POIGNAULT, Rémy. “*Maîtrise du monde et maîtrise de soi dans Mémoires d'Hadrien*”. Disponível em <<http://www.yourcenariana.org/index.fr.html>>. Acesso em 27 jan. 2013.

ROSBO, P. **Entrevistas com Marguerite Yourcenar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário latim-português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

SMITH, W. **A new classical dictionary of greek and roman biography, mythology, and geography**. New York: Harper & Brothers, 1860.

SUETONIUS. Vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

TACITUS, **Agricola**. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

VIRGILIO. **Bucolicas, Georgicas, Apêndice virgiliano**. Madri: Gredos, 1990.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Crisálida: Belo Horizonte, 2005.

WEBER, W. “*The imperial peace*”. In: **Cambridge Ancient History**, vol. XI. Cambridge University Press, 1936, pp. 294-324. Editores: COOK, S. A.; ADCOCK, F. E.; CHARLESWORTH, M. P.

WEBSTER. **The new international Webster's comprehensive dictionary of the English language**. Chicago: Trident press international, 1996

YOURCENAR, M. **De olhos abertos: entrevistas com Matthieu Galey**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **La couronne et la lyre**. Paris: Gallimard, 1979.

_____. **Memórias de Adriano**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

_____. **Mémoires d'Hadrien**. Paris: Gallimard, 1974. Disponível em <<http://www.rodriguezalvarez.com/novelas/pdfs/Yourcenar%2C%20Margarite%20%27%27M%C3%A9moires%20d%27Hadrien%27%27-Pr-Fr-Sp-It.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2013.

_____. **Notas à margem do tempo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. **O tempo, esse grande escultor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.